

Eduardo Hector Ferraro

**SER OU NÃO SER GAÚCHO? A PERSPECTIVA DO SUJEITO
CAMPEIRO CONTEMPORÂNEO NO PAMPA LATINO-
AMERICANO**

Tese apresentada como requisito parcial
para a obtenção do título de Doutor,
pelo Programa de Pós-Graduação, em
Antropologia Social da Universidade
Federal de Santa Catarina.
Orientadora: Prof.^a Dr.^a Miriam Furtado
Hartung.

Florianópolis
2018

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Ferraro, Eduardo Hector
SER OU NÃO SER GAÚCHO? : A PERSPECTIVA DO
SUJEITO CAMPEIRO CONTEMPORÂNEO NO PAMPA LATINO
AMERICANO / Eduardo Hector Ferraro ; orientadora,
Miriam Furtado Hartung, 2018.
290 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas,
Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social,
Florianópolis, 2018.

Inclui referências.

1. Antropologia Social. 2. Formas de pensamento,
elaboração de conceitos e constituição dos sujeitos
campeiros do Pampa sul-americano e sul do Brasil.
I. Furtado Hartung, Miriam . II. Universidade
Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação
em Antropologia Social. III. Título.

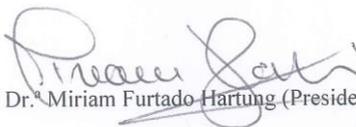
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

Ser ou não ser gaúcho? A perspectiva do sujeito campeiro contemporâneo no pampa latino-americano.

Eduardo Hector Ferraro

Orientador(a): Prof.^a Dr.^a Miriam Furtado Hartung

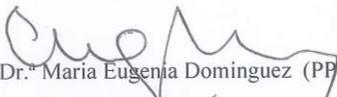
Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Antropologia Social, aprovada pela Banca composta pelos(as) seguintes professores(as):



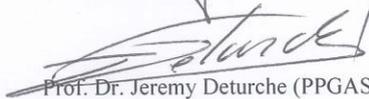
Prof.^a Dr.^a Miriam Furtado Hartung (Presidente - PPGAS/UFSC)



Prof.^a Dr.^a Ciméa Barbatto Beviláqua (UFPR)



Prof.^a Dr.^a Maria Eugénia Domínguez (PPGAS/UFSC)



Prof. Dr. Jeremy Deturche (PPGAS/UFSC)



Prof.ª Dr.ª Vânia Zikàn Cardoso (Coordenadora do PPGAS/UFSC)

Florianópolis, 11 de maio de 2018.

A minha família, e a todos os
“campeiros”, sem distinção, que
conheci nestes anos.

AGRADECIMENTOS

O primeiro agradecimento é para a minha família, para minha esposa, Neusa, minha filha, Bia, e para minha cachorrinha, Linda, fiel companheira de escrita e especialista em aliviar o estresse com passeios e caminhadas pela UFSC. A paciência e a compreensão da minha família facilitaram as viagens de campo e incentivaram a caminhada para chegar à conclusão desta fase de Pós-Graduação.

Agradeço à minha orientadora Prof.^a Dr.^a Miriam Furtado Hartung pelo incentivo em todas as empreitadas de campo. Agradeço aos professores que compõem a banca examinadora, à Prof.^a Dr.^a Ciméa Barbatto Beviláqua, à Prof.^a Dr.^a Maria Eugenia Dominguez e ao Prof. Dr. Jeremy Paul Jean Loup Deturche, por terem aceitado tão gentilmente o convite, pela dedicação de ler este trabalho.

Agradeço aos professores do Departamento de Antropologia e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) da UFSC com os quais tive a oportunidade de aprofundar conhecimento teórico nessa área que tanto me cativa. As aulas e o convívio com grande parte desse corpo docente tornaram-se, também, uma grande experiência de vida, uma outra forma de enxergar o mundo e criou esta minha paixão pela antropologia pelo fato simples de tentar entender o “outro”.

Minha pesquisa de campo não foi somente com interlocutores, houve o apoio e o carinho de outras pessoas que me acolheram e me ajudaram para que este trabalho acontecesse. A família dos meus primos em San Antonio de Areco, Argentina, foi fundamental para desenvolver a pesquisa nesse local. Agradeço à minha querida prima Marcela Lopez e ao seu esposo, Oski Quiroga, por terem me recebido na sua casa em todos os diferentes momentos em que trabalhei nesse fantástico lugar da tradição *gaucha*. Em San Antonio de Areco, houve muitos interlocutores, sujeitos campeiros que fizeram meus momentos de pesquisa mais prazerosos e frutíferos. Agradeço especialmente ao Gaston Bouloqc e à Moira Etchevest, pelos diálogos e pela preocupação de conseguir contatos para estender minha rede de pesquisa. No mesmo local, agradeço aos três irmãos Pereyra, Carlos, Martín y Oscar, ao Tomás Etchevest, ao Armando Deferrari do Museo Las Lilas, ao Juan Miguel Arbuco, ao historiador Ariel Arellano, ao artista Luís Gasparini, ao soguero Raul Draghi, ao zootécnico Tomás Giacomantone de Cabaña Las Lilas, e, especialmente, aos campeiros Edgardo Berta e Sergio Altamirano, com quem sempre dialogamos de forma aberta, bonita, sincera.

Na fase de pesquisa entre terras brasileiras e uruguaias, gostaria de agradecer a vários interlocutores, alguns deles já são amigos de vários

anos de pesquisa. Um agradecimento muito especial para o amigo zootécnico Fabrício Costa, com quem aprendi grande parte das dinâmicas do trabalho de campo e da produção, parceiro das viagens para o Uruguai, para Tacuarembó e para Artigas. Ao Vinícius Narciso, pelo acolhimento na fazenda Rincão do Butiá e parceiro da viagem a Tacuarembó. Ao Beto Ventura, pela experiência campeira e pelo aprendizado na sua fazenda de pecuária. Ao músico e grande conhecedor dos equinos, Fabiano Bacchieri, com quem aprendi muito sobre esses maravilhosos animais na sua propriedade de Laranjal, Pelotas. Em Porto Alegre, agradeço a Sauri de Liz, pelo acolhimento que me permitiu pesquisar e entrar no mundo da festa de comemoração na semana do gaúcho e da Revolução Farroupilha, e, em particular, ao pessoal do piquete Fronteira Seca, onde estivemos várias noites e onde tivemos momentos de festa. Nas passagens pelo Uruguai, agradeço ao meu interlocutor Adrian Duarte de Tacuarembó, e, em Artigas, ao Gabriel Rianni da Estancia e Cabaña Macedo, pela sua disposição, hospitalidade e amizade nos dias que ali passamos. Agradeço ao amigo Aldo Camargo, por ter compartilhado nestes últimos meses várias estadias na sua fazenda da Coxilha Rica, aprendendo sempre algo mais sobre a complexa lida de campo.

Gostaria também de agradecer a todo o pessoal do Corredor de Canto e Poesia e da Associação Cultural Corredor Nativista de Lages, com quem compartilhei estes 12 anos de muita música e campeirada, gente que me ensinou muito sobre a tradição, sobre a campanha, sobre o “ser” gaúcho, e me brindaram uma amizade ímpar.

*Aquí no valen doctores,
Solo vale la experiencia;
Aquí verían su inocencia
Esos que todo lo saben,
Porque esto tiene otra llave
Y el gaucho tiene su ciencia.*
(José Hernández, 2005, p. 57)

RESUMO

Os sujeitos campeiros contemporâneos do Pampa e do Sul do Brasil expressam-se de formas diversas, entre o simbólico e o real, e entre multiplicidades, produto de adaptações sociais e geopolíticas através da história. Em uma maioria significativa, esses seres humanos têm uma relação intensa com a campanha representada pelo Pampa latino-americano e, também, com os animais que se tornaram emblemáticos nesse ambiente, como o cavalo, o cão e o gado. Esses sujeitos têm uma relação recíproca com o ambiente formado pelo solo nativo e suas espécies naturais, configurando algo além das identidades. Desse modo, é-lhe própria uma forma de conceituar a vida, a partir da sua configuração ontológica no ambiente. As transformações promovidas pela tecnologia, pela ciência, pela economia de mercado e pela produção alimentar afetaram a campanha e, conseqüentemente, os seres campeiros, transformando esses sujeitos. Esta é uma etnografia que trata da constituição dos sujeitos campeiros contemporâneos e da sua perspectiva a partir da relação e da reciprocidade com o ambiente, da sua formação ontológica, da sua forma de conceituar e de ver a vida.

Palavras-chave: Sujeito Gaúcho/*Gaúcho*. Ambiente.
Conceito/Perspectiva.

ABSTRACT

The contemporary subjects of the Pampa and the South of Brazil express themselves in diverse forms, between the symbolic and the real, and between multiplicities, product of social and geopolitical adaptations through history. In a significant majority, these humans have an intense relationship with the campaign represented by the Latin American Pampa and also with the animals that have become emblematic in this environment, such as the horse, the dog and the cattle. These subjects have a reciprocal relationship with the environment formed by native soil and its natural species, configuring something beyond identities. In this way, it is itself a way of conceptualizing life, from its ontological configuration in the environment. The transformations promoted by technology, science, market economy and food production affected the campaign and, consequently, the beings, transforming these subjects. This is an ethnography that deals with the constitution of the contemporary subjects and their perspective based on the relationship and reciprocity with the environment, their ontological formation, their way of conceptualizing and seeing life.

Keywords: Subject Gaúcho / Gaucho. Environment. Concept / Perspective.

RESÚMEN

Los sujetos camperos contemporáneos se expresan de formas diversas, entre lo simbólico y lo real, y entre multiplicidades, producto de adaptaciones sociales y geopolíticas en la Pampa a través de la historia. En una mayoría significativa, estos seres humanos tienen una relación intensa con el campo representado por la Pampa latino americana, así como con los animales que se tornaron emblemáticos ese ambiente, como el caballo, el perro y el ganado. Estos sujetos tienen una relación recíproca con el ambiente formado por el suelo nativo y sus especies naturales, configurandolo más allá de las identidades. De esta forma les es propia una forma conceptualizar la vida, a partir de su configuración ontológica en el ambiente. Las transformaciones promovidas por la tecnología, la ciencia, la economía de mercado y la producción alimentaria afectaron a la campaña y consecuentemente a los seres camperos, transformando a estos sujetos. Esta es una etnografía que trata de la constitución de los sujetos camperos contemporáneos y de su perspectiva a partir de la relación y reciprocidad con el ambiente, de su formación ontológica, de su forma de conceptualizar y de ver la vida.

Palabras clave: Sujeto Gaúcho/*Gaúcho*. Ambiente. Concepto/Perspectiva.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa do Pampa.....	30
Figura 2 - Mapa de campo	36
Figura 3 - Fluxograma da Tese	40
Figura 4 - Vestimenta do gaudério do século XVIII.....	62
Figura 5 - Gaucho do século XIX	64
Figura 6 - Quadro representativo da análise das narrativas que se tornam mito	124
Figura 7 - Fluxograma do Capítulo 6.....	251

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Vista aérea do acampamento Farroupilha.....	89
Imagem 2 - Churrasco nos piquetes da Festa Farroupilha de 2016.....	91
Imagem 3 - Churrasco no “Fronteira Seca”. Festa Farroupilha de 2016	91
Imagem 4 - Preparando uma égua para o desfile Farroupilha em Porto Alegre, RS.....	93
Imagem 5 - Milton, um dos interlocutores, preparava uma égua para o desfile Farroupilha em Porto Alegre, RS	93
Imagem 6 - Desfile de cavaleiros do dia 20 de setembro de 2016.....	95
Imagem 7 - Desfile de cavaleiros do dia 20 de setembro de 2016.....	95
Imagem 8 - Entrada ao prédio da Fiesta de La Patria Gaucha	100
Imagem 9 - Bares e churrasqueiras na festa.....	100
Imagem 10 - Entrada de um dos fogões.....	101
Imagem 11 - Membro da sociedade vestido a caráter	101
Imagem 12 - Desfile na Fiesta de la Patria Gaucha, Tacuarembó, Uruguai	102
Imagem 13 - Desfile na Fiesta de la Patria Gaucha, Tacuarembó, Uruguai	102
Imagem 14 - Tropilhas na 77ª Fiesta de la Tradición, 2016, San Antonio de Areco, Argentina	110
Imagem 15 – Entrevero de tropilhas na 77ª Fiesta de la Tradición, 2016, San Antonio de Areco, Argentina	110
Imagem 16 - Tropilhas e tropilheiros na 77ª Fiesta de la Tradición, 2016, San Antonio de Areco, Argentina	110
Imagem 17 - Palco montado para o desfile de domingo da 77ª Fiesta de la Tradición	112

Imagem 18 - Local da 77ª Fiesta de la Tradición	112
Imagem 19 - Cerimônia de encerramento da 77ª Fiesta de La Tradición	113
Imagem 20 - Lama e tropilhas no final da festa	113
Imagem 21 - Nhandu (ñandu) ou ema	147
Imagem 22 - Gambá (comadreja)	148
Imagem 23 - Tatu (armadillo ou mulita)	148
Imagem 24 - Graxaim	149
Imagem 25 - Veado campeiro	149
Imagem 26 - Puma concolor (leão baio)	149
Imagem 27 - Cavalo crioulo	153
Imagem 28 - Tomás Etchevest na “jineteada”	155
Imagem 29 – Preparação para cavalgar na fazenda Rincão do Butiá, São José do Cerrito	157
Imagem 30 - Cavalgando na fazenda Rincão do Butiá, São José do Cerrito	157
Imagem 31 - Don Oscar Pereyra	159
Imagem 32 - Juan Miguel Arbucó	159
Imagem 33 - Experiência equestre em Pelotas, RS, com Fabiano Bacchieri	162
Imagem 34 - Experiência equestre em Pelotas, RS	162
Imagem 35 - Preparando a égua para cavalgar, Coxilha Rica, Lages, SC	164
Imagem 36 - Cavalgando, Coxilha Rica, Lages, SC	164

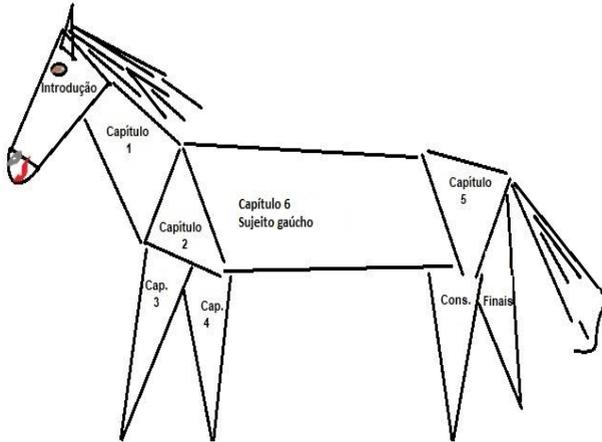
Imagem 37 - Beto na fazenda arrumando o sal para o gado, Coxilha Rica, Lages, SC.....	165
Imagem 38 - Cartaz Festival de Jesus Maria, Córdoba, Argentina.....	167
Imagem 39 - Estrutura do evento de Jesus Maria, Córdoba, Argentina	167
Imagem 40 - Bovinos da raça crioula do Museo Güiraldes, San Antonio de Areco, Argentina	171
Imagem 41 - Tomas extraindo sêmen em Cabaña Las Lilas, San Antonio de Areco, Argentina	178
Imagem 42 - Estrutura da estância e Cabaña Macedo, Artigas, Uruguai	179
Imagem 43 - Estrutura da estância e Cabaña Macedo, Artigas, Uruguai	179
Imagem 44 - Estrutura da estância e Cabaña Macedo, Artigas, Uruguai	180
Imagem 45 - Gado raça Hereford.....	182
Imagem 46 - Raça Angus Negros - Artigas, Uruguai	183
Imagem 47 - Raça Brangus, mistura de Brahman com Red Angus - Cabanha Macedo, Artigas, Uruguai	183
Imagem 48 - Gado raça Brahma	183
Imagem 49 – Cachorros da raça cimarrones uruguaio na pesquisa de campo no município de Pelotas	190
Imagem 50 - Cães da Fazenda Rincão do Butiá.....	192
Imagem 51 - Ovelheiro gaúcho Rincão do Butiá.....	192
Imagem 52 - Bovinos da Cabanha Estância Velha, Curitiba, SC...	193
Imagem 53 - Bovinos da Cabanha Estância Velha, Curitiba, SC...	193

Imagem 54 - Moira, importante interlocutora de San Antonio de Areco, Argentina.....	218
Imagem 55 - Casa dos irmãos Pereyra, Carlos e Martin	219
Imagem 56 - Quadro com fotos do “Mosco”, reconhecido arriero de San Antonio de Areco	219
Imagem 57 - O interlocutor Sergio Altamirano, San Antonio de Areco, Argentina.....	221
Imagem 58 - O interlocutor Edgardo Berta.....	222
Imagem 59 - O interlocutor Edgardo Berta.....	222
Imagem 60 - Com a prancheta (no centro), o zootécnico Fabrício Costa, um dos principais interlocutores desta pesquisa.....	232
Imagem 61 - Couro estaqueado.....	234
Imagem 62 - Detalhe da extração de tentos finos para acabamento das peças (bainhas, guaiacas etc.).....	234
Imagem 63 - Atelier do soguero Raul Draghi, San Antonio de Areco	235
Imagem 64 - Cabeçadas na exposição Guasqueros, Museo Las Lilas de Areco, Argentina	236
Imagem 65 - Detalhe de uma cabeçada na exposição Guasqueros, Museo Las Lilas de Areco, Argentina.....	236
Imagem 66 - Facas com acabamento de couro trançado na exposição Guasqueros, Museo Las Lilas de Areco, Argentina	237
Imagem 67 - O interlocutor Gastón Boulocq, artesão em prata - San Antonio de Areco, Argentina	238
Imagem 68 - Trabalho de Gastón Boulocq: rastra.....	238
Imagem 69 - Atelier do artista Gasparini em San Antonio de Areco..	241
Imagem 70 - Estátua de Güiraldes no atelier do Gasparini	241

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CBTG	Confederação Brasileira de Tradicionalismo Gaúcho
CTG	Centro de Tradições Gaúchas
MTG	Movimento Tradicionalista Gaúcho

SUMÁRIO



INTRODUÇÃO	27
PRIMEIRA PARTE - HISTÓRIA, TRADICIONALISMO E SIMBOLISMO	41
CAPÍTULO 1 - A HISTÓRIA SOBRE O GAÚCHO/GAUCHO	43
1.1 DESCRIÇÃO HISTÓRICA DO CAMPO	43
1.2 A COLONIZAÇÃO E SEUS EFEITOS NA ARGENTINA, NO URUGUAI E NO BRASIL.....	44
1.3 O GAÚCHO/GAUCHO: A CRIAÇÃO DE UM TIPO SOCIAL .	55
1.4 A VESTIMENTA DO GAÚCHO/GAUCHO	60
1.5 AS GUERRAS NO PAMPA	65
1.6 NOVAS FORMAS DA ECONOMIA REGIONAL E AS IMIGRAÇÕES EUROPEIAS	69
1.7 RELAÇÕES INTERÉTNICAS E MISTURAS NA CONSTITUIÇÃO HISTÓRICA DO SUJEITO GAÚCHO/GAUCHO.	72

CAPÍTULO 2 - AS INSTITUIÇÕES TRADICIONALISTAS NO GAUCHISMO83

2.1 O MOVIMENTO TRADICIONALISTA GAÚCHO COMO INSTITUIÇÃO83

2.2 VIVENDO O SIMBOLISMO NA MAIOR FESTA TRADICIONALISTA DO BRASIL87

2.3 AS FESTAS DO TRADICIONALISMO NOS OUTROS PAÍSES PAMPIANOS97

CAPÍTULO 3 - O MOVIMENTO NATIVISTA GAÚCHO, AS ARTES E A FORMA SIMBÓLICA115

3.1 O MOVIMENTO NATIVISTA GAÚCHO, O NATIVISMO LITERÁRIO E MUSICAL NO PAMPA115

3.2 A FIGURA SIMBÓLICA OU O MITO DO GAÚCHO/*GAUCHO*118

3.3 UMA REVISÃO TEÓRICA SOBRE MITO E SUA INSERÇÃO NO CAMPO GAÚCHO/*GAUCHO*119

3.4 A CRIAÇÃO DO MITO NO SUL DO BRASIL126

3.5 A CRIAÇÃO DO MITO NA LITERATURA GAUCHESCA RIO-GRANDENSE130

3.6 A CRIAÇÃO DO MITO NA LITERATURA GAUCHESCA RIO-PLATENSE.....133

3.7 O MITO SEGUNDO A FILOSOFIA PLATINA136

3.8 O QUE DIZEM OS *GAUCHOS* OU GAÚCHOS.....140

SEGUNDA PARTE - A CONSTITUIÇÃO DOS SUJEITOS E OS ANIMAIS143

CAPÍTULO 4 - AS ESPÉCIES ANIMAIS NO AMBIENTE DO PAMPA145

4.1 OS ANIMAIS AUTÓCTONES DO PAMPA	145
4.2 AS ESPÉCIES INTRODUZIDAS PELOS COLONIZADORES 152	
4.2.1 Os equinos	152
4.2.2 Os vacuns ou bovinos	170
4.2.3 Genética bovina	176
4.2.4 Os cães	185
4.2.5 Os ovinos	192
CAPÍTULO 5 - CONTRAPONTO ENTRE A TEORIA E A PRÁTICA CAMPEIRA	197
5.1 REFLEXÕES SOBRE AS RELAÇÕES CAMPEIRAS: A PECUÁRIA.....	197
5.2 A DOMESTICAÇÃO, A EMPATIA E A CONVIVÊNCIA	203
5.3 A DOMESTICAÇÃO NOS CÃES	208
CAPÍTULO 6 - SUJEITOS CAMPEIROS	213
6.1 O SUJEITO E AS CATEGORIAS CAMPEIRAS NA EXPERIÊNCIA.....	213
6.2 AS PROFISSÕES RELACIONADAS AO CAMPO.....	231
6.3 OS SUJEITOS DO TRADICIONALISMO GAÚCHO E OS ARTISTAS.....	239
6.4 A FORMA DE VIDA CAMPEIRA	243
6.5 MULTIPLICIDADE CAMPEIRA	247
6.6 SOBRE SUJEITOS E CONCEITOS CAMPEIROS	251

7 AO FINAL DA CAMPEIRADA... (CONSIDERAÇÕES FINAIS)	263
7.1 DA HISTÓRIA AO TRADICIONALISMO: A PRETENSA FORMAÇÃO DO MITO	263
7.2 SOBRE A PAISAGEM E OS SERES QUE O HABITAM: O CAMPEIRO CONTEMPORÂNEO	266
7.3 POR FIM.....	269
REFERÊNCIAS	273
GLOSSÁRIO	283

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO AO TRABALHO DE PESQUISA

Ser ou não Ser Gaúcho? é uma etnografia sobre a constituição de sujeitos, em um ambiente bastante peculiar: o Pampa e o sul brasileiro. Como descreverei ao longo deste texto, a ênfase será na caracterização de sujeitos que fazem parte e agem nesse ambiente, do seu encontro com a paisagem, e com os animais que vivem nela. A ideia é, em uma primeira parte do trabalho, mostrar a constituição desses indivíduos a partir de uma criação historiográfica e literária, para depois confluir nos sujeitos contemporâneos, descrevendo na segunda parte como eles configuram e agem na sociedade e o ambiente da contemporaneidade a partir do nível de relações entre os seres que o habitam. O título sugere a personagem do gaúcho como centro, que também é o *gaucho* platino, que se transforma ao longo do tempo em variadas categorias conforme os diferentes estágios geopolíticos da região. Além disso, “Ser ou não Ser” - tal como o dilema shakespeariano implica, é uma questão existencial para os sujeitos desse contexto -, voltando-se ao nível de imersão no ambiente, às experiências, e na medida em que se manifesta ontologicamente uma forma de vida ou se adere a ela por opção. Quando me refiro, portanto, à palavra “gaúcho” no título, tento nomear genericamente os sujeitos campeiros em diferentes momentos, passando da criação historiográfica, pelo simbolismo, até sujeito real do Pampa e do Sul brasileiro na contemporaneidade, como esferas do mesmo universo. O referido dilema existencial passa por ser mais ou menos campeiro, por conhecer o ambiente na sua totalidade, terreno, espécies e detalhes da vida na campanha. Por isso, procuro descrever os diferentes sujeitos nesse mundo, mostrar sua diversidade, e a forma que eles têm de criar conceitos e perspectivas sobre a vida.

ALGUNS CONCEITOS INTRODUTÓRIOS

Para situar o leitor, descreverei, ao longo do texto, a configuração de sujeitos que surgem das incursões dos colonizadores espanhóis e portugueses nos países da Região Sul da América, isto é, Argentina, Uruguai e Brasil. A chegada dos colonizadores realizou-se a partir do século XVI, e os sujeitos aos quais me refiro foram chamados de *gauchos*, na língua hispânica, e de gaúchos, no português. Essa personagem da história regional surge da mistura desse colonizador com as etnias nativas, como também com os escravos africanos que foram trazidos para a

América como força de trabalho. O seu modo de vida e seu comportamento adequaram-se ao ambiente que se denomina como Pampa e, também, à área de incidência da campanha em Santa Catarina e parte do Estado do Paraná. A particularidade geográfica não foi o único elemento que agiu sobre esse ser humano; deve ficar claro que a presença de uma fauna autóctone e a introdução de algumas espécies trazidas da Europa pelos colonizadores fizeram com que os sujeitos adequassem sua subsistência e seu modo de vida a partir dessa conjunção de seres.

O ambiente¹ em que se encontram atualmente esses seres humanos e as espécies animais que aqui trato chama-se de Pampa. Refiro-me também à parte da campanha do Estado de Santa Catarina, no Brasil, onde desenvolvi parte desta pesquisa. Contudo, o termo “Pampa” é sumamente importante, pois traz a caracterização específica dos campos do sul do Brasil, do Uruguai e parte da Argentina. Defino, então, o Pampa a partir de um trabalho feito por uma equipe multidisciplinar da Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul. Seus pesquisadores caracterizam esse ambiente expressando que:

[...] ao sul das paisagens tropicais da América do Sul, aproximadamente a partir do paralelo 30° de latitude sul, há um vasto espaço geográfico onde as árvores limitam-se a formar uma moldura ao longo dos cursos d'água ou estão confinadas às áreas de relevo mais acidentado. Todo o resto constitui o domínio privativo das ervas: gramíneas e outras plantas rasteiras perfeitamente adaptadas às condições climáticas e aos solos da região, formando um complexo sistema de campos naturais. O Pampa, como é conhecido esse território, é um dos seis biomas terrestres ou grandes regiões naturais do Brasil. É o único que se estende por um só estado, ocupando uma superfície

¹ Utilizarei a concepção de ambiente neste texto a partir do conceito de Tim Ingold (2000, p. 20), quando ele diz que o ambiente “[...] é o mundo tal como ele existe e assume significado em relação a mim, e nesse sentido, surgiu e sofreu desenvolvimento comigo e em torno de mim. Em segundo lugar, o ambiente nunca está completo. Se os ambientes são forjados através das atividades dos seres vivos, então, enquanto a vida continuar, eles estão continuamente em construção. Assim também, é claro, são os próprios organismos. Assim, quando falava do ‘organismo mais ambiente’ como uma totalidade indivisível, eu deveria ter dito que essa totalidade não é uma entidade limitada, mas um processo em tempo real: um processo, isto é, de crescimento ou desenvolvimento”.

de 178 mil km², que representa 63% do território gaúcho e 2,1% do território nacional. Mas o bioma não é exclusivamente brasileiro. O Pampa gaúcho faz parte de uma extensa região natural com mais de 750 mil km² que abrange todo o Uruguai, o centro-leste da Argentina e o extremo sudeste do Paraguai, além da metade sul do Rio Grande do Sul. Essa região, denominada *Pastizales del Río de la Plata* ou, simplesmente, Campos e Pampas, constitui a maior extensão de ecossistemas campestres de clima temperado do continente sul-americano. (BENCKE; CHOMENKO; SANT'ANNA, 2016, p. 17, grifos dos autores).

A palavra “Pampa” deriva, segundo os pesquisadores da Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul, de um vocábulo *quíchua* que significa “planície” (BENCKE; CHOMENKO; SANT'ANNA, 2016). A localização desse território pode ser vista no seguinte mapa da América do Sul (Figura 1), sendo a área em questão aquela de cor mais clara na região limítrofe entre os três países:

Figura 1 - Mapa do Pampa



Fonte: Bencke, Chomenko e Sant'Anna (2016, p. 18).

Contribuíram para constituir as características sociais dos gaúchos/*gauchos* inúmeras questões históricas, como invasões, guerras, revoluções, a tentativa de desenvolvimento comercial da região e novas imigrações no século XIX vindas de vários lugares da Europa. Dessa maneira, criou-se um contexto permeado por fortes transformações sociais, no meio da qual se constituía a figura do gaúcho/*gaucho*. Essa personagem é, sem dúvida, o centro desse contexto histórico. Ligada fortemente à vida rural, os sujeitos gaúchos são vistos e representados como homens rudes, que absorveram do passado intensas transformações sociais (OLIVEN, 2006). Com o tempo, modificou-se essa impressão, mostrando o dinamismo existente e a constante transformação na sociedade desses sujeitos e seu mundo.

Para entender um pouco mais sobre esse universo, vejamos a origem e o caráter da palavra gaúcho/*gaucho*. O folclorista Paixão Côrtes menciona, em uma entrevista de 1981, que o termo aparece pela primeira vez na literatura brasileira em um livro de Antônio Alvarez Pereira de

1851². Essa definição foi dicionarizada como: índio do campo, sem domicílio certo (CÔRTEZ, 1985, p. 15). Côrtes afirma ainda que o termo “gaúcho” começa a ser usado no Brasil depois da metade do século XIX e que, no livro do autor uruguaio Fernando Assunção, *El Gaúcho*, de 1963, há uma primeira citação do termo em um documento que data de 1771, dizendo que a palavra “gaúcho” é “[...] empregada a homens que viviam em atividade rural, na vasta área que se estendia das bandas Cisplatinas até o sul do Brasil Colônia” (CÔRTEZ, 1985, p. 15). Dentre todas essas versões, Zeno Cardoso Nunes e Rui Cardoso Nunes, no seu *Dicionário de Regionalismos de Rio Grande do Sul* (2000), dão uma extensa caracterização do termo e das definições sobre a figura histórica, usando historiadores de outros países e do Brasil (NUNES; NUNES, 2000, p. 211-226). No entanto, realmente quem conjuga a pesquisa mais consistente sobre a etimologia do termo *gaucho* ou gaúcho é Fernando Assunção, em seu livro de 1963. O autor uruguaio dedica a última parte desse importante trabalho ao problema da etimologia. Ele faz um extenso trabalho investigativo linguístico citando inúmeras vertentes e idiomas sobre o vocábulo. Apesar da completude e da complexidade apontada por Assunção, parece impossível chegar a uma origem etimológica certa. O que se poderia afirmar é que, para a região do Pampa entre Brasil, Uruguai e Argentina, há um significado que aproxima as classificações que remetem a esses sujeitos. Do lado português, a palavra *gaudério*, e do lado hispânico, o termo *guacho*, transformando-se em *gaucho*. Ambas as palavras falam de um sujeito errante, que tomava os objetos da natureza e tinham uma vida sem limites nem leis (ASSUNÇÃO, 1963).

A partir da criação histórica da figura do *gaucho* ou gaúcho, manifesta-se simultaneamente um tipo de vida que caracterizaria esses sujeitos como um grupo social, um conjunto de indivíduos que demonstravam comportamentos e interesses comuns, o que alguns autores e os próprios nativos atualmente chamam de cultura. Esses sujeitos são caracterizados por alguns pesquisadores no século XVIII, nos anos de 1700, ou como o chamava Assunção (1963, p. 35), “o século do *gaucho*”. A eles seriam atribuídas algumas denominações a partir de

² Paixão Côrtes não especifica o livro em que Alvarez menciona o termo “gaúcho”, mas podemos afirmar que a obra mais famosa de Antônio Alvares Pereira, apelidado de Coruja, é a *Coleção de vocábulos e frases usados na Província de São Pedro de Rio Grande do Sul*. As datas da publicação não coincidem com o citado, sendo uma de 1852 e outra de 1856.

categorias sociais³, segundo a função que cada um assume nesse ambiente, funções que têm relação à forma de vida e de subsistência em um meio em que a exploração da natureza tornava-se fundamental para viver. O século ou o período do *gaucho* duraria até as primeiras décadas de 1800, onde aconteceram transformações importantes no âmbito geopolítico nas regiões citadas. Essas transformações também teriam afetado aos sujeitos, caracterizados a partir de novas categorias sociais⁴, embora o modo de vida e a constituição do ambiente sejam, de alguma forma, bastante similares. Todas as transformações geopolíticas, econômicas, e, em decorrência, as dos sujeitos campeiros teriam trazido para esse universo uma complexidade significativa. Mais tarde, a partir do desenvolvimento das grandes cidades e da diáspora das pessoas do campo para os conglomerados urbanos, deparamo-nos com dois contextos: o rural e o urbano, com dinâmicas diferentes, mas permeados por relações sociais e geopolíticas.

Esse grande conjunto de sujeitos que faz parte e manifesta a identificação com o ambiente rural na atualidade, seja por simpatia, por pertencimento ou de forma ontológica, forma um movimento social e é nomeado por meio do termo “gauchismo”. Definir gauchismo e seus sujeitos torna-se complexo, pois há, por trás disso, uma ideia de tradição,

³ Como veremos nos capítulos seguintes, havia uma série de categorias que nomeavam os sujeitos a partir das atividades que eles cumpriam no incipiente recurso da pecuária, como a de baqueanos, changadores, coureadores etc. Em realidade, essas categorias faziam parte de um mesmo contexto social e todos eram denominados gaúchos, os *gauchos*.

⁴ Essas novas categorias são as atribuídas aos sujeitos campeiros depois dos anos de 1800. São decorrentes da figura histórica do *gaucho*. A diferença é que, devido às transformações sociais e geopolíticas, os sujeitos adequaram-se a outros trabalhos. Surge, assim, o nome de paisano, de peão rural, ou, como aparece na campanha platina, o nome de *criollo*, aquele sujeito mais próximo às características do primitivo *gaucho*.

de alguma forma, um conceito de cultura⁵, e, logo depois, uma ideologia⁶. Mesmo que esses termos definam coisas diferentes, há, para os nativos, algo que os torna muito próximos, e, como veremos no transcurso deste texto, eles se misturam no discurso. Gauchismo poderia então ser definido como um movimento social que é composto por aqueles sujeitos que se identificam com uma forma de viver, a dos gaúchos/*gauchos*, que pertencem ou participam de alguma forma do ambiente da campanha, sustentados por um tipo de tradição específica e quase homogênea, portanto elaboram conceitos sobre a vida, o que os aglutina em uma cultura.

Um desdobramento muito importante que surge a partir do final do século XIX seria a criação da forma institucional do gauchismo, isto é, o Tradicionalismo Gaúcho, ou como nos países hispânicos são chamados, os Organismos Tradicionalistas. Constituem-se, assim, instituições aglutinadoras, que influenciam as tradições, e, de forma regrada, professam e estabelecem a ideologia do grupo. Nos três países, Argentina, Uruguai e Brasil, encontramos essas instituições, e, em todos os casos, elas foram criadas por sujeitos urbanos com fortes identificações com o mundo campeiro. As instituições tradicionalistas são articuladoras entre o contexto rural e o urbano, visto o manejo explícito dos saberes e dos comportamentos nativos tipificados em leis e formatos regulatórios.

O surgimento do tradicionalismo gaúcho no Brasil em meados do século XX, mais precisamente no Rio Grande do Sul, exaltaria

⁵ Uma das preocupações nas minhas pesquisas de campo era ver de que maneira eram definidos e se expressam esses conceitos no discurso dos nativos. As questões de tradição e da cultura nas expressões nativas sempre estiveram muito próximas nas falas, quase um entrelaçamento no uso de ambos os termos. Sobre o conceito de cultura, parece-me acertada a visão de Cunha (2009, p. 313) sobre os nativos se apropriarem do termo e o usarem para si, mostrando sua “cultura” para o mundo. Ao longo deste texto, discutirei mais profundamente estas questões a luz destes e de outros autores. Aprofundarei sobre a Tradição gaúcha ou *gaucha* no Capítulo 2. No sentido estrito de tradição, entendo como referência o trabalho de Hobsbawm e Ranger (1997) sobre a invenção das tradições.

⁶ A questão da ideologia como um conceito acadêmico não deixa de ser polêmica no meio do gauchismo, por causa da notada hierarquia existente entre as classes sociais que convivem na campanha, e não é tão frequente nos discursos nativos. Sobre essa questão, entendo como referência algumas opiniões distintas, como a de Lowy (1985), no sentido marxista, ou outras mais abertas, como a de Žižek (1996) ou a de Dumont (2000), os quais a abordam como um sistema de valores, que se aproxima do conceito de cultura, assim como a discussão encabeçada pelo historiador Tau Golin sobre a ideologia do gauchismo.

questões de identidade regional, criando um sujeito campeiro ideal, além de tentar conquistar definitivamente um lugar na complexa diversidade cultural brasileira. É o que retrata Oliven (2006), em *A parte e o Todo, A diversidade cultural no Brasil-nação*. Em outro foco, o tradicionalismo gaúcho recebe contundentes críticas, tanto como instituição reguladora das tradições como da sua marcada imposição ideológica, além da sua relação com as elites regionais. Tau Golin (1983) expõe em *A Ideologia do Gauchismo* detalhados argumentos sobre a instrumentação política sofrida pelas classes camponesas, fruto da ideologia do tradicionalismo. Atualmente, o tradicionalismo (gaúcho/*gaucho*) desempenha nos três países a função de manter as tradições campeiras, promovendo eventos, criando e recriando a ideia da existência de uma tradição gaúcha, mostrando que essa expressão cultural permanece viva em um setor da sociedade.

Uma parte importante nesse universo do gauchismo são suas expressões artísticas. A arte gauchesca tem vários setores que criam o universo da campanha, representando a vida dos sujeitos gaúchos/*gauchos*, a forma de agir e conceituar seu mundo. De forma concreta, uma das primeiras expressões foi a literatura, com novelas, contos e poesias. Encontramos um vasto material literário nos três países do Pampa, conformado por uma variedade de obras, algumas realmente emblemáticas, como o poema *Martín Fierro*, do argentino José Hernández (2009). No Brasil, há trabalhos significativos a partir do início do século XIX. Encontramos várias sociedades literárias dedicadas ao culto e à escrita de temas gauchescos nessa época. A música também se encarregaria de criar e de representar o mundo do gauchismo, por meio de poesias cantadas e tocadas em instrumentos típicos do mundo da campanha, como o violão ou a acordeão. Expressões como a pintura, os desenhos e a escultura fazem sua parte para criar e fixar paisagens, figuras nativas, personagens e o conjunto do universo campeiro. Notoriamente, a arte⁷ é fonte de criação e de expressão do pensamento dos sujeitos do campo, e, inegavelmente, os artistas que transitam por essa vertente

⁷ Sobre a arte gaúcha e a criação desse universo entendo que não necessariamente se expressam cenas reais, mas o que ela retrata e cria são cenas e paisagens de extremo realismo. A arte gaúcha é uma arte realista. O que quero dizer aqui é que esses sujeitos pintores, escultores, músicos, artistas no geral, são também uma categoria do mundo campeiro. Eles são os que de alguma forma mantêm as tradições por meio da criação e da representação desse mundo. Eu discuto essas categorias de sujeitos e suas ações no decorrer do texto, no Capítulo 2 e no Capítulo 6.

declaram em seus trabalhos que conhecem e que, de algum modo, fazem parte desse universo.

SOBRE O TRABALHO DE PESQUISA

Meu contato com a vida de campo não é recente. Sempre me aproximei da campanha por meio das minhas pescarias na infância e na adolescência, em regiões onde se observava esse modo de vida campeiro. Talvez esse tipo de contato tenha me instigado a entender as pessoas que desenvolvem a vida nesse ambiente. Assim, cada vez que chegava a esses locais, tentava conversar com elas, mas sem nenhuma pretensão, a não ser me aproximar e conhecer sujeitos de um mundo que me parecia “exótico”, ou melhor, diferente do meu. No trabalho de conclusão de curso no final da minha Graduação em Música, aproximei-me novamente desse universo. A pesquisa foi sobre algumas expressões musicais do Sul do Brasil, da Argentina e do Uruguai. Surgiu a ideia de estudar alguns gêneros musicais da chamada “música nativista gaúcha”, gêneros que estariam sempre relacionados ao contexto campeiro. Entrar no mundo da música nativista gaúcha proporcionou-me chegar mais perto e de forma mais profunda ao conhecimento da arte como representação desse universo, como também de me aproximar do mundo da campanha de uma forma mais real.

Concluído o trabalho final de Graduação sobre gêneros musicais da música gaúcha e rio-platense, decidi fazer o Mestrado na área de Antropologia Social para buscar um sentido diferente sobre o caráter dessa música, observando os significados, os discursos e a poética que nela estava contida. Foi assim que direcionei a investigação para as transformações produzidas pelo discurso musical do nativismo gaúcho no seio do movimento tradicionalista. Nesse trabalho, conheci muita gente de campo; além disso, alguns sujeitos que transitavam entre esferas sociais distintas, isto é, passavam parte do seu tempo na cidade, mas iam para o campo, dividindo as suas atividades em cavalgadas, produção de gado, ou, simplesmente, mantinham alguma propriedade rural por gosto e por identificação com esse ambiente. Na atualidade, e depois de quase doze anos de contato e convivência com esses sujeitos, surgiram outras questões, e, por fim, a proposta desta Tese. Em princípio, meu foco era sobre pertencimentos e identidades nesse universo campeiro, mas, depois, houve a inquietude de aprofundar-me sobre as formas de pensamento e como se constituem os sujeitos que vivem na campanha do Pampa e do Sul do Brasil. Meu interesse era também conhecer com mais profundidade esses sujeitos campeiros na Argentina e no Uruguai. Com

essa perspectiva, foi se configurando o campo de pesquisa, definido na região do Pampa, incluindo parte da campanha catarinense. Dessa forma, com a delimitação dos locais, comecei o trabalho de investigação. Escolhi a cidade de San Antonio de Areco, na Argentina, onde mora parte da minha família. Programei algumas viagens para o Uruguai e, também, para algumas cidades do Rio Grande do Sul, além de uma sequência de viagens para Lages e região (ver Figura 2).

Figura 2 - Mapa de campo



Fonte: Adaptada pelo autor de showmystreet.com – Uruguai.

Durante esses últimos anos, particularmente em 2016, compartilhei momentos com vários interlocutores, em fazendas, em eventos, em festivais de tradição, dialogando e cavalgando nos campos entre cachorros e vacuns. Nesses momentos, percebi de forma bastante clara que os sujeitos campeiros se expressam de maneira diferente, em termos de efusividade, de discrição, e de fazer uso de propriedades discursivas, descrevendo a sua vida, constituindo, agindo e transformando o ambiente, mostrando a relação com os animais, os seus conceitos e perspectivas, ou a favor de questões como a manutenção de tradições, e, por conseguinte, da cultura. As diferenças que aponto são notadas nas

diversas categorias de sujeitos campeiros, isto é, o trabalhador ou paisano, pacato e de poucas palavras; o estancieiro, com discurso elencado em saberes e economia rural; os profissionais da ciência, mostrando conhecimento em genética animal e produção; o tradicionalista e os artistas, criando um mundo a partir das representações. Todos esses sujeitos alinham-se no campo das ideias e dos conceitos, mas nas questões discursivas manifestam-se de formas variadas.

O material que apresento neste texto, produto da minha pesquisa de campo em 2016, é a reunião das diferentes manifestações dos interlocutores com quem compartilhei as experiências campeiras. A partir do vivido com esses sujeitos e nesse ambiente, a minha preocupação sempre foi entender essa forma de vida, e a construção desses conceitos, tentando ponderar ao máximo o que foi dito nos discursos nativos. Essa preocupação refletia-se da mesma forma que o mencionava Jack Goddy (1991) em seu artigo sobre saberes, teoria antropológica e pesquisa de campo:

Indeed my hesitation to use a variety of hardy anthropological concepts, such as ritual, religion, the sacred, and the profane except as vague signposts was precisely because they were not based upon , nor did they reflect, indigenous categories, which were more complex and more shaded than such constructs allowed. (GOODY, 1991, p. 8).⁸

Portanto, a descrição que faço ao longo do texto desses sujeitos, da vida na campanha, do pensamento e dos conceitos campeiros é, objetivamente, o esforço de traduzir aquilo que meus interlocutores expressaram em todo este tempo de diálogo e convivência.

Ao conviver e dialogar com sujeitos desse mundo campeiro, no Brasil, no Uruguai e na Argentina, percebi que o campo ou a campanha cria subjetividades de forma diferenciada. Essas pessoas mostraram-me que constituíam e, ao mesmo tempo, modificavam o ambiente, ou seja, a composição do terreno junto às espécies com as quais eles conviviam.

⁸ “De fato, minha hesitação em usar uma variedade de conceitos antropológicos fortes, como ritual, religião, sagrado e profano, exceto como sinais vagos - era precisamente porque eles não eram baseados nem refletiam categorias indígenas, que eram mais complexas e mais sombreadas do que essas construções permitidas.” (GOODY, 1991, p. 8). Os textos em inglês nesta Tese foram traduzidos por Janete Bridon – *De olho no texto*.

Isso os fazia ver a vida de forma diferente, criar conceitos e, por meio deles, ter uma perspectiva distinta. Por esse motivo, traço aqui um paralelo à referência que faz Eduardo Viveiros de Castro (2015) no livro *Metafísicas Canibais*. Nesse caso dos campeiros, a ficção consistiria em tomar as ideias nativas como conceitos, determinar o solo pré-conceitual ou o plano de imanência que tais conceitos pressupõem, os personagens conceituais que eles acionam e a matéria do real que eles põem (VIVEIROS DE CASTRO, 2015). Mesmo que o sujeito campeiro pense de alguma forma como nós, os conceitos que eles dão são, em parte, diferentes daqueles dos sujeitos urbanos e, portanto, o mundo descrito por esses conceitos é diferente e diverso dos outros. Tomar as ideias dos campeiros como conceitos é dar uma significação filosófica a elas, abordando, assim, outras dimensões. Além disso, as teorias antropológicas situam-se em estrita continuidade com as práticas e a intelectualidade dos grupos que elas tomam por objeto, estabelecendo uma equivalência entre o discurso do nativo e do antropólogo. Esses conceitos antropológicos e essas teorias são relacionais, tanto na expressão como no seu conteúdo, e o que eles refletem é um tipo de inteligibilidade mútua, projetando a cultura nativa e a do antropólogo como seus pressupostos (VIVEIROS DE CASTRO, 2015). O autor aponta que um conceito é uma relação complexa entre concepções, um tipo de agenciamento de intuições pré-conceituais, concepções que incluem as do antropólogo e as do nativo; afinal, os conceitos dos nativos são os conceitos do antropólogo, relação de relações (VIVEIROS DE CASTRO, 2015).

Os sujeitos campeiros têm uma relação recíproca com o ambiente⁹ do Pampa, isto é, ambos se constituem mutuamente. Sobre isso, a história criou e descreveu o gaúcho/*gaucho* como personagem no seu ambiente. Há, também, inúmeras publicações, como as da literatura, que criam e expressam na descrição da paisagem e dos sujeitos, exemplos do modo de vida da campanha, além de construir uma forma simbólica do homem campeiro por meio de estilos literários, contos e ficções, em diferentes períodos históricos. Em particular, a antropologia e as ciências biológicas tratam questões das miscigenações, dos contatos interétnicos¹⁰

⁹ Novamente, refiro-me à ideia do Tim Ingold (2000, p. 20) sobre o conceito de ambiente quando ele afirma que “[...] os ambientes, uma vez que eles continuam a surgir no processo de nossas vidas - já que os moldamos como eles nos moldam - são eles mesmos fundamentalmente históricos”.

¹⁰ Desenvolvo a questão das miscigenações, dos contatos interétnicos e os conceitos de identidade étnica no Capítulo 1.

na formação do ser gaúcho, o que de alguma forma ajuda no entendimento da constituição desses sujeitos. Portanto, entender os sujeitos do mundo campeiro¹¹ em suas variadas dimensões, na sua multiplicidade, nos seus trânsitos, na sua forma de conceituar a vida e mostrar sua perspectiva na contemporaneidade é meu objetivo.

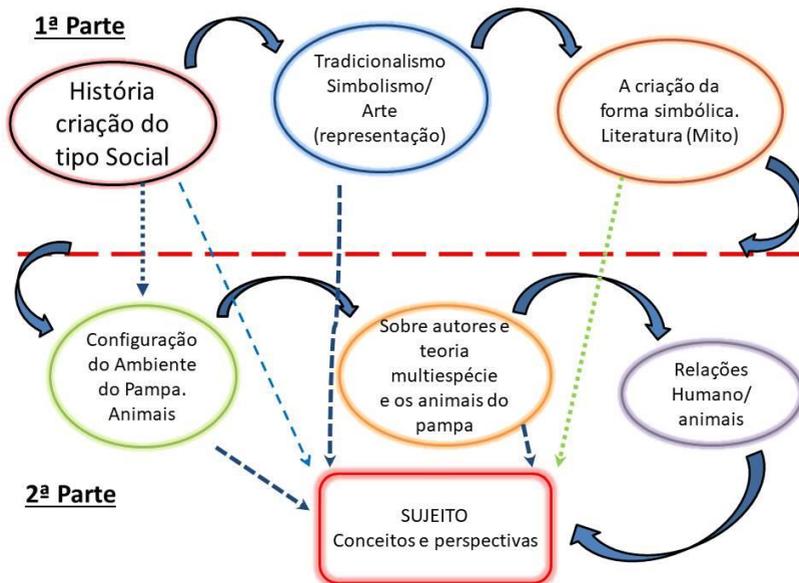
Esta etnografia está dividida em duas partes (Figura 3). A primeira delas, formada por três capítulos, pretende mostrar a criação histórica da personagem, e, logo depois, a construção ideológica e simbólica em torno desse sujeito. O primeiro capítulo descreve a criação histórica dos gaúchos/*gauchos*, apresenta o campo geopolítico desde a época colonial até a contemporaneidade, a constituição das fronteiras territoriais e das estâncias de pecuária por meio de vários conflitos regionais. São apresentadas, nessa constituição, as etnias, as misturas e as relações interétnicas. O segundo capítulo traz uma discussão sobre as instituições tradicionalistas do gauchismo, a criação de um sujeito ideal, o uso da ideologia e o simbolismo na manutenção das tradições. Na sequência, descrevo a arte gaúcha como parte desse universo e como expressão representativa dos homens de campo e seu entorno. No terceiro capítulo, discorro de forma extensa e crítica sobre a criação da historiografia e a literatura da atribuição de figura simbólica dada ao gaúcho/*gaucho*. Estabeleço, nesse capítulo, um diálogo entre autores e vertentes teóricas para tentar esclarecer esse assunto com um viés crítico a partir da visão antropológica.

A segunda parte do texto está conformada por mais três capítulos, que apontam para a constituição dos sujeitos campeiros contemporâneos e a elaboração dos conceitos. Dessa forma, faço a descrição do ambiente, das relações dos sujeitos com os animais, e, finalmente, a realidade contemporânea da campanha. No quarto capítulo, descrevo o ambiente do Pampa configurado com as espécies animais por meio das minhas interações no próprio campo. O quinto capítulo promove um contraponto entre as experiências etnográficas e o substrato teórico à luz de autores da

¹¹ Cabe observar que me refiro, nesta etnografia, aos sujeitos campeiros, homens e mulheres do campo com quem tive contato nestes anos de pesquisa como parte de um universo complexo. Entretanto, é pertinente ressaltar que esse universo da campanha é notavelmente marcado pela figura masculina como centro de todos os aspectos. Atualmente, algumas questões de gênero têm sido discutidas nessa esfera do gauchismo, mesmo assim, nos registros que fiz do discurso nativo e com algumas interlocutoras, as questões de gênero são bastante obscuras e relevadas a um segundo plano. Por isso, não é meu intuito colocar em pauta essa questão neste trabalho.

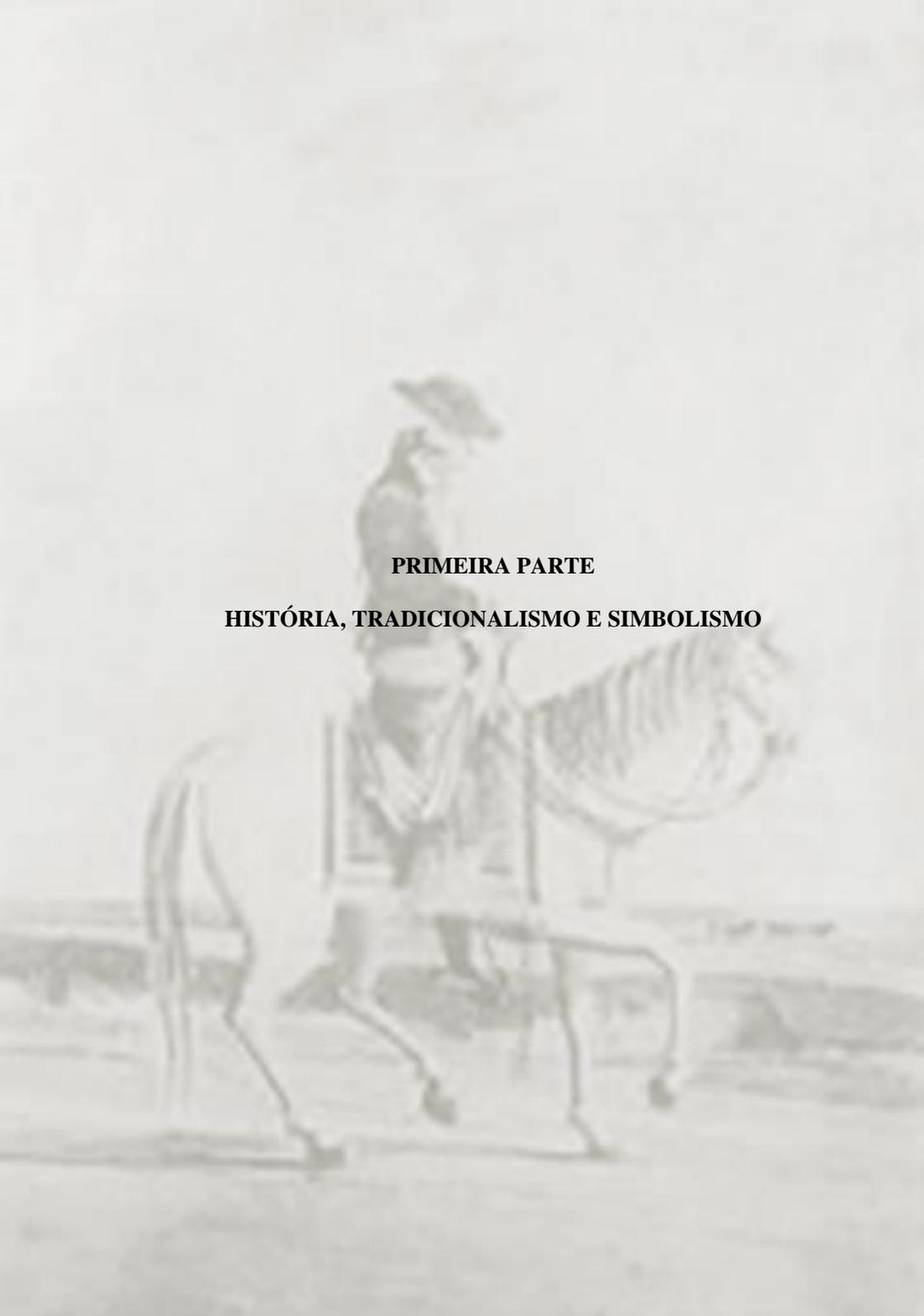
antropologia multiespécie, ressaltando algumas diferenças com o ambiente do Pampa contemporâneo. No sexto capítulo, discorro sobre os sujeitos campeiros, apresentando as diversas categorias, os modos de vida no contexto rural e a produção de subjetividade. São revisitadas as ontologias no gauchismo e a constituição dos sujeitos por meio das relações humano/animal. Está na pauta a discussão das categorias nativas em transformação por meio da multiplicidade, e, logo depois, a formação dos conceitos.

Figura 3 - Fluxograma da Tese



Fonte: Elaborada pelo autor para fins de pesquisa.

Por fim, nas considerações finais, faço a revisão das tópicas apresentadas no texto. Da produção do simbolismo aos sujeitos reais da campanha, ressaltando que ambas as esferas são partes constitutivas do mesmo universo, e não oposições. Também elaboro uma análise do conjunto de elementos que atravessam a constituição dos sujeitos campeiros contemporâneos, considerando o conceito antropológico do divisor Natureza/Cultura a partir do discurso nativo. No final do texto, foi acrescentado um Glossário para esclarecer alguns termos nativos e outros que são adaptados do espanhol, mas frequentemente usados na linguagem dos gaúchos brasileiros.



PRIMEIRA PARTE

HISTÓRIA, TRADICIONALISMO E SIMBOLISMO

CAPÍTULO 1

A HISTÓRIA SOBRE O GAÚCHO/GAUCHO

Neste primeiro capítulo, apresento como a História descreve a constituição do homem de campo, dos sujeitos gaúchos/*gauchos*, a partir da chegada dos colonizadores espanhóis e portugueses na região compreendida entre o Sul do Brasil, Uruguai, Buenos Aires e suas adjacências, na Argentina. A região denominada de Pampa, pelas suas características naturais e geográficas, foi o cenário de encontros étnicos e de diversas espécies animais. Conhecer a visão historiográfica sobre a constituição do sujeito campeiro tem como objetivo possibilitar uma análise completa sobre o tema, assim como fazer relações com a contemporaneidade.

1.1 DESCRIÇÃO HISTÓRICA DO CAMPO

Vários autores debruçaram-se sobre a descrição histórica da formação do gaúcho/*gaucho*, dentre eles historiadores, folcloristas e literatos. A necessidade de olhar para a história da criação desses sujeitos torna-se inevitável para entender o conjunto das transformações dessas pessoas. O olhar de alguns autores sobre a personagem do gaúcho/*gaucho* não deixa de ser, de certa forma, uma criação, que tem como característica marcante um diálogo com teorias sobre pureza e, também, sobre miscigenação, ou misturas étnicas. É também relevante colocar que a visão da História se erige como um conjunto de representações mais ou menos hegemônicas, dependendo da época e do alinhamento político dos autores. Juntam-se a essas considerações as questões econômicas e políticas referentes à cada período da história, preenchendo, assim, o espectro de informações que permitiria ver como a imagem dos sujeitos campeiros foi se transformando ao longo do tempo até a atualidade.

Em primeira instância, neste capítulo, minha escolha aponta para o trabalho de alguns autores que considero relevantes dentro da historiografia regional. Não pretendo fazer uma crítica sobre essas obras, senão usá-las como referências para entender o desenvolvimento e a constituição dos sujeitos campeiros. Por esse motivo, pensando na localização dessas obras, observo que os autores latino-americanos, em particular uruguaios, argentinos e brasileiros, seriam aqueles que aportaram o maior volume de informações, sendo estas as que possibilitariam compor a ideia dos primórdios dos sujeitos

gaúchos/*gauchos*. Dentro desse acervo, o livro *El Gaucho*, do autor uruguaio Fernando Assunção (1963), institui-se como um dos trabalhos de pesquisa mais minuciosos, pelo volume da obra e pela certificação documental nela contida. O livro *Historia social del gaucho*, do argentino Ricardo E. Rodríguez Molas apresenta um grande repertório de informações em nível de documentação e sobre a realidade enfrentada pelos habitantes do Pampa platino, abarcando um período histórico extenso. Sobre os autores brasileiros, o tema centra-se diretamente em autores regionalistas, especificamente do Rio Grande do Sul. As linhas observadas nesses autores vão desde o conservadorismo daqueles que estão relacionados ideologicamente a instituições oficiais e a órgãos da tradição, até outros que pensaram em inovar a historiografia, como também os que se apoiaram no criticismo do materialismo histórico. Dessa forma, surgem como referência os trabalhos de Sandra Jatahy Pesavento (1982, 1985), de Tau Golin (1983), nessa linha de criticismo; como em outra vertente estariam Manoelito de Ornellas, ou Moisés Velinho, dentre outros, os quais não serão abordados neste trabalho.

A partir do auxílio desses autores e suas obras, trata-se de contextualizar os gaúchos/*gauchos* como sujeitos que perpassam o tempo e se transformam e agem segundo as necessidades políticas e econômicas, configurando-as de acordo com à sua própria subsistência e conforme o que o rigoroso contexto da época lhe impunha para viver. É notório o que acontece em termos sociais na primeira época de ocupação colonizadora da América do Sul, basicamente com a interação dos europeus, isto é, espanhóis e portugueses com os indígenas e com os escravos trazidos da África. Como afirmam boa parte desses autores, dessas misturas, acontece o surgimento dos gaúchos/*gauchos*. Segundo eles, seria o período colonial na região de extrema importância para essa configuração, como veremos a seguir.

1.2 A COLONIZAÇÃO E SEUS EFEITOS NA ARGENTINA, NO URUGUAI E NO BRASIL

O historiador argentino Ricardo Rodríguez Molas comenta as primeiras incursões espanholas no Rio da Prata, que dariam como resultado as fundações das cidades no território argentino. Depois de um intento fracassado de Sebastián Caboto, seria Pedro de Mendoza que fundaria, pela primeira vez, em 1536, a cidade de Buenos Aires¹²

¹² A cidade receberia o nome *Puerto de Nuestra Señora Santa María del Buen Aire*. Depois de algum tempo de boas relações entre espanhóis e indígenas,

(RODRÍGUEZ MOLAS, 1982). Essa primeira fundação e o avanço espanhol pelo Norte do atual território argentino, vindo pelo Peru e avançando até o Rio Paraná, configura a chegada efetiva da colonização em terras platinas em 1543. Nos próximos anos, os espanhóis estariam avocados à extração de metais preciosos na região que, atualmente, comporta o Peru e a Bolívia, e planejariam a construção de estradas para escoar a produção pelo Rio da Prata, pois também facilitaria o comércio com os portos brasileiros de São Vicente, do Rio de Janeiro e de São Salvador da Bahia (RODRÍGUEZ MOLAS, 1982). Pouco a pouco foram se integrando outras regiões nessas atividades mineradoras, mas é de fundamental importância a segunda fundação de Buenos Aires em 1580, por Juan de Garay. Esse colonizador espanhol viera desde Assunção com vários soldados, com a específica missão de montar uma estrutura diferente à da primeira fundação, já que era de grande interesse esse ponto estratégico do Rio da Prata. Inclusive chegaram com a intenção de dizimar a etnia indígena da região, os *querandies*, fato que consumariam pouco tempo depois da nova fundação.

O estabelecimento desses primeiros espanhóis seria uma das bases para entender a constituição étnica dos sujeitos do Pampa. Rodríguez Molas (1982) comenta, em um trecho do seu livro, a situação demográfica desse momento, assim como algumas características da mistura que já acontecia entre espanhóis e indígenas:

En una superficie de no menos de cuatro millones de kilómetros cuadrados (parte del norte argentino, sur y sudoeste de Bolivia, Uruguay, Paraguay y Río Grande del Sur, en Brasil) residen, dispersos en pequeñas poblaciones, grupos de españoles y mestizos, particularmente en las proximidades de las rutas que conducen al Alto Perú, Chile y Paraguay. (RODRÍGUEZ MOLAS, 1982, p. 19).

Nesse momento, fundaram-se outras cidades e os colonizadores distribuíram-se de maneira a ocupar os territórios argentinos, não somente com o intuito de congrega a população nos povoados, mas também constituir zonas de exploração rural. Como o autor diz:

começaram a acontecer alguns atritos, o que decantaria em ações bélicas entre ambos, sitiando a cidade. Os habitantes da cidade a abandonaram se trasladando para o norte, para a cidade de Asunción, hoje capital do Paraguai (RODRÍGUEZ MOLAS, 1982).

Fijémonos, confirmando lo expuesto, que las ciudades de Buenos Aires, Córdoba, Tucumán y Santiago del Estero reúnen en sus respectivas jurisdicciones aproximadamente las tres cuartas partes de los quince mil habitantes, concentrados en su mayor proporción en pequeños centros urbanos que dominan las tierras próximas. (RODRÍGUEZ MOLAS, 1982, p. 21).

Essas ocupações de terras no novo mundo mexiam por inteiro com o ambiente natural encontrado, não somente em termos de urbanização, pois também traziam animais para ocupar as áreas rurais, animais exóticos para o contexto sul-americano da época: os equinos, os cães e os bovinos, dentre outras espécies. Acabada a febre da mineração, as novas espécies constituíram, depois de alguns anos, a nova riqueza da região. Além da base de sustentação para uma nova economia na região, essas espécies exóticas transformaram-se em verdadeiros símbolos da existência e da configuração dos sujeitos gaúchos/*gauchos*.

Os espanhóis não somente ocuparam o território argentino. Com a iminente avançada portuguesa e a fundação da cidade de Colônia do Sacramento no atual território do Uruguai, os espanhóis viram a necessidade de constituir outros pontos de urbanização do outro lado do Rio da Prata. Os antropólogos Daniel Vidart e Renzo Pi Hugarte (1969) comentam, no livro *El legado de los inmigrantes II*, alguns detalhes importantes da ocupação territorial do Uruguai. Em princípio, os autores qualificam essa ocupação em diferentes fases, observando que a chamada Banda Oriental se povoou tardiamente, diferentemente de outros lugares da Argentina, do Paraguai e do Sul do Brasil. O movimento civilizatório nesse país foi relegado pelo interesse que havia em metais preciosos por parte dos espanhóis na região do Peru, Bolívia, Norte da Argentina e Paraguai. Os autores mencionam uma fase fundacional de povoamento, que se mostrava timidamente às margens da intersecção do Rio da Prata e do Paraná entre 1527 e 1573, com pequenos estabelecimentos urbanos, depois devastados pelos indígenas (VIDART; PI HUGARTE, 1969). Uma nova fase seria a de fundação missionária, realizada pelos jesuítas que transitavam e ocupavam as regiões ao norte do Uruguai. Os autores sustentam que, além da ocupação, já se pensava no recurso do gado vacum dispersado na região. Assim eles afirmam que:

Se establecen entonces los jesuitas en el alto Uruguay por el 1619, fundando con 200 familias guaraníes el pueblo deI biricuará. Las Misiones de

la margen izquierda del alto Uruguay son atacadas una y otra vez por los mamelucos paulistas. Finalmente se retiran a la margen derecha y a mediados del siglo XVII vuelven a la izquierda y fundan la estancia de los Pinares. Tanto desde este establecimiento como desde Yapeyú, situado en la confluencia del Ibicuyen en el Uruguay, se efectúan entradas en la Vaquería del Mar situada al sur del río Negro para arrear ganados. (VIDART; PI HUGARTE, 1969, p. 5).

Como podemos ver, os jesuítas contavam com os indígenas para povoar os novos territórios, delineando misturas que aconteciam recorrentemente a partir das fundações das cidades. Outro detalhe importante é a menção dos embates com os mamelucos paulistas, mostrando a avançada portuguesa em terras hispânicas. Complementa-se a isso a informação com a dispersão do gado e a consequente atividade das *vaquerias* ou arreios desses animais, surgindo a nova atividade econômica da região.

Em outra fase do povoamento, Vidart e Pi Hugarte (1969) fazem menção em primeira instância ao Tratado de Tordesilhas (1494), desrespeitado tanto por Espanha como por Portugal. Essa fase geopolítica fundacional tem como fato mais importante o estabelecimento da cidade de Colônia do Sacramento. Em 1680, o navegante português Manuel de Lobo funda, em frente a Buenos Aires, esse pequeno povoado, desafiando o domínio espanhol no Rio da Prata, assentando uma população que, de alguma forma, contribuiria à constituição étnica dessa região¹³ (VIDART; PI HUGARTE, 1969). O povoamento espontâneo seria a seguinte fase, período com uma relação muito forte com o *vacum*, que toma conta dos territórios do Norte e Centro de Uruguai. Sobre esse avanço, os autores apontam que:

Los vacunos desembarcados por orden de Hernandarias en 1611 y 1617 se multiplican prodigiosamente al sur del río Negro. Y los provenientes de las Misiones Jesuíticas, por su parte, invaden las tierras al norte de aquél. Tras los

¹³ Os autores ressaltam que os que acompanharam a Manuel de Lobo na fundação da Colônia do Sacramento seriam alguns “*desgaritados*”, “*pasíanderos*” ou “*mozos sueltos*”, o que os categoriza como verdadeiros aventureiros, mais tarde seriam categorizados como “*changadores*” ou contrabandistas, um tipo social que antecede aos *gaúchos/gauchos*.

ganados vienen los hombres: *bandeirantes* portugueses, troperos guaraníes, faeneros y ‘obligados’ de la otra banda del Uruguay -porteños, entrerrianos, correntinos, santafecinos, puntanos, cuyanos, paraguayos, cordobeses. (VIDART; PI HUGARTE, 1969. p. 6, grifo dos autores).

Há uma referência clara, nesse caso, sobre a ocupação territorial que se desenvolve com base no recurso animal, pela proliferação desmesurada dos vacuns que foram trazidos para a região de Asunción, no Paraguai, e que o fundador dessa cidade, Hernandarias, visaria como uma das atividades de desenvolvimento econômico futuro.

Na sequência, temos a fase reivindicatória, com o intuito de frear o avanço português e marcar presença na margem oposta à cidade de Buenos Aires. Assim os espanhóis fundam Montevideo, reivindicando seu domínio na região:

Ya los portugueses estaban por instalarse definitivamente en la Bahía de Montevideo cuando Bruno de Zabala comienza en 1724 um proceso que culmina en 1726: la erección de una nueva ciudad española, amurallada y artillada.... Montevideo organiza el espacio de su *hinterland* y procura enfrentarse al contrabando, a la mano larga del portugués, a los vagabundos de la pradera que configuraban ya, larvariamente, al gauderio y a su sucesor, el gaucho. (VIDART; PI HUGARTE, 1969, p. 9).

Evidentemente, existem vários motivos, não somente o reivindicatório para a fundação de Montevideo. Os autores apontam a questão do controle demográfico e da qualificação dos sujeitos que circulavam livremente pelo Pampa uruguaio, que, como vemos, já os considerava como um primeiro estágio dos gaúchos/*gauchos*. Sobre essa realidade populacional, Vidart e Pi Hugarte (1969) apontam para o tipo de contexto e os sujeitos que ocupavam as terras do interior do Uruguai:

Allá, en la tierra adentro, se mueven nomádicas bandas de indios, hombres “suelos”, portugueses, changadores y contrabandistas; el latifúndio y la ley del más fuerte - ya la prevalência económica, ya la física - proclaman la principalía de la horca y la cuchilla; el legado de Europa se desdibuja en la estameña de una América que cobra, casi

visceralmente, conciencia de su alienación y sus oscuras rebeldías. (VIDART; PI HUGARTE, 1969, p. 12).

No Pampa uruguaio, houve uma convergência de fatores importante para a composição dos sujeitos gaúchos/*gauchos*, em termos de população humana e para a transformação da fauna autóctone. Tanto as questões do embate entre espanhóis e portugueses, a movimentação dos jesuítas com as missões, como a questão das misturas interétnicas entre colonizadores e indígenas constituíram o habitante do Pampa de forma significativa, nas características sociais, econômicas, e mais tarde, políticas. As transformações da fauna regional por meio do gado vacum e dos cavalos, depois domesticados e usados como meio de trabalho e transporte, foi também o impulso para a economia e para influenciar o pensamento dos homens de campo.

Em termos estratégicos, o território uruguaio estava localizado na convergência das ações colonizadoras dos europeus. Por um lado, os espanhóis na Argentina, os jesuítas que avançavam das missões localizadas ao norte, e, por outro, os portugueses, que desciam para o sul em prol de conquistas territoriais no Rio da Prata. No caso das ocupações no Rio Grande do Sul, fronteira com o território uruguaio, há algumas situações peculiares. Talvez a questão principal fosse de que maneira se adequava o desenvolvimento econômico dessa região relacionado ao resto do território português. Em princípio, a região sul não apresentava interesses para o que era a exploração colonial da época, que se manifestava basicamente pela extração de riquezas minerais e a manufatura da cana de açúcar. De acordo com a historiadora Sandra Pesavento (1982), o Rio Grande do Sul não se enquadrava no desenvolvimento desses recursos, sendo este o motivo da sua ocupação tardia.

As primeiras tentativas de avançar para o Sul aconteceram entre os anos 1580 e 1640, e se deram pelo fato de os bandeirantes paulistas tentarem “caçar” indígenas para conseguir mão de obra para a incipiente indústria açucareira. Dessa forma, lançaram-se contra as reduções estabelecidas pelos missionários da Companhia de Jesus. Nesses redutos, o índio era a mão de obra, já assentados em aldeias e preparados pelos jesuítas para o trabalho. Os bandeirantes atacaram as reduções do Paraguai o que obrigou os missionários e os índios a fugirem para o território rio-grandense em 1626. Além disso, os padres jesuítas portugueses, em 1605, estabeleceram algumas reduções na zona de Gravataí, mas foram os padres espanhóis que deixaram sua marca em

lugares como Ijuí, Piratini, Ibicuí, Guaíba e Rio Pardo. Somente em 1640, os paulistas conseguiram expulsar os jesuítas e tomar os índios prisioneiros. Os jesuítas retiraram-se para a outra margem do Rio Uruguai, deixando o gado que traziam para estabelecer as reduções, um imenso rebanho, depois conhecido como “*Vacaria del Mar*”. O arreio e a posse desse gado selvagem seriam a base das atividades comerciais na terra rio-grandense (PESAVENTO, 1982, p. 9).

Os portugueses também agiam comercialmente em Buenos Aires, mas, depois de 1560, começaram a ser hostilizados naquela cidade. Isso levou a um núcleo de comerciantes a pressionar a Coroa para estabelecer um povoado em território platino, fato que decantou somente em 1680 na fundação da Colônia do Sacramento, que, além das propostas comerciais, teria um fim estratégico e militar. Essa pequena cidade trouxe uma população que viveria basicamente do trabalho com gado na “*Vacaria del Mar*”, principalmente com o couro bovino, já que a carne como exploração comercial não era aproveitada. Segundo Pesavento (1982), além desse fato, em 1682, os jesuítas retornaram para o Rio Grande do Sul fundando os Sete Povos¹⁴, várias reduções que trabalhariam novamente com o gado que se espalhava na região. Os jesuítas criaram um verdadeiro estado paralelo ao do Império português e da Coroa espanhola com uma crescente expansão econômica na região, explorando não somente o gado, mas também a erva mate, realizando trabalhos de tecelagem e até metalurgia. Tornaram-se então uma verdadeira ameaça comercial para os colonizadores, colocada em pauta no tratado de Madri¹⁵ de 1750 entre Espanha e Portugal. A partir daí, a Companhia de Jesus foi hostilizada pelos estados europeus sendo expulsa de Portugal em 1759, da Espanha em 1767 e da América em 1768, tendo confiscadas suas propriedades.

No fim do século XVII, os recursos da cana de açúcar entram em decadência, e a mineração torna-se uma atividade concentrada nas regiões do Brasil central. Dessa forma, a exploração dos territórios do Sul começa

¹⁴ Os sete povos foram as reduções que depois deram origem a várias cidades rio-grandenses. Foram São Borja, São Luiz Gonzaga, São Nicolau, São Lourenço, São Miguel, São João Batista e Santo Ângelo (PESAVENTO, 1982).

¹⁵ O Tratado de Madrid foi firmado na capital espanhola em 1750 entre D. João V de Portugal e D. Fernando VI da Espanha, para definir os limites entre as respectivas colônias sul-americanas, pondo fim assim às disputas. O objetivo do Tratado era substituir o de Tordesilhas de 1494, o qual já não era mais respeitado na prática.

a ser de importância comercial para a Coroa portuguesa, concretizada por meio do manejo dos rebanhos bovinos. Ficaram assim dois polos de relevância comercial, o das Minas Gerais e a pecuária sulina (PESAVENTO, 1982). Para a exploração desses rebanhos, começaram a migrar para a região do Rio Grande paulistas e os naturais de Laguna, fundada em 1676, dando apoio para o avanço português até a Colônia do Sacramento e tornando a campanha sulina um ponto estratégico em termos geopolíticos.

A descida oficial para o Sul a pedido da Coroa portuguesa dos *lagunistas* efetua-se desde 1721, oficializando-se em 1725 para tomar conta do Rio Grande. Nesse período, começam a delinear-se rotas para comunicar comercialmente o Rio Grande com as Minas Gerais, e, dessa forma, fornecer carne ao centro do país, como para levar também alguns produtos para o Sul. Os encarregados de fazer essas rotas comerciais eram os tropeiros, um grupo social organizado em bandos armados preparados para enfrentar qualquer embate dos castelhanos, já que, nessa época, o território português no Sul se limitava a uma franja estreita de terra entre Laguna e Colônia do Sacramento. Os tropeiros, de algum modo, também se apresentam como os que antecederam aos gaúchos nas terras brasileiras. O comércio estabelecido entre o Sul e o Centro do Brasil exigia que houvesse uma permanente circulação de homens e animais pelas rotas, o que, de alguma forma, tornava as extensas pradarias rio-grandenses somente território de passagem entre os mais importantes centros comerciais.

Os bandos de tropeiros eram em realidade grupos nômades que se ajustavam nesse esquema, cumprindo com esse objetivo. Contudo, o problema para a Coroa portuguesa não era somente ter o fluxo desses homens nas terras sulinas, mas, sim, sua definitiva ocupação para conter o avanço castelhano. Por conseguinte, no século XVIII, inicia-se um processo de ocupação por meio das sesmarias¹⁶, uma nova estrutura social por meio da qual se distribuiriam as terras rio-grandenses e o gado que as ocupava. Outro dos benefícios que trariam as ocupações das sesmarias seria a reposição do rebanho bovino, já que, por causa do comércio com as Minas Gerais e a exploração do couro e o contrabando entre as terras

¹⁶ Segundo Pesavento (1982, p. 15): “As sesmarias eram terras devolutas, medindo em regra 3 léguas por 1 légua (cerca de 1.300 hectares), e foram concedidas primeiramente na região que se estendia de Tramandaí aos campos de Viamão, passando por Gravataí e um pouco mais ao sul, acompanhando o caminho dos tropeiros no exíguo Rio Grande português da época”.

uruguayas e o Rio Grande, os animais começaram a diminuir drasticamente. Depois disso, o estabelecimento de estâncias de gado seria fundamental para a criação dos bovinos, proporcionando também o emprego de mão de obra de sujeitos que eram parte dos bandos tropeiros. Dessa maneira, estabelece-se não somente a ocupação das terras, mas também locais que ofereciam mais segurança e estrutura para os homens e os animais pousarem para descansar dos longos percursos.

A partir das ocupações territoriais, do trabalho de criação dos rebanhos, também acontecem sucessivas imigrações açorianas no Rio Grande, estabelecendo um processo de desenvolvimento agrário por meio do plantio de trigo. Para esse período, surge também a iniciativa do beneficiamento da carne bovina por intermédio dos “saladeiros” ou charqueado. Nessa atividade, empregavam-se os escravos para o trabalho com os animais, do abate até o produto final, isto é, as peças de carne salgadas e secas. O processo do charqueado é descrito com detalhes no livro *Pecuária e Indústria* (1986). Nele, a autora Sandra Pesavento aponta algumas mudanças no decorrer do tempo:

Quanto ao processo de trabalho desenvolvido nas charqueadas, ao que parece registrou-se uma evolução do mesmo. Originariamente, os animais eram reunidos num curral em campo aberto e os peões “jarreteavam” o novilho, ou seja, cortavam-lhe o jarrete com uma lança comprida, cujo ferro tinha o feitio de meia-lua. A seguir, os escravos cumpriam as tarefas de sangrar e despostar o animal caído. (PESAVENTO, 1986, p. 32).

A evolução do processo é descrita a seguir:

Tais processos primitivos foram, contudo, substituídos por outros considerados menos arriscados para o pessoal envolvido. Uma vez reunidos no curral, os animais eram coagidos a entrarem na mangueira de matança, espécie de corredor com ligeira elevação que se afinava no final. Ao término deste, um peão lançava no boi um laço cuja extremidade se achava atada a um cabrestante, “posto em movimento por uma roda de ferrolho (trinquete) manejada por dois negros: quando o boi, puxado pelo laço, chega a encontrar-se com a cerca contra a qual a cabeça se acha comprimida, uma pessoa—ordinariamente um

capataz —que o espera exteriormente introduz lhe a parte da faca nas primeiras clavículas cerebrais, donde resulta ficar o boi espontaneamente privado do movimento; nesse estado, um guindaste, rodando sobre o seu eixo, eleva o animal asfixiado para fora do curral por cima do cercado e o transporta para debaixo de um telheiro, sobre um lajeado disposto em segmento de esfera aonde se sangra. (PESAVENTO, 1986, p. 33).

Assim como há uma menção específica da divisão dos trabalhos nos estabelecimentos, nela é apontado que:

[...] tarefas mais especializadas eram feitas por peões, enquanto que os demais trabalhos eram executados por elementos escravos: esfolação, despostação e retalhamento (atividade denominada de “charquear”); salgamento dos pedaços e empilhamento dos mesmo com camadas alternadas de sal nas pilhas para extrair a umidade e escorrer a salmoura num reservatório inferior, onde se lançavam as costelas e línguas; estendedura das mantas nos varais para secar pela ação do sol ou dos ventos. (PESAVENTO, 1986, p. 33).

As charqueadas modificaram o contexto da economia regional, tanto pela concorrência que havia com os saladeiros dos espanhóis, como também pela criação de um conflito político com os imigrantes produtores de trigo. Os pecuaristas apoiados pelo Governo acabaram deslocando os agricultores, expropriando-os das terras e ocupando-as para cria extensiva do rebanho. O negócio do charque criou camadas sociais diferenciadas no Rio Grande com uma clara divisão de classes: os senhores da terra, os peões de campo e os escravos, todos ligados ao gado e às charqueadas (PESAVENTO, 1982).

Esse contexto completou-se com a militarização da região por meio da criação da Comandância Militar do Rio Grande de São Pedro, em 1738. A necessidade de ter forças militares preparadas era iminente, não somente pelas tensões com os espanhóis, como também pelos indígenas das missões que estavam defendendo os territórios jesuítas tendo-os como próprios. As ocupações das terras rio-grandenses junto à sua militarização foram o marco de uma série de ações e conflitos que estariam relacionados à violação dos tratados de posse de terra entre

Espanha e Portugal. A Colônia do Sacramento foi invadida pelos espanhóis de 1706 até 1715, ano em que devolveram a cidade para Portugal. Contudo, voltaram a sitiá-la entre 1735 e 1737. Por isso, em 1738, definitivamente se criou a Comandância do Rio Grande e se colocaram guardas avançadas no Chuí e no Taim.

Para delimitar novamente as terras em 1750, os dois Estados resolveram fazer o acordo imposto no Tratado de Madri, em que Portugal entregaria a Colônia do Sacramento em troca das Missões, que passariam sob o domínio lusitano. No entanto, nesse contexto, os indígenas recusaram-se a entregar as terras, o que deflagrou a Guerra Guaranítica. O Tratado de Madri foi desrespeitado por ambos os países, e, assim, substituído pelo Tratado de El Pardo, devolvendo Sacramento para Portugal (1761). Nesse momento, as missões são abandonadas e por causa disso muitos índios passaram a trabalhar nas estâncias de gado. Os conflitos sucediam-se. Os espanhóis avançaram e dominaram o Rio Grande entre 1763 e 1776, e, em 1777, tomaram a Ilha de Santa Catarina. Nesse mesmo ano, formulou-se o Tratado de Santo Idelfonso entre as duas Coroas, ficando Espanha com Colônia do Sacramento e Portugal com a Ilha de Santa Catarina. O cenário de conflitos bélicos acalmou-se por alguns anos, reformulando-se tempos depois os novos limites territoriais referidos aos Estados que surgiram a partir da Independência da Argentina, processo que foi de 1810 até 1816 definitivamente, a Independência de Uruguai em 1825, e a proclamação da República no Brasil em 1889.

O cenário colonial apontado pelos relatos historiográficos é uma referência e a base para o entendimento de como se constituíram e como agiam os habitantes do Pampa em toda a Região Platina e o Sul do Brasil. A questão da geopolítica regional, transformou-se com a intervenção das forças colonizadoras, que interagiram com o nativo e com os escravos africanos como força de trabalho. Por tanto, nessa cena haviam os colonizadores ibéricos, espanhóis e portugueses; os jesuítas da Companhia de Jesus, religiosos europeus dessa ordem; várias etnias indígenas, povos autóctones com diferentes características culturais; e o escravo negro, trazido como força de trabalho para América desde o continente africano (ASSUNÇÃO, 1963). Outra questão sobressalente seria a delimitação de fronteiras territoriais, que até certo período não existiam. Os tratados aqui apresentados em certa forma rendiam para acalmar temporariamente a sede de conquista, mas foram transgredidos continuamente, o que levava para novos conflitos. Dentro dessa perspectiva, a falta de limites territoriais e de leis constituídas como reguladoras de conduta social e, conseqüentemente, as guerras, eram as

variáveis circunstanciais da vida. Veremos na sequência que, quando vários autores definem os gaúchos/*gauchos* como um tipo social, há uma série de categorizações intermediárias em diferentes períodos e funções dentro do contexto relatado. Essas categorias observadas e apontadas por historiadores, antropólogos e sociólogos, ao longo do tempo, apresentam um espectro das transformações, que, neste trabalho de investigação, são mostradas não como a superação de estágios, mas como a adequação dos sujeitos para diferentes eventos sociais e políticos na história.

1.30 GAÚCHO/GAUCHO: A CRIAÇÃO DE UM TIPO SOCIAL

Seria a partir da visão de alguns autores da História que se criou um grupo social emergente no século XVII, e nesse grupo o gaúcho/*gaucho* se tornaria a figura central, o que chamam de um tipo social. A questão da criação desses sujeitos poderia de certa forma ser discutida por meio do mencionado por Ian Hacking em boa parte da sua obra, de caráter netamente contrário às teorias construtivistas. O autor observa a possibilidade da criação de tipos sociais a partir de algumas condições dadas, que serão nomeadas em uma análise que o filósofo faz em vários excertos da sua obra:

In the case of kinds of people, there are not only the names of the classifications, but also the *people* classified, the *experts* who classify, study and help them, the *institutions* within which the experts and their subjects interact, and through which authorities control. There is the evolving body of *knowledge* about the people in question – both expert knowledge and popular science. (p.3-4). Here, then, are the interactive elements of my framework: (a) classification (b) people (c) institutions (d) knowledge (e) experts (p.5). Making up people and the looping effect are not solely a matter of interactions between names and the thing named, between what people are called and what they are, between kinds of people and people of that kind. All five of the elements listed

– and more –are players, usually key players, in the interactions (HACKING, 2006, p. 6).¹⁷

A criação concretiza-se a partir de nomear tipos de pessoas e completa-se a partir das condições citadas pelo autor no excerto anterior. Torna-se importante apontar que Hacking menciona um efeito de realimentação nas personagens criadas que adotam esse tipo e passam a encarná-lo e vivê-lo de maneira ativa e dinâmica, muitas vezes transformando esses tipos sociais:

We think of these kinds of people as given, as definite classes defined by definite properties. As we get to know more about these properties, we will be able to control, to help, to change, or to emulate them better. But it is not quite like that. They are moving targets because our investigations interact with the targets themselves, and change them. And since they are changed, they are not quite the same kind of people as before. The target has moved. That is the looping effect. Sometimes our sciences create kinds of people that in a certain sense did not exist before. That is making up people. (HACKING, 2006, p. 2).

Desta forma, pode-se comparar esse processo de criação ao que aconteceu com os gaúchos/*gauchos*, e com referência à história¹⁸ e à descrição dos historiadores, quando apontam as questões classificatórias desses sujeitos.

A ideia de classe a que vários autores se referem no gauchismo, até na atualidade, é bastante controversa. O conceito de classe surge na sociologia europeia no século XIX, por meio de autores como Karl Marx, em toda sua extensa obra, ou Max Weber (1982), mais tarde intensamente discutida por Pierre Bourdieu (1983, 2003). Portanto, o ponto de vista desses historiadores mostra o uso de um conceito de análise desses grupos

¹⁷ Esses excertos pertencem a um *paper* apresentado por Hacking na *British Academy: Ian Hacking: 'Kinds of People: Moving Targets' 2 British Academy Lecture, 11 April 2006 (web version)*. O autor desenvolve também o tema em vários livros como *Ontologia Histórica* (2002) e *The construction social of That?* (1999).

¹⁸ Máximo Yolis (2014) usa esta base teórica em seu artigo *Del gaucho literario al gaucho "real": un aporte a su construcción en Argentina (1845-1913)*, publicado na revista *História da historiografia*.

e sujeitos que não condizem com a época em que eles viviam, ou seja, nos séculos XVII e XVIII. Um dos pontos controversos seria o de consciência coletiva de classe, conceito formulado por Marx, e outro seria a questão da noção da luta com outras classes, que, no caso do sujeito histórico descrito, seria muito difícil de comprovar. Mesmo assim, apresento aqui o exposto pelos historiadores a modo de discussão sobre o tema.

Fernando Assunção (1963) aponta, no seu livro *El Gaucho*, sobre um processo gerador e posterior desenvolvimento de uma classe social, a dos *gauchos*, definindo-a a partir de coordenadas históricas e geográficas. A mais importante de todas as razões seria que essa sociedade colonial do século XVII se debruça sobre uma única realidade econômica: a exploração do gado *vacum*, cujo elemento básico para gerar riqueza era o couro (ASSUNÇÃO, 1963). O autor relata a passagem do rebanho existente nas províncias limítrofes argentinas de Santa Fe, Entre Rios, Corrientes e das missões para o território uruguaio, fator preponderante para que migrassem também as figuras humanas para a exploração desse recurso¹⁹. Assunção (1963) aponta que, embora já se explorasse o gado clandestinamente na Banda Oriental, foram dadas pelas autoridades as primeiras autorizações para “*vaquear*”, ou seja, para exploração do gado selvagem.

Com essa movimentada cena de migrações envolvendo o rebanho bovino e os homens que iriam explorar esses animais, começou o século XVIII (ASSUNÇÃO, 1963). A descrição do tipo social, ou dos sujeitos que iriam configurar os *gauchos* apresentaram-se como alguns moços *santafecinos* (de Santa Fe) e portenhos (de Buenos Aires) acostumados a vagabundear, sendo, assim, uma verdadeira preocupação para as autoridades. Foram esses sujeitos que aprenderam a lidar com o gado selvagem, caçá-lo, abatê-lo e tirar o couro, adotando essas tarefas como ofício. Surgiram, desse modo, as primeiras categorizações: a de *vaqueros*, para aqueles que fazem o trabalho com o animal diretamente; e de *baqueano*, que seria quem conhece o terreno e localiza os rebanhos. Nessa mesma linha, quem trabalharia com as primeiras charqueadas e transporte dos couros seria o *changador*. Nesse contexto, Assunção afirma que se agregaram ainda aos trabalhos mestiços paraguaios (e

¹⁹ Havia, nesse período, uma série de restrições comerciais no território colonizado pelos espanhóis para o trabalho com o rebanho e a consequente exploração. Assunção os documenta com detalhes no livro *El Gaucho*. Entretanto, o intuito deste trabalho não é apresentar esses detalhes históricos pontuais, mas, sim, observar essa migração que vai configurar o homem do Pampa segundo as descrições do autor.

alguns chilenos), índios tapes das missões e, esporadicamente, índios da etnia charrua-minuano. A junção de todos esses grupos por lapso curto de tempo e em um mesmo espaço geográfico²⁰ provocou a consolidação de uma classe rural²¹ que os portugueses classificaram, segundo Assunção (1963), como *gaudério*.

Uma descrição da época é a que faz Rodríguez Molas (1982) no livro *Historia social del Gaucho*. O autor especifica os grupos sociais que contribuíam para a formação posterior dos *gauchos* por meio das referidas misturas. No espectro social que apresenta o autor, denotamos um cenário complexo em termos de mistura étnica²², que seriam os grupos que circulavam em uma macrorregião, isto é, no Rio da Prata e também no Sul brasileiro (RODRÍGUEZ MOLAS, 1982). Embora o autor caracterize essas misturas como a população rio-platense, devemos lembrar que os espanhóis, segundo os parágrafos anteriores, avançaram em território rio-grandense inúmeras vezes, levando forças militares e o contingente humano para ocupar as terras portuguesas. Rodríguez Molas (1982) observa que a denominação de *gaucho* se aplicava aos sujeitos que faziam as tarefas de vaqueiros, ou, como os estancieiros da época denominavam, aos habitantes de baixos recursos, que faziam a vida caçando e coureando o gado selvagem na Banda Oriental, concomitantemente com Assunção, também chamados de gaudérios (RODRÍGUEZ MOLAS, 1982). O autor completa apontando que:

[...] éste es el tipo humano - producto de un sistema social - y éstas son las costumbres y el estilo de vida - producto de la segregación y del sincretismo inducido - de los gaúchos rioplatenses del siglo XVIII, antecesores de un símbolo que se opone a la evolución. (RODRÍGUEZ MOLAS, 1982, p. 72).

²⁰ O autor menciona três fatos muito importantes para que este fluxo social tenha os efeitos aglutinadores comentados: 1º) O desenvolvimento das estâncias perto de Montevideo, que vai empregar mão de obra na lida campeira; 2º) A conquista dos territórios rio-grandenses e a avançada portuguesa em Uruguai; 3º) O Tratado de Madri de 1750 e a expulsão dos jesuítas que dispersa os índios tapes, e o gado como recurso destas reduções pelas terras do Pampa (ASSUNÇÃO, 1963).

²¹ Fica explícito que as categorias dos sujeitos nessa época são impostas a partir das suas funções e proferidas, em primeiro lugar, pelas autoridades, logo depois apropriadas nas ideias dos autores.

²² Ver sessão 1.7 deste capítulo sobre relações inter étnicas e misturas.

A caracterização dos *gauchos* como classe social mostra com o aumento dessa classe o antagonismo e as diferenças entre a campanha e a cidade, já que esse grupo social representava autenticamente o ambiente rural. Por outro lado, a urbanização teria grande relevância a partir de pequenas cidades que se fundaram no espelho de dois importantes centros, Buenos Aires e Montevideo. Entretanto, a economia da região ainda dependia fortemente do gado e dos sujeitos campeiros que agiam nesse ambiente. Assunção (1963) refere-se a esse grupo como um sinônimo de proletariado rural, e Rodríguez Molas (1982) o caracteriza não exatamente com essas palavras, mas colocando claramente uma divisão social entre os estancieros, as pessoas da cidade e esse estrato de menores recursos que vive na campanha de forma precária. Esse autor faz essa referência com base em dados documentais que demonstram a segregação existente e a divisão de classes (RODRÍGUEZ MOLAS, 1982).

Ao referirem-se aos sujeitos desse grupo social, podemos dizer que eles começaram a ser chamados de *gauchos* especificamente no século XVIII, como é mostrado nos parágrafos seguintes:

Queda establecido, pues, que la voz gaucho recién se aplica en la segunda mitad del siglo XVIII para señalar a un grupo humano bien definido. El testimonio más antiguo está fechado en 1771 en la Banda Oriental asociado a insomietidos que las autoridades persiguen y controlan. [...]. Como se ha advertido en las páginas precedentes, el término gaucho, empleado ya con frecuencia a fines del siglo XVIII, designa a un sector de la población que es diestro para subsistir en un medio primitivo, sin médios de fortuna, y donde el orden técnico y cultural es prácticamente desconocido y acentuada la presión de las tradiciones. [...]. La palabra gaucho se emplea ya en la segunda mitad del siglo XVIII en Río Grande del Sur, Brasil. Más tarde designa a todos los nativos de la región (gauchos). El término, creemos, aparece impreso por primera vez en 1787 en el *Diario resumido*. . .de José de Saldanha. Para Antonio Alvares Pereira Coruja (*Colêção de vocábulos de frases usados na provincia de Sao Pedro do Rio Grande do Sul*, Porto Alegre, n° 9, p. 141) su origen es español y designa históricamente a los vaqueros que faenan toros cimarrones e viven sin trabajar.

(RODRÍGUEZ MOLAS, 1982, p. 73-75, grifos do autor).

No sul do Brasil, os sujeitos da campanha, em um primeiro momento, eram os descendentes das Bandeiras Lusitanas na procura dos índios para mão de obra. Mais tarde, o descobrimento das riquezas ganadeiras e as necessidades de arrebanhar os bovinos, os equinos e os muares para os trabalhos das Minas, e o transporte de mantimentos e matérias de escambo para as regiões do Brasil central levariam os sujeitos a se adequarem nessas tarefas. Esses portugueses avançaram nas terras uruguaias na busca do *vacum*, empregando-se nas tarefas de campo e depois transitando nas vias comerciais do império. Nessas tarefas, nasceu a figura dos tropeiros. A figura do tropeiro que transitava pelas rotas comerciais entre as Minas e o Rio Grande foi importante para essa configuração. Esses tropeiros, muitos de origem paulista, faziam parte desse contexto social, contribuindo, em consequência, para a constituição dos gaúchos.

Como mostrado nesta sessão, foram as autoridades, os estados incipientes e, notoriamente, os autores do material historiográfico que criaram, nesse contexto, tipos e grupos sociais variáveis que, com o passar do tempo e as transformações políticas e econômicas, adequaram-se e tomaram diferentes posições na trama da sociedade da época. Para continuar com a descrição, veremos a seguir como esses sujeitos históricos se vestiam.

1.4A VESTIMENTA DO GAÚCHO/GAUCHO

A vestimenta dos sujeitos do Pampa é um traço identificatório e mostrou adaptações e transformações, por isso abordo esse tema. Há sobre o assunto os mais variados trabalhos, sobretudo os que apontam questões de identidade e de simbolismo. A minha intenção é mostrar como essa vestimenta se transformou por questões de necessidade, ou por algumas situações específicas que foram mudando algumas peças por outras. Na atualidade a vestimenta dos sujeitos campeiros é uma forma de dizer quem eles são, de comunicar e de conceituar coisas da vida. Como Assunção (1963) relata, muitas vezes se tratou da roupa dos *gauchos* sem apontar características sociais, ecológicas, étnicas ou econômicas. Além disso, há outro elemento a ser ressaltado: a transformação das roupas dos colonizadores dava-se na medida em que aconteciam os contatos interétnicos com os indígenas e negros, assim como entre espanhóis e

portugueses. O autor propõe a análise da vestimenta em três épocas: a primeira da metade do século XVIII até 1820; a segunda seria até 1870; e a última até o começo do século XX, quando houve a dissolução do *gaucho* como tipo social.

Os sujeitos do Pampa do século XVIII vestiam-se, em princípio, com roupas dos colonizadores, e, aos poucos, apareceram algumas mudanças, não somente pela necessidade, mas também por uma questão de realce físico (ASSUNÇÃO, 1963). Nos relatos de viajantes, apareceram descrições que mostram a maneira de vestir desses sujeitos caracterizados como “vagabundos” ou gaudérios (Figura 4). São botas de meio pé, esporas de latão, calções de franjas compridos, mais um calção de outra cor em cima destes até a metade da perna, o cinto, uma camisa, uma jaqueta curta, um chapéu redondo, um lenço de seda de cor, um poncho ordinário e a faca de estilo flamenco no cinto²³. Uma das primeiras peças apontadas é o cinto de pano grosso, ao qual se adicionam bolsos. Também Felix de Azara (*apud* ASSUNÇÃO, 1963) os descreve de forma similar, adicionando que o poncho é uma espécie de pano de algodão com um buraco para passar a cabeça. O autor ainda menciona um pano atado na cintura, passado no meio das pernas e chamado de “*chiripa*”. Fernando Assunção (1963) resumiria desta forma a vestimenta dos *gauchos* do século XVIII:

Sombrero aludo o gacho de fieltro, o de paja de Jipijapa, o de panza de burra; pañuelo em la cabeza atado atrás, a veces em lugar de sombrero, solo el pañuelo o um gorro de manga; camisa de crea o algodón de mangas amplias y cuello solapa; pañuelo al cuello como corbata o grande de “golilla”; chaleco o armador com o sin solapa, cerrado, chaqueta o chamarra o chupa, esta última llamada de chaleco de mangas que es lo que era em realidade, las dos primeras de cuello volcado, a veces de terciopelo; calzón corto a la rodilla, comunmente de tripé azul o colorado, sujeto a la cintura por um ceñidor antecesor del de tirador com enormes bolsillos generalmente hecho de uma tela de calidad y com bordados y pasamaneria; calzoncillos de crea o hilo, com cribos o bordados em su parte inferior y deshilado o com flecos largos cuyas extremidades salian por debajo del pantalón

²³ Tradução minha do texto de Assunção sobre o viajante Malaspina em 1789 (ASSUNÇÃO, 1963).

pero que dejaban descubierto una parte de la pierna, cubierta com medias de lana hasta la rodilla, de vicuña negras o a rayas, y botas de cuero de potro o de gato. Se complementaba com el infaltable poncho, cuchillo y a veces bolas ala cintura, um culero de cuero para jinetear y las grandes espuelas de laton, de hierro o de plata. (ASSUNÇÃO, 1963, p. 221-222).

Figura 4 - Vestimenta do gaudério do século XVIII



Fonte: Extraído de Assunção (1963, p. 225).

A fase seguinte da vestimenta surgiu no século XIX, período em que haveria algumas mudanças. Os historiadores discutem basicamente o uso específico do “*chiripa*”, peça que, na vestimenta masculina,

substituiria o calção antes mencionado. Essa peça, o chiripa, seria relacionada a algumas etnias indígenas da região como guaranis e tapes, e consta simplesmente de um pano ou um tipo de poncho que rodeia a cintura e passa entre as pernas, sendo amarrado na frente. O uso dessa peça mostraria justamente a mistura e o contato frequente entre o índio e o espanhol, admitindo de alguma forma o componente étnico indígena dos gaúchos/*gauchos*. O chiripa seria relacionado aos gaúchos de classe mais pobre. Ricardo Rodríguez Molas (1982) também comenta sobre a vestimenta, nesse caso de soldados que se vestiam igual aos peões, em vários momentos da *Historia social del Gaucho*:

Su uniforme es el mismo del peón: bota de potro, chaleco, por lo general rojo, calzoncillos largos y pantalones ajustados que les llegan hasta poco más abajo de la rodilla. El chiripá vendrá años más tarde. Los porteños distinguen fácilmente a los santiagueños por la ropa característica que visten: chiripá de poncho, calzoncillos de lienzo, poncho azul a rayas punzó denominado “santiagueño” y sombrero blanco. (RODRÍGUEZ MOLAS, 1982, p. 152).

Contudo, o autor também descreve, para o final do século XIX, o reminescente da personagem pampiana e sua roupa:

“En esas estancias se encuentra el verdadero tipo de gaucho de las pampas (pues desde hace algún tiempo, este ente se halla muy rara vez en los distritos ovejeros), hombre familiar solo con la llanura donde ha nacido y ha vivido, sin que nunca haya conocido ni sabido nada fuera de ella” afirma Wilfredo Latham. Producto del arcaísmo, el gaucho de esas latitudes es similar al de un siglo antes: sólo algunos cambios producidos en los escasos elementos que consume y adquiere a los pulperos de la campaña. Viste un largo calzoncillo, chiripa sostenido por una larga faja trenzada, tirador (cinto de cuero con bolsillos, en algunos casos adornado con monedas), camisa y sombrero de fieltro. Calza botas de potro y enormes espuelas de hierro, de tres pulgadas de diámetro. (RODRÍGUEZ MOLAS, 1982, p. 184).

O que continuaria se usando nesse período seria o calção interno mais curto. No entanto, no final do século XIX, realmente o chiripa substituiria definitivamente o calção externo de tripé colorido. Também o cinto de pano com bolsos foi substituído por um de couro de capivara ou de vaca, também com bolsos para guardar munições, transformando-se no que seria o *tirador* ou *guaiaca*.

As guerras também modificaram o estilo de vestimenta. O uso da arma de fogo e a incorporação dos gaúchos/*gauchos* nas milícias e no exército provocaram essa transformação do cinto e de uma roupa mais leve e rústica para o combate. O calçado teria uma transformação significativa nessa época. As botas feitas com pele de potro, especificamente com as das patas do animal, foram substituídas pelas botas fabricadas em série, de origem estrangeira, usadas pelos exércitos espanhol e português. Outra inovação e variação no calçado seria a alpargata, um tipo de sapatilha vinda da Europa no final do século XIX com alguns espanhóis e basco-franceses. As alpargatas foram rapidamente adotadas pelas pessoas no campo como opção do uso das botas e para tarefas campeiras menos rudes (Figura 5).

Figura 5 - *Gaúcho* do século XIX



Fonte: Extraído de Assunção (1963, p. 225).

A aparição da bombacha, como calça masculina nas terras pampianas, tem relação com a guerra em outras latitudes. Haveria evidências e um consenso por parte de vários autores que essa peça seria parte de exércitos que lutavam na Guerra de Crimeia, isto é, franceses e ingleses, aliados aos turcos. A vestimenta das forças aliadas fazia-se com uniformes similares aos turcos, por isso esses soldados europeus usavam as largas calças orientais. Com o fim da guerra e o excedente de roupas militares, foi pensada a exportação para equipar os exércitos sul-americanos que se preparavam para os conflitos internos. Assim a bombacha passou a ser usada nos exércitos latino-americanos, e, mais tarde, acabou também sendo vendida em mercados e *pulperias*, sendo rapidamente adotadas pelos pampianos no final do século XIX. Dessa forma, as modificações mais importantes no final desse século seria a do calçado e da bombacha como peça inferior masculina.

Na questão da vestimenta gaúcha, temos uma constante mistura dada pelo contato do colonizador com o indígena. O poncho era uma peça de roupa que, segundo os pesquisadores, era encontrada tanto na Europa como nas civilizações indígenas latino-americanas, fundindo-se alguns estilos e adotando-se alguns desenhos como os de tear dos índios pampianos e patagônicos. As jaquetas seriam de vários estilos, algumas mais pesadas e fechadas; outras mais leves chamadas de "*corraleras*", mais apropriadas para clima caloroso. Sobre os chapéus, há bastante variação, mas, em princípio, foram usados alguns modelos de feltro oriundos da Europa, e, depois, se tornaria emblemático o chapéu de pança de burra, feito com o couro da barriga desse animal. Esse sombreiro fazia-se dando forma ao couro, bastante flexível, em um poste, atado com tentos, conseguindo, assim, um formato mais ou menos cônico. Houve também alguns chapéus feitos em palha, e, mais tarde, com as imigrações de bascos-franceses, foi adotada a boina, mas já no século XX. A transformação da indumentária foi decorrente das mudanças sociais, econômicas e das guerras, o que descrevemos na sequência.

1.5 AS GUERRAS NO PAMPA

Depois do período colonial, apresentaram-se algumas circunstâncias que relacionavam intensamente a posse de terra e do gado a questões políticas complexas, em termos de fronteiras entre Estados e disputas locais. Iniciam-se as guerras da independência em toda a região, modificando as atividades comerciais e a vida dos habitantes do Pampa. Lembremos que, a partir das ocupações das sesmarias determinadas pela

Coroa portuguesa, começaram a se constituir as estâncias - isso teria também um reflexo no contexto rio-platense, que agiria em termos muito parecidos nas questões de distribuição de terras. Esses eventos tiveram como base social a intensa participação dos habitantes do Pampa: nas situações bélicas, os homens (gaúchos/*gauchos*) eram a massa dos exércitos ou grupos armados; e, no estabelecimento das estâncias, eram a mão de obra fundamental para a manutenção do recurso pecuário. Mais tarde, seriam adaptados aos trabalhos de lavoura, o que trouxe uma das transformações mais drásticas em termos de pensamento dos sujeitos campeiros.

As guerras de independência demarcaram o fim do período colonial, e, dessa forma, da mudança das fronteiras territoriais, iniciando a formação de governos locais que propuseram novas políticas econômicas e de desenvolvimento dos novos Estados-Nações. Na Argentina, o processo foi deflagrado em 1810 com a nomeação de um primeiro governo local e estendeu-se até 1816, ano em que foi declarada a Independência nacional. A discussão desse movimento de independência alinhou-se aos interesses de estancieros de Buenos Aires, mas havia também um consenso popular que apoiava esse movimento político. Dessa forma, os *gauchos* adequavam-se às novas estâncias que circundavam Buenos Aires como mão de obra. Nesse período, já haveria um controle social imprimido pelo exército sobre as pessoas em termos de atividades e emprego, principalmente para reprimir os sujeitos que eram considerados sem trabalho ou desocupados. Assim, o novo Estado começou a construir a manutenção da nova independência por meio de um reforço militar, engrossando as fileiras do exército com esses sujeitos que eram considerados vagabundos, sem ocupação fixa. Esses homens seriam o remanescente do sujeito das épocas coloniais, aos quais se impunha uma nova vida: servir militarmente à causa da independência. Como mostra o texto a seguir, no novo contingente militar para defesa da nova pátria, misturavam-se todos os grupos que constituíram os *gauchos*:

Resumiendo lo expuesto. Gauchos, mestizos del interior, negros ubres y esclavos son reclutados por médios compulsivos para que defiendan al nuevo sistema político. Por una parte, los africanos y sus descendientes los adquiere el estado (rigurosamente pagados a los propietarios) para que integren la milicia y, se dice, “bajo la condición de darles la libertad después de dos años de servicio”. Los envían a todos ellos a la infantería — “no son inferiores a ninguna tropa del mundo”

opina Brackenridge —, superando la cuarta parte del total de las dotaciones. Precisando más: los esclavos y los gauchos cubren al parecer los claros que deja el entusiasmo, al parecer no muy fervoroso, de los ciudadanos. (RODRÍGUEZ MOLAS, 1982, p. 130).

Os *gauchos* no Uruguai passaram por um período de guerras do mesmo modo que seus pares na Argentina e na Região Sul do Brasil, especificamente no Rio Grande. Fernando Assunção (1963) comenta que também as milícias formadas pelos homens da campanha eram frequentes em território uruguaio, e que seriam a base de sustentação para o processo de independência da Banda Oriental. Como parte dos territórios espanhóis e do chamado *Virreinato del Rio de la Plata*, o Uruguai iniciou a luta pela independência se rebelando contra o poder de Buenos Aires e a proclamação em 1810 do primeiro Governo Nacional. Em um misto de adesão à Coroa espanhola e tendências internas libertárias, surgiu, em Montevideo, José Artigas, como a figura política e militar mais relevante do país. Assunção (1963) destaca que Artigas teve um verdadeiro passado *gaucho* antes de se militarizar e preparar, anos mais tarde, a revolução que libertou Uruguai do domínio espanhol e do incipiente Estado argentino. O herói Artigas, de ideias libertárias, sempre foi uma figura ligada às lidas de campo, sendo *changador*, *baqueano* e *faenero* na campanha uruguaia, até que se aderiu ao exército no *Cuerpo de Blandengues*, um batalhão emblemático no controle do contrabando nos campos e nas lutas da revolução uruguaia, no qual chegaria ao cargo de oficial (ASSUNÇÃO, 1963). Artigas comandava uma legião de *gauchos* aguerridos com os quais praticava táticas de guerrilha, destacando esses soldados como exímios ginetes com grandes habilidades para saltar dos cavalos e combater em terra também. Com esse contingente de soldados vindos da campanha, e depois de vários embates militares, o Uruguai tornou-se independente em um processo que durou aproximadamente 15 anos, até que, em 1830, se estabeleceu o Estado com a Constituição Nacional.

Depois desses anos, o Uruguai também enfrentaria lutas internas, e os habitantes do Pampa teriam o dilema de voltar à essência de campeirar livremente o gado ou se filiar às forças militares dos caudilhos nas lutas internas. Nesse cenário, com uma clara mostra da diluição da figura do *gaucho*, surgiram os saladeiros de carne e depois os frigoríficos, transformando economicamente o país. Contudo, a transformação da campanha uruguaia não seria tão drástica em sentido comercial e político

como aconteceu na Argentina ou no Rio Grande, com as novas imigrações e o avanço da agricultura em detrimento da pecuária.

No Rio Grande, também se registrou um período de transformações no contexto social com as guerras. Foi em 1835 e devido a tensões políticas e econômicas que o Rio Grande do Sul declarou guerra ao Império, em um fato histórico conhecido como a Revolução Farroupilha. Segundo Pesavento (1982), os motivos mais importantes para a declaração de guerra e a subsequente Revolução Farroupilha foram principalmente econômicos e passaram pelo problema dos tributos que oneravam a produção de charque, como também a falta de apoio do poder central para o desenvolvimento dessa atividade, já que o investimento maior se destinava à indústria do café. Por outro lado, o Império comprava o charque platino a baixo custo, o que derrubou o produto local. Além desses detalhes, havia um descontentamento com a situação militar, principalmente na fronteira. Rio Grande do Sul fornecia tropas, cavalos, alimentos e a estrutura para enfrentar os conflitos fronteiriços, mas não recebia do poder central o que considerava justo como indenização. O movimento foi iniciado em 1835 e se estendeu por dez anos, atingindo até 1839 seu ápice para declinar nos anos seguintes. Como a historiadora Sandra Pesavento aponta:

A rebelião era sustentada pelos estancieiros gaúchos que mobilizaram a sua peonada. Em 1838, foi proclamada a República Rio-Grandense. O que os revolucionários almejavam era a independência política com relação ao domínio do centro, mantendo, contudo, os laços econômicos com o resto do país, através da continuidade do fornecimento do charque ao mercado interno. Nessa medida, propunham federar-se às demais províncias que, como eles, quisessem adotar a forma republicana. E nesse sentido que deve ser entendida a projeção do movimento revolucionário até Santa Catarina, revelando ainda o interesse na aquisição de um porto (Laguna) para o escoamento da produção por via marítima. (PESAVENTO, 1982, p. 39).

As guerras se disseminariam entre os novos Estados sul-americanos até a segunda metade do século XIX, envolvendo as classes baixas. Consequentemente, os homens da campanha, os gaúchos/*gauchos* seriam expostos à guerra em prol dos interesses dos poderosos e dos

governos. Dos eventos bélicos com maior relevância, a historiadora Sandra Pesavento (1982) comenta aqueles que se travaram envolvendo o Brasil, o Uruguai, a Argentina e, mais tarde, o Paraguai:

Na Argentina, desenvolvia-se o conflito entre as forças representadas pelo setor rural (Rosas) contra a burguesia portenha, aliada da Inglaterra. No Uruguai, por instigação e apoio de Rosas, Manoel Oribe vencera as forças de Frutuoso Riviera, na intenção de levar o país ao domínio argentino [...]. De 1848 a 1851, desenvolveu-se a luta contra Oribe no Uruguai e, de 1852 a 1853, a luta contra Rosas, da Argentina. A esses conflitos se seguiram outros, na década seguinte, quando o Brasil ingressou na luta contra Aguirre, que, no Uruguai, se opunha ao governo de Venâncio Flores (1864-1865). Tal conflito desembocou na Guerra do Paraguai, desenvolvida entre os anos de 1865 e 1870. Durante todos esses conflitos, o Rio Grande do Sul atuou segundo seu tradicional papel de guardião da fronteira, fornecendo contingentes militares para a luta. (PESAVENTO, 1982, p. 39-53).

Pelo exposto, parte da história dos sujeitos campeiros foi atravessada por conflitos bélicos, criando um meio social conturbado, exigindo que os gaúchos/*gauchos* se adaptassem a novas formas de vida. Com o fim das guerras, os sujeitos do campo adequar-se-iam aos novos formatos geopolíticos e econômicos, o que forçaria, em alguma medida, a transformarem-se em outras categorias, como a de peão ou paisano, e a dos trabalhadores rurais.

1.6 NOVAS FORMAS DA ECONOMIA REGIONAL E AS IMIGRAÇÕES EUROPEIAS

As novas formas de gerir as economias regionais foram também fatores de importância vital nas mudanças sociais e, conseqüentemente, refletiram na vida dos homens de campo. Os sujeitos que transitavam livremente pela campanha e que, no período colonial faziam do cavalo e do vacum sua forma de subsistência, viram seu ambiente transformado pela propriedade privada, pelas fazendas, por um novo sistema que os sujeitou a outras formas de subsistência. Um fator importante foi a instalação de frigoríficos europeus na região para exploração e melhoramento de carnes, basicamente para exportação para o velho

continente. Essas configurações comerciais transformariam drasticamente o contexto social da região, levando aos gaúchos/*gauchos* a adotar novas posições sociais.

O cercado dos campos e a necessidade de algum tipo de subsistência fizeram que esses sujeitos se empregassem como mão de obra nas fazendas de criação de gado, verdadeiros latifúndios com proprietários relacionados ao Estado e a posições políticas. Como foi na época colonial, a função dos gaúchos/*gauchos* era a de lidar com os animais, mas os rebanhos eram de um dono só, e os animais passaram a ser manejados de forma diferente – já não era o gado selvagem, eles eram domesticados e preparados para um novo processo de produção, o da indústria frigorífica. Esses novos estabelecimentos frigoríficos localizavam-se estrategicamente perto das cidades, pela necessidade de escoar a produção pelos portos mais próximos, o que levou muitos a abandonarem o campo em busca de empregos para abater o gado, courear e trabalhar com as reses que eram importadas para o mercado externo. Dessa forma, realizaram-se as primeiras migrações do campo para a cidade. Esses sujeitos que migravam ainda se estabeleceram nos subúrbios, o que lhes dava uma condição precária de moradia, além da perda das virtudes que eram as próprias da vida no campo, formando outro tipo social: o “*orillero*”²⁴ (ASSUNÇÃO, 1963, p. 186).

Não foi somente a propriedade privada que cerceava as liberdades e transformou aos gaúchos/*gauchos*. O fenômeno das imigrações também veio contribuir para modificar o meio e criar outras formas de exploração do ambiente. Com a entrada da imigração europeia, houve um câmbio drástico de como gerir recursos na campanha, e o mais usado por essas comunidades era o da agricultura. Eram imigrantes de vários países da Europa que vinham para a América do Sul em busca de melhores condições de vida. No Rio Grande do Sul, apresentaram-se os primeiros contingentes, segundo Pesavento:

A partir de 1824, começaram a chegar os imigrantes alemães, estabelecendo-se como pequenos proprietários em terras que, originariamente doadas, passaram depois a ser compradas a longo prazo a partir de 1854. Por outro lado, as propriedades diminuíram de tamanho: de

²⁴ O termo *orillero* em espanhol seria aquele que indica um sujeito que se desenvolve à margem da sociedade. Nesse caso, seriam os *gauchos* que migraram para a cidade, mas que viviam na sua periferia, o que lhes dava essa condição pela precariedade desse contexto do subúrbio.

77 ha em 1824, passaram a 48 ha em 1848. (PESAVENTO, 1982, p. 47).

Os alemães fomentaram a agricultura comercial, conseguindo em pouco tempo exportar para o centro do país diversos produtos como milho, feijão, batata, mandioca, trigo e, também, subprodutos da criação de porcos, como banha e toucinho. Assim, apareceu o ramo do comércio como atividade. Esses primeiros imigrantes alemães destacaram-se conseguindo se capitalizar, criando o manejo da agricultura e a venda dos produtos que eles geravam na produção agrícola. Os Italianos chegaram mais tarde à região, em 1875, encontrando um meio já explorado pela imigração alemã.

No Uruguai, a imigração impactou menos na campanha, tendo alguns grupos de espanhóis e italianos. Contudo, alguns ingleses também se misturaram e, especificamente, os bascos (da Espanha e da França) e alguns alemães. Esses grupos minoritários no Pampa uruguaio adaptaram-se muito rápido e logo misturaram-se ao habitante nativo.

Na Argentina, a situação das imigrações no campo foi um pouco diferente, sobretudo antes de 1850. Os grupos que estavam na campanha eram basicamente os herdeiros dos espanhóis, havendo poucos estrangeiros. Nesse momento, alguns italianos residiam em Buenos Aires, entrando os contingentes maciços de imigrantes no país de 1875 até 1950. Cabe mencionar que as experiências para povoar a campanha foram na sua maioria falidas, por um lado pelas lutas internas dos que defendiam manter o caráter nativo do campo, e, por outro, porque já havia nos entornos de Buenos Aires a distribuição de terras, verdadeiros latifúndios, assinadas para figuras políticas ligadas ao Governo. Esses latifúndios, depois de 1850, começaram a expandir os recursos do campo por meio da agricultura, que seria um tipo de atividade que compartilharia as terras com a criação de gado. Ainda que incipiente, a agricultura foi tomando conta dos campos e foi uma das principais transformações no caráter dos *gauchos* argentinos. Dessa forma, um sujeito que nunca foi agricultor teve de adaptar-se à outra forma de viver, uma atividade diferente a desenvolver na campanha (RODRÍGUEZ MOLAS, 1982).

Na virada do século XIX para o XX, a situação de limites e de Estados-Nação na região do Pampa parecia mais estável. Configurados os governos oligárquicos na Argentina, no Uruguai e na República do Brasil, a visão desses países apontou para a participação no conjunto da economia mundial. Mesmo com essa perspectiva de inserção econômica, os recursos comerciais eram os mesmos que se delineavam ao longo do período colonial e nos anos subsequentes. O Rio Grande do Sul seguiu

duas linhas claras: a pecuária nas grandes estâncias e as pequenas e médias propriedades com a agricultura comercial impulsionada pela imigração. O Uruguai manteve sua estirpe pecuarista, em um país menos povoado, com poucas cidades populosas e estâncias de grande porte, ambiente ideal para a cria e o desenvolvimento de bovinos. A Argentina dividiu-se de forma diferente, de acordo com cada região. Centralizada em termos de população, em Buenos Aires, o país alavancou sua economia entre o plantio de cereais e a pecuária, produtos específicos da região pampiana.

À medida que passaram os diferentes períodos históricos na região, o que se pode ver é um crescente fervor em direção ao que chamamos hoje de economia de mercado. A partir disso, modificaram-se as categorias sociais. Essas categorias, que foram basicamente criadas na História, também rotularam os sujeitos campeiros pelas suas qualidades, e tiveram uma estreita relação entre elas e com a citada “economia emergente”. Quando os autores consultados nomeiam esse sujeito de *changador*, *baqueano*, *coureador*, *faenero*, *gaudério*, *tropeiro*, e, finalmente, *gaúcho/gaúcho*, apontam implicitamente para uma linha de transformação, que não se dá necessariamente nessa ordem, mas mostra que, conforme a situação geopolítica mudava, o recurso comercial também o fazia. Dessa forma, sujeitos com diferentes percepções e habilidades para lidar com o ambiente agiam conforme a situação que se apresentava. A partir desse cenário, passo a discutir especificamente o assunto da mistura étnica como parte da constituição desses sujeitos campeiros.

1.7 RELAÇÕES INTERÉTNICAS E MISTURAS NA CONSTITUIÇÃO HISTÓRICA DO SUJEITO GAÚCHO/GAÚCHO

As misturas entre diferentes grupos, isto é, colonizadores, indígenas e africanos trazidos à América como escravos são bastante evidentes e de extrema importância para entender a constituição étnica dos sujeitos do Pampa e do sul do Brasil. A chegada das forças colonizadoras à América do Sul encontrou diferentes povos e diferentes situações nas populações que aqui viviam. A maioria dos autores consultados aponta que o efeito da colonização ibérica, isto é, espanhola e portuguesa, configurou misturas étnicas bastante particulares no Pampa. Há uma diferença importante quando observamos em que regiões os colonizadores impactaram às sociedades nativas, especificamente se notamos que os espanhóis aportaram diretamente ao estuário do Rio da

Prata, enquanto os portugueses o fizeram nas costas do Nordeste e do Sudeste brasileiro, e não diretamente nas do Sul. Os espanhóis depararam-se, em princípio, com a maioria das etnias pampianas pelo lado Rio do Prata, tanto na Argentina como no Uruguai. Com o avanço em direção ao Paraguai, encontraram os indígenas do Norte argentino, do Paraguai e do Sul do Brasil. Já os portugueses fizeram contato, em primeira instância, com os povos do litoral brasileiro, e, posteriormente, com o avanço territorial para o Sul, com as etnias que viviam nos planaltos do Paraná, de Santa Catarina e, conseqüentemente, no Pampa rio-grandense.

Os povos tradicionais do Sul da América, particularmente do Sul brasileiro e Pampa platino são os que junto aos colonizadores conformaram a mistura que deu origem aos sujeitos gaúchos ou campeiros. Na extensa bibliografia consultada, alguns autores, de forma bastante chamativa, apontam que os *gauchos*/gaúchos são um “tipo social” que seria aquele descendente direto dos colonizadores, mas que não teria misturas com indígenas²⁵. Há outros que enfatizam a influência das misturas, coincidentemente com o que alguns interlocutores apontaram nos diálogos desta pesquisa. Outro dado importante sobre as misturas étnicas seria o ingresso dos jesuítas na América e a instauração das missões na região fronteira do Brasil com o Paraguai e a Argentina. Essas reduções junto da fundação das cidades de Buenos Aires, Assunção, Corrientes, Santa Fe e Montevideo trouxeram mudanças muito importantes no sentido de como o colonizador foi se assentando na região, como também a forma em que os indígenas aceitaram sua presença e se adaptaram começando a conviver com os europeus.

Encontramos nas descrições da história alguns antecedentes de cooperação e, provavelmente, de misturas e mestiçagens entre espanhóis e indígenas que pareceriam bastante evidentes, como comenta, em um trecho do seu livro, o historiador Rodríguez Molas:

Ya en los albores de la ocupación de la región próxima al Río de la Plata, en el corredor que se extiende a lo largo del camino que conduce a

²⁵ Há algumas contradições notórias sobre o tema das misturas étnicas em alguns autores da bibliografia sobre gaúchos/*gauchos*. O que é apresentado, neste caso, é uma notada visão de uma “raça” superior, a do colonizador, que se encontra com outra inferior, a dos indígenas. Esse conceito reveste uma postura evolucionista que, para esses autores, não foi superada, como provavelmente não lhes seja importante discutir profundamente. Mesmo assim, encontramos outros trabalhos de pesquisa que mostram totalmente o contrário e expõem uma acirrada crítica a esse tipo de pensamento sobre as misturas étnicas do Pampa.

Córdoba, encontramos asociados a indios, mestizos y criollos para realizar actividades dependientes propias de vaqueiros. (RODRÍGUEZ MOLAS, 1982, p. 45).

Outra menção desse historiador é a da detalhada composição étnica da região do Rio da Prata, entre 1700 e 1800, configurada de forma bastante complexa, pelos colonizadores, vários povos indígenas e escravos africanos, além do produto das misturas entre esses indivíduos e grupos:

Aludíamos al origen étnico y geográfico de la población rioplatense. Veamos, pues, resumiendo investigaciones que realizamos, algunos de los elementos que conforman a la misma en los siglos XVII y XVIII. Pues bien, es posible determinar, brevemente expuestos, los siguientes aportes; a) son pocos los indios que pueden someter en 1580 los fundadores de la ciudad de Buenos Aires; y pocos, a pesar de las reducciones que organizan, los que permanecen en las cercanías en los años posteriores (las etnias de los alrededores serían las siguientes: *guaraníes*, que con sus canoas dominan el río y cuyo *habitat* son las tierras del bajo Paraná; *chañas*, emplazados en una franja de tierra próxima a Santa Fe, viven de la caza y la pesca; *mbeguá*, pueblos del Delta del río de la Plata, emplean el arco y la flecha — canoeros pámpidas —; *querandíes o pampas* con su *habitat* entre el río Lujan y el litoral, en actual emplazamiento de Buenos Aires, nómades y guerreros, que emplean como arma la boleadora, son auténticos pampas, sometidos en esos momentos al cacique Mbagual); b) los vecinos de sangre española y guaraní que acompañan a Garay; c) los cientos de guaraníes del Paraguay que acompañan a los fundadores em calidad de esclavos, trasladando la hacienda vacuna y los enseres domésticos; d) la mano de obra que en el transcurso de los siglos XVII y XVIII arriba permanentemente de Paraguay (“indio paraguay” señalan los padrones); sofocada a “sangre y fuego” a mediados del siglo XVII la rebelión calchaquí, uno de sus grupos, los quilmes, son desnaturalizados y se los instala en las cercanías de Buenos Aires; f) indios charrúas y

pampas que periodicamente realizan trabajos en las estancias o en la ciudad, estableciéndose algunos de ellos por la fuerza o voluntariamente, g) esclavos negros que trabajan en las estancias o en la ciudad, estableciéndose algunos de ellos voluntaria o compulsivamente; h) esclavos negros originarios de Guinea y Angola; i) criollos y mestizos del Interior; j) indígenas provenientes de Córdoba que habían sido apresados en las *malocas* organizadas por Garay y sus sucesores; k) criollos y mestizos de Corrientes; l) españoles, criollos y portugueses propietarios de campos. (RODRÍGUEZ MOLAS, 1982, p. 61-62, grifos do autor).

Esse pormenorizado relato sobre a população no Pampa aponta uma complexidade bastante eloquente para pensar que os *gauchos* ou os sujeitos campeiros não foi somente resultado da descendência do colonizador. Reparemos que são mencionadas, no excerto anterior, várias etnias da região do Pampa e, ainda, guaranis vindos do Norte da Argentina e do Paraguai. Também surge a iminência das misturas com os escravos de distintas regiões da África. Rodríguez Molas (1982, p. 72) afirma, com ênfase, a questão das misturas étnicas quando diz: “Estos antecesores de los gauchos son portugueses, africanos, indios, españoles criollos y, en no pocos casos, mestizos que migran del interior”.

Na atualidade, a discussão sobre as misturas e os contatos interétnicos na Argentina tem, por meio do diálogo de vários autores, um campo vasto e uma bibliografia consistente. Quase a totalidade dos autores assume que os *gauchos* platinos são fruto dos contatos entre as etnias indígenas e o colonizador espanhol. Alguns deles, como o antropólogo Carlos Martínez Sarasola apresenta um dos trabalhos mais consistentes no seu livro *Nuestros paisanos los indios* (1992, 2013). Na obra, o autor descreve as primeiras populações nativas do território argentino, além de vários fatos históricos sobre a participação dos indígenas na configuração da nação e da população local. Autores como Miguel Angel Palermo (2000), Raul Mandrini (2003) e Sara Ortellì (1996), em produções individuais e conjuntas, apresentam também um apurado trabalho sobre contatos entre grupos de colonizadores e indígenas.

Em território uruguaio, a mistura étnica também é evidente, mas bastante discutida, como expressa o autor Fernando Assunção (1963). Ele dedica um capítulo do livro *El Gaucho* às etnias indígenas da região. O

autor destaca dois grupos de importância no território uruguaio na época da chegada dos colonizadores: os *guenoa-minuán* e os *charrúa*. Os charruas viviam entre as províncias argentinas de Entre Rios e Santa Fe e parte do Uruguai, minuanes e guenoas estavam localizados no Norte desse país, mas sua população estendia-se até o centro do território. Havia grupos menores, segundo Assunção (1963), como os *chanás*, divididos em algumas subetnias (*timbúes* e *beguás*), os *arachanes* ocupavam as regiões do leste e nordeste, fronteira com o Brasil. Em geral, também eram encontrados guaranis que ocupavam as margens dos grandes rios Paraná e Uruguai (ASSUNÇÃO, 1963). Cabe ressaltar que, no tratamento da mestiçagem, Assunção (1963) mostra algo contraditório: por um lado, o autor afirma que os índios mostravam grande influência nos primórdios da vida rural do Uruguai; por outro, ele nota que o aporte ao sangue *gaucho* desses grupos é pequeno ou quase nulo. Além disso, o pesquisador aponta o nível de sociabilidade desses grupos indígenas que permitiam a circulação e o convívio com os “*changadores*”, “*baqueanos*” e “*coureadores*”, os primeiros gaudérios ou *gauchos*. O autor também menciona que os assentamentos²⁶ desses indígenas na campanha serviam de refúgio e passagem para bandoleiros e delinquentes, europeus que se marginalizavam e se desmembravam das pequenas urbanizações da época. Contudo, Assunção (1963) nega que, desse convívio, possam ter saído os primeiros *gauchos*, ou índios que se europeizavam pelo contato. Assunção esclarece que essas considerações servem para os grupos charruas e minuanes, mas, mesmo assim, resulta algo contraditório que, a partir desse convívio, não tenha acontecido alguma situação de mistura étnica. O autor esclarece que o caso dos guaranis e dos tapes é diferente, pelo visto, admitindo que essas etnias se misturaram a partir do convívio nas missões, mais especificamente no Sul do Brasil.

A configuração étnica no Sul do Brasil é descrita pelo antropólogo Darcy Ribeiro, no seu livro *O povo brasileiro, a formação e o sentido do Brasil*, de 1995. Ribeiro trata a questão dentro de um limite regional que delimita como o Brasil sulino, e ainda divide a constituição étnica em gaúchos, matutos e gringos. Em princípio, o autor comenta que há uma heterogeneidade acentuada nos tipos sociais da região, e que esses grupos são bastante distintos com respeito a outros existentes no resto do

²⁶ Esses assentamentos no meio do Pampa eram chamados de *tolderias*. Esse nome era dado a um conjunto de moradias feitas com paus e couros (toldos) no meio da campanha, onde se estabeleciam os grupos indígenas para viver. Alguns grupos eram nômades, e esse tipo de vivenda facilitava o transporte para diferentes lugares com fatura de animais para caça e água.

país. Ribeiro (1995) divide esses conjuntos sociais classificando-os em categorias derivadas das origens, e distribuídas em locais específicos do Sul:

Tais são os lavradores matutos de origem principalmente açoriana, que ocupam a faixa litorânea do Paraná para o sul; os representantes atuais dos antigos gaúchos da zona de campos da fronteira rio-platense e dos bolsões pastoris de Santa Catarina e do Paraná, e, finalmente, a formação gringo brasileira dos descendentes de imigrantes europeus, que formam uma ilha na zona central, avançando sobre as duas outras áreas. (RIBEIRO, 1995, p. 408).

Quando Ribeiro se refere aos antigos gaúchos, fá-lo a partir daqueles componentes da empreitada portuguesa para a ocupação dos territórios do Sul, tendo como referentes os paulistas que buscavam mão de obra indígena com base na dominação dos povos da região. O autor também esclarece as situações de miscigenação que Fernando Assunção apontava sobre tapes e guaranis, algo diferente dos índios em território uruguaio. Por isso, Ribeiro aponta as origens dos gaúchos brasileiros da seguinte forma:

Os gaúchos brasileiros têm uma formação histórica comum à dos demais gaúchos platinos. Surgem da transfiguração étnica das populações mestiças de varões espanhóis e lusitanos com mulheres Guarani. Especializam-se na exploração do gado, alçado e selvagem, que se multiplicava prodigiosamente nas pradarias naturais das duas margens do rio da Prata. O principal contingente foi formado na própria região de Tapes por índios missionários Guarani ou guaranizados pelos jesuítas e, posteriormente, mestiçados com espanhóis e portugueses. Outra fonte foi o núcleo neoguarani de paraguaios de Assunção, que se expandiu sobre os campos argentinos juntamente com o gado que ocuparia o pampa. Uma terceira fonte foi a prole dos portugueses instalados na Colônia do Sacramento (1680) no rio da Prata. (RIBEIRO, 1995, p. 413).

Para Ribeiro, portanto, a mistura dos colonizadores com os indígenas foi a base dos primeiros gaúchos. O autor aponta ainda para uma matriz guarani que forjaria a proto-etnia gaúcha, que, posteriormente, se dividiu, transformando-se para se atrelar às identidades nacionais emergentes. Diferentemente das situações regionais da Argentina e do Uruguai, no Brasil, soma-se a ideia de correntes imigratórias que marcaram diferenças na questão das miscigenações regionais. Por isso, Ribeiro (1995) menciona a ocupação do litoral pelos imigrantes açorianos, lavradores que chegavam da Europa e que impunham sua forma de vida na geografia costeira sulina, e que, paulatinamente, se dispersaram interagindo na economia regional e na disputa territorial com os criadores de gado, um grupo econômico emergente na geopolítica brasileira da época. Outra imigração importante foi a dos alemães, dos italianos, dos poloneses, como também dos japoneses e dos libaneses. Ribeiro (1995) classifica esses novos habitantes do solo nacional em alguns subgrupos como o dos “colonos”, e, nas suas misturas com o nativo, como “caboclos”. No entanto, é importante destacar que, na medida em que esses estrangeiros participavam das economias regionais, parte deles tentava integrar-se à esfera cultural.

O antropólogo Rubem Oliven (2006) traz um relato de suma importância sobre as misturas e a configuração étnica dos gaúchos. Nos seus vários apontamentos, figuram as populações de escravos africanos que trabalhavam no Sul, nas charqueadas, e serviam patrões fazendeiros. Oliven menciona que trinta por cento da população rio-grandense era formada por escravos em 1820, e, mais tarde, alguns deles teriam importante participação na Revolução Farroupilha. O autor menciona que, embora seja relevante também a componente indígena dos guaranis nas configurações étnicas rio-grandenses, é negada pela historiografia regional, maiormente nas expressões de alguns autores na década de 1950.

A negação das contribuições étnicas desses grupos de escravos e indígenas é refutada por Ligia Chiappini (*apud* OLIVEN, 2006), observando que, no processo de extinção que sofreram esses sujeitos por mais de três séculos, seria impossível não ter havido algum tipo de miscigenação, principalmente nos estratos sociais mais baixos (*apud* OLIVEN, 2006). Oliven nota que os processos imigratórios também foram de extrema importância para a construção de identidades e para a integração com os grupos originários do Sul, isto é, os remanescentes portugueses e paulistas dos séculos anteriores, e os que foram produto de miscigenação com negros e índios. As imigrações ocorreram a partir do

final do século XIX, e a inserção desses estrangeiros na sociedade sulina aconteceu em primeira instância na ordem da economia regional. Mais tarde, como nota Oliven (2006), foi em ordem cultural, adotando características próprias dos sujeitos campeiros gaúchos, enfatizadas a partir da institucionalização do tradicionalismo depois de 1948. Dessa forma, os estrangeiros passaram a fazer parte do mundo da campanha e também do tradicionalismo gaúcho (OLIVEN, 2006).

Além do interesse de antropólogos e historiadores em mostrar as características étnicas e processos de miscigenação da região, surgiram novos materiais de pesquisas na área da genética. Um dos mais destacados emerge do *Projeto Gaúcho*, do qual participaram vários geneticistas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), encabeçados pela pesquisadora Maria Cátira Bortolini. Nessa equipe de investigadores, destaca-se Andrea Rita Marrero, que elaborou, em 2006, sua tese: *História genética dos gaúchos: dinâmica populacional do sul do Brasil*. A particularidade dessas pesquisas aponta para a mistura com uma etnia específica: os charruas. Essa associação étnica entre os que seriam considerados primeiros gaúchos e os charruas suscitou uma série de conjecturas e de críticas a partir dos métodos e das formas de encontrar essa ligação.

No artigo elaborado pelo antropólogo Michael Kent e o pesquisador brasileiro Ricardo Ventura Santos²⁷, está condensada parte dos argumentos que apontam alguns problemas sobre os resultados dessa pesquisa. Um deles é a incidência dos pesquisadores no sentido da escolha da etnia charrua, dizimada há quase duzentos anos, apontando ao trabalho como um “resgate” étnico. Os geneticistas citam traços comportamentais dos charruas que se refletem nos supostos descendentes gaúchos, e, a partir disso, negam miscigenação com outras etnias, como guaranis e kaingang. O que Kent e Santos (2012) apontam no seu artigo é que há, da parte dos pesquisadores geneticistas, uma série de inferências sobre o material coletado sem poder comprovar a existência dessas ligações de forma concreta.

Por ocasião de uma conversa sobre o Projeto Gaúcho que incluía, além de um de nós (Kent),

²⁷ O texto é produto do projeto de pesquisa *Raça, genômica e mestiçagem na América Latina: uma abordagem comparativa*, sob a coordenação geral de Peter Wade (*University of Manchester*) e, no Brasil, de Ricardo Ventura Santos, e leva como título *Os charruas “vivem” nos gaúchos: a vida social de uma pesquisa de “resgate” genético de uma etnia indígena extinta no sul do Brasil*.

Bortolini e uma outra geneticista, esta última comentou que considerava que as evidências apontando para os Charrua eram “muito indiretas”. Bortolini respondeu: “Nesse caso eu estou muito convencida [...] eu tenho muita convicção de que é verdade. Eu só não posso provar de maneira categórica por falta de elementos. (KENT; SANTOS, 2012, p. 360).

Podemos apontar outros detalhes pesquisados que complementaríamos esse embate. A etnia charrua tinha uma dispersão limitada em território brasileiro na época da colônia, tinha mais incidência em algumas províncias da Argentina. De todas as formas, havia alguns grupos na região da fronteira Brasil - Uruguai, como mostram os trabalhos de Assunção (1963) e de Pi Hugarte (1969). Kent e Santos (2012) apontam diretamente que não pode se comprovar a existência de características charruas no DNA mitocondrial dos pesquisados. Os autores observam que:

Nas análises das amostras de Gaúchos, os geneticistas não observaram um pareamento direto com a linhagem detectada na amostra do último cacique charrua Vaimacá. Contudo, devido à importância do haplogrupo C para diferenciar os Gaúchos dos guaranis, a presença desse haplogrupo no que era a única amostra seguramente Charrua contribuiu para afirmar a associação genética entre os Gaúchos e os Charrua. (KENT; SANTOS, 2012, p. 359).

Embora seja observada a dificuldade das conexões científicas e sociais na pesquisa, houve um ponto muito positivo na emergência do tema da mistura com o indígena, sobre inserção no imaginário e no nível das identidades regionais, contrapondo-se ao conceito de uma origem somente branca e europeia dos gaúchos. Emerge, portanto, no sentido das identidades, o conceito de “comunidades genéticas imaginadas”²⁸, como corolário dessas investigações.

²⁸ Kent e Santos (2012) mencionam Simpson (2000) e observam esse fenômeno como “[...] padrões de identidade coletivas no âmbito de um grupo de pessoas baseados em características genéticas compartilhadas (Brodwin, 2002, 2005; Gaspar Neto; Santos, 2011; Kent, 2011; Nelson, 2008; Pálsson, 2007, 2008; Wade, 2007)” (KENT; SANTOS, 2012, p. 362). Uma forma pensada a partir da

Pelo visto, a constituição genética do sujeito campeiro aponta para diversas conjecturas, para visões e realidades distintas. Seria algo semelhante ao que Goldman (2015) trata sobre a teoria da contramestiçagem. O enunciado introdutório de seu artigo diz que Goldman “[...] opta por explorar o que denomina provisoriamente de ‘relação afroindígena’, termo usado para designar os agenciamentos entre afrodescendentes e indígenas no continente americano. Apresentando o que o autor chama de ‘um caráter incerto e aberto’[...]”.²⁹ Logo depois, Goldman observa o conceito de mestiçagem a partir do discurso nativo, da experiência etnográfica e da questão da alteridade imanente de cada grupo e os entre cruzamentos desses discursos:

Trata-se, basicamente, de pensar a relação afroindígena de um modo que não a reduza a simples reação à dominação branca, nem à mera oposição entre duas identidades — não importa se tidas como “primordiais” ou como constituídas por “contraste”. Ao contrário, trata-se de pensar essa relação a partir das alteridades imanentes que cada coletivo comporta e que devem ser relacionadas com as alteridades imanentes de outros coletivos, traçando espaços de interseção em que as chamadas relações interétnicas não são redutíveis nem à ignorância recíproca, nem à violência aberta, e nem à fusão homogeneizadora. (GOLDMAN, 2015, p. 642).

De forma semelhante à proposta de Goldman, encontrei no discurso dos meus interlocutores uma valorização no conceito da mistura, mas não é em todas as situações que se apresenta esse assunto. Os que apontaram essa situação são aqueles sujeitos que se manifestam teorizando origens, vestimenta, objetos e formas de agir e se relacionar particulares com o ambiente em que estão imersos. Nas conversas mantidas na Argentina, no Uruguai e no Sul do Brasil afloraram as diferenças, sobretudo no conhecimento nativo das comunidades

biossocialidade proposta por Rabinow (2005) e de outros autores. O artigo de Paul Rabinow: *Artificiality and Enlightenment: from Sociobiology to Biosociality*.

²⁹ Artigo baseado na conferência proferida pelo Prof. Marcio Goldman durante seu concurso para Professor Titular do Departamento de Antropologia do Museu Nacional/UFRJ. Apresentação realizada pelos editores da revista *Mana*. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/mana/v21n3/0104-9313-mana-21-03-00641.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2017.

índigenas locais, como também das origens europeias dos sujeitos campeiros.

Como mostrarei mais adiante, os sujeitos imersos no universo campeiro apresentam-se a partir de heterogeneidades, de alteridades manifestadas em cada coletivo e cada local – nos modos que expressa Goldman -, produto de diversas atividades e funções sociais dentro desse universo. É na raiz dessa diversidade que se configuraram e se manifestaram as relações interétnicas. De certa forma, e como Goldman expressa, se pensarmos em heterogeneidades dentro do mundo da campanha, as manifestações sobre as misturas se entrecruzam a partir de diferentes tipos regionais, não somente com relação aos grupos de colonizadores, como também às etnias que existem ou existiram em diferentes locais.

A partir do panorama criado pela historiografia e da revisão das configurações étnicas, passo a tratar, no próximo capítulo, do surgimento dos movimentos tradicionalistas no Pampa. Essas agrupações têm uma ligação direta com os relatos da história e com a criação de uma figura simbólica atribuída aos sujeitos campeiros ou à personagem chamada de *gaúcho/gaúcho*, usada em sentido da manutenção das tradições e de imposições ideológicas e políticas. O tema dá continuidade à primeira parte deste trabalho, para entender a produção do simbolismo no gauchismo e a relação com os sujeitos campeiros contemporâneos.

CAPÍTULO 2

AS INSTITUIÇÕES TRADICIONALISTAS NO GAUCHISMO

Neste capítulo, descreverei, em primeiro lugar, a importância das associações literárias como base do tradicionalismo gaúcho e de toda a construção simbólica constituída sobre narrativas. Posteriormente, comentarei sobre o discurso ideológico desse movimento. A partir das festas tradicionalistas, apresento a perspectiva de observar os sujeitos campeiros representados pelo simbolismo, e, logo depois, entender a realidade deles no ambiente pampiano, com as espécies animais características desse local, tudo como esferas do mesmo universo. Sobre o mesmo fenômeno no Uruguai e na Argentina, comento as minhas experiências a partir do observado em duas importantes festas tradicionalistas nesses países, durante minha pesquisa de campo.

2.1 O MOVIMENTO TRADICIONALISTA GAÚCHO COMO INSTITUIÇÃO

O antecedente mais importante do movimento tradicionalista foi a criação da *Sociedade Partenon Literário*, em 1868. Em plena Guerra do Paraguai, um grupo de intelectuais rio-grandenses iniciou um movimento literário por meio da participação em diários, revistas, livros e conferências, na tentativa de difundir o telurismo como característica dos habitantes do Sul do país (JACKS, 2003, p. 29). Segundo Álvaro Santi (2004), esse grupo de escritores e intelectuais não somente exaltava o heroísmo do gaúcho nas suas publicações, como também tratavam temas de cunho progressista. Ideologicamente, os autores eram republicanos e abolicionistas fervorosos, românticos defensores dos direitos das mulheres no que tange à educação e à censura. Esses assuntos aparecem na *Revista do Partenon Literário*, mas também eram tratados em debates públicos por eles promovidos (SANTI, 2004).

A importância da *Sociedade Partenon Literário* como grupo antecedente ao do tradicionalismo revela-se em poesias e prosas escritas pelos seus membros, compiladas anos mais tarde por Augusto Meyer no chamado *Cancioneiro Gaúcho*. Essa característica da importância dos aspectos poéticos é ressaltada também no desenvolvimento da música gaúcha até chegar à expressão musical e cultural chamada de Nativismo. Segundo o pesquisador Athos Damasceno Ferreira (*apud* SANTI, 2004), esses literatos rio-grandenses teriam certa inclinação pelos românticos

franceses, como Victor Hugo ou Lamartine, dentre outros, manifestando uma forma de escrita particular, mistura da temática gauchesca com o estilo refinado do romantismo francês (*apud* SANTI, 2004).

A partir da instauração da República no Brasil, e buscando a sua consolidação, surgiram, no Rio Grande do Sul, algumas tentativas de criação de entidades cívicas que incentivavam o patriotismo e o culto das tradições nacionais e estaduais (JACKS, 2003). Foi assim que, em 1898, o Major Cezimbra Jaques fundou o *Grêmio Gaúcho de Porto Alegre*. Santi (2004) afirma que essa agremiação tinha também características de sociedade literária, com inspiração no antigo *Partenon*, mas o seu principal objetivo seria pragmático. Oliven (2006), em *A parte e o todo*, destaca essa situação de forma bem clara, observando que o *Partenon* exaltava a temática gaúcha por meio da literatura. Já o *Grêmio Gaúcho de Porto Alegre* buscava manter os costumes da campanha recriados em eventos sociais como bailes, desfiles, palestras e festas (OLIVEN, 2006).

Oliven assinala questões importantes comuns a essas duas associações. A primeira é que elas estão formadas por pessoas de origem modesta, que não possuíam nem terras nem capital, e que encontravam na atividade intelectual a ascensão e a inserção nos quadros de poder da época. A segunda questão refere-se a ambas as associações estarem preocupadas com a questão da tradição e da modernidade, embora elas tivessem direcionamentos diferentes. Dito de outra forma, o *Partenon*, ao mesmo tempo que se espelhava no modelo literário da Europa, evocava e reforçava a figura tradicional do gaúcho. Já o *Grêmio Gaúcho*, segundo seu fundador, pretendia manter as tradições sem excluir as práticas do presente (OLIVEN, 2006). Oliven observa que há nessas associações literárias uma dialética entre o velho e o novo, entre tradição e modernidade, entre o passado e o presente nos processos sociais e culturais.

O historiador Tau Golin menciona que o *Grêmio Gaúcho* tem uma forte matriz na *Sociedad Criolla* criada em Montevidéu, Uruguai, quatro anos antes da sua fundação (GOLIN, 1983). Sugere-se, assim, uma clara influência exercida pela *Sociedad Criolla* do Uruguai nas manifestações ideológicas rio-grandenses, que passaram anos depois para as gerações que deram continuidade a esses movimentos (SANTI, 2004). Coincidentemente, na mesma época, na Argentina, surgiram as *Sociedades Tradicionalistas* e as academias ou centros *criollos*, com o intuito de recriar os costumes do *gaucho*, sua música e suas danças. Esse fenômeno aconteceu entre 1898 e 1914 em Buenos Aires e seus arredores (ARCHETTI, 2003).

O Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG) tem como marco de iniciação a criação do *35 Centro de Tradições Gaúchas*, no dia 24 de abril de 1948 em Porto Alegre. A criação desse primeiro centro de tradições gaúchas (CTG) deve-se à iniciativa de um grupo de estudantes secundaristas vindos do interior do Estado e de alguns escoteiros da capital. Esse evento iniciou uma fase do culto às tradições gaúchas como contestação à invasão da cultura norte-americana que era difundida no Brasil nesse momento. O nome de “35” deve-se ao ano de 1835, início da Revolução Farroupilha.

Antecedendo a esse primeiro CTG, foi criado o Departamento de Tradições Gaúchas no Grêmio Estudantil do Colégio Júlio de Castilhos, em Porto Alegre, no ano de 1947. O grupo era liderado por Luiz Carlos Barbosa Lessa e João Carlos Paixão Côrtes, mais tarde reconhecidos teóricos do tradicionalismo. Os escoteiros participantes no movimento também tinham o objetivo de organizar uma associação tradicionalista, sob o comando de Hélio José Moro e Glaucus Saraiva. As duas tendências eram um pouco diferentes: a do Colégio Júlio de Castilhos pretendia ser um movimento aberto e de expansão popular, enquanto os escoteiros propunham uma agrupação com um caráter mais fechado, com um número restrito de fundadores e a possibilidade de futuros substitutos (GOLIN, 1983). Na junção desses grupos, prevaleceu a ideia de Barbosa Lessa, ou seja, a da abertura social, dando origem à estrutura do *35 Centro de Tradições Gaúchas* em abril de 1948. A partir desse acontecimento, surgiram, no Estado do Rio Grande do Sul, vários CTGs copiando o modelo do “35”. Com o passar do tempo, os centros de tradição espalharam-se pelo país por causa da imigração rio-grandense para outros estados e também para o exterior, havendo, até fins de 1980, mais de mil no Rio Grande do Sul e mais de uma centena entre os criados no resto do país e no exterior (JACKS, 2003).

A partir do que afirmam os intelectuais do tradicionalismo, Oliven (2006) observa que esse movimento é basicamente urbano e procura recuperar os valores rurais do passado, uma espécie de valorização do campo e da terra de origem que seria suprida por meio da representação dessa forma de vida trazida pelo movimento tradicionalista (OLIVEN, 2006). Isso tem uma relação com a origem dos fundadores do movimento e do *35 CTG*, já que eles provinham de famílias de pequenos produtores rurais do interior quando foram para a capital do Estado, procurando dar continuidade aos seus estudos. O que esse grupo de jovens propunha era a recriação do âmbito da campanha na cidade, em espaços onde fosse possível realizar algumas atividades campeiras e, também, compartilhar momentos de sociabilidade, como nos galpões das fazendas.

Outro dado mencionado por Oliven é que o segundo CTG, o *Fogão Gaúcho*, foi criado em Taquaras, uma cidade de imigrantes alemães, o que mostra como estes desejavam afirmar sua brasilidade e se integrar ao contexto estadual, somando-se ao movimento que foi absorvendo a imigração e alguns dos seus traços como componente cultural do Rio Grande do Sul (OLIVEN, 2006).

No *XII Congresso Tradicionalista Gaúcho*, realizado em Tramandaí em 1966, decidiu-se organizar uma associação de entidades tradicionalistas, dando-lhe o nome de Movimento Tradicionalista Gaúcho, o MTG. A proximidade do movimento com o Governo era notória, tanto que, em 1971, foi doado um terreno para a construção da sede definitiva do 35 CTG. Em 1974, constituiu-se como fundação o Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore (IGTF), ligado à Secretaria de Cultura, Desporto e Turismo de Rio Grande do Sul. Na década de 1980, instituiu-se por lei o ensino do Folclore em todas as escolas estaduais por meio da disciplina de Estudos Sociais. Uma mostra da transcendência desse movimento cultural é a realização do *I Congresso Brasileiro de Tradição Gaúcha*, que aconteceu em 1988, em Santa Catarina, e que inspirou a criação da Confederação Brasileira da Tradição Gaúcha (CBTG) (OLIVEN, 2006).

Criadas e configuradas institucionalmente, as entidades gaúchas do tradicionalismo passaram a manifestar-se por meio dos seus diretos e intelectuais, que teorizavam sobre os caminhos e as dinâmicas da tradição. Uma importante mudança de postura no culto às tradições foi assinalada por um dos criadores do MTG, Luiz Carlos Barbosa Lessa. À diferença das gerações do *Partenon Literário* e do *Grêmio Gaúcho*, Lessa expressa que, enquanto essas sociedades procuravam recriar a figura do gaúcho na literatura, no caso do *Partenon*, e representa-la por intermédio de algumas práticas tradicionais como o *Grêmio Gaúcho*, a proposta do 35 CTG era de “[...] *revivê-lo*, na medida do possível, ainda que simbolicamente” (SANTI, 2004, p. 44, grifo do autor).

Barbosa Lessa era formado em Direito e migrou para São Paulo com a intenção de estudar na Escola de Sociologia e Política. Nessa instituição, ele foi aluno de Donald Pierson, um importante sociólogo americano formado pela escola de Chicago que usava nas aulas seu livro *Teoria da Pesquisa em Sociologia*. Além desse material, também utilizava o material do antropólogo Ralph Linton, intitulado *O Homem: uma introdução à antropologia*. Estes foram os tratados básicos que orientaram Barbosa Lessa para a formulação do texto sobre tradicionalismo mencionado anteriormente. Oliven (2006) mostra que Linton e Pierson apontavam questões como o crescimento populacional,

as consequências da urbanização e as transformações que ocorriam nos núcleos familiares e nos grupos locais, temáticas decorrentes da escola durkheimiana do século XIX (OLIVEN, 2006). Barbosa Lessa encontrou nesses autores as teorias sociais suficientes e necessárias para formular sua tese tradicionalista como proposta contra esses problemas. Por isso, Barbosa Lessa enfatiza a importância da cultura transmitida pela tradição, para que a sociedade funcione como uma unidade. O que se torna importante afinal é que o tradicionalismo gaúcho se apresenta por meio da sua matriz teórica como um dos difusores das ideias das ciências sociais americanas, usando Linton, Pierson e Redfield como autores básicos mediados pelo texto de Barbosa Lessa (OLIVEN, 2006).

A organização das associações tradicionalistas funda-se na existência de um “patrão” como presidente, de um “capataz” como vice-presidente, de “sota-capatazes” como secretários, “conselho de vaqueanos” como conselho consultivo, um “agregado de pilchas” como tesoureiro, e, finalmente, os “peões” e as “prendas” como sócios. A reprodução da hierarquia vivida no campo nos CTGs é duramente criticada por alguns historiadores, como Tau Golin (1983) e Sandra Pesavento (2014). Para eles, isso evidencia um caráter latifundiário revivido em uma época com outra estrutura social e um meio que não é propriamente rural (GOLIN, 1983). Concomitante a esses historiadores, Jacks coloca a seguinte reflexão a respeito da ideologia do tradicionalismo:

Com esta perspectiva analítica, o Tradicionalismo é tido por mais autores como uma ideologia destinada a submeter às camadas populares, rurais, e urbanas, aos seus princípios, que enfatizam a harmonia social, o bem coletivo, a cooperação com o Estado, o respeito à lei, etc. (JACKS, 2003, p. 40).

2.2 VIVENDO O SIMBOLISMO NA MAIOR FESTA TRADICIONALISTA DO BRASIL

A maior expressão do tradicionalismo gaúcho, do simbolismo e do enaltecimento à personagem campeira ideal no Sul do Brasil possivelmente apresenta-se nas comemorações do chamado “*dia do gaúcho*”, em 20 de setembro. Nessa data, comemora-se a declaração de guerra em 1835 feita pelos farroupilhas ao Governo do Império. Os

festejos fazem parte do calendário oficial do estado de Rio Grande do Sul e as comemorações tomam boa parte das cidades riograndenses. Participei da festa de 2016 por vários dias no meu trabalho de campo em Porto Alegre. Tive, durante a minha estadia na cidade, o contato com vários interlocutores, o principal era meu amigo Sauri, que participava dos trabalhos em um dos piquetes³⁰ estabelecidos na festa. No entanto, por intermédio dele, acabei conhecendo e dialogando com muitas pessoas durante todo o evento.

A estrutura desse evento é um conglomerado de galpões localizados no Parque Harmonia, uma área que se situa às margens do rio Guaíba (Imagem 1). Os galpões de madeira, troncos e telhas, são montados no parque e pertencem às associações tradicionalistas. A organização desse evento começa no início do mês de setembro. Cada organização tradicionalista ou piquete inscreve-se na Prefeitura para participar do acampamento pagando uma taxa e acedendo a uma área onde vai montar seu rancho. No meio do parque, há uma grande torre com a bandeira rio-grandense. Esse local é como se fosse a praça central do acampamento, com um grande palco, e, em uma das ruas laterais, há o rancho do MTG, a organização que rege as associações tradicionalistas de todo o país. Nela há uma tocha que é a “chama gaúcha”, fogo simbólico do tradicionalismo, que se acende no início das comemorações da Semana Farroupilha, e que sempre deve ter dois guardiões, que são sujeitos participantes dos piquetes.

³⁰ Os piquetes configuram-se com pessoas que cultuam a tradição gaúcha, principalmente nas atividades campeiras, e organizam-se como um grupo sem sede própria. É um grupo registrado no MTG e que serve para participar de eventos como o da Semana Farroupilha.

Imagem 1 - Vista aérea do acampamento Farrroupilha



Fonte: Imagem extraída de MTG RS (2016).³¹

A construção dos ranchos deve ser feita em um prazo estipulado pela Prefeitura para que esteja o acampamento constituído totalmente em uma mesma data. O formato e a estrutura interna dos ranchos parecem ser livres, assim como os enfeites que se colocam nas paredes, que quase sempre são elementos tradicionais da campanha (bandeiras, arreios, peles e couros e cabeças embalsamadas de animais). Participei do acampamento no piquete “Fronteira Seca”, organizado por pessoas da região de Santana do Livramento, fronteira com Uruguai. Viver essa comemoração dentro dos galpões dos piquetes é bem diferente do que somente transitar pelo parque ou ficar nos restaurantes. Nos galpões, organizam-se comidas, há um bar que vende bebidas e, quase sempre à noite, há muita música. Em cada piquete, chegam artistas nativistas que cantam e tocam animando as noites do acampamento, provocando bailes de galpão como na campanha.

Particularmente, meu primeiro contato com o pessoal do “Fronteira Seca” foi a partir da culinária, já que meu amigo Sauri me propôs a tarefa de fazer o almoço no dia em que cheguei a Porto Alegre. O pedido para essa refeição era fazer um caldo de bagre, peixe bastante

³¹ Disponível em: <<http://mtg-rs.blogspot.com.br/2016/06/acampamento-farrroupilha-2016-divulga.html>>. Acesso em: 10 dez. 2017.

comum nos rios do Pampa. Para poder fazer o prato, tínhamos que providenciar os ingredientes, algo bastante fácil em se tratando de um local como a cidade de Porto Alegre, que tem no seu Mercado Público um lugar fenomenal para adquirir todo tipo de ingrediente para culinária. E lá fomos nós comprar o peixe, legumes, temperos, farinha, para completar a tarefa. Depois da compra, dirigimo-nos ao Parque Harmonia com a sacola de suprimentos. Quando chegamos ao galpão do piquete, apresentei-me aos que estavam no momento no local e começamos a cozinhar. A cena era bem típica de campanha: chão de terra, as paredes de madeira, uma bancada com tábuas, pratos, panelas, e o fogão a lenha completava a cozinha. Depois de acender as lenhas, preparar os ingredientes e esquentar o fogão, comecei a preparação do caldo de bagre. Levou-me um tempo para fazer a refeição para umas dez pessoas; afinal, eram quatro quilos de peixe, o arroz e o caldo, ou pirão para acompanhar. Tudo deu certo, eles aprovaram minha habilidade culinária, o que me permitiu criar alguma confiança com os participantes do piquete. Nesse universo gaúcho, saber cozinhar é um atributo positivo, que mede conhecimento e habilidade com o alimento e com objetos que se usam para essa atividade, isto é, o fogo, o tipo de cozinha, as panelas, e o mais importante que são as facas. A partir dessa prova, minha estada no galpão foi bem tranquila e cordial.

A entrada nos galpões dos piquetes durante os dias de festa é restrita. Somente poderiam entrar convidados e membros que participam da associação, mas há pessoas que circulam no parque que entram atraídos pela música ou pela agitação do local. Não se pode cobrar ingresso, mas, às vezes, se força a pagar uma rifa, como no caso do piquete em que participamos. Os galpões estão organizados internamente de maneira diferente, alguns têm mesas como em qualquer bar, outros têm espaço para dança, como no “Fronteira Seca”, mas, em todos, há um local reservado para fazer churrasco, a comida que identifica os gaúchos. Em cada piquete, vê-se um estilo de fazer churrasco: espetos e fogo de chão, grelhas, churrasqueiras improvisadas em latões, alguns fazem uma vala no chão (moquém), há muitas variedades e estilos (Imagens 2 e 3).

No piquete “Fronteira Seca”, o estilo de churrasco era típico da região fronteira com o Uruguai, ou seja, com uma trempe inclinada e o fogo do lado, passando somente a brasa depois que ela está ardendo, para depois colocar a carne. Todas as noites faz-se churrasco, e a questão resume-se à que cada participante leve algum pedaço de carne, ou linguças, e, depois, um dos participantes asse a carne, vai se cortando o que sai da grelha e passa-se para os convidados. Todos comem, é um churrasco coletivo, em que todos ajudam para servir a carne em gemelas.

Eu mesmo servi carne durante as noites no galpão, o que me permitiu conhecer muitas pessoas e conversar sobre tudo o que era possível sobre a festa, sobre campanha, enfim, sobre o universo campeiro. Assumir a figura do assador e cumprir essa função era uma verdadeira disputa toda noite, no sentido de mostrar habilidades com o fogo, com a preparação da carne, e, novamente, com a faca, a ferramenta principal para essa atividade. Afinal, ser o assador da noite era mostrar conhecimento, criar certo prestígio nessa atividade tão importante para o mundo gaúcho, ainda diante de tanta gente que passava pelo galpão do piquete. Todas as noites se repetia essa atividade, passando muitos quilos de carne pela grande churrasqueira e o fogo do “Fronteira Seca”.

Imagem 2 - Churrasco nos piquetes da Festa Farroupilha de 2016



Imagem 3 - Churrasco no “Fronteira Seca”. Festa Farroupilha de 2016



Fonte: Acervo do autor.

No parque todo, misturados aos ranchos de cada piquete, havia muitos restaurantes e lojas. Os restaurantes são basicamente churrasqueiras, mas há também padarias, supermercado, açougues e locais com venda de doces e outros tipos de lanches. Outras lojas dentro do parque vendem roupas tradicionais masculinas e femininas, facas, cuias de chimarrão e uma variedade de artigos e de objetos (acessórios) que fazem parte do dia a dia das mulheres e dos homens campeiros. Em uma área quase central, há churrasqueiras de uso livre, nesse caso, sempre ocupadas pelos visitantes do parque que fazem seus assados e desfrutam do evento de forma livre, sem participar de nenhum piquete. No fundo do terreno do parque, também há uma área de jogos mecânicos. A

gastronomia no acampamento é um segmento importante e tem um caráter simbólico também. É o ponto de reunião dos grupos, nos piquetes e nas áreas livres do parque, lugar onde o público usa as churrasqueiras. Esse lugar congrega muitas pessoas que trazem os implementos para fazer sua comida e passar o dia no acampamento desfrutando da festa.

As lojas dentro do parque apresentam e vendem artigos da tradição gaúcha, por isso algumas oferecem as tradicionais *pilchas*, outras com variedades de cuias e equipamento para fazer chimarrão, e outras somente vendendo facas, no ramo da cutelaria. Nelas, encontramos todo tipo e modelo de faca, com uma variedade de preços. O público masculino manuseia as peças, provando o fio, e experimentando no cinto. As facas fazem parte não somente da *pilcha*, elas são uma ferramenta que complementa a vida dos sujeitos do gauchismo, tradicionalistas da cidade, ou campeiros. A faca está no churrasco e na lida do campo, é um elemento constituinte de “ser gaúcho”. Por isso, talvez explicar-se-ia esse furor nessas lojas de cutelaria. Nessa festa, não são somente sujeitos vestidos a caráter, como certa história sugere ou como a “tradição” explica, os objetos também fazem parte do simbolismo que constrói os gaúchos. São as roupas masculinas e femininas, o conjunto do mate: as cuias, a bomba, a erva, a chaleira, como também as facas, que articulam uma forma de pensar e de agir. Como também o hábito alimentar no gosto pela carne e nos vários estilos de assar. Todo esse repertório reproduzido e reafirmado na festa constitui gostos e é uma forma de conceituar a vida na atualidade, mas pautado em um suposto passado.

A música está presente em quase todos os piquetes, é a atração principal em muitos deles. Podemos ver em cada um deles artistas que tocam violões, acordeões, pandeiros, e que cantam repertórios da música gaúcha, do mais tradicional ao mais atual. Pode-se ouvir também bastante folclore latino-americano cantado em espanhol, com músicas da Argentina e do Uruguai. Observei que, nos restaurantes do acampamento, se apresentam artistas com som de gravações, um atrativo para o público que circula nas ruas do parque. Finalmente, no palco central, há shows com uma estrutura maior, muito som, luzes, como se fosse um verdadeiro festival nativista para o grande público, com artistas reconhecidos pela mídia. A música é um dos elementos de identificação nessa comunidade gaúcha.

No galpão do “Fronteira Seca”, havia um pequeno palco reservado para os artistas se apresentarem todas as noites. Sempre passavam pelo piquete nomes conhecidos da música nativista. Animados pela atuação desses artistas, os participantes iniciavam o baile. Como sempre, carregou minha flauta transversal na mochila, ainda mais nessa

ocasião, porque Sauri tinha me pedido para tocar alguma música com quem se apresentasse. Logo na primeira noite, no piquete, convocaram-me para subir ao palco e tocar junto a mais dois músicos que ali estavam. Foi mais uma prova que me proporcionou fazer novos contatos com interlocutores e criar proximidade com os artistas desse contexto. Tive um primeiro dia bastante intenso de festa, entre habilidades culinárias no almoço e apresentação musical à noite, mas muito bom em conversas com os sujeitos participantes.

Na comemoração da Semana Farroupilha, foi possível entender que a figura simbólica do cavalo tem uma importância gravitacional nesse evento, por mais que, durante a festa, não se vejam ginetes e animais, a não ser no momento do desfile central. Vivenciei, com alguns interlocutores (Milton e Sauri), a preparação do desfile (Imagens 4 e 5), indo buscar em um alojamento para equinos uma égua, e transportando-a em um trailer específico para outro alojamento com o intuito de prepará-la para a apresentação de 20 de setembro. Vimos nos alojamentos vários cavalos sendo cuidados e preparados para o desfile no dia seguinte. Esses locais que albergam os animais estão em áreas rurais da grande Porto Alegre, em terrenos com pastagens e boa florestação.

Imagem 4 - Preparando uma égua para o desfile Farroupilha em Porto Alegre, RS



Imagem 5 - Milton, um dos interlocutores, preparava uma égua para o desfile Farroupilha em Porto Alegre, RS



Fonte: Acervo do autor.

Como partes do evento comemorativo, são realizados dois desfiles que representam o universo gaúcho. Um primeiro desfile temático foi desenvolvido sobre o livro de Barbosa Lessa *A república das*

carretas e mostrava coreografias e representações dos conteúdos do livro desse autor. Dessa forma, os piquetes participantes inscrevem-se e concorrem a uma premiação pelo que é apresentado para um júri, que avalia no palanque central. Esse desfile tem uma música que acompanha as evoluções, que foi composta especialmente para esse tema. Ela é executada durante todo o evento por um grupo musical enquanto os participantes fazem as suas coreografias avançando na avenida. Nesse caso, vimos roupas caracterizando figuras e personagens históricos, além das tradicionais pilchas, como também painéis temáticos e carretas montadas para a ocasião.

O segundo e principal desfile é de cavalaria, feito no dia seguinte do temático, ou seja, no dia 20 de setembro. Nesse dia, o movimento para o transporte dos animais era intenso, empregando caminhões e trailers para trazê-los ao local do evento. Os cavalos só podem entrar na cidade no mesmo dia do desfile e, logo depois, devem retornar aos alojamentos, o que também implica um grande movimento para os proprietários e os carregadores. A concentração para o desfile realiza-se nas imediações da avenida, reunindo cavaleiros e equinos em um grande número, até que os integrantes de cada piquete, com ordem de numeração, vão entrando em sequência e desfilando para o júri e as autoridades (Imagens 6 e 7). Consegui assistir ao desfile bem ao lado da passagem dos ginetes e dos animais, tirando fotos e observando a empolgação do público que alentava a passagem dos diferentes piquetes. Ficamos até que desfilou, a nossa frente, o conjunto de cavaleiros do “Fronteira Seca”. Depois disso, retornamos ao parque, onde terminava o evento e se preparava o almoço.

Imagem 6 - Desfile de cavaleiros do dia 20 de setembro de 2016



Imagem 7 - Desfile de cavaleiros do dia 20 de setembro de 2016



Fonte: Acervo do autor.

Na festa na cidade de Porto Alegre é possível ver como se contrapõe o urbano e o rural, e de que forma os sujeitos que cultuam a tradição gaúcha estabelecem a possibilidade de ter um cavalo e ter contato frequente com o animal. Nas áreas periféricas dessa capital, há muitas hospedarias para equinos, além de haver regiões onde se organizam saídas com os animais, por algumas estradas de terra ou alguns terrenos de campanha. Nesse contexto misturado, entre o urbano e o rural, resulta interessante observar que alguns sujeitos expressam o que já viveram em algum tempo da sua vida como homens de campanha, agora urbanos; e outros que sempre estiveram na cidade, mas que, com a relação com o equino, vivem a representação e a passagem para um ser campeiro.

O caráter contrastante entre o acampamento e a cidade é bastante notório. Chama atenção o fato de todos os galpões estarem enfileirados contra um fundo de prédios altos com vidraças modernas espelhadas. O contraste dá-se em torno de todo o parque, de fora e de dentro dele. A região tem edifícios importantes que albergam as dependências de vários organismos públicos e governamentais. De dentro dos piquetes, a visão é um pouco diferente, tudo se aproxima do mundo campeiro. Entretanto, das janelas e áreas contíguas ao galpão, é possível observar traços marcantes da paisagem urbana de Porto Alegre.

Esse parque parece uma pequena cidadela com caráter rural no meio de um grande e moderno conglomerado urbano. Essa é uma verdadeira zona de contato entre os dois ambientes: a campanha e a

cidade. O acesso a essa região da cidade e ao parque dá-se por meio de grandes avenidas muito bem sinalizadas, algumas arborizadas e com bastantes áreas verdes em volta. Um contexto fortemente urbano que se modifica na entrada do parque e do acampamento, cujas ruas são de terra com brita. Soma-se a esse cenário uma quantidade impressionante de automóveis, particulares e táxis, que rodeiam o parque nos improvisados estacionamentos, trazendo os visitantes e criando grandes engarrafamentos na redondeza do evento.

Um detalhe importante nessa festa é que, além das representações do mundo gaúcho evidenciadas no local, foi possível conversar e conviver com alguns sujeitos que passam a maior parte do tempo da vida na campanha. Um exemplo disso foi quem construiu as instalações do piquete “Fronteira Seca”, o paisano uruguaio Ruben, natural de Rivera. Ele vive na sua propriedade de campo nessa localidade uruguaia e demonstrou, nos diálogos que tivemos durante os dias do evento, todo o conhecimento sobre a campanha, o trato com os animais, o trabalho e a construção das instalações campeiras, como galpões, mangueiras, cercas etc. Ruben veio especificamente da região da fronteira para encarregar-se da montagem do galpão e cuidar da infraestrutura dentro dele, como se fosse um peão de estância.

Percebem-se, nesse evento, as distinções regionais do Rio Grande do Sul a partir de certos marcadores de identidade. Uma diversidade importante, que apresenta em diferenças dos sujeitos do litoral aos das missões, como também dos serranos aos da fronteira com o Uruguai, no Pampa. Essas variações expressam-se nas roupas, na forma de fazer churrasco e no estilo musical. Outra questão observada na construção dos galpões foi a medida de como se concebe o espaço de socialização, seja em forma de bar, com mesas e cadeiras; ou de galpão campeiro, aberto, somente com bancos ou cadeiras onde se formam as rodas de mate ou se organizava rapidamente o baile. Nas roupas, viam-se as variações, como nos chapéus, ou nas boinas, de uso comum na região de fronteira com o Uruguai ou a Argentina; ou nas bombachas mais largas, as tradicionalistas; ou estreitas, as mais campeiras, para trabalho e montaria. Os lenços também davam outras particularidades, alguns usavam os vermelhos tradicionais, com nós feitos segundo as regras do MTG, ou aqueles lenços menores como os do *gaucho* platino. Nos calçados, reparei que se usavam as tradicionais botas, como também as alpargatas. Muitos vestiam as camisas com o emblema de cada piquete, que os identificava, e outros vestiam camisas de uso diário. Talvez o traço comum sempre fosse a faca atravessada na cintura, na guaiaca. Os estilos de facas eram variados, alguns carregando facões de estilo uruguaio, de

tamanho considerável, e outros com facas de estilo brasileiro ou argentino.

Todas essas características que envolveram a comemoração do dia do gaúcho no dia 20 de setembro trouxeram à tona uma grande quantidade de símbolos, representados nos sujeitos e nas suas roupas, nos seus objetos e, finalmente, na presença do cavalo, como espécie emblemática do gauchismo. Na sequência, apresento situações similares nas festas do tradicionalismo nos outros países do Pampa.

2.3 AS FESTAS DO TRADICIONALISMO NOS OUTROS PAÍSES PAMPIANOS

Tanto no Uruguai como na Argentina, as festas são parte das representações tradicionalistas do mundo campeiro. Ao procurar ver de que forma os sujeitos campeiros contemporâneos se expressam e se relacionam, passei alguns dias na *Fiesta de la Patria Gaucha* em Tacuarembó, Uruguai, em março de 2016. A viagem para Tacuarembó foi feita em duas etapas. A primeira foi a ida até Lages, em uma quarta-feira à tarde, e, depois, na madrugada da quinta-feira com destino a essa cidade do Uruguai. Fomos de carro, partindo da minha casa, com bastante chuva, com destino a Lages, com Paulo e Gabriela, um casal de amigos, que já conhecia de festivais de música nativista. Chegamos a Lages aproximadamente às nove da noite, para encontrarmos outros amigos que iriam também para a festa. Depois do encontro com o resto do grupo, fizemos os preparativos para viajar na madrugada seguinte, arrumando algumas bagagens nas caminhonetes que usaríamos e colocando gasolina nos veículos. Em seguida, fomos dormir, pois acordaríamos às 2 da madrugada para sair às 3 horas.

Saímos no horário planejado, enfrentando os primeiros momentos da viagem com chuva intensa. O percurso seria Lages, Vacaria, Lagoa Vermelha, Passo Fundo, Cruz Alta, Santa Maria, Rosário do Sul, Santana do Livramento, Rivera - já no Uruguai - e, finalmente, Tacuarembó. A chuva e o tempo nublado não nos abandonaram até chegar praticamente à fronteira com o Uruguai. Viajávamos em duas caminhonetes, distribuídos em quatro pessoas em uma e duas em outra. Eu viajei com Fabrício em uma delas, tomando mate quase todo o tempo e conversando. Fizemos algumas paradas até nosso destino final. Do lado brasileiro, paramos em Lagoa Vermelha, mais tarde em Vitor Graeff, depois em Santa Maria para abastecermos os veículos e, em Rivera, para almoçar do lado Uruguaio. Do lado uruguaio, fizemos algumas compras

nos “*free shops*”, saindo, finalmente, para Tacuarembó às 18 horas, chegando nessa cidade às 20 horas.

A minha conversa com Fabrício durante a viagem foi sobre vários temas. Fabrício sempre foi um dos meus principais interlocutores durante as pesquisas do Mestrado e, também, nesta fase do Doutorado. Ele me passou muitas informações e opiniões sobre ideias que tinha sobre o campo e, particularmente, sobre o mundo da produção rural. Meu interesse nesse momento era sobre a mudança ou a transformação do campo, com a soja como cultura mais importante em detrimento da criação de gado. Passamos por vários lugares observando esse fenômeno, para o qual Fabrício apontava várias explicações, uma delas era a fertilidade do solo e o tipo do clima dessa região.

Até Santa Maria a quantidade de área “sojeira” é imensa, e poucos terrenos se deixam para a criação de gado. As pastagens para cria ocupam uma pequena área nessa região. Depois dela, os terrenos mudam e começamos a observar gado no campo, mas de forma compartilhada com a soja. O ciclo da soja é curto, por isso planta-se aqui no Sul do Brasil em novembro e se colhe em abril ou maio, dependendo da região e das condições climáticas. O assunto é que a soja e seus derivados constituem-se, hoje, como a grande opção alimentar mundial, muito valorizada no mercado agrícola. Esse seria o principal motivo do plantio e da sua exploração nas terras férteis do cone sul.

Também conversei, com Fabrício, sobre a pecuária e seu ciclo produtivo durante a viagem. Por exemplo, a cria, que se dá uma vez por ano, que, em condições normais de produção, permite que se produza apenas um bezerro por ano. É possível vender os animais em diferentes estágios de crescimento, e não necessariamente com todo o ciclo de crescimento para abate, que gira em torno de 18 meses, até 3 ou 4 anos dependendo da engorda do animal, sendo a engorda em pastagens mais demorada do que a usada atualmente, a de confinamento (*feed lots*). Às vezes, usam-se as duas formas, mas o manejo em confinamento é mais controlado no sentido do processo de produção. Como consequência de tudo isso, modifica-se o produto final: a qualidade da carne.

Meu objetivo nessa conversa era entender o que o homem de campo faz hoje e de que maneira ele está colocado nessa cadeia produtiva, que é bastante complexa. Esses manejos e usos do ambiente parecem modificar substancialmente o que pensam e as formas de agir desses sujeitos. Influi diretamente sobre como poderiam ser vistos os sujeitos campeiros hoje, e mostra um evidente processo de transformação que sofreu a vida na campanha.

A chegada em Tacuarembó foi na quinta-feira, ao redor das sete da noite, depois de muitas horas de viagem. Aguardava-nos Adrian, nosso contato na cidade, mas nos desencontramos. Tentamos o contato telefônico com ele, sem sucesso. Decidimos, então, ir até a sua casa, onde finalmente o encontramos. Passado esse momento, ele nos levou até a residência que alugamos para ficar. A casa era simples, uma sala dois quartos de casais, uma cozinha, um quarto com dois beliches (4 camas) e um jardim de fundos bem espaçoso. Nesse local, havia uma grande churrasqueira, centro do espaço. Instalados já na casa, optamos por não ir à festa nessa noite, somente fizemos umas compras de comida e bebida para o jantar. Foi assim a programação. Apesar do cansaço da longa estrada e de ter começado de madrugada o percurso, fizemos o churrasco, bebemos cerveja e, depois, fomos dormir para descansar e encarar a sexta-feira.

Depois de acordar, de tomar café e mate, fomos comprar a comida do almoço. Planejamos mais um churrasco, dessa vez com um pouco mais de sofisticação nos ingredientes, já que compramos algumas coisas que só encontramos no Uruguai, como morcilhas doces, *mollejas* (uma glândula da vaca que é muito valorizada na culinária do churrasco), um molho chamado de “*chimichurri*”, e, claro, as cervejas regionais para acompanhar. No grupo, os encarregados de comprar as carnes e assar éramos Fabrício e eu, não somente por entendermos um pouco mais dessa culinária de campo, senão por um gosto pessoal de fazer o fogo e preparar esse tipo de comida. Depois de um farto almoço, fomos à festa.

A área da festa é situada fora do perímetro urbano e se chega tanto pela rodovia que passa por Tacuarembó como pela própria cidade. A impressão na chegada ao prédio da festa é como se fosse uma grande feira. Fora da área cercada, conglomeram-se barracas com churrasqueiras, mesas, cadeiras e balcões improvisados para a compra de bebidas. Sempre que passamos por essa área externa tinha gente comendo, bebendo e conversando. Para entrar no prédio da festa, compra-se um ingresso nas bilheteria e encaminha-se a um portão geral (Imagem 8). Todo o evento desenvolve-se em um campo cujo centro é uma pequena lagoa (*Laguna de Las Lavaderas*). Logo na entrada, observa-se uma feira de artesanato *gaucho*, isto é, mates, cintos, facas, roupas, e, também, alguns locais de comida, com churrasqueiras e quase a mesma estrutura que se vê fora do prédio (Imagem 9).

Imagem 8 - Entrada ao prédio da Fiesta de La Patria Gaucha



Imagem 9 - Bares e churrasqueiras na festa



Fonte: Acervo do autor.

A estrutura inteira do evento estava movimentada pela participação das associações tradicionalistas de todo o Uruguai. Cada associação leva um grupo de participantes que a representa nas provas campeiras, no desfile oficial de cavaleiros e nos chamados de *fogones camperos*. No lado oposto à lagoa, situa-se a área de shows, com uma grande estrutura de palco e sonorização. Logo à esquerda, há a cancha das provas campeiras, um tipo de estádio com arquibancada para albergar o público, feito de maneira bem rústica. Na sequência, beirando a lagoa, seguem-se outras barracas de artesanato com diferentes produtos. Como chegamos depois do almoço, ainda era dia e se notava que as atividades principais se davam em torno dos *fogones* e na compra de artigos por parte do público presente. A programação de música, no palco principal, começaria às 20 horas. Também notei que a outra atividade, nesse momento, era a da “*jineteadada*”, uma prova campeira com cavalos e ginetes na cancha.

Os *fogones* acima referidos são espaços reservados para as sociedades tradicionalistas, que montam algum tipo de reprodução do mundo *gaucho*, representando a vida na campanha em tempos remotos, podendo ser uma construção de uma casa tradicional, um galpão, uma mangueira para lida com gado ou outras opções. Os *fogones* concorrem a uma premiação no final da festa e são julgados por uma comissão de tradicionalistas nomeada pela organização da festa. Os *fogones* são uma parte muito importante dessa festa que, basicamente, é dedicada às

representações do mundo *gaucho*. Além das construções tradicionais, os integrantes dessas sociedades posicionavam-se em rodas de mate ou ao lado do fogo e das churrasqueiras montadas dentro das áreas de cada associação. As construções eram bem variadas, usando como materiais a pedra, o barro, a palha e os troncos. Nessas áreas, também havia cavalos amarrados em currais e palanques, propriedade dos integrantes das sociedades, que percorrem a festa continuamente com esses animais. As pessoas estavam dentro desses espaços vestidas a caráter com a *pilcha* gaúcha, com bombachas, botas ou alpargatas, camisas, lenços no pescoço, chapéus e boinas. As mulheres com vestidos longos tidos como tradicionais, reminiscentes do século XIX, completando a representação desse universo da campanha (Imagens 10 e 11).

Imagem 10 - Entrada de um dos fogões



Imagem 11 - Membro da sociedade vestido a caráter



Fonte: Acervo do autor.

O momento central da festa de Tacuarembó realiza-se na hora do desfile de cavaleiros, no sábado de manhã, na rua principal da cidade. Nessa edição da festa, reuniram-se aproximadamente mil cavalos, entre os que se apresentaram com ginetes, algumas tropilhas e os que puxavam alguns carros. Por um lado, o evento mostrou descontração nos participantes; por outro, tornou-se chamativo pela interação entre cavaleiros e animais, entre o humano e o animal, uma espécie de coesão observada na atitude da marcha dessa enorme tropa. A tônica do desfile era a relação do sujeito com o animal e dessa espécie, o equino como figura central e coparticipa junto do sujeito campeiro.

A passagem de todos os participantes do desfile demora de acordo com a quantidade de animais que são levados ao evento. O público fica nas calçadas festejando o passo de amigos, vizinhos e das sociedades pelas quais estão torcendo nas amostras competitivas da festa (Imagens 12 e 13). Essa caravana passa pela cidade e vai em direção ao prédio da festa, onde acaba o desfile. Ali, os animais são guardados em currais. Presenciei boa parte do desfile, com Fabrício, Vinícius e sua esposa, por umas 3 horas, vendo a passagem dos participantes.

Imagem 12 - Desfile na Fiesta de la Patria Gaucha, Tacuarembó, Uruguai



Imagem 13 - Desfile na Fiesta de la Patria Gaucha, Tacuarembó, Uruguai



Fonte: Acervo do autor.

Não há desfile a pé, mas, sim, junto ao animal símbolo, destacando a relação entre ambos os seres, homem e cavalo. Nesse evento, vê-se notoriamente que o sujeito coloca no equino um conjunto de arreios diferenciados, enfeitados com prata ou trançados com couro, de maneira muito elaborada para realçar a figura do animal. Seria como colocar uma roupagem de festa ou de luxo para apresentar nesse momento. Outro detalhe é a passada pela avenida - não é um simples andar como em qualquer outra situação. Nesse caso, o cavaleiro provoca um passo diferenciado do seu cavalo com o comando das rédeas, levando a cabeça do animal para o alto, fazendo que as trocas das patas sejam enérgicas; enfim, mostrando toda a força e realçando a beleza do equino. Por um lado, é a evidência do domínio sobre a montaria, mas, por outro, é uma mostra de empatia, carinho e respeito também ao cavalo.

A nossa rotina era sempre ir à festa depois do almoço, às vezes um pouco mais tarde, para assistir ao show musical e tomar umas cervejas. No dia final do evento, no domingo, fui ao espetáculo da “*jineteada*”. Combinei, no sábado, com Adrián, de irmos juntos, já que ele conhecia como comprar ingressos e como funciona a entrada na cancha. Ele comprou os ingressos e nos encontramos às 15 horas na casa em que estávamos. Fomos juntos à festa no carro dele. Quando chegamos, havia muita gente na entrada do prédio. Caminhamos até a cancha de doma, entramos no acesso apresentando os ingressos, e as arquibancadas já estavam lotadas. As provas já haviam começado um pouco antes da nossa chegada. Localizamos nossos lugares na arquibancada, sentamos e começamos a assistir ao evento. A particularidade dessas provas equestres é que os ginetes devem se manter por 20 segundos no lombo dos cavalos que são exemplares não domesticados; assim, eles rejeitam qualquer montaria.

As “*jineteadas*” são uma representação do estilo de domesticação que se fazia com os cavalos há bastante tempo. Hoje, essa atividade é feita de outra maneira, e o que ficou foi o espetáculo do ver os ginetes tentando se equilibrar sobre esses animais. Houve diferentes modalidades na montaria, como a “*montura*” oriental, que é com um tipo de sela e estribos, que difere de outra chamada de *basto argentino*, outro tipo de sela, que foi realizada na sequência; e de uma terceira modalidade, a de montaria em “*pele*”, sem sela, sem estribos, somente segurando um tento e uma alça presa na crina do cavalo. Passamos a tarde observando o espetáculo e meu interlocutor, Adrián, explicou-me sobre as tropilhas de cavalos, que são o motor desse evento. Esses cavalos são criados especificamente para essa atividade. Há um dono da tropilha que os leva para cada “*jineteada*” e ganha uma soma em dinheiro pela participação dos animais nesse evento. Há tropilhas conceituadas pela qualidade dos animais (raça, porte, força e caráter), o que faz bastante diferença na hora das competições.

Basicamente, a atividade resume-se em levar os cavalos para montar desde um curral, isto é feito por ginetes “*apadrinhadores*”. Os cavalos são amarrados a um poste (palenque), é colocada a sela por uma equipe. Logo depois que o ginete monta, é dada uma ordem quando está tudo de acordo com a prova, e solta-se o cavalo. O ginete deve manter-se no lombo do cavalo até um sino tocar depois de 20 segundos. Os cavalos pulam enlouquecidamente, correndo pela cancha, tentando se livrar do ginete. Os apadrinhadores seguram, depois do tempo, aquele cavaleiro que está competindo, caso ele não caia, e, depois, levam o animal de volta ao curral. Essa atividade é julgada por vários juízes, alguns na própria

cancha, outros localizados em um palco. Há vários critérios nesse julgamento que desconheço. O que me explicou Adrián é que, nessa competição, se atua por equipes pertencentes às sociedades tradicionalistas. Tanto os ginetes que competem quanto os apadrinhadores pertencem a essas agrupações. Esse evento repetiu-se todas as tardes da festa, mas nós estivemos presentes na final, na tarde de domingo.

Essas provas são bastante perigosas para ginetes, equipes de montaria, apadrinhadores e para os animais que se apresentam. O evento conta com duas ambulâncias com equipe médica que prontamente auxilia qualquer acidentado. Vimos várias ocorrências, e um ginete, nessa tarde, teve de ser hospitalizado. Além desse acidente, outros tiveram alguns cortes e feridas decorrentes de quedas e de golpes proferidos pelos animais. É bastante comum os cavalos caírem sobre os ginetes, e, muitas vezes, as equipes de montaria entram para ajudar a erguer os animais e acudir aos ginetes. O Evento finalizou com uma bela passeata dos cavaleiros envolvidos perto das oito da noite, quando já quase não havia mais luz do dia. Saímos satisfeitos, indo encontrar nosso grupo que viria mais tarde para o final da festa.

No Uruguai, são bastante frequentes as festas tradicionalistas e o evento da *jineteada*. O conjunto das atividades festivas é chamado de *Criollas*, sendo realizadas em várias localidades do país. Depois da criação das *Sociedades Criollas* no Uruguai, pelo médico de Montevideo Elias Regules, em 1894, o tradicionalismo nesse país tem muita importância na divulgação e na manutenção das festas em todo o território. As chamadas de *Criollas* são festas com provas campeiras e música regional que atraem a atenção da população e promovem também a socialização entre as sociedades tradicionalistas uruguaias.

A passagem por Tacuarembó propiciou uma importante guinada para esta pesquisa. Em princípio, nas viagens de ida e volta, o diálogo com meu interlocutor Fabrício foi de vital importância para compreender uma série de dinâmicas da vida na campanha, detalhes mínimos sobre a produção, tanto de pecuária como de agricultura. Depois, o convívio com o grupo, que também estava integrado por pessoas que trabalham com agro-veterinária e criação de gado, além de conhecer os círculos tradicionalistas gaúchos no Brasil. A partir dessa festa, também foi ficando claro o espectro de relações entre humanos e animais, e, a partir disso, a ideia de como os sujeitos campeiros vão criando suas perspectivas de vida.

Na Argentina, o tradicionalismo *gaucho* e suas entidades desenvolvem eventos de maneira similar ao que acontece no Uruguai e

no Brasil. Destaca-se, atualmente, a *Confederación Gaucha Argentina*, um tipo de entidade similar à Confederação Brasileira de Tradicionalismo. São as federações locais que regulam a tradição em cada província e, em cada federação, estão congregadas as associações. Segundo a própria definição dessa entidade, vemos que:

La Confederación Gaucha Argentina es la sede natural de las Federaciones del país; entidades que a su vez congregan a las agrupaciones, asociaciones, círculos, centros, fortines, descubiertas y otras sociedades cuya actividad específica sea el cultivo de las destrezas criollas, usanzas gauchas, artesanías camperas, artes, música, canción y bailes tradicionales. Nuestra tarea está orientada a la preservación de las tradiciones gauchas, y en ella está implícita la reformulación del estilo de vida nacional en busca de su autenticidad. Somos tradicionalistas por una meditada adhesión a las lúcidas causas que inspira la tradición gaucha; no somos “gauchistas”, por más que la imagen varonil del gaucho nos conduzca con fidelidad de guía. Sólo participamos a través de nuestras entidades naturales, siendo nuestra presencia en forma de auspicio a los movimientos que en el país se producen consecuentes con el tema de la preservación costumbrista. Somos un nucleamiento de voluntades que aspira a llevar adelante una idea y un proyecto preciso y amplio, en procura de afirmar la auténtica identidad argentina. La Confederación Gaucha Argentina no auspicia ni presta tipo alguno de apoyo a organizaciones llevadas a cabo con simples fines comerciales. Es nuestro objetivo, en colaboración con las 24 Federaciones del país, hacer del Gaucho una figura consolidada, protegida de las deformaciones, perdurable y creíble. Evitamos y rechazamos “innovaciones” no tradicionales, que se apartan del clásico perfil de nuestro hombre de a caballo y su evolución. En cada provincia habrá una sola Federación Gaucha. En la Argentina, una sola Confederación Gaucha. No somos una “empresa de eventos”, sino un puesto de custodia de la autenticidad en la cosa gaucha.

(CONFEDERACIÓN GAUCHA ARGENTINA, 2004, n.p.).

Os trabalhos de Maria Cecilia Pisarello também mostram o mapeamento das associações tradicionalistas argentinas. Essa pesquisadora também organizou um calendário com as festas tradicionalistas nacionais promovidas por essas organizações, mostrando a grande quantidade de eventos e a movimentada atividade em torno das tradições nesse país platino. No seu projeto *El tradicionalismo en los inicios del siglo XXI*, a autora propõe o tradicionalismo *gaucho* como um fenômeno social:

Este fenómeno al cual hacemos referencia que algunos llaman “movimiento social gauchó” alude a un conjunto de instituciones –agrupaciones gauchas, círculos criollos, agrupaciones tradicionalistas, peñas nativistas- que se nuclean en torno a un calendario festivo que tiene como ejes convocantes las destrezas ecuestres, el homenaje a los héroes que forman el panteón nacional y la conmemoración de las fechas patrias y un conjunto de fiestas que celebran la tradición. También fiestas religiosas como la peregrinación a caballo a Luján ó Itatí o la cabalgata a la Difunta Correa en San Juan. (PISARELLO, 2008, p. 3).

O tradicionalismo na Argentina registrou, ao longo do século XX, momentos de uma grande expansão em termos do surgimento de instituições. No início do século XX, os centros tradicionalistas pareciam reafirmar uma identidade mestiça, a identidade *criolla*, em oposição à Argentina pró-europeia e cosmopolita. Mesmo assim, muitos dos que se juntaram às fileiras desses centros eram estrangeiros. Como fenômeno institucional, isso levanta a defesa do *criollismo*, ante a ameaça que sugere, para alguns, a grande imigração nessa época na Argentina, que, em números, equivale, às vezes, à população das grandes cidades. Desde o final da década de 1980, houve um aumento de uma série de atividades sustentadas pelo tradicionalismo, como provas equestres, música folclórica e danças nativas com a intervenção de várias instituições. Atualmente, os participantes desses centros representam diversos setores do espaço social do campo e de outras áreas. De forma parecida ao tradicionalismo gaúcho no Brasil, as pessoas que frequentam esses centros transitam e pertencem a diferentes contextos como o rural, o urbano ou suburbano.

Estive em novembro na 77ª *Fiesta de la Tradición* em San Antonio de Areco³², uma celebração que se mostra direcionada quase por inteiro à relação ginete-cavalo, como o resto dos eventos que a envolvem. A tranquila cidade de San Antonio de Areco, designada pelo mote de “cidade da tradição”, fica a 120 quilômetros de distância da capital da Argentina, Buenos Aires. Tudo relacionado a San Antonio de Areco está associado à tradição *gaucha*, ao campo, à sua força e ao seu simbolismo. Nesse evento de celebração *gaucha*, a dinâmica da cidade muda também. No centro, realiza-se o desfile de cavaleiros e congrega-se a festa urbana, com autoridades e público, onde se torna diferente a atitude das pessoas, chegando-se a um ápice no sentido da identidade campeira. Tudo se centra em termos dos produtos turísticos, por exemplo, do artesanato gauchesco, roupas, artigos em prata e facas. Restaurantes, armazéns e venda de produtos regionais, como queijos, salames e conservas, fazem parte da estrutura, por isso os comércios e os comerciantes se preparam com antecedência para essa festa. Assim, de alguma forma, a cidade é vista como produto da tradição.

Dediquei-me, nos dias que antecediam ao sábado e domingo, às jornadas principais da festa, a participar da inauguração do evento, com tropilhas de equinos e, posteriormente, às atividades no *Parque Criollo* da chegada dos animais para a comemoração. Presenciei, no Museo Güiraldes, anexo ao parque, a apresentação dos paisanos Sergio e Edgardo, também meus interlocutores, preparando os arreios dos cavalos e a reunião das tropilhas que eles manejam no setor do parque. Essa atividade foi apresentada por um historiador que trabalha no museu como guia e também para a reconstrução de arquivos históricos do município. A apresentação foi feita para escolas, com relato das atividades que ali se apresentavam: as tropilhas de cavalos e uma tropa de vacas de raça criolla, um animal que somente se cria nessas instalações por ser de pouco valor comercial, mas de enorme valor histórico, uma espécie da época das colônias espanholas no Rio da Prata. Na sequência da apresentação, o grupo dirigiu-se para conhecer o museu.

Depois disso, conversei com o historiador Ariel nas dependências do Museo Güiraldes. Uma questão apontada por ele em

³² O dia da tradição *gaucha* na Argentina é comemorado em 10 de novembro, data do nascimento do poeta José Hernández, autor do emblemático poema Martín Fierro.

nossa conversa foi a de que o *gaucho* ainda existe e é uma classe social³³, fundamentada por algumas questões teóricas como linguagem, forma de vestir, características das tarefas desempenhadas. Além disso, o historiador mencionou que o tradicionalismo é algo específico, como representação do mundo *gaucho*, e a “cultura gaucha” é outra coisa, é a vida do *paisano*, do campeiro. Uma questão importante que Ariel afirmou foi que sem animais como o vacum e o cavalo o universo *gaucho* não existiria. Conversamos também sobre as épocas históricas do surgimento do *gaucho* (século XVII), do desaparecimento (século XVIII) e de um posterior ressurgimento como figura nacional na Argentina (final do século XIX, começo do XX), além dos fatos históricos que marcaram esse acontecimento. Nesse tema, o historiador mencionou que a música é uma das formas de manutenção desse universo por causa do que elas dizem. E, também, como manutenção de linguagem devido aos conteúdos. Outro assunto foi sobre as categorias de *paisano*, *criollo* e *gaucho*. As explicações foram todas sobre um marco teórico, sobre *gaucho*, como uma categoria geral, do habitante do Pampa, a de *paisano* como palavra “*gringa*” ou estrangeira, do italiano que se adapta ao campo, a do *criollo* como figura descendente dos primeiros espanhóis, ou europeus misturados com indígenas. Ao encerrar a conversa, ele afirmou que as transformações no campo, a questão da tecnologia e sua inserção no mundo campeiro parecem fundamentais, pelo menos para parte dos sujeitos que vivem nesse universo - amostra disso são as comunicações e o exemplo da genética na produção ganadeira.

Na sexta-feira, percorri as áreas que rodeavam o *Museo Güiraldes*, para presenciar a cerimônia de abertura da festa com as tropilhas do museu e seus paisanos. Observei, nesse dia, o movimento de barracas de artesanato, de algumas pessoas que já acampavam em volta do *Parque Criollo* e de uma movimentação bastante intensa nas áreas que margeiam o rio Areco. No sábado bem cedo, já havia muita atividade no *Parque Criollo*, pois vinham em caminhões de transporte os cavalos que faziam parte da festa - era o dia das provas equestres. Esses animais são os que se apresentam nas *jineteadas* e também nas evoluções feitas pelas tropilhas. Passei um bom tempo percorrendo toda a área e anotando coisas que observei e que me chamaram atenção. No local, alinhavam-se as barracas de artesanato gauchesco e de implementos para montaria, como arreios, rédeas, boçais, bastos, cinchas. Também nesse perímetro,

³³ O historiador apresentou um argumento muito similar ao discutido no Capítulo 1, mantido pelo autor uruguaio Fernando Assunção no seu livro *El Gaucho* (1963).

estavam sendo montadas as barracas de comidas e bebidas. Eram, principalmente, as churrasqueiras ou “*asadores*” que ganhavam espaço, alguns já tinham peças de carne no fogo, mesmo cedo. Perto dessas tendas de artesanato e artigos gauchescos, havia várias barracas dos participantes da festa para fazer o pernoite. Esses acampamentos fazem-se perto dos veículos que se usam para transporte particular ou das próprias tropilhas.

Depois de dar uma volta pela parte central do parque, cheguei à manga onde descarregavam os cavalos. O movimento era intenso, um caminhão atrás do outro se encostava à manga, descarregando os animais para a *jineteada* e para as provas de tropilhas. As manobras faziam-se com todo o cuidado para não quebrar nem o veículo nem as instalações de madeira. No procedimento, trabalhavam várias pessoas. Além do motorista, havia uma pessoa que abria a porta do caminhão e outra que subia no engradado superior para fazer que os animais saíssem do veículo. Na hora que eles entravam na manga, alguém sempre controlava a passagem, e, imediatamente, ingressavam em uma mangueira ou curral de pau a pique onde se tranquilizavam. Nesse curral, havia vários ginetes separando os cavalos e passando-os para outros compartimentos até a hora do evento, que seria à tarde. Fiquei um bom tempo nesse local e, depois, andei por outros lugares do parque, especificamente em uma área contígua ao rio Areco, onde vários participantes deixaram suas tropilhas livres, pastando e caminhando pelas matas ribeirinhas. Eram muitos equinos nesse momento na área, por todas as partes, de várias raças e pelagem. Havia gente a pé, ginetes trabalhando ou, simplesmente, cavalgando no local (Imagens 14 e 15).

Imagem 14 - Tropilhas na 77ª Fiesta de la Tradición, 2016, San Antonio de Areco, Argentina



Imagem 15 – Entrevero de tropilhas na 77ª Fiesta de la Tradición, 2016, San Antonio de Areco, Argentina



Fonte: Acervo do autor.

Depois do horário do almoço, começou uma atividade chamada de *entrevero de tropilhas*, na qual se misturavam todas as tropilhas na cancha com suas éguas madrinhas e *tropilheiros* (Imagem 16).

Imagem 16 - Tropilhas e tropilheiros na 77ª Fiesta de la Tradición, 2016, San Antonio de Areco, Argentina



Fonte: Acervo do autor.

Nessa edição da festa, apresentaram-se em torno de 80 tropilhas, em um momento havia quase 1000 cavalos na cancha. Essa atividade durou bastante tempo, quase duas horas até entrarem todos os animais. Ficaram na cancha somente aquelas tropilhas que participariam de outra destreza, que consistia em exibir os animais por parte do *tropilheiro*, descer do seu cavalo, colocar as maneias na égua madrinha para ela ficar parada e embuçalar um dos cavalos indicado pelo jurado da cancha. Cada tropilha e tropilheiro concorriam a uma premiação de acordo com a categoria dos animais³⁴. Essa atividade foi bastante longa, para depois começar com a *jineteada*. Como já foi dito, a *jineteada* é uma atividade que representa de alguma forma um tipo de domesticação feita antigamente, embora, atualmente, se conserve esse tipo de prática em alguns locais.

Depois de finalizar o espetáculo, voltei para onde estava hospedado. No caminho, parei no centro da cidade para registrar os preparativos do desfile de domingo. Estavam montados vários palcos onde estariam as autoridades e de onde se comandaria o desfile (Imagens 17 e 18). No centro, havia muitas pessoas caminhando no final da tarde, mas não observei nenhum movimento além do normal para um entardecer de sábado. Depois, fui para meu alojamento.

³⁴ As categorias são referidas ao estágio de domesticação que os animais se encontram: cavalos mansos, já domesticados; *redomones*, cavalos em fase intermediária de domesticação; e potros, ainda sem domesticar.

Imagem 17 - Palco montado para o desfile de domingo da 77ª Fiesta de la Tradición



Imagem 18 - Local da 77ª Fiesta de la Tradición



Fonte: Acervo do autor.

Após descansar um pouco e jantar, voltei ao parque para ver a penha folclórica e o baile no local ao lado do Museo Güraldes, na “*Pulperia La Blanqueada*”. Aquela área estava totalmente lotada de gente, quase não se podia andar nesse espaço de tanto público. Entrei por uma das porteiiras de acesso e tentei ver todo o movimento. Havia pessoas vestidas a caráter com botas, bombachas, chapéus, mas tinha muita gente com roupa social, do dia a dia, e alguns usavam a boina como identificador gauchesco. O público era tanto que se tornava difícil comprar bebida ou lanche. As cantinas distribuídas na área não davam conta, e havia muita fila em cada uma delas.

A música e a dança folclórica argentina é a atração principal desse evento. No pequeno palco no meio do jardim, iam acontecendo shows de forma ininterrupta, onde grupos musicais compostos por gente da cidade e da região contratados para o evento tocavam música folclórica da Argentina, acompanhada pelo canto do público e pelas danças. No meio dessa área, as pessoas agrupavam-se em casais dançando cada música executada, mostrando conhecimento de como eram as evoluções para cada ritmo tocado. As danças, nesses festejos da tradição, ocupam um lugar bastante importante, é um tipo de manifestação em que o povo, neste caso o público, participa diretamente e performatiza as coreografias de cada gênero musical. Observei vários conjuntos tocando e os grupos

de dança por algum tempo, mas meu cansaço era grande e devia guardar energias para o desfile de domingo, por isso decidi voltar para descansar.

A noite mostrava-se tranquila em Areco. Só alguns carros chegando para a penha e, no centro, algumas pessoas em bares e restaurantes. Assim que cheguei à casa dos meus primos, começou a chover, parecia reflexo do dia caloroso de sábado, mas me deixava com certa preocupação para o desfile de domingo.

O domingo amanheceu muito chuvoso, o que me deixou bastante frustrado, pois ver o desfile de tropilhas na cidade era importante, já que era o evento central e encerramento da festa. O evento estava marcado para as dez da manhã, mas, como a chuva nesse momento era tão intensa, foi suspenso. O tempo só melhorou a uma da tarde, por isso aproveitei para ir até o *Parque Criollo* para ver se havia alguma atividade. Quando cheguei, somente restava o final da cerimônia de encerramento da festa. Alguns fogões com assado espalhados nos cantos, muitos caminhões embarcando e levando as tropilhas no meio de um grande lamaçal (Imagens 19 e 20). Cruzei a cidade e vi vários ginetes com seus cavalos em um andar de tristeza pela suspensão do desfile, passando pelas ruas aparentemente sem direção definida. O final da *77ª Fiesta de la Tradición* e suas tropilhas foi marcado por essa cena.

Imagem 19 - Cerimônia de encerramento da 77ª Fiesta de La Tradición



Imagem 20 - Lama e tropilhas no final da festa



Fonte: Acervo do autor.

Da mesma forma que a festa comemorativa do *dia do gaúcho*, em Porto Alegre, ou da *Fiesta de la Patria Gaúcha*, em Tacuarembó, Uruguai, esse evento em San Antonio de Areco reveste-se do simbolismo e da forte ideia da representação do universo *gaúcho*. Essa festa é uma das mais importantes no calendário do tradicionalismo argentino, em que novamente a figura do ginete e os cavalos se tornam o centro de atrações, aqui manifestada no entrevero de trolilhas e no desfile de cavaleiros que encerra a festa.

A representação desse universo reforça-se nas roupas, nos objetos, na imagem da culinária por meio dos assados e do fogo, e, ainda, mais intensamente, pelo ambiente, pela paisagem que envolve o evento. É notória, tanto na festa de Tacuarembó como na de San Antonio de Areco, a participação dos sujeitos campeiros de várias categorias, como aqueles que vivem na campanha, os paisanos, ou os estancieros, criadores de gado, como também os sujeitos tradicionalistas que comandam os festejos do ponto de vista da organização do evento. Essa diversidade fazia-me refletir constantemente na constituição dessa subjetividade, constituída por representações e por situações reais do dia a dia da campanha. Foi o que no transcurso da pesquisa e da observação das festas ficaria mais claro: pensar os sujeitos campeiros que vão do simbólico à vida real, não como esferas complementares, mas, sim, como conjuntos do mesmo universo.

No próximo capítulo, apresentarei, em primeira instância, o movimento nativista, fundamentado basicamente em expressões artísticas e culturais, referenciado no Brasil e na Argentina como uma nova tendência e continuidade do tradicionalismo. O movimento nativista faz parte das representações e da criação do universo campeiro, carregando em suas formas artísticas um discurso sobre a figura simbólica do gaúcho/*gaúcho* e reforçando a ideia das tradições e da cultura gaúcha/*gaucha*. Para encerrar a primeira parte do trabalho, farei uma análise das criações da historiografia e da literatura sobre uma forma simbólica, às vezes chamada de mito, atribuída ao gaúcho a partir de narrativas e do ponto de vista de alguns autores.

CAPÍTULO 3

O MOVIMENTO NATIVISTA GAÚCHO, AS ARTES E A FORMA SIMBÓLICA

Apresento, neste capítulo, a descrição do Movimento Nativista como continuação do tradicionalismo gaúcho. Essa nova tendência teria nas artes sua expressão mais intensa, e com ares de renovação. Por meio da música e da poesia, seguiria criando a imagem do universo campeiro. A partir da literatura e de tendências da historiografia, surge um tema referido ao gaúcho/*gaucho* e seu universo: a forma simbólica, ou o que alguns autores denominam como o mito do gaúcho. A forma simbólica atribuída ao sujeito do Pampa será usada de maneira variada - como referência de comportamento para os sujeitos do gauchismo, ou como instrumento ideológico. O mito, como alguns se referem, acaba sendo uma construção retórica e analítica feita por historiadores, filósofos, folcloristas, analistas literários, tradicionalistas, sociólogos e antropólogos. Por esse motivo, nas próximas páginas, estabeleço uma análise mostrando as diferentes ferramentas utilizadas em cada área para construir a ideia da figura simbólica.

3.1 O MOVIMENTO NATIVISTA GAÚCHO, O NATIVISMO LITERÁRIO E MUSICAL NO PAMPA

O nativismo como movimento social e cultural é caracterizado por Anthony Wallace como um movimento de revitalização. Wallace define o conceito de revitalização como: “Um esforço deliberado, organizado e consciente dos membros de uma sociedade para construir uma cultura mais satisfatória” (WALLACE, 1956, p. 265)

A revitalização é, então, um tipo especial do fenômeno de mudança cultural, pois é inovadora e gera um novo sistema de relações e características culturais na sociedade onde acontece. Wallace cita Linton dizendo que: “‘Movimentos nativistas’, por exemplo, são movimentos de revitalização caracterizados por uma forte ênfase na eliminação de pessoas, costumes, valores, e/ou materiais estrangeiros [...]” (LINTON, 1943 *apud* WALLACE, 1956, p. 267). A formulação de Wallace torna-se importante já que ele observa o nativismo por meio do conceito de revitalização como se fosse um tipo de transformação cultural, e, em certa medida, seria o que acontece com o nativismo gaúcho.

Segundo Marshall Sahlins (1997), o conceito de Nativismo já era expresso por Linton em 1943, assim os movimentos nativistas são um dos

itens na pauta antropológica há mais de cinquenta anos. No seu texto *O pessimismo sentimental e a experiência etnográfica*, o autor observa a definição de Nativismo expressada por Linton (1943, p. 220 *apud* SAHLINS, 1997, p. 134): “[...] qualquer tentativa consciente e organizada, por parte dos membros de uma sociedade, de reavivar ou perpetuar aspectos selecionados da sua cultura”. O conceito de nativismo expressado por Linton, em 1943, pode ser remetido a vários movimentos surgidos no século XX em diferentes partes do mundo. O que basicamente formula esse antropólogo americano é a conduta que se observa em determinados povos da exaltação dos valores nativos e o seu uso na constituição da identidade local.

A literatura erige-se como uma das áreas artísticas com maior força na ordem das representações do gauchismo. Como já vimos, foi germe do tradicionalismo no Brasil. Na Argentina, a literatura teve enorme repercussão no século XIX e começo do XX, por meio dos movimentos do nativismo literário e da poesia gauchesca. Na América Latina, o nativismo literário foi uma manifestação artística significativa entre a metade do século XIX e começo do século XX. No contexto pampiano, é possível analisar o nativismo que acontecia na Argentina. No país vizinho, o nativismo configurava-se como um tipo de ideologia associada ao caráter latifundiário nacional do século XIX e começo do século XX, e, mais tarde, foi associado a uma corrente musical do folclore nacional.

Na Argentina, o nativismo literário manifestava-se de forma complexa por meio de diversos autores que faziam parte de um movimento literário que cobrou importância e força na segunda metade do século XIX, misturados ao rótulo de nativistas ou de poetas gauchescos. O poema de José Hernández *Martín Fierro* é considerado uma das obras mais importantes na corrente da literatura gauchesca. De certa forma, alguns analistas não consideram essa obra de caráter nativista, embora seja emblemática para a literatura argentina e regional, devido, principalmente, ao seu tom de crítica social. Essa vertente inspirou mais tarde o nativismo no Uruguai nas décadas iniciais do século XX³⁵.

O Nativismo existe hoje no Brasil como uma das correntes ideológicas dentro da cultura gaúcha e é caracterizado, segundo alguns

³⁵ Neste país platino, o seu maior expoente foi Fernán Silva Valdez, cujo livro emblemático chama-se *Agua del tempo*, publicado em 1922, com temáticas próprias do ambiente pampiano uruguaio, como as árvores, os animais, e o tipo de moradia do habitante da campanha.

autores e intelectuais do gauchismo, como um movimento artístico e social. Já a música do nativismo surgiu a partir da *1ª Califórnia da Canção Nativa*³⁶, festival que foi organizado em 1971, com o intuito de colocar várias expressões da música gaúcha nesse evento. A *1ª Califórnia da Canção Nativa* teve um sucesso de público muito grande e a efervescência cultural foi tão notória no Rio Grande do Sul que o estado se tornou epicentro dos festivais. A partir desse momento, a música regional gaúcha passou a ter um espaço artístico, que se tornou propício à criação de um discurso renovador e se transformou em arena de disputas estéticas e ideológicas entre duas linhas, a tradicionalista e a nativista.

Com o surgimento do nativismo, considerado como corrente renovadora da música gaúcha, abriram-se não somente caminhos novos no sentido musical como também se expandiram as temáticas na ordem política e social relacionadas ao gauchismo. Isso foi de fundamental importância para uma mudança em termos de crítica social e de discurso intelectual, fatos que trouxeram dinamismo cultural ao gauchismo e uma reformulação da postura e do relacionamento com o mundo atual. Com os festivais de música, pode-se observar um câmbio significativo na forma de compor e de executar as novas obras. Assim, o nativismo musical e os festivais tornaram-se veículos de uma forma diferente de pensar e representar o gaúcho e sua forma de viver. A música, a partir dos anos de 1970, tornou-se um eixo fundamental de construção, de expressão e de representação, e poderia ser pensada como veículo das transformações. Dessa forma, seus músicos, seus compositores e seus letristas são agentes nessa vertente que transformaram e ainda modificam as representações, a ideologia e a estética do gauchismo.

Caberia uma reflexão depois de ter revisado os movimentos tradicionalistas nos três países, e as artes relacionadas tanto a esses movimentos como ao universo gaúcho. Em primeira instância, o que a historiografia expõe seria uma forma de vida, sempre em processo de transformação, que se manifesta ao longo de anos no ambiente do Sul do Brasil e do Pampa platino. Esses registros apontariam para um conjunto de realidades de ordem social e geopolítico. Seria a partir dessas realidades regionais que se fundamentam as teses tradicionalistas gaúchas, como registros de permanência dos modos de vida da campanha.

³⁶ Esse assunto foi retratado na minha dissertação de Mestrado. Mostro as transformações que a música e seu discurso promoveram no pensamento do gauchismo. A dissertação trata de uma mudança no caráter do movimento social do gauchismo por meio do discurso musical. Dissertação intitulada *Transformações culturais no gauchismo através da música* (FERRARO, 2013).

Não por isso o tradicionalismo deixa de ser criador de situações, de expor a vida a partir de representações que, muitas vezes, não condizem totalmente com o real da campanha. Do mesmo modo, a arte relacionada a esse movimento, ou aquela simplesmente representativa da campanha. Tanto a literatura, como a música, como as artes plásticas criam e recriam o mundo campeiro, mas o fazem também a partir de uma representação do real. Deve ficar claro que o estilo da arte gauchesca é de um realismo contundente em todas as suas expressões, ela é uma arte realista. Embora todas as situações representadas, tanto nos relatos literários, na música, como também em pinturas e esculturas, partam do imaginário dos artistas, resulta evidente que as obras retratam um mundo possível. Inegavelmente que, a partir da atuação desses intelectuais orgânicos, teóricos e artistas, se apoiam as tradições gaúchas em todas as manifestações, ideológicas e artísticas. Por isso, considero esses sujeitos como partes do universo campeiro. Tratarei especificamente disso mais adiante, no Capítulo 6.

Na sequência, minha proposta é uma análise da literatura, da historiografia e do tradicionalismo gaúcho como veículos de enaltecimento do homem campeiro, como figura simbólica do Pampa, chamado também de mito do gaúcho/*gaucho*.

3.2 A FIGURA SIMBÓLICA OU O MITO DO GAÚCHO/GAUCHO

Especificamente, tentarei esclarecer o que é chamado de mito do gaúcho/*gaucho*, como se constrói, e como serviria de referência ideológica para o grupo social do gauchismo e suas diferentes categorias, tanto no tradicionalismo, como vê nos sujeitos que vivem na campanha. Deve ficar claro que a criação desse mito se faz e se sustenta na literatura, nos relatos historiográficos e nas observações de alguns folcloristas e teóricos da tradição.

O uso da palavra mito aparece como a condensação do que incorporou o gaúcho/*gaucho* em termos históricos e serve para caracterizar em uma figura impessoal um tipo ideal de sujeito campeiro. Esses atributos e esses valores do sujeito ideal são produto da interação e a agência com o ambiente, com outros sujeitos, com o desenvolvimento geopolítico e econômico do contexto pampiano, e, principalmente, com os animais. A forma simbólica cresceu em função de narrativas literárias e historiográficas, apesar de que os historiadores nem sempre usam ou assinalam o gaúcho/*gaucho* como mito, mas, sim, como uma realidade consequente de todas as vicissitudes apresentadas anteriormente. São importantes fontes para esta discussão as que vêm da literatura, como

também os argumentos e os discursos mantidos pelo tradicionalismo, usados para sustentar a continuidade desse movimento social. Assim, a construção dessa personagem simbólica apresenta-se ora conjugado em textos, ora por meio do discurso oral.

Para criar uma reflexão sobre o tema, é conveniente analisar a historiografia, assim como algumas considerações que fazem parte da filosofia, da hermenêutica ou da semiologia. No entanto, são as contribuições da literatura, por intermédio de algumas obras, que sugestivamente apontam para a existência de algumas personagens que encarnam caracteres diferenciados e particularmente simbólicos desse universo campeiro. A partir de todas essas ferramentas teóricas, torna-se primordial o que o campo da experiência e do convívio com os sujeitos nos mostra como realidade, para confirmar a existência da ideia do simbolismo, e de como este age sobre os sujeitos do gauchismo. Tentarei discorrer a seguir sobre algumas das linhas teóricas e convergências que servem para mostrar o uso e as apropriações da forma simbólica a que estou me referindo.

3.3 UMA REVISÃO TEÓRICA SOBRE MITO E SUA INSERÇÃO NO CAMPO GAÚCHO/GAUCHO

A ideia do mito manifesta-se como uma construção retórica utilizada por uma comunidade, que tem, por meio de uma figura simbólica, um elemento norteador, algo que geralmente permeia em todos os seus níveis sociais. James Weiner (2002) faz referência ao mito, observando-o como:

[...] an expression or crystallization of centrally important cultural tenets or principles, as the authorization of some conventional state of affairs, frequently bolstered by reference to the activities of mythic creator beings. Myth in this view becomes a charter for social reality, an origin story of how the world and the humans in it came to be in their present form. Such a view assumes that there is a self-evident distinction between social reality and the ways people have of discursively depicting it to themselves; in short, a distinction between the

world and ways of talking about it. (WEINER, 2002, p. 591).³⁷

O enquadre linguístico apontado por Lévi-Strauss é de alguma forma o que a maioria dos estudos sobre mito apontam, no sentido de analisar narrativas a partir de um referencial teórico linguístico. No entanto, o que é importante em Lévi-Strauss é a questão em que ele nota que o mito não é simplesmente comparável em estrutura à linguagem:

To invite the mythologist to compare his precarious situation with that of the linguist in the prescientific stage is not enough. As a matter of fact we may thus be led only from one difficulty to another. There is a very good reason why myth cannot simply be treated as language if its specific problems are to be solved; myth is language: to be known, myth has to be told; it is a part of human speech. In order to preserve its specificity we should thus put ourselves in a position to show that it is both the same thing as language, and also something different from it. (LÉVI-STRAUSS, 1955, p. 430).³⁸

Além de pensar na transcendência temporal do mito, seu valor operacional e sua forma flexível de explicar o presente e o passado nas sociedades:

³⁷ “[...] uma expressão ou cristalização de pilares ou princípios culturais de importância central, como a autorização de algum estado convencional de eventos, frequentemente reforçado por referência às atividades de seres criadores míticos. O mito, nessa visão, torna-se um estatuto da realidade social, uma história de origem de como o mundo e os humanos nela passaram a ser em sua forma atual. Tal visão pressupõe que existe uma distinção auto-evidente entre a realidade social e as formas como as pessoas têm de descrevê-la discursivamente para si mesmas; em suma, uma distinção entre o mundo e as formas de falar sobre ele”. (WEINER, 2002, p. 591).

³⁸ “Convidar o mitólogo a comparar sua situação precária com a do linguista no estágio pré-científico não é suficiente. De fato, podemos ser levados apenas de uma dificuldade para outra. Há uma razão muito boa para que o mito não possa simplesmente ser tratado como linguagem, se seus problemas específicos forem resolvidos; mito é linguagem: para ser conhecido, o mito deve ser contado; é uma parte do discurso humano. A fim de preservar sua especificidade, devemos nos colocar em posição de mostrar que é a mesma coisa que a linguagem e também algo diferente dela.” (LÉVI-STRAUSS, 1955, p. 430).

[...] what gives the myth an operative value is that the specific pattern described is everlasting; it explains the present and the past as well as the future. This can be made clear through a comparison between myth and what appears to have largely replaced it in modern societies, namely, politics. (LÉVI-STRAUSS, 1955, p. 430).³⁹

Na análise do autor, destacamos a questão das relações entre o que ele chama de unidades constitutivas do mito, mais especificamente de um fechamento dessas relações para entender a estrutura mítica. No caso do gaúcho como um mito, é bastante difícil definir essas unidades constitutivas. Torna-se inviável, portanto, pensar em estruturas. Partindo das narrativas, vemos que o mito do gaúcho se recria em várias personagens da literatura, o que de certa forma poderia se constituir como uma repetição. Poderia ser pensado que o mito do gaúcho é basicamente o mesmo transposto para várias personagens, ora reais, ora ficcionais. Sobre isso, o autor refere-se a essa recorrência ou repetição como:

First, the question has often been raised why myths, and more generally oral literature are so much addicted to duplication, triplication or quadruplication of the same sequence. If our hypotheses are accepted the answer is obvious: repetition has as its function to make the structure of the myth apparent. (LÉVI-STRAUSS, 1955, p. 443).⁴⁰

Contudo, torna-se difícil um aprofundamento com base na análise de transformações estruturais. Ainda, do ponto de vista do conceito antropológico de mito, este não é mencionado nem narrado pelos

³⁹ “[...] o que dá ao mito um valor operativo é que o padrão específico descrito é eterno; explica o presente e o passado, assim como o futuro. Isso pode ser esclarecido por meio de uma comparação entre o mito e o que parece tê-lo substituído em grande parte nas sociedades modernas, a saber, a política.” (LÉVI-STRAUSS, 1955, p. 430).

⁴⁰ “Em primeiro lugar, muitas vezes se levantou a questão de por que os mitos e, mais geralmente, a literatura oral são tão viciados em duplicação, trilhação ou quadruplicação da mesma sequência. Se nossas hipóteses forem aceitas, a resposta é óbvia: a repetição tem como função tornar a estrutura do mito aparente.” (LÉVI-STRAUSS, 1955, p. 443).

nativos a partir dos seus antepassados - a maioria dos casos são narrativas criadas por literatos, historiadores, folcloristas ou outros pesquisadores. Retomarei mais adiante o discurso nativo sobre figuras campeiras de referência, em termos de saberes e habilidades, o que servirá para esclarecer a questão.

Aportando o dito por outros autores sobre este tema, Ernst Cassirer (2001) desenvolve em seu livro *Filosofia das formas simbólicas* uma espécie de fenomenologia do conhecimento, pensando na apreensão humana do mundo, nunca passiva, mediada pela espontaneidade da mente. No ensaio *Linguagem e Mito* (CASSIRER, 1992), o autor pretende estabelecer conexões entre língua e mito por meio de experiências etnológicas atreladas à filosofia das formas simbólicas. “Deste ponto de vista, o mito, a arte, a linguagem e a ciência se tornam símbolos: não no sentido de que designam, na forma de imagem, ... um real existente, mas sim, no sentido de que cada uma delas gera e parteja seu próprio mundo significativo [...]” (CASSIRER, 1992, p. 22).

Para Cassirer (1992), o mito, a arte, a linguagem e a ciência não são uma simples reprodução de algo. Dessa forma, tornam-se símbolos não no sentido de alegorias, mas como geradores de um mundo significativo. Assim, as formas simbólicas não são imitações, são, segundo o autor, órgãos da realidade, e, por meio desta, são objetos de apreensão intelectual e tornam-se visíveis para o ser humano. A partir disso, o autor vê a necessidade de apreensão dessas formas simbólicas:

A apreensão e interpretação míticas não se associam posteriormente a determinados elementos da existência empírica; ao contrário, a própria “experiência” primária está impregnada, de ponta a ponta, deste configurar de mitos e como que saturada de sua atmosfera. O homem só vive com as *coisas* na medida em que vive nestas *configurações*, ele abre a realidade para si mesmo e por sua vez se abre para ela, quando introduz a si próprio e o mundo neste *médium* útil, no qual os dois mundos não só se tocam, mas também se interpenetram. (CASSIRER, 1992, p. 23-24, grifos do autor).

Em Cassirer, os mitos ou a mitologia evidentemente são de alguma maneira a sustentação para as formas de pensamento humano. Para o autor, poderia ser resumido como:

O que chamamos comumente de mitologia nada mais é que um resíduo de uma fase muito mais geral do desenvolvimento de nosso pensar; é apenas um débil remanescente daquilo que antes constituía todo um reino do pensamento e da linguagem. “Jamais se conseguirá compreender a mitologia, enquanto não se souber que aquilo que chamamos antropomorfismo, personificação, ou animismo, foi, há muitíssimos séculos, algo absolutamente necessário para o crescimento de nossa linguagem e de nossa razão. Seria inteiramente impossível apreender e reter o mundo exterior, conhecê-lo e entendê-lo, concebê-lo e designá-lo, sem esta metáfora fundamental, sem esta mitologia universal, sem este ato de insuflar nosso próprio espírito no caos dos objetos e de refazê-los, voltar a criá-los, segundo nossa própria imagem. (CASSIRER, 1992, p. 104).

Reparemos que esse autor relaciona o mito e sua constituição a um tipo de necessidade de comunicação da sociedade. Nesse caso do mito gaúcho, serviria para mostrar e pautar questões de moral, de lealdade, de valentia, da relação com o ambiente, do domínio da natureza. O que neste caso particular não seria outra coisa que uma forma de discurso apropriada por algumas das expressões artísticas e ideológicas que já foram mencionadas. A existência e a constituição do mito do gaúcho seriam possíveis ou estariam condicionadas a partir das experiências, da apreensão do significado dessa forma simbólica na prática e do que esse simbolismo significaria para a comunidade em que o mito fosse revivido.

Na proposta teórica do semiólogo Roland Barthes, o mito poderia ser revisto de outra forma. Em primeira instância, ele diz que o mito é uma fala, mas não é qualquer uma, e deve haver condições especiais nela para que a linguagem se transforme em mito (BARTHES, 2001). O mais importante para o autor é que o mito deve se definir, ou melhor, devemos entendê-lo como um sistema de comunicação, isto é, como uma mensagem. Barthes afirma que tudo pode se tornar mito, já que o universo é infinitamente criativo. Todo mito expressa algo, é um tipo de linguagem que pode ser uma fala ou uma imagem, ou um objeto, e que, para ser entendido, precisaríamos explicar seus significados. A síntese que o autor propõe se manifesta por meio de uma cadeia de relações tramadas sobre um olhar da linguística saussuriana, isto é, um sistema semiológico específico de significante, significado e signo. Em realidade, Barthes

(2001) expressa que o mito é um sistema particular que se constrói a partir de uma cadeia semiologia preexistente. Ele é um sistema duplo, ou seja, dois sistemas entrelaçados: o signo no primeiro sistema se transforma no segundo em significante (as falas, imagens ou objetos são a matéria prima). Dito de outra forma, entendemos que são dois sistemas semiológicos deslocados, um é o da linguagem (modos de representação e a linguagem objeto); e outro é o próprio mito (metalinguagem), que seria uma segunda língua que fala da primeira, como podemos ver na Figura 6, presente no seu livro *Mitologias*:

Figura 6 - Quadro representativo da análise das narrativas que se tornam mito



Fonte: Barthes (2001, p. 137).

Para Barthes (2001), na constituição do mito, é fundamental a questão da apropriação dos seus conceitos. Nessa situação de apropriação de conceitos, encontramos também a menção sobre a sua flexibilidade. Não há rigidez nesses conceitos, eles podem construir-se, alterar-se, desfazer-se, até desaparecer, pois os conceitos míticos são históricos, podem ser suprimidos e, a partir disso, eles podem reformular-se por meio de neologismos, dando a atribuição de novos sentidos às palavras já existentes na língua. A questão da fluidez dos conceitos, para Barthes (2001), tem relação com um processo dinâmico de apropriação e uso do mito que se realiza por meio da própria história, expressando, assim, a transformação da forma mítica.

Outro ponto que resulta importante em Barthes (2001) é sobre a politização do mito. Em princípio, o autor assinala que, no sentido profundo das relações humanas e na sua estrutura real e social, o mito tem poder de construir o mundo, na sua essência. O autor diz que há sempre em qualquer fala um mínimo de vestígios políticos; dessa forma, existem mitos fortes com um quantum político imediato, e mitos fracos, em que a

política é pálida, podendo ressurgir em um traço mínimo. Por isso, Barthes (2001) reforça que os homens não mantêm com o mito relações de verdade, mas, sim, de utilização: despolitizam-nos segundo as suas necessidades. O mito é um valor, basta modificar o que o rodeia para determinar o seu alcance.

A partir da visão do Barthes, surgem alguns elementos para pensar no simbolismo do gaúcho. Para começar, a proposição do mito constituir-se em uma fala, um discurso, ou uma narrativa, que pode ser qualquer uma, mas com a condição de comunicar algo, de ser uma mensagem. Como já foi visto, são recorrentes no universo gaúcho as histórias, os contos e os causos, o que os tornaria um campo fértil para transformá-los em mito. Nessas narrativas, existe de fato a transmissão de conteúdos, que, como já vimos, seriam os que configurariam o mito. A linguagem das histórias gauchescas forma a primeira cadeia de significados, e a segunda cadeia, o próprio mito, o conceito ou forma se apresenta como metalinguagem, o mais importante a ser apropriado, completando a comunicação.

Outra ideia importante seria a de que uma imagem pode ser o mito, por meio do que representa e, fundamentalmente, do que ela comunica. A respeito disso, encontramos no mundo gaúcho/*gaucho* um número significativo de pinturas e esculturas, representando cenas e personagens. Nos três países do Pampa, observam-se artistas emblemáticos dedicados inteiramente à imagética do gauchismo, o que denota a intenção de criar em representações gráficas tanto as formas simbólicas como a completude do seu contexto. A análise das obras gaúchas mostra de maneira bastante eloquente as mensagens contidas, sejam nas pinturas, gravuras ou monumentos, imprimindo em traços os conteúdos simbólicos.

O que interessaria também em Barthes (2001) para o fim desta investigação é sobre o conteúdo político, pois, como ele afirma, existe uma questão de conveniência para politizar ou despolitizar o mito. É evidente que, tanto na ressemantização do termo gaúcho como na apropriação da forma mítica na literatura, ou, posteriormente, no discurso do tradicionalismo, há uma notável politização. Recompôr a imagem de bandido para herói, descrever atributos, mostrar aspectos negativos ou positivos do sujeito, ou usar o conceito e a forma como indicadores irrestritos de identidade regional são marcas sérias das intenções de politizar o mito.

A partir das ideias expostas por meio desses autores, faço uma análise de como se criou a figura simbólica ou o mito no contexto

pampiano, ressaltando a importância da arte, neste caso a literatura, e de algumas linhas da historiografia.

3.4 A CRIAÇÃO DO MITO NO SUL DO BRASIL

No sul do Brasil, a produção do simbolismo gaúcho e, mais concretamente, o uso do termo mito canalizam-se de forma bastante específica na literatura do século XIX e começo do XX, como também na criação do discurso dos órgãos tradicionalistas. Esse processo de manejo da figura mítica não é estranho na Argentina e no Uruguai. No entanto, há um sentido diferente de como é visto o gaúcho/*gaucho* nos três países. Devemos lembrar que, tanto na Argentina como no Uruguai, o *gaucho* tem um sentido de figura nacional, isto é, em todo o país, ele se manifesta de forma quase homogênea⁴¹. Já, no Brasil, é notadamente uma expressão regional concentrada nos três estados sulinos⁴², embora a diáspora ou a desterritorialização gaúcha levasse essas manifestações culturais para outras regiões e, também, para o exterior do país (OLIVEN, 2006). Esse sujeito campeiro é nomeado para marcar a identificação regional em todos os seus conceitos, um sujeito que se diferencia notavelmente dos outros das diversas regiões do país.

Sobre a crítica à apropriação do simbolismo de maneira ideológica, a historiografia do Rio Grande do Sul abriu um precedente considerável por meio dos trabalhos de Tau Golin e Sandra Jatahy Pesavento. Em *A Ideologia do Gauchismo* (GOLIN, 1983), seu autor aponta para um conjunto de manipulações ideológicas construídas na base do mito, como a citação que faz do historiador Décio Freitas:

⁴¹ A criação da figura nacional do *gaucho* na Argentina, e por reflexo no Uruguai, é citada por analistas a partir da escrita do livro *Facundo: Civilización y barbarie*, de Domingo F. Sarmiento (1845), e do poema de Jose Hernandez *Martin Fierro* (1872). Essa figura nacional é depois retomada pelo escritor Leopoldo Lugones em 1913 a partir de uma série de conferências e releituras do poema de Hernandez. Neste capítulo, faço uma análise da obra de Carlos Astrada *O mito gaucho* que versa sobre esse assunto.

⁴² Menciono aqui os estados do Rio Grande do Sul, de Santa Catarina e do Paraná como redutos do gauchismo, isto é, locais onde se concentram manifestações mais fortes da forma de vida rural e de pensamento em torno da figura mítica criada em torno do gaúcho. O caráter de figura regional é apontado por Oliven (2006) e por Ribeiro em *O povo Brasileiro*.

Percebendo as vantagens do mito, as novas elites urbanas se apropriariam e o promovem através dos seus aparelhos ideológicos, o folclore, a literatura a historiografia, a poesia. Desta forma, embevecidos na contemplação e na recordação de um passado mítico, os homens se conformam com o presente e deixam de sonhar com o futuro. (FREITAS, 1980 *apud* GOLIN, 1983, p. 14).

Essa ideia da articulação ideológica é retratada por Golin em outra menção do diário *O Gaúcho*, publicação de 20 de janeiro de 1902:

O nosso passado se resume nossa raça forte e galharda, oriunda de um belo cruzamento, raça que o termo gaúcho sintetiza em pitoresca acepção, e que, habitando esta formosa parte do planeta, escreveu na relva destas coxilhas inúmeras epopeias de civismo e valor. (GOLIN, 1983, p. 33).

Nesse excerto, como o autor aponta, havia já na época um tipo de manejo do simbolismo apontado para um viés ideológico. No entanto, foi no período de reorganização do tradicionalismo, em 1948, que convergem de forma mais clara a fusão do simbolismo e a ideologia. Em 1968, outro intelectual do MTG, Glaucus Saraiva elaborou o *Manual do tradicionalista* e, também, a *Carta de Princípios do Tradicionalismo*. Nesse documento, Saraiva estabelece um tipo de pacto ideológico entre tradicionalistas para evitar “[...] o detrimento dos princípios da formação moral do gaúcho” (*apud* GOLIN, 1983, p.67). Nesse caso, Golin observa que existe uma apologia ao passado e um resgate de uma imagem completamente positiva do mundo, um tempo sob a égide dos heróis rio-grandenses:

O gaúcho deixa de ser um ser social para passar a ser um símbolo mitificado. Para que não seja claro e pacífico que seus descendentes continuam os sem-terra, marginalizados, e com débeis conquistas sociais, estabeleceu-se toda uma gesta em torno desse grupo social. Sufoca-se a visão real de que para o Rio Grande do Sul colonial, monárquico e oligárquico oficial não poderia existir figura mais odiosa que a do gaúcho verdadeiro. (GOLIN, 1983, p. 67).

O simbolismo ou o mito serviriam, nesse caso, para mascarar uma visão que não condizia com a realidade e, inevitavelmente, trazer uma construção ideológica baseada na história dos seus protagonistas assim mitificados.

No sul do Brasil, a busca por constituir uma figura do gaúcho como mito expressa-se claramente por meio do evento da Revolução Farroupilha de 1835. Os historiadores Jocelito Zalla e Carla Menegat referem-se à gesta Farroupilha como o ato que é atualmente reconhecido como a verdadeira matriz do simbolismo (ZALLA; MENEGAT, 2011). Eles apontam que o episódio farrapo se constitui ele mesmo como mito, basicamente em cinco momentos chave:

- a) as batalhas discursivas no seio do próprio movimento; b) a configuração de uma memória marginal e negativa da revolta, após a resolução do conflito; c) a celebração do episódio pela geração republicana do final do século XIX; d) a reabilitação definitiva da Revolução pela memória histórica oficial, nas primeiras décadas do século XX; e) o retorno festivo do mito, com o surgimento do *movimento tradicionalista gaúcho*, a partir do final da década de 1940. (ZALLA; MENEGAT, 2011, p. 50).

A partir desse quadro, os historiadores descrevem cada um dos momentos, com detalhes que explicam sobre as apropriações de cada período. Como podemos ver nesse excerto, partindo de batalhas discursivas no seio do movimento tradicionalista, a figura do gaúcho passa pela transformação de um sujeito marginal, para ser o eixo da revolução apropriado pelo discurso republicano, reabilitado pelo discurso oficial no século XX, retornando de forma festiva por meio da constituição do MTG em finais de 1940. Esse processo é realmente significativo, pois propõe fases da transformação da forma simbólica da figura do gaúcho.

Trata-se, dessa maneira, o mito constituído por um conjunto de situações, em que a figura do gaúcho se encontra envolvida de forma central. Para Zalla e Menegat (2011), o mito é o próprio episódio Farroupilha.

[...] a celebração do episódio custou a emergir como possibilidade cívica no cenário regional; antes, foi necessário esquecê-lo, condená-lo, ressignificá-lo, numa linha tortuosa e descontínua

que acompanhou o devir histórico do Rio Grande, suas transformações sociais, a ascensão de novas gerações de políticos e intelectuais, a organização profissional da memória, os novos embates pelo poder e, claro, a relação muitas vezes tensa com o centro do país... Nesse exato ponto se encontra a Revolução Farroupilha, aliada ao mito do gaúcho pampiano. O lastro social que o tema possui é mensurável pela apropriação quase obrigatória que qualquer grupo tem de realizar ao construir uma pauta reivindicatória geral para o Rio Grande do Sul ou a disputar os rumos da cena política interna, reproduzindo a sensação de unanimidade sobre a identidade regional. Mas, como vimos, sua trajetória é outra, ao que tudo indica, o grande sucesso do mito se deve justamente à história de disputa, que fornece, aos atores de hoje, palheta variável de recursos identitários, um repertório de símbolos ao mesmo tempo coeso e múltiplo. (ZALLA; MENEGAT, 2011, p. 68).

Dentro da historiografia, Sandra Jatahy Pesavento (1989), em seu artigo *Mito e História*, aponta para a construção do mito como um estereótipo do Rio Grande, uma instrumentalização ideológica em relação à hegemonia de certos grupos de elite. De acordo com a autora, a situação é impulsionada pelos meios oficiais ligados aos interesses de classes dominantes, que recorrentemente se valeram da história como meio de instrumentalização para se apropriar de um passado glorioso atribuído aos heróis farroupilhas (PESAVENTO, 1989, p. 56). Além disso, ela problematiza o uso da imagem de uma figura heroica, que, em certa forma, sempre foi um subalterno dos interesses da elite. A ideia que a classe dominante constrói de si mesma se projeta na figura do gaúcho mítico e passa a ser aceita por todas as demais camadas sociais. Pesavento faz uma crítica à historiografia oficial regional, que elimina o conflito baseado em uma suposta identidade de interesses comuns, visão do passado só de uma classe que se autodenomina representante dos interesses da sociedade. Isso força uma imagem de Rio Grande do Sul por meio de um gaúcho mitificado que personifica com suas virtudes o povo do estado em geral.

Em relação ao uso do simbolismo e à criação do mito, a historiadora refere-se a uma “fase dourada” ou “idílica” do passado histórico gaúcho, no século XVIII, quando se constituíam as bases de uma sociedade militarizada para defesa das fronteiras e dos rebanhos. Nesse

período, o Império outorgara autonomia para que os proprietários de terra e criadores fomentassem uma sociedade guerreira e pastoril baseada na mão de obra e na lealdade militar dos peões das fazendas (PESAVENTO, 1989). Com o passar do tempo e a integração do Rio Grande à cena nacional, por volta das décadas de 1930 e 1940, como celeiro do país e fornecedor de carne, consolida-se a imagem saudosista do tempo em que os pecuaristas dominavam o contexto regional. Firma-se, também, a historiografia oficial, glorificadora do passado, exaltadora das virtudes do povo rio-grandense, dignificando os seus heróis (PESAVENTO, 1989).

A historiadora Carla Gomes (2009) aponta, em seu livro *De Rio-Grandense a Gaúcho: o triunfo do avesso*, a construção simbólica do habitante do estado por meio de uma ressemantização dos seus principais adjetivos gentilícios, fato consumado na literatura local. Essa construção vem norteadas pela análise que Gomes (2009) faz sobre o livro de Augusto Meyer *Gaúcho, história de uma palavra*, de 1941, em que o autor aponta as transformações da personagem, de bandoleiro, pária social até meados do século XIX, para o gentílico cavaleiro dos Pampas, força vital nas fazendas de criação de gado. O que Carla Gomes ressalta é que essa mudança é operada basicamente por uma série de transformações semânticas e suas respectivas funções sociais. Outro ponto de apoio da autora é a referência do livro do antropólogo Rubem Oliven *A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil-Nação*, de 1992, que se erige como uma crítica do modelo dominante de identidade regional e detalha o percurso do investimento intelectual para construir essa identidade e o imaginário regional.

3.5 A CRIAÇÃO DO MITO NA LITERATURA GAUCHESCA RIO-GRANDENSE

A literatura gauchesca em todos os contextos, o platino e o rio-grandense, erige-se como um grande reservatório de narrativas, e como um vasto campo para pensar na ideia da criação do simbolismo e do mito. No material referente à literatura rio-grandense, segundo analistas, críticos e os próprios historiadores, faz-se menção a uma transformação gradativa na construção da referida forma simbólica. Mostra-se um período de construção e outro de desconstrução: o primeiro evidenciado pela mudança do caráter da figura do gaúcho, de bandido para herói; e o segundo mostrando narrativas sobre algumas personagens, como também a precariedade da vida do campeiro.

O consenso geral dos analistas aponta para a fundação da *Sociedade Partenon Literário*, em 18 de junho de 1868, como o ponto de partida da fase e enaltecimento da figura simbólica. Suas figuras principais eram José Antônio do Vale Caldre e Fião e Apolinário José Gomes Porto-Alegre. Caldre e Fião, em 1851, tinha lançado o livro *O Corsário* que retratava a personagem campeira, texto de pouca aceitação. Em 1870, José de Alencar publica *O Gaúcho*, um livro que apresenta um universo romanceado e que recebe críticas por não ser retratada a “realidade” do campo. A resposta do grupo do *Partenon Literário* veio com Apolinário Porto-Alegre, que publicou, em 1872, *O Vaqueano*. A *Sociedade Partenon* geralmente publicava seus conteúdos referentes à gesta Farroupilha de 1835, demonstrando que a literatura regionalista de época acompanhava o enaltecimento do gaúcho, como também um discurso político sobre a consolidação de setores sociais dominantes baseados na economia pecuarista.

No início do século XX, a literatura seguia representando o mundo gaúcho. Seu principal autor era Simões Lopes Neto, cuja obra emblemática foi *Contos Gauchescos*, de 1912, e *Lendas do Sul*, de 1913. A particularidade é que, nesse caso, o autor coloca como narrador dos contos um peão pobre, Blau Nunes. Nas obras do Simões, parece ficar clara a constituição mítica nas narrativas. A análise desse momento é que em todo o Pampa há transformações substanciais em termos da propriedade privada. Estão delimitadas as estâncias de forma concreta, o sujeito campeiro já não tem a liberdade de circulação de outrora, e surge a necessidade de empregar-se como mão de obra no trabalho rural.

Na década de 1930, no Rio Grande, destaca-se um movimento na literatura chamado de modernista, que tem em Érico Veríssimo e Cyro Martins seus mais notáveis expoentes. Alguns críticos formulam que ambos os autores são antagônicos, pois Martins retrata na sua obra um gaúcho pobre, e Veríssimo ainda enaltece uma personagem de elite. Cyro Martins publica a trilogia do gaúcho a pé com *Sem Rumo* (1937), *Porteira Fechada* (1944) e *Estrada Nova* (1957), enquanto Veríssimo também lança *O tempo e o Vento*, com marcada ênfase na paisagem e na figura simbólica do gaúcho. Aponta-se notoriamente que, na descrição do *Gaúcho a Pé*, Martins refere-se ao passado como algo idílico nas suas personagens; já Érico Veríssimo mostrava uma lenta desconstrução da figura mítica. Nos dois primeiros volumes de *O Tempo e o Vento*, *O continente* e *O retrato*, a saga da família Terra Cambará é firmada em cima do enaltecimento de personagens como os dois *Rodrigos*, avô e neto. No terceiro volume, *O arquipélago*, o gaúcho vai mudando, deixa o campo e se integra à cidade. A partir desse panorama e do retrospecto

histórico da literatura regional, fundam-se várias questões analíticas demonstradas por alguns autores.

Para Elizabeth Lara (1985), a formação do mito na literatura tem fundamento nas características do sujeito histórico baseado em alguns aspectos relatados a seguir:

O conceito do mito é todo um conjunto de fatores, algo diluído, que, neste caso, constitui o modo de ser do gaúcho, os fatos originários de sua formação histórica, na terra e na guerra: o espírito aventureiro e guerreiro, a coragem, a agressividade, a energia e o sangue frio. O gaúcho revestiu estas características gradativamente, durante suas vivências diversas. A forma do mito do gaúcho, aquilo que é visível, transparece no seu traje característico: bombachas, botas, laço no pescoço, chapéu, esporas; nos seus utensílios de trabalho: faca, laço; nos seus hábitos: alimentar-se de churrasco, tomar chimarrão, fumar cigarro de palha; e na linguagem: usar expressões típicas da região, juntamente com os castilhanismos. Estes são signos que se mostram, porque são exteriores. (LARA, 1985, p. 20).

Segundo a autora, esses traços são apropriados pela literatura e se expressam em muitas narrativas. O que se apresenta tanto na historiografia como na literatura é o uso do recurso das narrativas, ora realistas, ora imaginárias. Contudo, existem evidências de que os autores conhecem os processos históricos e os usam para recriar contextos e personagens, que analiticamente podem ser vistos como figuras míticas ou fantasiosas.

Nota-se até aqui que a produção do simbolismo sobre o gaúcho é frequentemente relacionada à literatura, às narrativas produzidas em tom fantasioso, ou como relato de situações reais. Dessa forma, surge a partir da análise e a interpretação dessas obras o material essencial para enaltecer a figura do gaúcho. Relacionando essa situação com o expressado pela autora Elizabeth Lara (1985), a construção do mito remete-se, afinal, ao conjunto de elementos reunidos na figura do gaúcho, que pretendem se referir à sua vida, às suas experiências, à sua vestimenta, aos seus objetos, à sua alimentação e, finalmente, a uma visão de mundo. Os escritores usaram esse material para compor o conteúdo das obras gauchescas, e, como representações míticas encarnadas nas personagens. Passarei, agora, a revisar o contexto literário rio-platense.

3.6 A CRIAÇÃO DO MITO NA LITERATURA GAUCHESCA RIO-PLATENSE

No âmbito do Rio da Prata, a produção literária é vasta, partindo de referências de obras que surgiram nos primeiros anos da Independência argentina, lá por 1835. O gênero literário que faz menção ao campo e aos seus habitantes, humanos e animais, se consagrou com o nome de “*gauchesco*”. Nesse conjunto, aparecem obras diversas entre poemas e narrativas, como apontamos anteriormente, algumas de caráter descritivo e outras, com notado direcionamento crítico e político. As obras podem ser divididas também pelo que representam em sentido histórico, como também pela força do seu conteúdo, tornando-se algumas mais reconhecidas que outras. Sem dúvidas, a obra emblemática do gênero é o poema *Martín Fierro* de José Hernández, publicada em 1872. Outra referência importante é a que cria Ricardo Güiraldes em *Don Segundo Sombra*, de 1926. Nesse texto, o autor mostra outra realidade social diferente da de *Martín Fierro*. É outra época e um relato de um sujeito que existiu realmente, representando outra realidade do campo, em termos econômicos e geopolíticos (GÜIRALDES, 1982). Esse livro serve como um exemplo muito claro de como a literatura, ou melhor, um autor, faz para criar um verdadeiro símbolo. A narrativa é baseada em um sujeito real, que Güiraldes conheceu na sua adolescência. O texto ocorre por meio do relato de um jovem que, encantado pela figura do tropeiro Segundo Ramírez, muito reconhecido na região de San Antonio de Areco, decide aprender esse ofício ao lado deste sujeito, que seria depois seu padrinho. A partir dessa trama principal, são narradas as vicissitudes da vida campeira entre o final do século XIX e início do XX, época de profundas transformações na campanha bonaerense. Sobre as análises do texto, a direção da maioria delas é sempre em favor da criação do simbolismo por meio do sujeito de Segundo Ramírez.

Giovanni Previtali e Pablo Max Ynsfrain discorrem, em um texto da Revista Iberoamericana, sobre o verdadeiro *Don Segundo*: “Se ha dicho que el joven Güiraldes, al contemplar al viejo paisano como al último de los gauchos, admiraba en él su hombría, su indiferencia ante el peligro, su destreza en el manejo del ganado y su espíritu afirmativo” (PREVITALI; YNSFRAIN, 1963, p. 319). A descrição de Previtali e Ynsfrain evidencia o tipo de homem de campo moldado por meio da experiência física e mental, expressando também a ideia de uma personagem remanescente da história dos primeiros *criollos*.

Su apariencia física era impresionante. Tenía la piel morena y curtida como cuero y los ojos achicados por el hábito de escudriñar el horizonte. Su frente estrecha, sus pómulos prominentes y su quijada energética recordaban su origen parcialmente indio. Grande de cuerpo pero con las piernas cortas en relación a su largo torso, parecía más grande aún cuando montaba a caballo. Usaba chiripa, lo que ponía de resalto su semejanza con el gaucho legendario. (PREVITALI; YNSFRAN, 1963, p. 318-319).

Essa questão de ser o último dos *gauchos* é também fundamental para entender a interpretação da construção mítica. Embora Ramírez fosse representado como uma figura de atributos nobres, também na crítica se apontam alguns detalhes sobre o sujeito verdadeiro:

Don Segundo no gozaba de una reputación enteramente favorable. Sus agudezas mordaces, expresadas con su voz de falsete, no siempre hacían mucha gracia a sus camaradas de la estancia. Decíase que en su vida pasada se las echaba de guapo, inclinado a la riña, y que en mas de una ocasión "marcó" a su adversario con algún tajo de mala ley. (PREVITALI; YNSFRAN, 1963, p. 319).

Nessa análise textual, expõe-se uma interpretação sobre o real e o imaginário da narrativa, tentando mostrar de que maneira Güiraldes se encantou com a figura desse sujeito que, segundo ele, encarnava e simbolizava os últimos *gauchos*.

Outro material que resulta interessante é o que aparece em o *Diário El día*, escrito por Marcelo Ortale (2015). Nele, esse autor refere-se a *Don Segundo Sombra* como o último mito, inclusive nas palavras de um grande escritor argentino como Ernesto Sábato:

Este modelo humano existió realmente, era resero en la estancia familiar y se llamaba Segundo Ramírez. Pero Ernesto Sábato se apresura a colocarlo en su lugar: “El auténtico don Segundo es el mito imaginado por Güiraldes, que misteriosamente reveló un secreto de la condición pampeana. Inmortal, como todos los mitos”. (ORTALE, 2015, n.p.).

Ao citar outros autores e críticos literários, Ortale (2015) mostra de que maneira se conduz a personagem do Ramírez para transformá-lo no texto levando-o ao plano do simbólico:

[...] dice la crítica literaria Elida Lois- “exhibe sintéticamente el proceso de producción del sentido de Don Segundo Sombra: mediante el gradual desplazamiento desde el mundo real hacia el plano simbólico (el de la sacralización del gaucho), va tomando forma la pretensión de transformar la historia en mito”... El crítico Juan Carlos Ghiano definió a este libro como “el homenaje simbólico a los reseros que estaban desapareciendo, empujado por una nueva organización del trabajo rural” (ORTALE, 2015, n.p.).

Ortale (2015) também comenta o final do livro, onde se narra a despedida entre a personagem de *Don Segundo* e seu afiliado Fabio. O *gaucho* é mais uma ideia, uma figura mitificada, enquanto Fabio retorna à sua moradia transformando-se em estancieiro:

Cuando Don Segundo se despide de su ahijado Fabio, este lo ve sobre su caballo como disolviéndose en la llanura: “Aquello que se alejaba era más una idea que un hombre”. El narrador, que es el ahijado de ese paisano sabio, concluye diciendo: “Di vuelta mi caballo y, lentamente, me fui para las casas. Me fui, como quien se desangra”. Los críticos sostienen que, con estas palabras, es también Güiraldes el que se aleja del mundo. (ORTALE, 2015, n.p.).

A representação das personagens na novela de Güiraldes mostra essa intensa relação das experiências vividas entre padrinho e afiliado, a idolatria por esse *gaucho* considerado legítimo, a transformação do adolescente em homem de campo, e a posterior despedida de ambos - o narrador, Fabio, que fica na que seria daí em diante sua propriedade, e *Don Segundo*, o último *gaucho* que se esvaece na imensidão do Pampa.

Críticos e literatos espanhóis também analisaram *Don Segundo Sombra*. Os trabalhos foram reunidos em um artigo de Hugo Rodríguez Alcalá (1979). Esses críticos literários usam a ideia do mito em *Don Segundo* comparativamente à própria literatura espanhola. Assim, Ramiro de Maeztu observa que não há dúvidas de que:

Güiraldes se haya inspirado en un gaucho de carne y hueso llamado, como su personaje, Don Segundo. Pero sí afirma que el gaucho real no fue ni pudo ser tan admirable como el ente de ficción. « Con ello no digo » — se apresura a aclarar — « que el gaucho del libro sea falso. Digo que es mítico. El autor ha visto su modelo, no con los ojos de la cara, sino con los del poeta. Por eso no nos presenta a un hombre como a los otros, sino a algo que vale mucho más, un fantasma luminoso, un mito literario. No es un gaucho real sino el gaucho ideal. No importa que se haya originado en un personaje de carne y hueso [...]. (RODRÍGUEZ ALCALÁ, 1979, p. 80).

Como se percebe nesse excerto, a proposição converge, seja explicitamente ou de forma indireta, para colocar a ideia do mito *gaucho* em Don Segundo Sombra. Ou seja, sempre permeia a ideia do simbolismo encarnado na personagem, impulsionado pelo estilo da escrita, pela expressão deliberada de uma linguagem *gauchística*, ou pelos níveis psicológicos extravasados na subjetividade criada em torno do ambiente pampiano que molda esse *gaucho* herói.

Podemos ver assim, tanto no Sul do Brasil, como na Argentina ou no Uruguai, a ideia de mito do gaúcho/*gaucho* é basicamente uma interpretação das narrativas de ordem histórica e literária, feitas por um conjunto de filósofos, escritores, analistas e críticos sobre os textos regionalistas que se referem ao gauchismo. As análises literárias tornam-se interpretações e, em ocasiões, desconectam-se do caráter que os escritores querem dar às suas criações. Em contraposição às análises, é evidente que em obras como *Martín Fierro*, *Don Segundo Sombra*, *Contos gauchescos e Lendas do Sul*, *O Gaúcho*, *O Gaúcho a Pé* ou em *Um certo Capitão Rodrigo*, os autores mostram conhecimento da vida campeira, e é por isso que a retratam com detalhes, independentemente do estilo literário. A seguir, comento uma visão do mito e do simbolismo a partir da filosofia, por meio da análise do poema emblemático *Martin Fierro*, de José Hernandez.

3.7 O MITO SEGUNDO A FILOSOFIA PLATINA

No livro *El mito gaucho*, de 1948, Carlos Astrada constrói a ideia da origem do ser nacional, sobre questões da formação e a existência

desse ser. Para o autor, o *ser* argentino é o homem do Pampa, com uma estrutura essencial que é a do seu mito de origem. Astrada (1948) trata o fundo histórico como uma civilização de transplante, ou seja, a entrada dos colonizadores em um contexto estranho, o que dará como resultado final um ser que não é nem europeu, nem primitivo; sua forma de existência não é a mesma da alta civilização, nem a dos nativos, é um ser produto desse encontro humano e do Pampa (ASTRADA, 1948). A paisagem atua como um elemento constitutivo do mito, com seus horizontes de fuga, seu contorno vago que faz parte da intimidade do *ser*, uma atmosfera desoladora a ser transposta em todo momento para chegar a outros seres e coisas (ASTRADA, 1948). O Pampa deixa de ser um meio físico; o Pampa é a própria constituição da estrutura ontológica do *gaucho*, ou seja, esse ambiente o constitui. O autor acrescenta que o ambiente é um plano espiritual, onde se espalha e se torna errática uma figura símbolo, retratada, nesse caso, na personagem do poema *Martín Fierro*⁴³:

Nuestra existencia histórica ha surgido, como de un manantial originario, del mito, uno de cuyos elementos constitutivos es la pampa misma. Si dirigimos nuestra mirada a la intemperie cósmica de la pampa, a su desolación telúrica, podemos atisbar los primeros impulsos formativos que afloran de nuestro mito, y asistir, siguiendo la línea de su desarrollo, a todo el proceso de la lucha del hombre argentino por crear su paisaje, por acotar y preservar su ámbito vital, Veremos cómo desde el fondo plástico del mito de los argentinos, el mito gaucho, tal como se nos ofrece en la vivencia pampeana de Martín Fierro, surgieron los lineamientos rudimentarios, pero básicos, de esta lucha y sobre ellos la tarea de levantar sobre la pampa, bajo la Cruz del Sur, una comunidad política, justa y libre, y asentada en lo vernáculo. Es precisamente por imperativo de tal misión instauradora que, en medio de la llanura infinita, se yergue el gaucho, en pugna anímica con la extensión y los elementos cósmicos y telúricos,

⁴³ O poema *Martín Fierro* de José Hernández (1872) é a obra emblemática da literatura gauchesca do Pampa. Observamos, aqui, o Pampa como a totalidade do território conjugando os 3 países: Argentina, Uruguai e o Sul do Brasil, mais expressamente o Rio Grande do Sul.

para trazar la órbita de un destino. (ASTRADA, 1948, p. 21).

Tendo essa constatação do ambiente e do sujeito que o habita, e que se constitui por meio dele, Astrada (1948) vai à procura de entender o resultado dessa interação por intermédio de uma pergunta direta: Qual é o mito no sentido pleno e positivo da palavra e na sua valoração filosófica? Qual seria o mito dos argentinos? Ele responde também de modo direto que:

El mito no es únicamente producto de épocas primitivas o pre-históricas de la conciencia popular, en las que ésta vela en la sombra germinativa de los orígenes, sino que él puede plasmarse e incrementarse siempre de nuevo, tanto en un incipiente como en un elevado estadio de la cultura. Cuando esto acontece, el mito, resurrecto, actúa como fermento en la vida histórica de una comunidad y en todas sus empresas de orden espiritual e inclusive en la programación de sus tareas pragmáticas. En este último sentido, debemos comprender y valorar el mito como la forma y la añeja disposición anímica en que el hombre, en tanto unidad inescindible, adherido a un suelo nativo y saturado de sus esencias, contempla figurativamente, es decir en imágenes, las omnipotentes fuerzas del ser y sus manifestaciones telúricas y vitales. Retomar un mito supone el retorno a un módulo de vida nutrido e impulsado por las auténticas potencias de un gran símbolo viviente. Tal es, para los argentinos, el mito del gaucho, troquelado, en el poema de Hernández, en la figura simbólica de Martín Fierro. (ASTRADA, 1948, p. 22).

Nesse excerto, Astrada não somente expressa a forma e o surgimento na consciência popular da figura simbólica, como também mostra sua força e revitalização cada vez que essa personagem é retomada. O mito, portanto, é consagrado no conteúdo de diferentes estágios da cultura. No entanto, a conceituação do mito seria expressa nos seguintes termos:

Mito de los argentinos o mito gaucho es, pues, el conjunto o totalidad de supuestos y enunciados

ánimicos y emocionales de nuestra comunidad humana, relativos a la finalidad, aún sin explicitar, a que esta comunidad tiende instintiva y vitalmente. El hombre argentino no sólo reencuentra sus sensaciones, afectos y voliciones en los seres y las cosas abarcados por esa totalidad de supuestos, sino que él también es determinado, en la manera de concebirlos y comportarse frente a ellos, por sus momentáneos estados de alma, siendo llevado a forjarse ciertas representaciones o imágenes sobre la relación de seres y cosas con su propia existencia. Estas cosas son, en primer lugar, los fenómenos de la naturaleza, con su influjo sobre la vida del hombre, tales como el viento, la noche, (alternativa de luz y sombra), las nubes, las constelaciones y, sobre todo, para el hombre argentino, la extensión, fenómeno de proyección cósmica. En este estadio del mito, en general, la existencia humana está consignada a la preponderancia de las cosas, enteramente absorbida por éstas, sintiéndose indefensa y sin asidero frente al poderío de las mismas. (ASTRADA, 1948, p. 22, grifos do autor).

Nesse sentido, o autor está falando de uma relação ontológica de seres e coisas, relacionados à própria existência, dos fenômenos da natureza e sua influência na vida, fenômenos de projeção cósmica. Contudo, a explicação do mito de uma forma mais profunda seria que:

El gaucho no es, entonces, un *mito*, en el sentido de que él sea o represente históricamente un tipo humano que ha existido, pero que ya no existe, sino que nosotros, argentinos, poseemos el mito gaucho como expresión de un estilo biológico y anímico siempre capaz de nueva vida a través de sucesivos avatares y transformaciones. Este mito del gaucho es nada menos que el plasma vital y espiritual de nuestra estirpe que, desde su brote inicial, se viene prolongando en el tiempo; es la iteración y refloreCIMIENTO de un arquetipo humano, encarnándose en las nuevas promociones, las que, al renovar y enriquecer un acervo tradicional, aseguran la continuidad histórica de la comunidad argentina. (ASTRADA, 1948, p. 23-24, grifos do autor).

A representação desse espírito constituído no poema de Hernández torna-se central nesse enfoque filosófico. E esse espírito mantém as forças terrenas em funcionamento nas questões da existência, em uma comunidade social e histórica atada por laços de sangue e com uma relação forte ao solo nativo. Uma comunidade que tem sua cosmogonia resumida em uma tétrade de céu, terra, mar e noite (ASTRADA, 1948, p. 63). Esses elementos seriam inevitavelmente o contorno da vida do *gaucho*, como também a visão objetiva do universo no qual está imerso e se constitui como sujeito. Astrada (1948) expressa no livro *El Mito Gaucho* que a questão vai além de uma figura simbólica, não se remete somente a descrever ou tomar a ideia de uma narrativa que mostra certas características humanas e traços de sociabilidade de um sujeito histórico. Trata-se de outra esfera tomada por um pensamento coletivo, uma visão de mundo diferente, que, segundo o autor, seria a expressão de uma cosmogonia que apresenta como esses sujeitos *gauchos* viram e entenderam o universo que os rodeava. Dessa forma, o autor pretende dar no entendimento sobre o homem campeiro o que seria ser e estar nesse mundo do Pampa.

3.8 O QUE DIZEM OS GAUCHOS OU GAÚCHOS

Afinal, interessaria discutir aqui até que ponto os sujeitos campeiros percebem e falam dessa figura simbólica impessoal para construir sua subjetividade, para constituir uma visão sobre a vida e o universo da campanha. O que sempre resultou notório foi observar a forma em que os sujeitos experimentam e põem em prática as características atribuídas à figura simbólica, no conceito de “ser campeiro”, como reunião desses saberes.

Na atualidade, os sujeitos que se consideram parte do gauchismo demonstram a existência de algo que os identifica, que os leva a pertencer de alguma maneira a esse grupo social, como uma forma de imanência que lhes permite criar conceitos e, assim, uma perspectiva de vida. Refiro-me assim a todas as categorias de sujeitos do gauchismo, como os do tradicionalismo, os trabalhadores do campo, os produtores rurais, os artesões e os artistas, e, em geral, algumas profissões associadas a esse universo que descreverei em detalhes mais adiante. A forma de imanência é evidenciada em uma variedade de comportamentos e atitudes de acordo com a posição de cada sujeito dentro do universo campeiro e, com isso, na criação de conceitos, a partir das relações que esses sujeitos estabelecem com a imagem criada de um ser histórico e ideal. Um ser

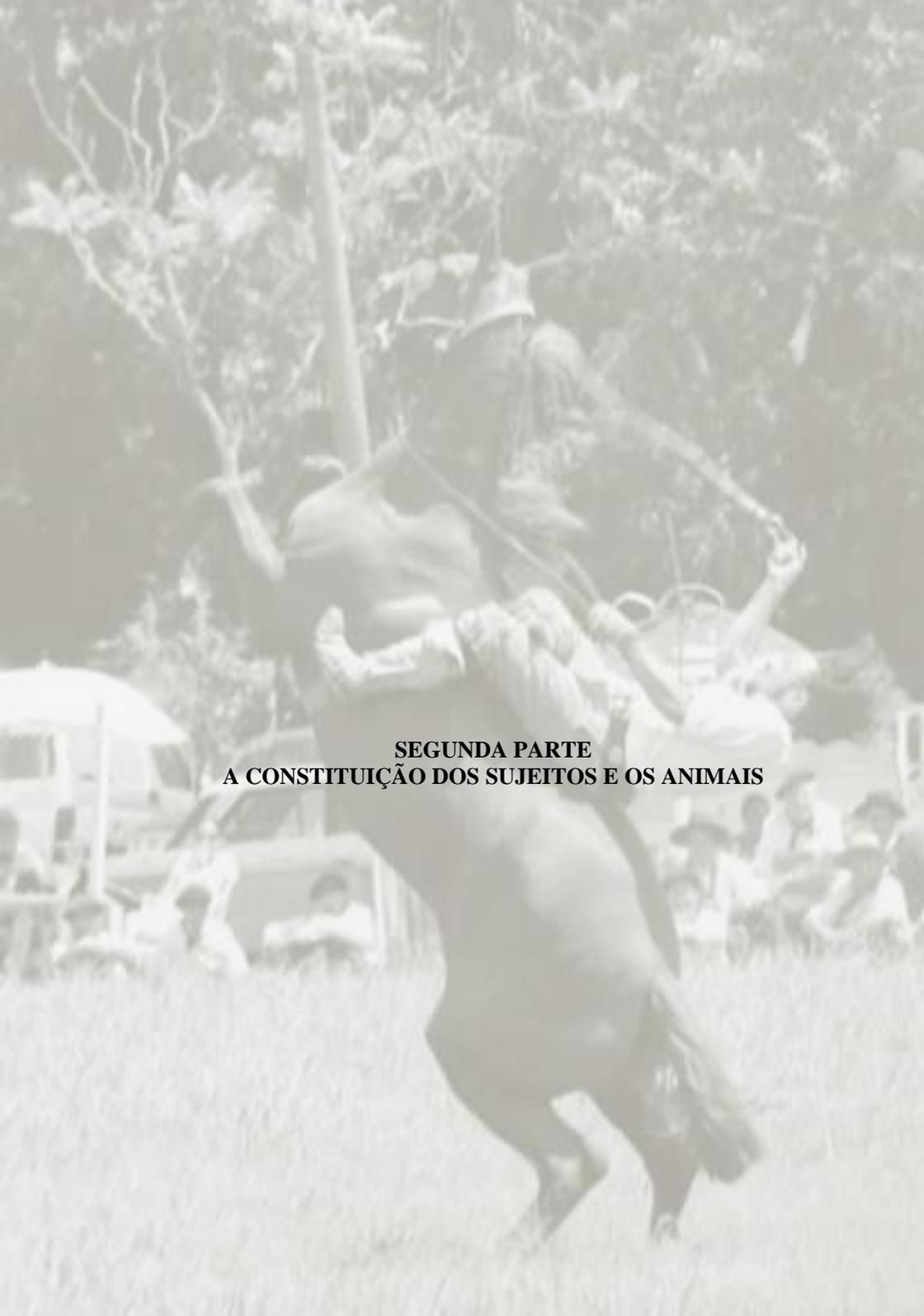
produto de experiências diretas e interações com o ambiente, que, de alguma maneira, quer-se reviver na atualidade e no campo do real.

Como corolário deste capítulo, é importante dizer que o chamado mito do gaúcho ou forma simbólica se caracteriza como uma criação a partir das narrativas literárias e historiográficas. Diferentemente de outras formas mitológicas, aquelas referentes às sociedades tradicionais ou às sociedades indígenas, o “mito” do gaúcho/*gaucho* torna-se difuso para lhe conferir uma estrutura definida, como também apresentar concretamente suas transformações. A forma simbólica que discutimos até aqui é delineada e proposta pelos autores da história, do folclore e da literatura na descrição das vicissitudes da vida pampiana. Configura-se, portanto, como um processo narrativo que descreve personagens, que podem ser consideradas figuras simbólicas, ou de referência, mas não necessariamente mitos.

Para encerrar a primeira parte desta tese, creio ser pertinente retomar as questões principais que mostram a linha do trabalho e os objetivos da pesquisa. A primeira referência apontada no texto é a da criação da figura do gaúcho/*gaucho* a partir dos relatos historiográficos. Entendo que esse conteúdo inicial do trabalho fornece, de alguma forma, uma visão parcial do ambiente, da sua configuração e, em particular, do sujeito campeiro que é fruto dessa criação da historiografia. Em segundo lugar, surge a criação das instituições tradicionalistas, que se resumiria também como um fato histórico, mas que aponta para uma questão ideológica e, de forma mais concreta, para a criação de representações desse universo campeiro, formulando, assim, uma ordem simbólica em um conjunto de ideias e de ações. Em sentido etnográfico, a minha participação nessas importantes festas tradicionalistas dos três países - Brasil, Uruguai e Argentina – permitiu-me entender, por meio de diálogos e da convivência com os interlocutores, os espaços e as intersecções entre o simbólico e o real como partes do universo campeiro. Foi especificamente nessas comemorações e eventos que se apresentam de forma bastante clara as intersecções, como partes constitutivas do mesmo mundo, onde se detecta a participação de todos os diferentes sujeitos campeiros que descreverei ao longo do texto. Nesses eventos que percebi o sujeito campeiro dar razão à sua existência, à sua subjetividade, a partir da sua agência no ambiente, e, em especial, na relação com as espécies animais do Pampa. As festas, em resumo, congregam o conjunto de seres e coisas que configuram o universo gaúcho/*gaucho*.

Por isso, baseado no que é mostrado nessas festas, sobre a chamada tradição gaúcha/*gaucha*, sobre os saberes no ambiente e sobre as espécies, proponho, na sequência, mostrar as categorias de sujeitos que

agem na paisagem e a configuram ao inserir-se nela. Nesta segunda parte deste trabalho, abordarei a interação e a constituição dos sujeitos a partir das relações com as espécies animais. Com isso, surge uma revisão sobre as formas de como eles criam conceitos e perspectivas relacionadas com a vida, desde esse ambiente particular. Começarei, no Capítulo 4, descrevendo os animais do Pampa.



**SEGUNDA PARTE
A CONSTITUIÇÃO DOS SUJEITOS E OS ANIMAIS**

CAPÍTULO 4

AS ESPÉCIES ANIMAIS NO AMBIENTE DO PAMPA

Neste capítulo, apresento uma descrição sobre a biodiversidade do Pampa. A partir da chegada dos europeus e das espécies animais introduzidas por eles, ocorreram transformações na paisagem. Pretendo mostrar que os conhecimentos e as relações com essas espécies, que se adaptaram nessa paisagem, não são somente parte dos saberes dos sujeitos, elas o constituem.

Para definir o lugar de encontro dessas espécies, adoto como uma das referências o conceito de “paisagem” do antropólogo Philippe Descola (2013). Ele aponta que nos acedemos à paisagem por uma série de mediações materiais e cognitivas que nos permitem enxergá-la como tal. A paisagem, nessa perspectiva, não se materializa como um conjunto de propriedades objetivas perante um observador que a contempla. Ela é resultante de interações que conjugam um indivíduo e um lugar que faz que, para *aquela* indivíduo e não para outros que se encontrem no mesmo local, aquele sítio seja uma paisagem. A noção de paisagem, dessa forma, implica na existência de modelos perceptivos que funcionem e integrem as propriedades que emanam do objeto e os esquemas de representação culturalmente estabelecidos desse objeto (DESCOLA, 2013).

Além dessa conceptualização, Descola (2013) entende que a paisagem teria outras acepções: como representação cultural e social; ou a paisagem como território configurado e habitado por sociedades particulares; ou como, simplesmente, o substrato natural da atividade humana; e, por fim, como lugar de uma experiência sensível dos lugares, em uma abordagem fenomenológica. Nessa última acepção, a paisagem é um modo de estar presente no mundo, resultante da interação entre estímulos sensíveis característicos de um local e as expectativas configuradas pelos hábitos e pela educação dos indivíduos que, aos poucos, se percebem apropriados do lugar como prolongamento de si mesmos. Consideramos que todos esses conceitos se ajustam de maneira bastante coerente para o Pampa sul-americano e seus sujeitos.

4.1 OS ANIMAIS AUTÓCTONES DO PAMPA

Antes da chegada dos colonizadores ao Pampa, havia uma constituição particular da paisagem. Devemos considerar que, como é uma área de grande extensão, em alguns locais se encontram espécies que

não aparecem em outros. De todas as formas, as espécies mais importantes em termos de densidade populacional tornam-se homogêneas em quase todos os locais pampianos. Não é meu propósito fazer aqui uma descrição da totalidade desses animais autóctones, mas é importante reconhecer que algumas espécies conseguiram tomar a atenção dos sujeitos campeiros e, de alguma maneira, interagir na sua forma de vida e com a paisagem.

As espécies introduzidas pela colonização tornaram-se não somente as dominantes, mas também foram as que transformaram a economia regional, os sujeitos campeiros até a atualidade; enfim, a paisagem como um todo. No entanto, há um conjunto de espécies autóctones que representam a paisagem de forma notória. O grupo das aves autóctones tem um espectro de espécies bastante variado. Há uma significativa quantidade de pássaros pequenos nas classificações, que talvez não revistam uma importância maior quanto à interação com os humanos, mas que tem feito parte do sistema ecológico do Pampa há muito tempo, contribuindo ecologicamente com a dispersão de sementes de árvores e como alimentação de alguns predadores.

Alguns desses pássaros tornaram-se conhecidos pelo canto particular, como o *jilguero amarillo*⁴⁴, ou o *zorzal*⁴⁵. Outros tipos de aves destacam-se pelo seu tamanho e, também, por se encontrar em alguns locais mais específicos do Pampa, como lagoas ou banhados. Alguns tipos, como o pato *siriri*⁴⁶, junto às *gallaretas*⁴⁷ e aos *chajas*, ou tachã⁴⁸, são numerosos nesses locais úmidos. Ainda no grupo das aves, encontramos a que maior importância reveste em termos de interação humano/animal, é o *ñandu*, nhandu ou ema⁴⁹ (Imagem 21). Ela é relativamente grande entre as aves, é uma espécie parecida com a avestruz africana, de grande agilidade e muito veloz nas suas corridas. Os gaúchos/*gauchos* e indígenas as caçavam com um tipo de artifício chamado de boleadeiras, feitas geralmente com 3 cordas unidas, de couro

⁴⁴ No Pampa brasileiro chamado de canário-da-terra (*Sicalis flaveola*).

⁴⁵ O zorzal corresponde à família *turdidae*, com variedade de subespécies. No Pampa brasileiro é chamado de sabiá, alguns como o sabiá laranjeira, apreciado pelo canto e pela beleza do seu peito alaranjado (*Turdus rufiventris*).

⁴⁶ Os patos formam uma variedade de expressivas subespécies, a maioria no Pampa é da família *anatidae*.

⁴⁷ Família *raleidae*.

⁴⁸ Família *anhimidae* - essa espécie particular é a chamada taxonomicamente como *Chauna torquata*.

⁴⁹ São aves paleognatas endêmicas da espécie *Rhea americana*, (Linnaeus, 1758). Sua altura pode chegar até 1,70 metro, e o peso até 40 quilos.

trançado, em cujas pontas levavam bolas feitas de pedra, recobertas de couro. Esse conjunto arremessava-se nas patas do animal, e, dessa forma, as bolas giravam e se enrolavam derrubando a ema. Essa ave servia de alimento para indígenas e *gauchos*. O antropólogo Daniel Vidart oferece uma descrição dessas espécies na publicação *La Tierra sin Fin* (VIDART, 1968), acrescentando algumas, a distribuição e a situação delas na atualidade:

El reino de las aves mantiene, como en los antiguos tiempos, su principalía. No en vano el Uruguay fue llamado el río de los urúes (gallinetas), aunque en la escuela se poetiza la etimología, convirtiéndola en “río de los pájaros pintados”. El ñandú o avestruz americano ya se ve poco en los campos del sur; pero el innumerable muestrario de los pájaros conserva sus cardenales, sus calandrias, sus zorzales, sus churrinches que resplandecen como brasas, sus negras bandadas de tordos, sus tórtolas delicadas, sus chingolos melancólicos. También las rapaces, aunque disminuidas, mantienen el dominio aéreo en las zonas serranas: buitres de cabeza peladita, cuervos y águilas moras describen en lo alto lentos círculos, clavando sus ojillos telescópicos en las ovejas, en los cuices que duermen al sol, en los flacos vacunos agonizantes. (VIDART, 1968, p. 38).

Imagem 21 - Nhandu (ñandu) ou ema



Fonte: Imagem extraída de Bib.ge.⁵⁰

⁵⁰ Disponível em: <<http://bib.ge/chiti/open.php?id=1523&chiti=chiti15>>. Acesso em: 10 dez. 2017.

Em outro grupo de animais do Pampa, encontramos o gambá⁵¹ (Imagem 22), ou *comadreja*; o preá⁵², ou *cuis*; e o tatú⁵³ (Imagem 23), que é nomeado em idioma espanhol de várias maneiras: *quirquincho*, *mulita*, *armadillo* ou também tatú.

Imagem 22 - Gambá (comadreja)



Fonte: Imagem extraída do Blog Sítio Guardafogo.⁵⁴

Imagem 23 - Tatu (armadillo ou mulita)



Fonte: Imagem extraída de iStock.⁵⁵

Esses animais de características herbívoras também servem como alimento para predadores maiores. Um desses predadores seria o *zorro*, ou raposa, comumente chamado no Pampa rio-grandense de *graxaim*⁵⁶ (Imagem 24), uma espécie geralmente de hábito noturno, bastante oportunista na forma de caçar aves e pequenos mamíferos. Dos animais de maior porte, podemos mencionar o veado campeiro ou *venado de la pampa*⁵⁷ (Imagem 25), um cervídeo quase em extinção, neste momento, na região; o *guanaco*⁵⁸, um animal da família *camelidae* que foi deixando o Pampa argentino e se dispersou em zonas montanhosas; e

⁵¹ *Didelphis albiventris*.

⁵² *Microcavia australis*.

⁵³ *ChaetophRACTUS villosus*.

⁵⁴ Disponível em: <<http://guardafogo.blogspot.com.br/2011/07/gamba-um-mamifero-mal-compreendido.html>>. Acesso em: 10 dez. 2017.

⁵⁵ Disponível em: <<https://www.istockphoto.com/br/fotos/tatu>>. Acesso em: 10 dez. 2017.

⁵⁶ Família canidae, *Lycalopex gymnocercus*.

⁵⁷ *Ozotoceros bezoarticus*.

⁵⁸ *Lama guanicoe*.

o predador mais importante da região que é o puma⁵⁹ (Imagem 26) ou leão americano, também chamado no Sul do Brasil de leão baio, suçuarana ou onça parda.

Imagem 24 - Graxaim



Fonte: Imagem extraída de rs.gov.⁶⁰

Imagem 25 - Veado campeiro



Fonte: Imagem extraída de Globo.com.⁶¹

Imagem 26 - Puma concolor (leão baio)



Fonte: Imagem extraída de Wikimedia Commons.⁶²

⁵⁹ *Puma concolor*.

⁶⁰ Disponível em: <<http://www.rs.gov.br/conteudo/225618/graxaim-do-mato-e-escolhido-mascote-da-rota-do-sol>>. Acesso em: 10 dez. 2017.

⁶¹ Disponível em: <http://s.glbimg.com/jo/g1/f/original/2010/07/05/veado1_620_465.jpg>. Acesso em: 10 dez. 2017.

⁶² Disponível em: <<https://commons.wikimedia.org>>. Acesso em: 10 dez. 2017.

Vidart (1968) acrescenta detalhes sobre esses animais no Pampa uruguaio:

La fauna uruguaya ha perdido sus representantes más temibles. Ya se extinguieron el yaguareté y el puma, los tradicionales devoradores de ganado. De ambos proporciona una atractiva descripción el viajero inglés J. A. Beaumont: “El jaguar o tigre de Sud América tiene manchas muy semejantes al leopardo de Asia. Este animal vive entre tanta abundancia que no es nada feroz y huye de la presencia del hombre, salvo que lo ataquen o lo persigan de muy cerca. Se le encuentra principalmente en las islas y en las márgenes de los ríos donde se divierte pescando. Atrae a los peces al borde mismo del agua vertiendo su propia saliva sobre la superficie y cuando se aproximan los saca del agua con un zarpazo. También da caza al carpincho o cerdo de agua y se arroja sobre la mayoría de los otros animales que se ponen a su alcance. Con mucha frecuencia cruza los anchos ríos en busca de alimentos. Yo vi estos jaguares dos o tres veces en las orillas de los ríos”. (VIDART, 1968, p. 37).

Algumas outras espécies são mencionadas pelo autor configurando a riqueza da fauna nativa:

Otro mamífero típico como el oso hormiguero o tamandú, que vivía en los montes del Cuareim, también ha desaparecido. De los cientos y miles de venados que recorrían los campos desiertos, proporcionando abundante alimentación a los indios, ya quedan muy pocos representantes. Sobreviven los carpinchos, los zorros, los armadillos (mulitas), las comadrijas, los zorrinos; escasean los hurones; aislados en los albardones que coronan los esteros los 'ciervos de bañado se resignan al ocaso de su especie. (VIDART, 1968, p. 37).

Houve mais espécies exóticas introduzidas depois da colonização para mantê-las em estado selvagem, como os cervos europeus e os javalis. Esse último dispersou-se nas regiões da cordilheira e também em parte do

Pampa. Atualmente, os javalis passaram da região limítrofe do Uruguai para o Sul do Brasil, avançando na campanha rio-grandense e em parte da serra de Santa Catarina, tornando-se uma ameaça e produzindo um desequilíbrio no ecossistema dessas regiões⁶³.

Nas minhas viagens a campo, tive uma experiência sucinta no encontro dessas espécies, mesmo porque são animais que se escondem rapidamente nas matas, ou em tocas existentes no solo, no mínimo sinal de ameaças. Em algumas cavalgadas, os cachorros apontaram-nos com seu faro e com insistentes latidos os esconderijos de tatus ou de gambas. Outra espécie que encontramos mais frequentemente são os graxains ou raposas - sempre que não se veem ameaçadas, circulam no campo com bastante soltura. Nas viagens para o Pampa uruguaio, observei com frequência a ema ou nhandú, misturada ao gado, nos mesmos terrenos de pastagem. Essa grande ave não é mais procurada como fonte de alimento e, dependendo dos locais, como o interior das grandes fazendas, ela se encontra protegida. Já os animais maiores, como o veado campeiro, são mais difíceis de encontrar. O mesmo caso do puma, que é um predador noturno, mas que atualmente não existe em uma quantidade importante na região pampiana. Diferente situação acontece hoje com o javali, que aumenta sua expansão avançando em territórios como o do Estado de Santa Catarina. A proliferação dessa espécie permitiu-nos em algumas ocasiões ver adultos seguidos das crias. Em quase todos os diálogos com os campeiros, nas estâncias, sempre havia relatos sobre javalis, da presença da espécie o de caçarias. O meu contato mais direto foi com as espécies domésticas, introduzidas com a chegada dos colonizadores e adaptadas há bastante tempo: o cavalo, os cães e o gado, em geral.

A partir desse resumo da fauna nativa do Pampa, analiso, a seguir, o conjunto de animais vindos com a colonização, os que se tornaram fundamentais para a economia regional e a constituição da paisagem e dos sujeitos gaúchos/*gauchos*.

⁶³ O antropólogo Caetano Kayuna Sordi Barbará Dias desenvolveu sua tese de doutorado sobre a invasão dos javalis no Pampa gaúcho. Tese intitulada *Presenças Ferais: Invasão biológica, javalis asselvajados (Sus scrofa) e seus contextos no Brasil Meridional em perspectiva antropológica* (DIAS, 2017).

4.2 AS ESPÉCIES INTRODUZIDAS PELOS COLONIZADORES

As espécies mais importantes introduzidas pela colonização foram os equinos e os vacuns, junto aos cães, em primeira instância, e, mais tarde, foram os ovinos e os suínos. A grande diferença entre essas espécies é fundamentalmente de como elas se adaptaram no contexto sul-americano. O cavalo sempre foi usado como meio de locomoção e, depois, de trabalho na campanha, as outras espécies serviriam na configuração do recurso econômico regional: o vacum, a ovelha e os suínos. Os cães, como veremos, têm outras particularidades - em princípio era uma espécie animal treinada para a guerra na época colonial; depois passou para um estado selvagem; e, posteriormente, começou a ser usado no trabalho da pecuária em parceria com o homem e o cavalo.

4.2.1 Os equinos

Essa espécie tornou-se um verdadeiro símbolo nas terras sul-americanas. A origem desse animal remonta-se há 55 milhões de anos nos primórdios do Eoceno com o nome de *Hyracotheryum*, o primeiro equídeo, transformando-se depois em *Orohyppus*, parecido com o estágio anterior, mas com outra dentição, possivelmente adaptada pela alimentação disponível. O seguinte estágio foi o *Epihippus*, e, na entrada do Oligoceno, evoluiu para o *Messohippus*, um animal mais forte, com a dentição mais desenvolvida. No Mioceno, a espécie evoluiu para o *Miohippus*. Nesse período, ainda se transformou em *Kalobatippus*, *Parahippus* e *Merychippus*. Essas espécies basicamente aumentaram de tamanho e desenvolveram outras formas de cabeça e dentição. Uma das principais mudanças foi quando a espécie passou a ter o casco nas patas, em lugar de dedos, isso no fim do Mioceno. Nessa linha evolutiva, estavam os *Pliohippus*, *Astrohippus* e *Dinohippus*. Depois desses estágios, surgiu o *Equus*, o ancestral mais próximo dos cavalos da atualidade, há um milhão de anos. Da espécie *Equus ferus caballus*, originaram-se as subespécies da atualidade⁶⁴. Por outra parte, é

⁶⁴ Esse seria um resumo básico da evolução ou transformação da espécie. Disponível em: <<https://www.mundodosanimais.pt/animaisdequinta/origemevolucaocavalo/>>. Acesso em: 20 nov. 2017. Não consideramos esse resumo de vital importância, mas resulta útil para pensar o processo de evolução até a espécie atual.

importante destacar que os cavalos fizeram parte da história desde Roma até a conquista dos árabes no Sul da Espanha, fato que se atribui à formação da equitação espanhola.

Os cavalos na América do Sul vieram basicamente por duas vias: pela colonização das terras do Pacífico e pelos colonizadores do Rio da Prata. Alguns autores podem ainda afirmar que os animais existentes na atualidade na América do Sul são derivados de sete equinos abandonados na primeira fundação de Buenos Aires em 1535, somado ao aporte de alguns exemplares vindos do norte do país. Segundo o historiador Jaime Mollins (*apud* ASSUNÇÃO, 1963), trinta anos antes da segunda fundação (1580), os cavalos já avançavam desde o Pacífico com os fundadores dos povos andinos até o centro da Argentina. Devemos observar que, entre as duas fundações de Buenos Aires, existiram 45 anos de diferença, um lapso bastante importante que permitiu a reprodução desses animais livremente no Pampa. As espécies que foram trazidas pelos colonizadores eram basicamente do tipo Andaluz, mas supõe-se também que há um cruzamento entre esses animais ibéricos com uma espécie de cavalo árabe de origem berbere. Devido ao ambiente diferente, à alimentação e à sua criação completamente livre, esses animais sofreram algumas transformações genéticas, convergindo na espécie que hoje se conhece como cavalo crioulo (*criollo*) (Imagem 27).

Imagem 27 - Cavalo crioulo



Fonte: Imagem extraída de Racas-Cavalos.com.⁶⁵

⁶⁵ Disponível em: <<http://www.racas-cavalos.com/imagens-cavalos-crioulo-jpg>>. Acesso em: 10 dez. 2017.

Sobre a dispersão dessa espécie animal pelas diferentes regiões do Pampa, deveríamos considerar que os colonizadores estavam no Paraguai com um grupo de vários exemplares, e que, possivelmente, tenham passado para as planícies da Banda Oriental cruzando tanto do Rio Uruguai como o Rio Negro. Nesse caso, os indígenas também contribuíram passando para essas terras os animais das missões e dos próprios colonizadores. Os cavalos, nessa região, exerceram também uma forte atração para os portugueses, lembrando-se da necessidade desses animais para a conquista do território do Rio Grande e, também, para o transporte de materiais e arreios de gado para Minas Gerais. O índio em princípio o usava como fonte de alimento e, depois, domesticou aqueles exemplares selvagens que invadiam seus domínios, usando-os para se locomover no Pampa e como elemento de ataque em grupo contra os colonizadores.

Desde o início da minha investigação, procurei compartilhar experiências campeiras, como também dialogar com os sujeitos e ver de que maneira eles se relacionam com as espécies do Pampa. Na minha primeira visita à cidade de San Antonio de Areco, tive a oportunidade de conversar com os paisanos Sergio e Edgardo, que trabalham no museu Güiraldes e no *parque criollo*. Eles fazem o manejo de um rebanho de vacas que o museu tem nos seus terrenos, como também cuidam de uma tropilha de cavalos formada por um deles. Um desses paisanos tosava o seu cavalo ao nosso lado enquanto conversávamos. No entanto, o que me chamou mais atenção foi o interesse do animal pela minha presença, identificando-me como alguém estranho ao grupo. Essa conduta mostrava a familiaridade entre o animal e seu dono, a atitude de confiança com eles, e uma curiosidade pela minha presença no local. Os paisanos Sergio e Edgardo são nascidos na região, e o trabalho com cavalos, especialmente com tropilhas, é praticamente o dia a dia dos dois. Como veremos mais adiante, são eles que manejam essas atividades no *Museo Güiraldes*.

Dias depois, também em San Antonio de Areco, conversei com Moira e com seu irmão Tomás, também meus interlocutores de pesquisa. Com ambos percebi que a relação mais forte com o ambiente rural era por meio dos equinos, uma verdadeira paixão. Falando sobre vários temas do tradicionalismo e do campo, saía sempre a referência e a intimidade com os trabalhos no campo, assim como com os cavalos especificamente. A formação de tropilhas foi um dos pontos mais tratados nas conversas, especificamente sobre o trabalho para agrupar esses animais, que devem ser da mesma pelagem, como também a situação de domesticar esse grupo de cavalos. Tomás, irmão de Moira, é um especialista em adestrar cavalos

para o jogo de polo, uma raça específica de cavalos. Além disso, ele também faz as rotinas da “doma”⁶⁶, ou seja, o trabalho de adestramento para a lida campeira, e participou bastante das *jineteadas* (Imagem 28). Percebi que a vida dele era baseada no convívio com os equinos quase todo o tempo, o conhecimento fruto da experiência e convívio com outros sujeitos campeiros. O seu profissionalismo nessa atividade transparece um tipo de forma de vida atrelada à relação humano-animal muito intensa. Quando voltei em maio a San Antonio de Areco, Tomás estava em outro município trabalhando para um famoso time de polo da Argentina, treinando e cuidando dos animais.

Imagem 28 - Tomás Etchevest na “jineteada”



Fonte: Fotografia concedida por Tomás Etchevest.

⁶⁶ O termo doma é uma expressão campeira que se refere ao processo de domesticação dos equinos. Essa expressão é usada de forma recorrente nos três países que pesquisei. Também nos rodeios norte-americanos existe o termo *tame* para a mesma atividade.

Em abril de 2016, passei alguns períodos em fazendas de produção de gado na região de Lages, Santa Catarina, para conviver com sujeitos e animais, e estar perto das atividades campeiras. Meu objetivo era estar nesse ambiente, pensando a forma de constituição dos sujeitos a partir da relação com os animais. O terreno, na região, é bastante irregular, cheio de elevações, pedregoso, mas com alguns platôs que permitem a cria do vacum. Visitei duas fazendas naquele mês, mas, em uma, tive a experiência de estar com cavalos e gado, e ver o trabalho com mais proximidade. As atividades basicamente foram para fazer a revista do gado. Preparamos três cavalos, depois montamos nos animais e fomos para o campo. Abrindo e fechando porteiras, percorremos quase toda a fazenda, subindo umas encostas íngremes com os cavalos e os cachorros nos acompanhando. Passamos nesse percurso contando os exemplares que estavam em cada campo e vendo o estado dos animais. Isso permite o manejo deles para ter a alimentação correta com as pastagens e a ração como complemento alimentar. Fomos a cavalo da área das casas até o final da fazenda. Essa tarefa permitiu aos funcionários observar que lote de gado deveriam remanejar no próximo dia.

Na manhã seguinte, o procedimento repetiu-se com os cachorros trazendo os cavalos de longe e levando-os para a mangueira. Nesse local, eu me encarreguei de encilhar uma das éguas, a mesma que montei no dia anterior. Fiz todos os procedimentos, menos colocar o freio na boca do cavalo, o que requer um pouco mais de experiência, além de o animal ter de reconhecer quem faz isso para não morder ou cabecear. Depois de encilhados, fomos para o campo (Imagens 29 e 30).

Imagem 29 – Preparação para cavalgar na fazenda Rincão do Butiá, São José do Cerrito



Imagem 30 - Cavalgando na fazenda Rincão do Butiá, São José do Cerrito



Fonte: Acervo do autor.

Passamos pelos mesmos lugares do dia anterior, mas, nesse dia, fizemos a troca do gado para terrenos diferentes. O trabalho era abrir as porteiras para fazer com que os animais passassem de um local para outro pela porteira. Os cachorros ajudavam nessa tarefa, cercando as vacas, além do que o posicionamento nosso com os cavalos contribuía para que o gado fosse passando pelas porteiras. Toda essa movimentação resulta do entendimento entre homens e animais. Os ginetes comandam a situação, mostrando os caminhos com seu cavalo, cercando o gado e conduzindo-o para o lugar que desejam. O gado também entende a movimentação, embora seja rebelde ao ponto de resistir aos comandos e aos sinais. Contudo, há um momento em que se encaminham para os terrenos escolhidos para pastar. Os cachorros treinados para essa atividade ajudam a tropa a se mover cercando aqueles exemplares mais rebeldes. Depois de fechar as porteiras, e cumprida a tarefa, voltamos à casa. Deixamos os cavalos encilhados, mas afrouxamos as cinchas da barriga para eles relaxarem.

Nessa situação, deparei-me com a conjunção das atividades de todos os animais envolvidos, de maneira que se notava uma verdadeira interação entre eles. O comando da situação sempre é do cavaleiro, mas o cavalo entende e reage rapidamente tendo que se interpor a algum

vacum⁶⁷ para colocá-lo de volta ao grupo. Por meio das experiências e das atividades, que relatei anteriormente, passei a entender que, na cria de gado, tanto o cavalo como os cães tornam-se indispensáveis para qualquer tarefa. São os animais que, de certa forma, se tornam um complemento do ser humano, entendendo das movimentações propostas nesses eventos, acatando comandos e realizando as evoluções corretas para completar os trabalhos.

Na minha volta a San Antonio de Areco, no mês de maio, surgiram questões específicas para conversar com meus interlocutores sobre a relação com os animais. Quando falei novamente com os paisanos do museu, um deles me apontou sobre alguns detalhes da interação nesse local. Falando sobre os cavalos, Sergio me disse ter sido ele que fez as tropilhas do *Museo Güiraldes*, e que cuida dela nesse terreno na atualidade. Conversando sobre os cachorros, ele disse que, na lida, é um animal fundamental. Comentou que há cachorros da cidade que invadem a área do museu e, às vezes, matam alguns animais como ovelhas e potrinhos. Há nessa área uns 60 cavalos e umas 30 vacas que ficam o tempo todo nas pastagens circundantes do museu e servem basicamente para mostrar um pouco da vida campeiras e fazer evoluções para turistas que visitam a cidade.

Somadas a essas conversas, vieram os diálogos com Don Oscar Pereyra (Imagem 31), com Juan Miguel (Imagem 32) e com Armando, o diretor do *Museo Las Lilas*. Esses interlocutores têm uma visão parecida com relação ao comportamento e à interação com os animais. Os dois primeiros trabalharam muito com as tropilhas, e, ainda, possuem aos seus cuidados um grupo de cavalos em algumas estâncias. Já o diretor do Museu dedicou-se à veterinária entre os anos de 1970 e 1990 em estabelecimentos rurais grandes, cuidando tanto de vacuns como de cavalos.

⁶⁷ Essa situação se chama de “paletear”, ou seja, o cavalo ordenado pelo ginete topa com a sua paleta no vacum para direcioná-lo de volta ao rebanho, caso ele tenha escapado do conjunto.

Imagem 31 - Don Oscar Pereyra



Fonte: San Antonio de Areco travel.

Imagem 32 - Juan Miguel Arbucó



Fonte: Acervo de Arbucó.

A convivência com os animais e o tipo de interação foi manifestada de forma bastante similar pelos três, já que sempre estiveram em contato direto com o ambiente da campanha - Don Oscar e Juan Miguel como trabalhadores rurais, domando cavalos e formando as tropilhas; enquanto Armando cuidava da parte de saúde animal. Uma coincidência importante entre as informações que todos eles me forneceram foi o tema das tropilhas. Esses grupos de cavalos, segundo eles, são particulares do Pampa, do Sul do Brasil até a Patagônia. Perguntei se não haveria algo parecido em outras latitudes. Como dois deles têm contatos com cavaleiros norte-americanos, disseram-me que não é exatamente igual, que as formações em conjunto de equinos nesses contextos se denominam “*remuda*”. A diferença básica é que as tropilhas aqui têm uma égua com um sino no pescoço, chamada de “madrinha” ou “madrinheira”, que serve para aglutinar o resto dos exemplares que a seguem a todos os lados. O *tropilheiro* sempre leva a tropilha conduzindo a madrinha e os outros cavalos os seguem. Na *remuda*, agrupam-se os equinos em uma área demarcada por alguns postes cravados na terra e rodeados por cordas. Na formação das tropilhas, há vários níveis de domesticação do animal, aqueles que são selvagens ou semisselvagens, os que estão em meio desse processo e os que já estão domesticados.

No mês de junho de 2016, visitei uma pequena propriedade no município de Pelotas, cuja atividade principal era a hospedaria de cavalos. A razão fundamental dessa viagem era a de me encontrar com Fabiano, seu administrador, para conversar sobre esses animais, sobre a

domesticação e seus principais cuidados. Fiquei alguns dias andando a cavalo pelas redondezas da propriedade, aprendendo as particularidades do adestramento para diferentes funções, nesse caso, para lazer e trabalho campeiro. Uma questão importante nas nossas conversas foi notar que a vida de Fabiano sempre foi muito próxima aos equinos, aprendendo a atividade da doma desde cedo, e passando depois esses conhecimentos para uns dos seus filhos, que o ajuda atualmente em algumas tarefas na propriedade.

A minha intenção era conhecer especificamente como era o contato e a forma de se relacionar com os cavalos. Na primeira saída a cavalo, conversamos sobre o comportamento dos animais depois de domesticados, sobre as atitudes quando o ginete monta e as reações do animal, de como o cavaleiro vai interagir com o cavalo durante a montaria. Saímos em dois equinos muito diferentes, o meu muito tranquilo; o do Fabiano, muito enérgico - um exemplar jovem em processo de domesticação, com muitos comandos ainda para serem ensinados. Na medida em que andávamos, Fabiano mostrava-me esses comportamentos e tentava impor esses comandos para o cavalo. O processo para conseguir que o cavalo faça tudo o que o cavaleiro manda é bastante complexo, tem de haver uma ênfase nas repetições dos movimentos até que o equino entenda o que lhe é ordenado a executar. Além disso, fiquei observando que o adestrador deve ter uma percepção muito desenvolvida para entender se o cavalo está disposto a se submeter aos comandos ordenados. Essa interação é um verdadeiro jogo de paciência. Deve haver da parte do treinador muita calma para que o equino se acostume e entenda tudo o que se propõe a fazer.

Cavalgamos por uma hora e meia. Fabiano seguia me ensinando as manobras e testando a resposta do seu cavalo. O meu, apesar de ser um animal tranquilo, devia ser comandado com bastante decisão. Percebi que era diferente das minhas outras experiências. Fabiano disse-me que o cavalo que montei lhe inspirava toda a confiança, no sentido de que não iria disparar em corrida, nem iria se resistir ao ser montado. Pouco a pouco, comecei a experimentar alguns comandos que não havia aplicado nas minhas montarias anteriores, como alguns giros, recuar, dar trotes e parar abruptamente. A minha confiança com o cavalo foi fundamental; estar relaxado e sem sinais de medo faz com que o animal responda, sabendo que ele tem de se submeter ao que lhe ordenamos.

Outra questão que aprendi com essa experiência é que as pernas do cavaleiro jogam um papel muito importante quando se requer aplicar os comandos. Em realidade, é um conjunto muito complexo de sinais que o ginete aplica com os braços e as rédeas na mão juntamente aos

calcanhares. Tanto Fabiano como seu filho Felipe usavam esporas na montaria, uma espécie de apêndice de ferro atado ao calcanhar do ginete, que serve para cutucar a barriga do cavalo e dar alguns comandos como o de avançar, trotar, ou galopar, combinados aos sinais de virar para um lado ou para outro ou girar em círculos das rédeas. Também usam um chicote feito com um cabo de madeira de uns 30 centímetros e um pedaço de couro em uma das pontas de uns 40 centímetros. Esse chicote é levado no pulso, em uma das mãos com um pequeno laço de couro ou corda – a que está livre das rédeas - e é usado para algum tipo de comando mais enérgico, na hora de galopar. Voltamos no fim da tarde; desencilhamos os cavalos, ou seja, tiramos as selas, e os levamos para as baias para comer e descansar.

No sábado, voltamos à montaria, mas, antes de preparar os animais, conversamos muito tempo sobre o processo de domesticação - a doma, como é chamado correntemente entre os sujeitos campeiros (Imagens 33 e 34). Enquanto preparávamos os apetrechos, Fabiano explicou-me passo a passo os procedimentos da doma, para chegar ao estágio dos animais que nós montaríamos, ou seja, tornar o animal completamente manso e doméstico. Esses procedimentos são complexos, e há basicamente duas linhas: uma que usa a força e a submissão do animal; e outra que procura que o animal crie confiança com o ser humano a ponto de fazer tudo o que se ordene a ele por meio das rédeas e dos pés do ginete. O procedimento por intermédio da força se resume atando o cavalo a um palanque, colocando a sela e os arreios e soltando o animal com um ginete que o submete com o chicote e com as esporas enquanto o cavalo corcoveia. Esse procedimento é mais rápido, é o mais antigo e o mais violento, e nem sempre pode dar resultado, pois depende da resposta e do nível do animal para esse tipo de submissão⁶⁸. O outro procedimento tenta não usar a força, fazendo com que o animal se acostume com a presença humana, com o contato das mãos e do corpo, com os arreios e a sela aos poucos até que, quando ele se acostuma, o ginete tenta subir de barriga (sem montar com as pernas e o corpo ereto). Depois disso, tenta-se montar nos estribos, mas ainda sem erguer o corpo. Depois de o cavalo aceitar, o ginete ergue-se do jeito que irá cavalgar. Isso consumado segue a etapa mais difícil, que é a da colocação do freio ou bridões na boca do animal. Assim, será consumado o final da doma, quando o cavalo aceita a colocação deles na boca. Para esse tipo de domesticação, será necessário

⁶⁸ Esse procedimento é o mesmo que se reproduz na “*jineteada*”, no Uruguai ou na Argentina, ou nos rodeios rio-grandenses.

bastante tempo, variando com o temperamento do animal e a aceitação para ele se submeter a esse processo.

Imagem 33 - Experiência equestre em Pelotas, RS, com Fabiano Bacchieri



Imagem 34 - Experiência equestre em Pelotas, RS.



Fonte: Acervo do autor.

As falas de Fabiano mostraram-me a intensa paixão por esses animais que cuida e adestra. Sua vida parece que foi moldada pelo contato com cavalos e o entendimento do caráter e o comportamento dessa espécie. Converter-se em domador parece ser algo muito importante na vida de algumas pessoas que conhecem, compartilham e fazem questão de ter contato com os equinos. A importância desse modo de vida para Fabiano e da sua relação com os cavalos manifesta-se mais ainda na medida em que ele inseriu seu filho Felipe nesse campo de conhecimento. Felipe também é adestrador e parece evidente que desenvolveu o mesmo

caminho de percepções que Fabiano. A doma do tipo que eles praticam fomenta a percepção em todo momento. Mesmo quando o animal parece pronto para o convívio doméstico com o humano, há todo um trabalho perceptivo sobre o desenvolvimento do aprendizado e o posterior comportamento do equino.

As reações do animal, segundo Fabiano, são sempre observadas tentando entender o comportamento por meio de pequenos detalhes, como movimentos das orelhas, energia dispensada no contato corporal, colocação de selas, boçais, freios e bridas. Sempre no primeiro contato e nos movimentos antes de começar uma jornada, pode-se apreciar se o animal se dispõe a obedecer ou está perceptivo para aprender coisas novas. Tudo isso mostra a complexidade que essas atividades têm em termos de criar um comportamento confiável no animal para que se relacione com o humano em momentos de lazer ou em tarefas de campo. Os treinamentos também diferem razoavelmente, dependendo do requerimento que se propõe, por isso o nível dos comandos e ordens pode variar. Para as tarefas de campo, o cavalo deve acostumar-se a lidar com o gado vacum e ovino, com cachorros que complementam os trabalhos. Desses treinamentos, também decorrem as habilidades para provas de destreza campeira feitas em CTGs e piquetes gaúchos. Para o lazer, o cavalo deve ser confiável no sentido da sua aceitação com o ginete, de realizar os comandos para o passeio, e, em geral, mostrar um caráter moldável a qualquer contato humano.

Em julho do mesmo ano, visitei outra fazenda na região da Coxilha Rica, em Lages, Santa Catarina. A propriedade tem a peculiaridade de estar longe da cidade. Seu acesso é um pouco complicado já que os caminhos de terra são precários. A topografia, a experiência com os animais e a montaria nesse local foram bem diferentes. Fizemos atividades no sábado inteiro e foi notória a diferença dos equinos que montávamos. Beto, o dono da fazenda, estava com uma égua nova, com poucos meses de domesticação; e eu, com a égua adulta, bem domesticada e muito pronta para qualquer tarefa. Saímos com os animais no passo, mas logo demos uns trotes, puxados pela vitalidade da égua do Beto. Percorremos vários locais vendo a situação do gado em cada terreno e mudando-os de pastagens, passando as porteiras e acompanhando os pequenos rebanhos. Cavalgamos por vários lugares da fazenda, por terrenos íngremes e alguns alagados, sempre acompanhados por um cão. Andamos mais um pouco chegando ao topo de uma coxilha, registramos umas fotos e passamos por um arroio (Imagens 35 e 36). Nesse momento, dei-me conta realmente da reação desse tipo de equino que estava montando, pois, assim que saiu do arroio e com a proximidade

das casas, ela deu um galope que me surpreendeu. Esses animais estão muito acostumados a reações rápidas, para a interação com esse terreno e para a velocidade que requer o trabalho com o gado. Foi essa uma advertência e o começo de um novo aprendizado.

Imagem 35 - Preparando a égua para cavalgar, Coxilha Rica, Lages, SC



Imagem 36 - Cavalgando, Coxilha Rica, Lages, SC



Fonte: Acervo do autor.

Após o almoço, voltamos à montaria. Saímos em outra direção da realizada na parte da manhã, mas com os mesmos equinos. Passamos por umas pedras soltas na mangueira, com muita cautela, e, depois, por uma porteira. Mais à frente, no campo, a minha égua pisou mal e se desgovernou, tentei segurá-la, pensei que iria cair, já que o movimento foi bastante brusco, rodopiou duas vezes sobre o lugar e parou. Isso me deixou tenso no resto do percurso. Quando nos acalmamos, continuamos em frente. Fomos ver mais um rebanho para conferir o sal que eles consomem (Imagem 37).

Imagem 37 - Beto na fazenda arrumando o sal para o gado, Coxilha Rica, Lages, SC



Fonte: Acervo do autor.

Depois disso, Beto sugeriu descer um peral bastante íngreme. Contudo, nesse instante, minha égua parou e decidiu não andar mais. Eu também já não estava tão confiante, por isso resolvi não descer. Assim, decidimos ir por outros terrenos. Cavalgamos por lugares mais seguros, eu tentando relaxar e voltar a criar confiança no animal. Depois disso, voltamos de novo ao galpão. Quando chegamos, desmontei, e, apesar de estar bastante cansado, tirei todos os arreios, passei uma escova e levei a égua para fora do galpão soltando-a no terreno. Conversando mais tarde com Beto, vieram algumas reflexões muito importantes para entender a interação com esses equinos.

Esses animais são acostumados com o trabalho no campo, suas reações são muito rápidas, muito diferentes das dos cavalos de passeio e daqueles que montei nas experiências anteriores. A primeira coisa que a égua estranhou foi quando saímos “ao passo” e não trotando, como eles estão acostumados. O trote é a marcha mais comum para esses animais, já que as tarefas de campo requerem rapidez, muitas vezes o galope, de acordo com a exigência da situação. De manhã, trotamos mais; dessa

forma, os animais sentiram-se mais à vontade, como se fossem para o trabalho diário.

À tarde, depois dessa situação da rodopiada, percebi que o animal ficou apreensivo o tempo todo, pois a égua não entendeu meu comando nessa hora e ficou tensa também. Os animais de trabalho ou lida campeira esperam sempre ser comandados energicamente e reagem com velocidade de acordo com o treinamento que receberam na domesticação. Por isso, quando a égua pisou mal e eu puxei a rédea para o lado esquerdo, ela rodou entendendo um comando, que, de fato, estava errado. Depois da conversa com Beto, entendi também porque ela girava muito rápido assim que eu tocava as rédeas para um lado ou outro. Esses animais respondem da mesma forma na hora de trabalhar com o gado no campo e nas mangueiras, são continuamente treinados e forçados a situações limites para escorar nos vacuns, correr atrás do gado que escapa da tropa, e conter a força desses outros animais. Enfim, são equinos que não estão acostumados ao passeio, mas, sim, ao trabalho. Beto e Antônio, o funcionário da fazenda, manifestaram a confiança com alguns desses equinos, na relação que eles criaram com esses animais. Eles conhecem as reações desses exemplares também pela experiência de estar em contato com cavalos há muito tempo. Como foi manifestado, cada exemplar tem uma característica ou qualidade em termos de força física, de andar, de confiança no trabalho, de velocidade, de percepção com as outras espécies - todos são diferentes e, de acordo com a tarefa que deve ser feita, eles usam especificamente uns ou outros.

Outra questão que me pareceu importante sobre essa experiência foi a do terreno. A topografia nessa fazenda é muito irregular. Existem poucas trilhas para cavalgar e os percursos são feitos diretamente no campo nativo, entre pedras e pastagens, cruzando arroios e banhados. Somente aqueles terrenos onde se leva o boi para engorda parecem mais regulares, mas ainda assim há muitas lombas, algumas muito íngremes. Os cavalos, nesse local, estão acostumados aos terrenos irregulares, mas exigem de comando firme dos ginetes para deslocar-se na dificuldade dessa topografia. Nas minhas outras experiências, havia outro tipo de terreno e de um equino com outro tipo de adestramento, o que marcou a diferença a respeito dessa vez. O fator do terreno é preponderante no que diz respeito à confiança e à relação entre ginete e cavalo, tanto no costume do animal circular por topografias difíceis quanto na condução do cavaleiro na escolha do caminho e dos comandos dados ao equino.

Em janeiro de 2017, estive novamente na Argentina, na cidade de Jesus Maria, na província de Córdoba, sede do Festival Nacional de Doma e Folclore. Foi nesse evento, na sua 52ª edição, que me deparei

novamente com a figura do ginete e do cavalo como centro, e, também, com a música que fala desse contexto campeiro. Sugestivamente, o mote central do festival é a palavra “doma” (Imagem 38), a atividade de domesticação do equino, mas que, de fato, acontece apenas o espetáculo da *jineteada*, como presenciei em Tacuarembó e em San Antonio de Areco. O diferencial nessa festa é a qualidade das tropilhas, o tamanho e a potência dos animais, o que faz uma diferença na hora da competição em termos de desafio para os ginetes. Como nessa viagem me acompanhavam alguns dos meus interlocutores de outras pesquisas, Fabrício e Daniel, conversamos bastante sobre o evento, pois eles já haviam estado na festa em anos anteriores. É notável a estrutura da competição, os currais dos animais, a área de espera dos ginetes, o palco de autoridades, tudo dentro de um estádio que era dedicado ao futebol, hoje transformado no prédio da festa e em cancha de doma (Imagem 39).

Imagem 38 - Cartaz Festival de Jesus Maria, Córdoba, Argentina



Imagem 39 - Estrutura do evento de Jesus Maria, Córdoba, Argentina



Fonte: Acervo do autor.

Ao percorrer o perímetro do campo de doma, chegando aos currais, percebe-se a qualidade dos equinos e o bom trato que eles recebem em termos de preparação para o evento. Outra questão nesse evento é que há ginetes de vários países, que estão integrados à vida campeira nos seus locais de trabalho e que participam de *jineteadas* em diversos locais, aqui atraídos por prêmios em dinheiro. O desenvolvimento da festa apresenta-se com várias rodadas de competição na montaria intercaladas com *shows* de artistas de música folclórica

argentina e sul-americana, de gêneros musicais comuns com o Uruguai e o Sul do Brasil. Dessa maneira, cada jornada durante a semana do festival tem em média umas oito horas de duração, entre as competições de montaria e os *shows*. As barracas de artesanato têm, além das tradicionais vestimentas gaúchas, material para montaria, muitos artesãos que confeccionam rédeas, laços, selas, e tudo o que o homem campeiro precisa para seu cavalo. Por fim, o conjunto desse evento representa, como nas outras festas que observei, a ideia da relação com o cavalo, sua domesticação, seu treinamento para o trabalho no campo. Além da competição da *jineteada*, é apresentado em cada um dos cavaleiros que participam e colaboram na cancha de doma a destreza dos seus cavalos, os chamados de “apadrinhadores”. Pode-se observar, também, a maneira como se funde humano e animal em cada galope, em cada virada, em cada reação dentro desse contexto.

Sobre a relação dos humanos com os animais no Pampa, sem dúvidas, em primeiro lugar, o homem tem preferência pelo cavalo. Não é somente no universo gaúcho que o encanto e o desejo de dominação dessa espécie são evidenciados, a interação entre ser humano e equino faz parte da história da humanidade. É evidente que a conquista da América e, em particular, das planícies sulinas não teria sido possível sem a contribuição dessa espécie, seu particular manejo e a parceria estabelecida com o homem. O cavalo também modificou a vida dos indígenas da região, uma vez que estes o domesticavam e o usavam como meio de locomoção nas planícies, como para hostilizar os colonizadores em ações de guerra. Assim, esse animal tornou-se, como em outras regiões do planeta, um verdadeiro símbolo associado ao habitante do Pampa. Dificilmente a figura do gaúcho/*gaucho* é dissociada dessa espécie, portanto essa parceria tem um caráter intrínseco ao ambiente pampiano. O produto dessa relação de homem e cavalo foi crucial nas primitivas atividades de coureiro de gado e na participação nas guerras, e, depois, a principal força de trabalho e do desenvolvimento da pecuária como atividade econômica regional. Do mesmo modo, ginete e equino seguem sendo, na atualidade, nos locais de criação e de produção ganadeira, os que se encarregam do manejo do *vacum* de forma quase exclusiva.

Hoje em dia, a criação de equinos é uma atividade bastante consolidada não somente nos três países do Pampa, mas se distribui, também, em várias regiões do continente. Basicamente é a raça crioula (ou *criollo*) que se desenvolve na América do Sul, com algumas peculiaridades em cada país. A partir disso, o cavalo não somente está para o homem gaúcho como força de trabalho, como símbolo e parceiro, tem o mesmo significado para outras pessoas que fazem da equitação um

lazer ou também um esporte de competição. Deparei-me na minha pesquisa de campo em San Antonio de Areco com várias pessoas que adestravam cavalos para diversas atividades esportivas, uma delas é o jogo de polo, que requer animais diferentes, de outra espécie distinta do crioulo, chamada de polo argentino ou *polo pony*.

Na biblioteca do *Museo Las Lilas* de San Antonio de Areco em maio, encontrei um material bibliográfico e de vídeo elaborado pelo norte-americano Edward Laroque Tinker. Esse escritor norte-americano criou uma fundação de pesquisa⁶⁹ e dedicou-se, nos seus trabalhos, às investigações sobre a cultura hispânica na latino-américa. A obra de Tinker tem dedicado grande parte ao entendimento do mundo *gaucho* argentino, em especial à região do Pampa, especificamente aos assuntos relacionados às tarefas e ao manejo de cavalos e de vacuns. No livro *Los jinetes de las Américas* (TINKER, 1952), o autor busca mostrar a diversidade de estilos de montaria e a parceria com o cavalo no continente, além de investigar sobre um tipo de conduta e interesse comum sobre a interação humana com os equinos. Tinker elaborou para seu livro uma dedicatória muito especial para esses animais aos que dedicou anos de estudo:

UN TRIBUTO

Desde los tiempos del Cid hasta la invención del automóvil, el jinete ha sido una dominante y romantica figura. Desmontado, el caballero medieval, con su pesada armadura, era presa fácil del lacayo a pie; pero montado, inspiraba su respeto y homenaje. Casi invariablemente a caballo ha sido perpetuada en bronce la gloria de reyes, emperadores y generales. El temor y el asombro inspirado por los caballos de los conquistadores permitieron a un puñado de heroicos españoles conquistar todo un continente y más tarde, fue el gaucho del Río de la Plata, el Guaso de Chile, el llanero de Venezuela, el vaquero de Méjico y el "cowboy" de los Estados Unidos quienes, cabalgando sobre los descendientes de estos primeros caballos hispánicos, ensancharon las fronteras e hicieron posible el gran desarrollo agrario e industrial que siguió las huellas de sus

⁶⁹ Disponível em: <<http://www.tinker.org/content/history-foundation>>. Acesso em: 10 dez. 2017.

cascos. Por esto, es a ese fiel amigo del hombre y
 siervo de la civilización,
 EL MOSTRENCO DE LAS AMÉRICAS
 a quien dedico este libro.
 Edward Larocque Tinker⁷⁰ (TINKER, 1952, n.p.).

O vídeo da fundação Tinker ao qual assisti na biblioteca do museu, feito aproximadamente nos anos de 1950, mostra o trabalho com tropilhas de cavalos, as atividades com vacuns e a destreza dos sujeitos do campo em toda sua magnitude.

4.2.2 Os vacuns ou bovinos

Passo agora aos detalhes que mostram o ingresso do vacum na região. Logo depois, às minhas experiências de campo com essa espécie animal. Para essa questão, podem ser selecionados alguns autores que prestaram notável contribuição para descrever o fenômeno de introdução dessa espécie no Pampa e da conseqüente transformação do ambiente. Os trabalhos investigativos de Buenaventura Caviglia, em *Sobre el origen y la distribución del bovino em nuestro Uruguay*; do autor argentino Emilio Coni, em *Historia de las Vaquerias en el Rio de la Plata*; além do brasileiro Aurélio Porto, em *História das missões Orientais do Uruguai*, erigem-se como referência em termos históricos sobre a introdução e o desenvolvimento desse recurso. Os primeiros vacuns foram oriundos de Andaluzia, Espanha, e foram trazidos para a América pelo Capitão Juan de Salazar, desembarcando nas costas do Brasil (São Vicente) e depois levados por terra à cidade de Assunção no Paraguai de forma ilegal, sendo considerado o primeiro gado vacum que chegou a essa parte do continente⁷¹.

Houve em 1568 uma nova introdução de gado bovino em Asunción que foi feita pelo Pacífico. Dessa forma, o rebanho que se

⁷⁰ O original de Larocque Tinker leva o nome *The Horsemen of Americas*.

⁷¹ Essas informações estão de acordo com os relatos de Felix de Azara, que veio para a América em 1781 como militar, mas fez investigações de caráter naturalista e antropológicas nos 20 anos de permanência na região. Um dos seus livros *Apuntamientos para la historia de los Cuadrúpedos del Paraguay y Rio de La Plata Tomo II* contém, na sua página 225, essas referências sobre o ingresso destes animais, sete vacas e um touro, e o percurso que fizeram. Livro disponível em: <<http://trapalanda.bn.gov.ar/jspui/handle/123456789/2932>>. Acesso em: 10 dez. 2017.

disseminou pela região do Rio da Prata tem origem em primeira instância naquelas duas introduções feitas no Paraguai. Foram as fundações das cidades de Santa Fe, em 1573, Buenos Aires, em 1580, e de Corrientes, em 1588, que contribuíram para estabelecer e desenvolver os rebanhos nesses locais e a posterior passagem deles para a Banda Oriental. Há outros aportes da parte dos jesuítas que criaram o gado para consumo e aproveitamento dos produtos derivados do animal nas missões. Também os indígenas, ao se apropriarem de alguns animais e fazerem os próprios rebanhos, contribuíram para a totalidade desse recurso regional. Dessa espécie de vacum ainda há alguns exemplares reminiscentes, como aqueles existentes no *Museo Güiraldes* de San Antonio de Areco (Imagem 40).

Imagem 40 - Bovinos da raça crioula do Museo Güiraldes, San Antonio de Areco, Argentina



Fonte: Acervo do autor.

A criação do gado bovino precisa ser vista como a mais importante atividade comercial dos campos da América do Sul até a chegada da agricultura, especialmente das lavouras de soja. O vacum na região do Pampa foi levado paulatinamente para um estágio de domesticação e de cria. Antes disso, tornou-se selvagem na medida em

que escapava dos rebanhos trazidos pelo colonizador ou era abandonado por causa de conflitos bélicos ou de migrações repentinas. Esse gado selvagem fomentou o comércio de couros durante mais de 150 anos, até meados do século XVI aproximadamente, nas chamadas *vaquerias*. Nesse período até 1750, a extração dos couros vacuns seria a principal atividade comercial. No entanto, a carne não era considerada tão importante, somente servia como alimento para os *coureadores* que aproveitavam algumas partes da res abatida. O historiador Emilio Coni retrata esse processo da caça ao vacum selvagem documentando com dados numéricos surpreendentes no seu livro *Historia de las Vaquerias en el Rio de la Plata* (1930). Coni comenta que, nos anos de 1750, o comércio do couro quase extinguiu o vacum no Pampa argentino, mas, como na época também o animal estava bem disseminado na Banda Oriental (Uruguai), por meio de uma série de negociações, passaram grandes quantidades de gado para as planícies que rodeavam Buenos Aires para renovar os rebanhos (CONI, 1930). Além dessa exploração do couro, o vacum serviu como força de trabalho nos primórdios da agricultura, tanto para puxar os arados e semear a terra, como para locomover as carretas que serviam para transporte de objetos e pessoas através do Pampa. Fernando Assunção, no capítulo dedicado ao vacum, do seu livro *El Gaucho*, atribui a essa espécie, como também ao equino, a base fundamental e definitiva para dar personalidade econômica à região. Finalmente, como consequência das duas particularidades anteriores, a constituição da característica política da região (ASSUNÇÃO, 1963). Às considerações desse autor podemos somar alguns trechos de Ezequiel Martínez Estrada, extraídos do seu livro *Radiografía de la Pampa* de 1953. Nesses excertos, Martínez Estrada retrata duas questões fundamentais, em primeiro lugar a relação desses sujeitos, os *gauchos*, com esses animais:

El gaucho por ejemplo, no es un ser em vias de formación, sino el tipo concluído de una naturaleza que tiene em grande sus mismas formas. No es um germen nuevo de nada, sino um ser invadido y acabado.....Criando ganados el artesano se convirtió em pastor, vivió junto a ellos apacentándolos, esquilándolos, desollándolos, aprovechándolos, vendiéndolos, como si estuviera aprendiendo a comprenderlos. (MARTÍNEZ ESTRADA, 1953, p. 150).

E, em segundo lugar, a importância política e econômica do vacum, a partir da sua exploração comercial, e seu uso como moeda de troca e pagamento nas guerras e pleitos entre proprietários de terra, e até em questões de governo:

El ganado em pie, que constituyó la base de nuestras grandes fortunas, fue el tendón de las guerras civiles, el esqueleto de la Nación, y la piedra del escándalo de los gobiernos. Debajo y dentro de su cuero que se vivió..... Se combatía por ellas, contra ellas y para ellas, las indemnizaciones se pagaban y los daños morales se indemnizaban en esa moneda. (MARTÍNEZ ESTRADA, 1953, p. 151).

Sobre essas considerações, poderíamos fundamentar todo um espectro histórico e econômico que seria construído a partir da riqueza do gado. A figura nacional na Argentina e no Uruguai, o *gaucho*, constrói-se sobre esse passado histórico e por meio das relações econômicas e políticas articuladas entre humano e animal.

Sobre o gado vacum, experimentei, também, em campo, algumas situações relevantes para minha investigação. Nas minhas passagens pelas fazendas do Sul do Brasil, nas minhas experiências na Argentina e no Uruguai, apresentou-se a questão da modificação do rebanho de origem colonial para o das raças inglesas. Além disso, a relevância do estudo da genética dos animais tornou-se peça fundamental para a produção de pecuária na América Latina, principalmente na região do Pampa platino e brasileiro. Fabrício, um dos meus interlocutores mais frequentes, inclusive nas pesquisas anteriores sobre gauchismo, dedica-se, em sua propriedade, à reprodução de bovinos da raça *Angus*. Ao conversar sobre genética em várias oportunidades, ele apontava que há várias propostas para a produção de vacuns, uma delas é a que ele realiza, tratando-se de produzir reprodutores, ou seja, exemplares macho e fêmea de alta qualidade que, depois, serão utilizados para a produção de gado de raça para abate. Esses reprodutores servem somente para procriar e nem sempre são colocados com animais da mesma qualidade para esse efeito. Mesmo assim, a mistura é apreciada para melhorar a qualidade dos rebanhos para o mercado de carne.

O trabalho na propriedade do Fabrício faz-se com embriões importados de *cabañas* argentinas⁷², que são colocados em exemplares receptores. Esse tipo de produção é feito especificamente para manter uma linhagem reprodutiva de qualidade, um tipo de controle sobre a descendência de exemplares considerados puros pelas suas características genéticas e que permite estender, por meio desse procedimento artificial de prenha, a manutenção dessa espécie de vacum. O manejo e a escolha de produção, nesse caso, são também pelo tamanho da propriedade disponível. De acordo com essa característica e por ser uma propriedade pequena, o desenvolvimento do recurso dá-se em termos da qualidade do gado, em lugar de optar pela produção em quantidade. Na propriedade rural que ele possui, o monitoramento dos exemplares é contínuo, e o controle sobre a prenha e a posterior parição cria essa proximidade com os animais, mesmo que depois sejam vendidos, já que esse é o objetivo da sua produção.

Observei em fazendas pequenas e de médio porte outro tipo de produção de pecuária. Na fazenda Rincão do Butiá, uma propriedade que têm aproximadamente 150 animais, quase todos eles são criados para abate e consumo, sendo essa fase executada por uma cooperativa à qual o estabelecimento de produção está associado. O tipo de cria nesse local realiza-se deixando o gado a maior parte do tempo sem confinamento, ou seja, pastando livremente, calculando-se depois uma fase de alimentação com ração animal para controlar o final da engorda. Outra particularidade é que o produto, a carne desses vacuns, é controlado na base de padrões estipulados pela cooperativa para ter uma qualidade mais alta e competitiva no mercado. Presenciei, nesse local, a preparação de um lote de vacas para produzir um cio coletivo e a posterior inseminação com embriões importados. Esse procedimento realiza-se isolando as vacas em uma área, para depois aplicar vacinas e hormônios que irão produzir a condição do cio. Em 20 dias, colocam-se os embriões nesses animais receptores que vão desenvolver a prenha durante nove meses, para reproduzir, como na maioria dos casos, exemplares de alta qualidade de raças inglesas. Esse procedimento produz-se em um lote de animais fêmea para que o nascimento dos terneiros seja na mesma época a efeitos de controle sobre o rebanho.

⁷² O termo *cabaña* é adotado nos países de língua hispânica para designar os locais onde se produzem pesquisas e se trata do melhoramento genético da produção de pecuária. No Sul do Brasil, adotou-se, também, o termo *cabanha* para essas atividades, por mais que ele não apareça no dicionário português.

Na fazenda do Beto, localizada na Coxilha Rica, no município de Lages, encontrei outra característica de produção. É a produção de pecuária extensiva, uma modalidade que abrange todo o ciclo de vida do vacum, isto é, o cio natural, a cópula, a prenhe, o nascimento dos bezerros, e a posterior engorda dos animais para chegar ao momento ideal do abate. O processo que envolve todos esses estágios se prepara monitorando o gado e inserindo no rebanho animais de qualidade genética comprovada para gerar a descendência com as mesmas características. Dessa forma, é preciso ter exemplares macho e fêmea de ótima qualidade para a reprodução ou, como nesse caso, machos de alto *pedigree* que vão servir a um grupo de fêmeas para obter bezerros com um mínimo de condições mercadológicas favoráveis para abate e consumo. Nessa fazenda, é ponderado basicamente o valor genético dos touros, ou seja, o exemplar macho, que, em algum momento, será colocado com as fêmeas para acasalar, já que esses animais sempre estão separados, a não ser no momento premeditado para a cópula.

Na propriedade, há aproximadamente 400 vacuns; assim, é uma produção de médio porte. Nesse rebanho, há várias raças, mas a base são os da raça *Angus*. Há, também, alguns *Nelores*, e misturas entre eles, inclusive uma raça inglesa que se cria com bastante sucesso no Brasil: o *Devon*, configurando, assim, a diversidade desse lote de animais. Nas nossas atividades na fazenda, vimos quase todos os rebanhos em cada terreno. Percorremos várias invernadas⁷³, vendo a situação do gado em cada local, mudando-os de local. O manejo faz-se para que eles comam diferentes pastos. Outra situação que percebi nessa propriedade é sobre a relação do produtor com os vacuns, de como se reconhecem os animais, alguns exemplares em especial. Nessa atividade campeira, há sempre a contagem da quantidade de exemplares por invernada, o que faz que se conheçam quase todos e cada um dos que estão em cada terreno. Outra particularidade é a de como eles ficam agrupados nos rodeios⁷⁴.

⁷³ São chamadas de invernadas os terrenos cercados onde se coloca o gado para pastagem e engorda. As invernadas são manejadas por meio de porteiras para permitir a passagem do gado de um local para outro, mudando, dessa forma, as pastagens.

⁷⁴ Os nativos chamam assim o grupo de animais que estão em cada terreno da fazenda.

Todos os animais situam-se perto dos tanques ou cochos⁷⁵ de sal. O gado consome sal de maneira frequente, e os cochos são uma forma de aglutiná-los. Beto, o dono da propriedade, comentou que a descoberta do uso desse mineral foi uma forma de domesticá-los e de tê-los juntos e próximos, já que eles sabem que é o humano que os fornece de sal. Sem o sal, talvez fosse bastante difícil ter o vacum nesse grau de domesticação; ele ficaria em estado quase selvagem. O gado nesse local só engorda na base de pastagem em campo nativo e lavoura de pastos, ou seja, gramíneas plantadas especificamente nos terrenos; não são usados alimentos extras ou balanceados. O manejo na fazenda, portanto, é estudado no sentido de quantos animais permite ter por hectare a partir da característica do solo, de como se pode aproveitar a pastagem no inverno e do melhoramento do alimento no verão devido ao rebrote de grama. Na produção bovina dessa fazenda, não é desconsiderado o melhoramento genético, ao contrário, é manejado de outra forma, por meio dos ciclos de cria e engorda e do melhoramento dos reprodutores machos, seguindo a modalidade produtiva de pecuária extensiva, que acompanha de forma mais natural o desenvolvimento do animal no campo.

4.2.3 Genética bovina

Nas fazendas que pesquisei no Sul do Brasil, mostrava-se a particularidade da preocupação pela questão da qualidade de gado, do melhoramento das linhagens por meio da genética. Tanto Fabrício, “Seu” Paulo, Vinícius quanto Beto procuravam ter um manejo dos rebanhos controlando a reprodução por intermédio de recursos científicos. Foi para aprofundar esse conhecimento que procurei na Argentina mais informações.

Minha experiência sobre o melhoramento genético animal mais importante foi em San Antonio de Areco, quando visitei uma destacada *cabaña* de genética bovina da Argentina. Nesse encontro e nos diálogos com os técnicos, entendi uma série de atividades e situações que configuram uma transformação significativa para os modos de produção e de relação dos sujeitos com animais na campanha da contemporaneidade. O meu contato para conversar com o pessoal da *Cabaña Las Lilas* foi, em princípio, por meio de um dos meus

⁷⁵ São chamados de cochos os recipientes onde se coloca o sal para o gado consumir. Podem ser feitos de vários materiais e formas, e são colocados no meio das invernadas para congregarem mais facilmente os rebanhos.

interlocutores na cidade, Gaston, artesão em prataria. Foi ele que fez o contato com seu amigo Tomás, que, hoje, está a cargo do processo de manejo genético no estabelecimento em que iria realizar a visita. Vale ressaltar que *Las Lilas* é uma das mais importantes *cabañas* de genética ganadeira da Argentina e do mundo. *Cabaña Las Lilas* fica na localidade de Duggan, vizinha de San Antonio de Areco. Para ir até lá, peguei um táxi na cidade até o local.

Após entrar na propriedade, cheguei ao prédio principal onde Tomás me recebeu. Logo depois de nos apresentarmos, fomos ver os animais, todos machos de diferentes raças bovinas puras e de cruzamentos. Nesse processo, o produto final é a venda de sêmen desses animais de altíssima qualidade. Os animais fazem parte de um complexo catálogo com uma série de índices numéricos conforme as características de cada touro. A partir das qualidades e das características de cada exemplar, o cliente de *Las Lilas* escolhe para a inseminação que irá fazer com o gado da sua propriedade.

Na *Cabaña Las Lilas*, encontra-se a particularidade de que os animais são todos próprios, ou seja, todos pertencem à empresa e foram nascidos e criados em alguma das seis fazendas que a formam, localizadas em diferentes regiões da Argentina. Os processos de seleção dos animais são feitos por alguns funcionários do estabelecimento que possuem conhecimentos e que são treinados para fazer as seleções dos exemplares. Em primeira instância, a seleção é de forma fenotípica (aparência), e, depois, de modo genotípico (ou seja, com amostras de sangue e células). O manejo parte da seleção de animais mais novos com precocidade sexual e com fenótipos apropriados para reproduzir exemplares de raça e para a produção de carne de altíssima qualidade, além do potencial para explorar a produção e venda de sêmen. Em *Las Lilas* de San Antonio de Areco, somente se trabalha na coleta do sêmen dos animais selecionados. Tomás comentou-me que esse processo é realizado por meio do coito simulado, partindo do estímulo visual dos touros com algumas vacas que a empresa tem nesse campo. A extração realiza-se por intermédio de uma vagina simulada que se aquece à temperatura da cópula e da ejaculação, colocada no touro nesse momento. Em um procedimento extremamente controlado, extrai-se o sêmen dos touros duas vezes por semana (Imagem 41). Depois da extração, o sêmen vai para um laboratório onde se examina a qualidade, assim seguindo para a armazenagem em recipientes de congelamento.

Imagem 41 - Tomas extraíndo sêmen em Cabaña Las Lilas, San Antonio de Areco, Argentina



Fonte: Fotografia cedida por Tomás Giacomantone.

Outras questões surgiram na nossa conversa, além do processo da produção e da venda do sêmen bovino. O controle sobre o tamanho dos animais para o mercado interno e para o mercado frigorífico internacional parece ser uma preocupação importante. Nesse caso, os animais, pelo seu tamanho, servem para diferentes propostas, sendo o sêmen vendido pelas características de peso, de raça e de tipo de carne, conforme o que o produtor ganadeiro precisa para atingir mercados específicos. Nesse caso, os animais de porte maior são para o mercado externo e os de porte menor para o interno. A produção do catálogo da *Cabaña Las Lilas* é basicamente para orientar os clientes, oferecendo minuciosamente todas as características de cada animal para produzir a inseminação e a conseqüente produção de filhotes de forma homogênea e controlada. A variedade de raças e de cruzamentos oferecem opções para a venda de sêmen, tanto para a produção interna como para o exterior. Tomás explicou sobre os diferentes mercados de carne e sobre a disputa de produção. Foi apontado que a Argentina perdeu esses mercados por uma política de comércio exterior deficiente no setor. Hoje os líderes na América Latina dessa atividade são Brasil, Paraguai e Uruguai.

A hibridização de raças permite a mistura de características, reforçando as qualidades de cada uma delas, como, por exemplo, a resistência às doenças, o volume de massa corporal e de carne, os ciclos de reprodução, a adaptação à alimentação fornecida em diferentes

regiões. Cada raça tem uma especificidade em termos da carne, no tipo de fibras musculares, na gordura e no tamanho dos cortes que serão vendidos no mercado. Esse importante estabelecimento de produção na Argentina é constituído, além da *cabaña* de melhoramento genético, por seis estâncias distribuídas em várias regiões desse país. Nesses locais, há um total aproximado de 15 mil animais que majoritariamente servem para a reprodução, mas há uma percentagem menor que se destina ao abate e ao consumo do mercado. O diferencial observado no estabelecimento *Las Lilas* é que o nível de produção ganadeira poderia ser considerado alto, não somente pela quantidade de animais nas suas fazendas como também pela busca de efetividade na prenhe e posterior criação, proporcionada pelo melhoramento genético.

Em janeiro de 2017, também visitei, por uns dias, uma estância (Imagens 42, 43 e 44) no norte de Uruguai, perto da cidade de Artigas, divisa com Quaraí, Rio Grande do Sul. A estadia permitiu-me conversar com o dono, Gabriel, e com algumas pessoas que trabalham nesse campo. A extensão de terra é bastante significativa e a quantidade de animais entre bovinos e ovinos é grande. Além dos detalhes de produção das raças inglesas *Angus* e *Hereford* e do cruzamento *Brangus* (*Brahma* com *Angus*) para o mercado de consumo, há na propriedade uma *cabaña* de melhoramento genético, onde matrizes e reprodutores do próprio rebanho são cuidados.

Imagem 42 - Estrutura da estância e Cabaña Macedo, Artigas, Uruguai



Imagem 43 - Estrutura da estância e Cabaña Macedo, Artigas, Uruguai



Fonte: Fotografias cedidas por Cabaña Macedo.

Imagem 44 - Estrutura da estância e Cabaña Macedo, Artigas, Uruguai



Fonte: Acervo do autor.

Acompanhei o dono da fazenda, Gabriel, em algumas atividades de preparação do cio de algumas matrizes da raça Angus para posterior inseminação, observando o processo que se repetia como nas experiências anteriores dos outros estabelecimentos rurais no Brasil. Uma questão que se apresentou nos diálogos era a da preparação dos animais para as exposições ganadeiras do país, principalmente a mais importante chamada de *Exposición Rural del Prado*, na cidade de Montevideú. Essa exposição basicamente é uma reunião de produtores que, segundo meu interlocutor, torna-se importante para mostrar a qualidade dos animais, em uma mostra pública competitiva avaliada por jurados, que especificamente desenvolvem pesquisa e trabalham nessa área. Para esses eventos, domesticam-se vacuns e ovelhas para o desfile das avaliações. Aos animais são ensinadas posturas e formas de andar, bastante próximo ao que se desenvolve com cavalos. Na fazenda, foi possível conversar também com o capataz e com trabalhadores, uma equipe de brasileiros e uruguaios que se revezam no cuidado dos animais e nas tarefas da *cabaña*. Todos participam do manejo dos vacuns, das ovelhas e de uma tropilha de 130 cavalos para o trabalho no campo.

No Pampa, ou ainda em outras regiões no continente, a transformação das relações com esses animais teve uma incidência direta da geopolítica e da economia. O caso dos vacuns é talvez o mais notório, configurando, assim, a ideia de exploração de um capital vivo a partir da constituição das atividades da pecuária. Esses rebanhos foram

modificando paulatinamente a vida dos sujeitos do campo, por um lado, daqueles que faziam o manejo direto dos animais, ou seja, gaúchos/*gauchos*, paisanos ou peões; e, por outro, de quem explorava comercialmente o recurso e se utilizava da mão de obra dos trabalhadores: os novos estancieros ou pecuaristas. Ainda hoje essas espécies animais constituem uma boa parte das atividades comerciais do campo e, de alguma forma, tornaram-se um símbolo da região do Pampa pela produção e pela qualidade da carne.

Sobre as atividades da pecuária pampiana, há uma questão para ressaltar: a transformação do rebanho que se fez no século XIX e que teria continuidade no XX. Os animais trazidos pelos colonizadores eram de uma espécie diferente das que encontramos hoje em toda a região. Tanto os vacuns como as ovelhas dos colonizadores eram do tipo que possuíam na Península Ibérica no século XV, que se adaptaram ao Pampa e se reproduziram rapidamente, mas que, com o tempo e as exigências do mercado internacional de carnes, foram perdendo o valor. Isso por não ser adequada sua qualidade, mas também porque seu rendimento era baixo nas taxas de crescimento e volume na produção de carne. Por isso, alguns pecuaristas começaram a introdução de alguns tipos de vacum conhecidos como raças britânicas⁷⁶. Esse tipo de animal tinha um porte físico bastante diferente daqueles introduzidos na época da colônia, e ainda reuniam as qualidades que se apresentavam para o mercado, ainda incipiente, mas que já nessa época tinha exigências.

As raças britânicas⁷⁷ começaram a ser introduzidas na Argentina em 1836, com espécimes do tipo *Shorton*, do noroeste da Inglaterra. Do sudoeste inglês, veio mais tarde a raça *Hereford* (Imagem 45), exemplares importados a partir de 1858. Esses animais conformaram tempo depois a maior parte do rebanho argentino, sendo distribuído tanto no Pampa como nas regiões patagônicas e noroeste.

⁷⁶ Na pesquisa bibliográfica sobre esse assunto, há vários livros e artigos, um deles é *Razas Europeas de ganado Bovino* de de M. H French, publicado para a ONU em Roma, em 1968. Está disponível em: <www.fao.org/docrep/015/an472s/an472s.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2017.

⁷⁷ Outras informações sobre esse tipo de vacum estão disponíveis em: <http://www.produccionbovina.com/informacion_tecnica/a_curso_produccion_bovina_de_carne/7B-08-Capitulo-VIII-Razas-Britanicas.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2017.

Imagem 45 - Gado raça *Hereford*

Fonte: Imagem extraída de *Gemstone Cattle Company*.⁷⁸

Mais tarde, em 1879, ingressou no país platino uma raça que dividiu os rebanhos com o *Hereford*: o *Aberdeen Angus* ou *Angus* (Imagem 46), como é vulgarmente conhecido. Essa raça desenvolveu-se de forma promissória em todo o Pampa, sendo adotada também no Uruguai e depois no sul do Brasil, pelas suas características de resistência às doenças e de adaptação ao ambiente, pela qualidade e pela massa corporal na produção de carne. Com os avanços da biogenética bovina, realizaram-se algumas misturas de raças, como a inglesa *Angus* e a hindu *Brahma*, dando origem ao *Brangus* (Imagem 47), ou a *Hereford* com *Brahma*, resultando a *Braford*.

⁷⁸ Disponível em: <<http://gemstonecattle.com/herford/cows/>>. Acesso em: 10 dez. 2017.

Imagem 46 - Raça Angus Negros -
Artigas, Uruguai



Imagem 47 - Raça Brangus, mistura
de Brahman com Red Angus -
Cabanha Macedo, Artigas, Uruguai



Fonte: Fotografias cedidas pela Cabaña Macedo.

Complementa-se a diversidade de espécies vacuns com algumas outras raças europeias como as francesas *Charolaise* e *Limousin*, o *Pardo* e a *Fleckvieh Simmental*, ambas da Suíça. Além desses animais, temos uma incidência muito importante das variedades indianas: *Nelore* e *Brahma* (Imagem 48), sendo as mais importantes; e a *Guzerá*, *Gir* e *Sindi* como as menos difundidas. Sobre as variedades leiteiras, destacam-se a *Holando*, dos Países Baixos, e a *Jersey*, de origem inglesa. Há ainda outras espécies britânicas de menor incidência em todo o Pampa, tornando-se, por vezes, raras e de pouca produção.

Imagem 48 - Gado raça Brahma



Fonte: Imagem extraída de Moreno Ranches.⁷⁹

⁷⁹ Disponível em: <<http://www.morenoranches.com/following-moreno-ranches-brahman-cattle-social-media/>>. Acesso em: 10 dez. 2017.

O que se torna relevante, nesse caso, é que, com a ascensão da pecuária se requer cada vez mais profissionais em termos de conhecimento científico, isto é, veterinários, agrônomos e zootécnicos, mas, para as atividades de trato dos animais, nunca foi dispensado o paisano ou peão rural no manejo direto dos exemplares. Nessa situação, produz-se um interessante contraste: por um lado, as modernas técnicas genéticas de reprodução e cruzamentos de raças, para alto rendimento na produção de carnes; e, por outro, o manejo dos animais e dos rebanhos feitos por paisanos a cavalo, com a ajuda de cães, de uma forma muito parecida às relatadas pela historiografia.

As relações dos sujeitos com os animais passam a ter novas conotações com os conceitos da genética e da biossociologia, assim como as relações intersubjetivas que se tramam a partir da agência dos animais. É necessário considerar que elas surgem a partir da reconfiguração dos rebanhos na América com o ingresso das raças inglesas, mas é com os conceitos inovadores de ciência e da tecnologia e na concorrência mercadológica que se consolidam. A categoria de pecuaristas, estancieiros ou criadores tem por meio das raças e das misturas genéticas preferências por certos tipos de vacum - isso os aglutina em associações que conjugam produtores de uma raça específica. Além disso, vale apontar as trocas de conhecimento que se operam nas cabanas que eles gerenciam.

A minha vivência na genética da *Cabaña Las Lilas de Areco* mostrou-me que a venda do sêmen bovino reúne um conjunto de compradores que se relacionam por meio desse produto animal. Nesse caso, o produto da *Cabaña Las Lilas* une os produtores que usam a certificação desse estabelecimento como marca de qualidade. Outro contexto de socialização muito específico são os remates ou leilões dos animais. Os trabalhos de pesquisa de Natacha Simei Leal (2014, 2016) apontam para esse cenário intersubjetivo agenciado pelos animais. Como Leal (2014) descreve minuciosamente, no Capítulo 3 de *Nome aos Bois*, sua tese de doutorado, surgem, no meio desses verdadeiros espetáculos pecuários, hierarquizações, categorias, formas de agir e as dinâmicas próprias desse tipo de evento. Não tive oportunidade de presenciar diretamente alguns desses eventos organizados pelos meus interlocutores, mas recebo continuamente propagandas, fotos, vídeos e convites de parte deles, que coincidem notoriamente com as descrições de Leal (2014). Creio que a autora resume de forma concreta esses eventos quando diz que:

De um viés economicista é possível afirmar que o mercado de gado de elite, através da venda de animais em leilões, funciona como um oligopólio, em que um grupo restrito de empresários controla os mecanismos de oferta, demanda e logo de formação de preços das reses reprodutoras. Mas é preciso ressaltar que estes bois são mais do que, investimentos ou bens, eles geram riqueza e status. Eles são nos termos de Appadurai (2008), ‘emblemas de valor’. (LEAL, 2014, p. 175-176).

Como aponta Leal (2014), os remates ou leilões são eventos de socialização muito específicos, encontros na maioria das vezes entre grandes produtores, dos quais, eventualmente, participam médios e pequenos pecuaristas, zootécnicos, engenheiros e veterinários, sempre intermediados pelos campeiros que manejam os vacuns para exibição. Seria então uma espécie de reunião entre as categorias campeiras, tomada com significados além do comercial, ou seja, hierárquicos, de prazer, de gosto, e, por fim, uma demonstração de controle da natureza e do ambiente.

4.2.4 Os cães

Outra espécie de suma importância conseguiu um lugar de destaque nas relações da campanha e do Pampa especificamente: os cães. A razão de mencioná-los neste trabalho também não se deve somente a motivos históricos, na aparição desse animal nos locais que estamos referenciando, mas também porque, com o passar do tempo, a espécie tornou-se uma ferramenta crucial para o trabalho com gado na campanha. Os canídeos já existiam historicamente na *Mesoamérica*, não com as características dos cães domésticos de hoje, mas com as de algumas subespécies. Estudos de ADN fornecem informações que há 15.000 anos esses animais entraram na América junto aos caçadores e aos coletores provenientes da Ásia⁸⁰, e a entrada deveria ter acontecido pelo estreito de Bering há 11.000 anos (VIANO, 2015). Esses canídeos transformaram-se com o passar do tempo pelo isolamento geográfico. Como mostram os estudos de ADN em fósseis encontrados na América, há diferenças com

⁸⁰ Disponível em:

<<http://revistadehistoriaeufrates.blogspot.com.br/search/label/Humanidades%20Digitales>>. Acesso em: 10 jan. 2018.

seus antepassados asiáticos. O antropólogo Raul Valadez Azúa (apud VIANO, 2015) aponta para uma série de dados sobre a origem dos cachorros da América do Norte e os pré-hispânicos no México:

Queda demostrado al analizar las muestras de los perros de Alaska, los cuales manifiestan múltiples orígenes, mientras que en México la muestra indica que los perros nativos provenían de unas pocas líneas"... "En tiempos prehispánicos existieron varias razas, pero tengo la certeza de que la gente no los percibía como objetos, como animales que debían adaptarse y criarse para servir a los propósitos humanos, como ocurrió en Europa. (VIANO, 2015, n.p.).

No mesmo artigo, Viano (2015) apresenta algumas evidências sobre a existência de cães em regiões tão distantes como a Patagônia chilena e argentina. O pesquisador Daniel Loponte, do *Instituto Nacional de Antropología y Pensamiento Latinoamericano* da Argentina, segundo Viano (2015), aponta interessantes dados sobre a existência de cachorros nessas latitudes:

El registro más antiguo de un perro para Argentina corresponde al sitio Cerro Mayor de 1.600 años de antigüedad"... "En el Delta del Paraná, los datos basados en trazas químicas señalan que los perros llegaron probablemente del área andina a través de intercambio de bienes y productos. (LAPONTE apud VIANO, 2015, n.p.).

O mesmo pesquisador faz referência à chegada dos colonizadores e o que estes observaram dos aborígenes quando caçavam animais:

Cuando llegaron los españoles al Rio de la Plata, describen varios episodios de caza de los grupos aborígenes, pero nunca señalan la colaboración del perro"... "Cuando hay perros en campamentos humanos, los huesos de las presas cazadas generalmente tienen marcas de carroñeo de los perros. Pero aquí no observamos estas marcas, lo cual señala que si bien hubo perros, estos tuvieron densidades poblacionales muy bajas. (LAPONTE apud VIANO, 2015, n.p.).

Os europeus traziam cães consigo que usavam correntemente no velho continente como animal de caça e guarda. Esses animais vindos junto aos colonizadores foram cães que teriam uma linha de descendência direta de espécies que faziam parte de algumas civilizações antigas, como os *Hunos*, que invadiram parte do Império Romano. Esses grandes cães acompanharam os *Hunos* e se disseminaram pela Europa até a Península Ibérica⁸¹. Essa espécie chamada de *alano* eram animais de grande porte, muito musculosos, de cabeça enorme e mandíbulas muito fortes. Vários documentos e pesquisas indicam como esses cachorros europeus eram usados e com que fins foram trazidos pelos colonizadores. Nesse caso, encontramos a denominação de *moloso* para um grupo, ou melhor, um tipo de cão para fins de luta, ou caça, características coincidentes com os cães da colonização:

Similarmente al caso del moloso, calificativo que en la antigüedad abarcó varios tipos de perros con el común denominador de ser empleados para la lucha (en combate contra animales, gladiadores o en la guerra); dentro del Nuevo Mundo, la denominación de Alano se aplicó de manera extensiva a todos los perros utilizados a fin de pelear ferozmente contra los indios. Aunque, en rigor de verdad, también actuaron dogos y lebreles. (ORTEGA, 2011, n.p.).

São mencionados aqui *dogos e lebreles*, outros tipos de cães também da mesma origem trazidos pelos espanhóis. Ricardo Piqueras (2006), da *Universitat de Barcelona*, menciona o uso desses cães em ações de caça e guerra contra os indígenas:

Los perros fueron utilizados constantemente en combate durante toda la conquista, formando parte de la hueste, ya fuera en vanguardia como tropa de choque, lanzándolos contra las muchedumbres indígenas para aprovechar el temor y desconcierto inicial o em retaguardia en labores defensivas del grupo de conquista, a cargo de la guarda del ganado o de los enfermos que siempre lastraban y

⁸¹ Disponível em: <<http://spanish-alano.com/america.html>> ou em <<http://www.voraus.com/adiestramientocanino/modules/wfsection/print.php?articleid=1>>. Acesso em: 10 dez. 2017.

retardaban el avance general del grupo. (PIQUERAS, 2006, p. 190-191).

Talvez o dado mais importante a ser observado nesses relatos etno-históricos é o grau de afinidade desses cães com seus donos e seu nível de treinamento, isto é, adestramento para a caça, o combate, a perseguição e o extermínio dos índios:

Solos o en aterradoras jaurías, siempre obedientes, combatieron, aterrorizaron, sufrieron y murieron junto a sus amos o por ellos, vendiendo siempre muy caras sus vidas, a costa de demasiadas vidas ajenas: “bien se puede fácilmente juzgar qué y cuáles obras podían hacer los lebreles ferocísimos, provocados y esforzados por los que los echaban y acomaban en cuerpos desnudos o en cueros y muy delicados; harto mayor efecto, cierto, que en puercos duros de Carona o venados”. (PIQUERAS, 2006, p. 191).⁸²

Torna-se fundamental, agora, ver o que aconteceu depois de consumado o avanço colonizador com esses cães que poderiam ser considerados como espécies exógenas ao ambiente sul-americano. Lembrando que, com os equinos e bovinos, houve uma transformação mais do que importante, com esses cães aconteceu algo similar, como afirma Piqueras (2006):

Educados y entrenados para la guerra, muchos de ellos no encontraron fácil acomodo en tiempos de paz. Aunque muchos se reconvirtieron a los usos que en España se les daba, como la caza o guarda de las casas y heredades y unos pocos subsistieron como perros de ayuda militar en las zonas fronterizas de ambos virreinos, otros tantos fueron abandonados, humillados, forzados a huir por el desprecio de unos amos que ya no les consideraban esenciales. Cual esclavos cimarrones, se echarán al monte y buscarán el apoyo mutuo en forma de dañinas jaurías que intentarán subsistir atacando el ganado de un mundo que ha dejado de pertenecerles: “Los perros

⁸² Citação no excerto: Relato de Fray Bartolomé De Las Casas. *Historia de las Indias*, Lib.I, cap. CIV. p. 413 (PIQUERAS, 2006).

han en tanto exceso multiplicado que andan manadas de ellos, y hechos bravos hacen tanto mal al ganado como si fueran lobos, que es un grave daño de aquellas islas”. (PIQUERAS, 2006, p. 198).⁸³

Foi assim que o remanescente das matilhas trazidas pela conquista das terras americanas pelos espanhóis se converteu em uma verdadeira ameaça para a criação do gado bovino. Na América do Sul, particularmente esse fato tornou-se motivo para organizar matanças dos cães que se tornaram selvagens:

El virrey del Perú don Francisco de Toledo tampoco quedó al margen y “mandó hacer matanza general de los infinitos perros que había” en la Villa Imperial de Potosí. Otro tanto se dice de los perros cimarrones del Uruguay, procedentes de los llevados por Pedro de Mendoza (1537), que llegaron a causar tanto daño a los ganados, que el Cabildo de Montevideo recompensaba a los vecinos que mataran dos al mes, mostrando las orejas como prueba de su acción. (BUENO JIMÉNEZ, 2011, p. 203).

É justamente sobre esses cachorros chamados de *cimarrones*⁸⁴ que também Fernando Assunção dedica um capítulo no livro *El Gaucho*. O autor usa o testemunho do Felix de Azara sobre os bandos de cachorros selvagens que atacavam o gado. Assunção comenta que a dispersão desses cães pode ter sido durante a mesma época em que se disseminou o vacum no Pampa. O detalhe é que os cães foram abandonados pelos colonizadores ou fugiram dos povoados, desenvolvendo-se no ambiente da campanha e voltando para o estado selvagem, reproduzindo-se muito rapidamente, e, conseqüentemente, formando grandes grupos que os tornou uma verdadeira ameaça, principalmente para os rebanhos de vacuns (ASSUNÇÃO, 1963). Assunção confirma que, ainda em 1730,

⁸³ Citação no excerto: Relato de José de Acosta. Historia natural y moral de las Indias, Lib.I, cap. XXI, p. 116 (PIQUERAS, 2006).

⁸⁴ O termo *cimarron* é usado para nomear um animal que não é domesticado e que, portanto, vive em estado selvagem. Ele também descreve, assim, os animais que escaparam da condição doméstica e se estabeleceram em uma área rural, tornando-se agressivos e antissociais. O autor refere-se a essa definição na página 84 do livro *El Gaucho*.

foram organizadas algumas tropas pelo governador de Buenos Aires para o extermínio desses cães, provocando a quase extinção dos animais por causa do prejuízo que eles causavam nas *vaquerias*⁸⁵. O autor aponta que o ciclo do cachorro é similar ao do *gaucho*: enfrentados a uma economia especial, basicamente solucionavam a sua subsistência com uma dieta carnívora, ingressando ambos na história, em uma sociedade que os marginalizava chamando-os de forma similar sob um mesmo significado: *cimarrones*, *gaudérios* e *gauchos* (ASSUNÇÃO, 1963, p. 83). Na propriedade que visitei na localidade de Pelotas, Fabiano cria a raça cimarrão uruguaio e tem vários exemplares como segurança do terreno (Imagem 49).

Imagem 49 – Cachorros da raça cimarrones uruguaio na pesquisa de campo no município de Pelotas



Fonte: Acervo do autor.

É bastante difícil e impreciso determinar quando o homem do campo começou a sua parceria com o cão no trabalho da pecuária.

⁸⁵ Assunção (1963, p. 81) refere-se às *vaquerias* como os campos de exploração e cria de vacuns, e remete-se aos depoimentos do Padre Cattaneo em uma publicação chamada *Revista de Buenos Aires*, Tomo VIII, Año III, N° 29, p. 385-386.

Possivelmente esse “acordo” entre humano e animal surgiu no momento em que os campos foram cercados, e a exigência do manejo dos rebanhos para uso comercial pediram mais atenção e precisão nos trabalhos. Na literatura, a figura do cachorro como companheiro do gaúcho/*gaucho* é bastante frequente, mas historicamente não se encontram registros de como descobriram a habilidade dos cães para esses serviços. A relação do ser humano com o cão na campanha deveria ser apontada basicamente com sentido de parceira laboral. Por outro lado, quando colocamos em evidência a parceria com o cão, o gaúcho/*gaucho* já estaria se transformando em outra categoria, a de paisano, por causa das novas configurações geopolíticas e econômicas.

Na maioria dos locais da campanha que pesquisei havia cães preparados para o trabalho com gado ou para guarda. Na fazenda Rincão do Butiá, eram os cães que iam buscar e trazer os cavalos que depois usávamos para revistar o gado (Imagens 50 e 51). Eles subiam uma íngreme ladeira e minutos depois voltavam controlando os equinos em direção à mangueira, onde os esperávamos. Depois de encilhar os cavalos, saíamos ao campo, e sempre os cães nos acompanhavam em todas as atividades. Esses animais ofereciam-nos proteção na mata por causa da aguçada percepção sobre outras espécies, algumas perigosas, como as cobras. Na experiência da cavalgada na Coxilha Rica, na fazenda do Beto, o cão que nos acompanhava alertou sobre a presença de uma grande cobra. Nesse momento, descíamos um barranco quando o cachorro parou em um local e latia agitadamente. Tínhamos de passar por uma porteira nesse local, por isso Beto desceu da égua e foi conferir a agitação do cão, registrando a presença de uma perigosa cotiara, cobra venenosa da fauna brasileira. A cobra saiu, e o cachorro se acalmou, e nós seguimos nosso caminho. Por isso a importância da companhia no terreno de um cão, tão apontada pelos campeiros. No Capítulo 5, tratarei com mais detalhes sobre assunto do adestramento de cães e sua função no serviço da pecuária segundo alguns autores.

Imagem 50 - Cães da Fazenda
Rincão do Butiá



Imagem 51 - Ovelheiro gaúcho
Rincão do Butiá



Fonte: Acervo do autor.

4.2.5 Os ovinos

Outra espécie introduzida no Pampa de relativa importância é a ovelha, isto é, o gado ovino. Comercialmente, o ovino não alcançou a relevância do vacum apesar de ter ingressado na mesma época em algumas regiões do continente. De todas as maneiras, torna-se importante mencionar esse recurso, pois, com o passar do tempo, formaram-se bons rebanhos em todas as regiões que citamos até aqui. Conseqüentemente, os ovinos transformaram-se em uma área específica dentro da pecuária, um ramo de criação animal que o homem campeiro teve de aprender a trabalhar como o fez com o gado bovino. As minhas experiências com essa espécie limitaram-se a observar o manejo na propriedade de Fabrício, a Estância Velha de Curitibaanos, onde se cria um rebanho de mais ou menos 200 exemplares, mas que, em algumas épocas, era bem maior (Imagens 52 e 53). A cria e o manejo desses animais exigem um cuidado bastante intenso em termos de doenças, de lugares de pastagens, da incidência de predadores como pumas, ou cachorros de grande porte, e de trazer para galpões os animais todo dia ao entardecer.

Imagem 52 - Bovinos da Cabanha Estância Velha, Curitibaanos, SC



Imagem 53 - Bovinos da Cabanha Estância Velha, Curitibaanos, SC



Fonte: Acervo do autor.

As origens dos ovinos remontam-se aos ancestrais selvagens, algumas variedades de carneiros que se encontrariam na Ásia há mais de 20.000 anos. A domesticação dessas espécies data entre 11.000 e 9.000 anos e teria sido na Mesopotâmia asiática. Já, em rebanhos e domesticados pelos povos pastores, a espécie dispersou-se em direção à Europa, onde foi criada para obter leite, carne e usar sua pele (couro e lã). Na América, seriam trazidos tanto pelos colonizadores portugueses como pelos espanhóis. No Brasil, a introdução dos primeiros ovinos data de 1556 com a chegada de alguns exemplares (NUNES VIEIRA, 1967). Os dados são bastante imprecisos, mas alguns registros dizem que os animais não se adaptaram bem ao clima da região do Nordeste. Mais tarde, esse recurso desenvolveu-se nos estados do Sul, com destaque para as planícies rio-grandenses, principalmente aquelas que são limítrofes com o Uruguai.

No contexto argentino, há informações um pouco mais precisas, observando que a introdução se realizou pelo norte do país, disseminando-se depois para os limites com o Paraguai e descendo para a região do Rio da Prata. Por meio da *Facultad de Ciencias Veterinarias UNNE Corrientes*⁸⁶, sobre história da inserção dos ovinos, deparamo-nos com a seguinte informação:

⁸⁶ Disponível em: <<https://ppryc.files.wordpress.com/2011/04/ut1-ovinos-u1.pdf>>. Acesso em 20 nov. 2017.

En América no existían ovinos antes de la llegada de los conquistadores españoles quienes los introdujeron al continente. En el siglo XVI Juan Núñez del Prado introduce desde Perú los primeros ovinos a Tucumán, que por su destino incierto se cree ejercieron poca influencia posterior. En 1549, Nuflo de Chaves, fundador de Santa Cruz de la Sierra (Bolivia), introdujo por primera vez ovinos y caprinos en Asunción, desde donde llegaron a Santiago del Estero en 1556, la primera ciudad fundada en lo que es hoy el territorio argentino (Carranzoni, 1997). Hacia 1573, Juan de Garay lleva desde el Río de la Plata los primeros ejemplares al Litoral. En 1587 Juan Torres de Vera y Aragón trajo desde el Perú 4.000 ovejas que fueron diseminadas entre las provincias de Buenos Aires, Santa Fe y Corrientes (Zeballos, 1898). Hacia fines del siglo XVI, se produjeron varias entradas de ovinos al territorio argentino por el norte y también por el Río de la Plata, coincidiendo con la fundación de las principales ciudades (Montoya, 1984). A la región de Cuyo fueron introducidos desde Chile por los nativos Huarpes en el año 1561 y a la Patagonia llegaron recién en 1703 llevados por el jesuita Van der Meeren hasta los alrededores del lago Nahuel Huapi (Carranzoni, 1997). (UNNE, 2011, p. 2).

Observamos, nesse excerto, que a exploração do gado ovino foi tomando alguns lugares em diferentes locais do país. Os rebanhos cresceram paulatinamente quando começaram a estabelecer as estâncias. Os ovinos, diferentemente dos vacuns, requerem outros cuidados e outros terrenos para pastoreio; por esse motivo, eles foram se adequando em terrenos favoráveis na medida em que os proprietários conheciam seu manejo e mudavam as condições para exploração. Rodríguez Molas (1982) coloca também que o recurso do gado ovino tem uma relação muito forte com o crescimento da indústria têxtil, conseqüentemente com o uso da lã como matéria prima:

En la segunda mitad del siglo XIX en Buenos Aires, Entre Ríos y otras áreas del país se determina el desarrollo del ganado lanar —la merinización bonaerense— paralela al interés de adquirir campos próximos a los puertos de embarque. "Hacia el año

1835 ya era considerada la explotación del ganado ovino como más remunerativa que la del bovino en todas aquellas zonas de la provincia ubicadas a 30 ó 40 leguas de la ciudad"0. El proceso produce en la campaña, se dice, una magnetización en favor del ganado lanar similar a la fiebre del oro en California*. Una situación íntimamente asociada al desarrollo de la industria têxtil de Europa, en nuestro caso al de Bélgica, Alemania y Francia. (RODRÍGUEZ MOLAS, 1982, p. 181-182).

Outra particularidade do manejo do ovino é a quantidade de pessoas que requerem os tratos do rebanho. Isso fez mudar as dinâmicas de trabalho no campo, já que seria preciso de mais pessoas para atender a produção. No Uruguai, o fenômeno foi parecido ao acontecido na Argentina, somente a inserção dos animais é feita por outras vias.

Aunque discutido, es muy probable que los primeros ovinos ingresados a la Banda Oriental fueran anteriores a los primeros vacunos y equinos traídos por Hernandarias en el año 1611. Según Mena Segarra las primeras introducciones de cabezas ovinas se remontan a 1608 cuando los portugueses construyeron la “Nova Colonia do Sacramento”; fueron ovejas de las llamadas “churras” de poca lana, sin rizo y de muy baja calidad y que darían origen luego a la oveja criolla. A partir de entonces la presencia del ovino en la generación de riqueza de nuestro país fue cada vez más importante. (SECRETARIADO URUGUAYO DE LA LANA, 2016, n.p.).

Da mesma forma que na Argentina, foi desenvolvida de forma exponencial a exploração da lã devido à revolução industrial e ao crescimento da indústria têxtil na Europa. O Uruguai tornou-se, assim como a Argentina, um dos maiores exportadores de lã da época. A exploração do ovino tornou-se um verdadeiro sucesso no século XVIII e XIX por causa da lã, e a carne também foi bastante apreciada no mercado internacional. Em termos de produção, passado o período colonial, tanto a ovelha como o vacum acabaram compartilhando as planícies do Pampa. No Sul do Brasil, a produção de ovinos ocupa uma parte razoável do território dos estados de Rio Grande do Sul e da região serrana e planalto de Santa Catarina. Vale ressaltar que o sujeito campeiro foi se adequando

ao manejo de ambos, percebendo as diferenças no cuidado das espécies. Os ovinos entraram em cena como um grande recurso quando os campos começaram a ser cercados, em um momento no qual as características do sujeito campeiro mudam para a categoria de paisano.

As experiências relatadas neste capítulo mostraram-me algumas situações. Há diferentes níveis de relações do sujeito com a espécie animal a ser tratada. Cada espécie torna-se importante para fomentar um tipo de saber nos homens campeiros, e, dessa forma, o ser humano adquire conhecimento de acordo com a forma de agir de cada animal, constituindo-se, portanto, por meio desses aprendizados e interações. Boa parte dos meus interlocutores ressaltou que os cavalos têm, por um lado, uma questão simbólica, pois são animais que mostram um nível de inteligência notável, força física; e, por outro, se prestam, a partir da domesticação, para uma série de interações no trabalho com o ser humano e com as outras espécies. Como os interlocutores evidenciaram, não há sujeitos campeiros sem terem um mínimo de experiência ou de interação com os equinos. Com os cães acontece um processo similar aos equinos, no sentido de domesticá-los e criar confiança, principalmente para trabalhar par a par do paisano e dos cavalos quando se manejam os rebanhos. O conjunto de espécies que formam o gado (vacuns, e ovinos) também faz parte da aquisição de saberes, do aprendizado no manejo particular de cada um desses animais. Dessa forma, essa relação, que não se pauta somente no comercial, constitui os sujeitos da campanha.

Com base nas experiências de campo, no próximo capítulo, discorrerei, à luz de alguns autores, sobre algumas particularidades entre a teoria e as práticas campeiras do Pampa e do Sul do Brasil.

CAPÍTULO 5

CONTRAPONTO ENTRE A TEORIA E A PRÁTICA CAMPEIRA

Neste capítulo, estabeleço algumas considerações sobre o que alguns autores da antropologia multiespécies expressam e o que os meus interlocutores mostraram nas relações humano/animal. Dessa forma e por meio das experiências etnográficas, mostrarei concordâncias e diferenças entre essas teorias e o registrado nas práticas do campo. O discurso dos sujeitos campeiros do Pampa apresenta detalhes sobre a realidade do ambiente de campanha e demonstra algumas particularidades sobre elaboração de conceitos a partir das relações que são mantidas com as espécies.

5.1 REFLEXÕES SOBRE AS RELAÇÕES CAMPEIRAS: A PECUÁRIA

Como apresentei nos capítulos 2 e 4, a relação com os equinos é claramente mais do que uma parceria de trabalho, é um laço simbólico, há uma espécie de culto com essa espécie. Já com o vacum, essa proximidade manifesta-se de outra forma, a partir do gosto pela criação de algumas raças, da produtividade dos animais, isto é, da produção de carne ou de leite, principais produtos do recurso ganadeiro.

A campanha funciona como uma rede de relações entre seres vivos, movida por certas interações, mas também por emoções e afetos, que geram eventos e processos para uma finalidade. Essa característica de relações entre seres vivos é o que faz dessa produção pecuária algo diferente de qualquer outra, como a de objetos materiais em uma fábrica, ou em outras instâncias da manufatura de alimentos. A ideia de rede fundamenta-se a partir do terreno ou do espaço físico, que passou a ter um proprietário. Como Caetano Sordi (2016) comenta, em um artigo de sua autoria⁸⁷, essa seria uma rede sócio-técnica nos termos do autor Bruno Latour (2001, 2004, 2009). No espaço físico articulam-se os outros elementos que desempenham também um papel preponderante nesse conjunto. Soma-se, assim, o animal, sejam os equinos, os bovinos ou

⁸⁷ Artigo intitulado *Pelo boi e sua carcaça, breves apontamentos sobre a disseminação do manejo racional e do bem-estar animal na pecuária bovina do Brasil* (SORDI, 2016).

ovinos, os objetos e os sujeitos com diversos conhecimentos, alguns específicos em ciência e tecnologia.

As relações na campanha pampiana partem da interação entre espécies, em que o caráter central do humano prevaleceria na paisagem. Com o passo do tempo, foi se configurando a atividade pecuária, a sua exploração como recurso comercial, o que forçadamente impulsionou algumas mudanças, constituindo a posse dos animais uma fonte de riqueza a partir do seu uso como mercadoria. Certo é que o recurso da proteína animal se desenvolveu na América, em particular e com grande expansão na região do Pampa, e, especificamente, a partir do período pós-colonial quando se intensificou o comércio da carne *vacum* na Europa. Nessa época, entre o fim do século XVIII e a metade do XIX, constituiu-se, coincidentemente, o capitalismo na sociedade ocidental, o que incidiu diretamente na vida das colônias e dos novos territórios americanos, modificando todas as relações nesses contextos.

Como apontado no Capítulo 1, e depois de uma época de conflitos bélicos, uma das transformações mais importantes foi a posse da terra e a delimitação das estâncias, acarretando uma readequação de humanos e de animais em espaços determinados por cercas de arame e porteiras. Configuram-se juntamente as relações de trabalho entre sujeitos⁸⁸; assim, os homens de campo não têm as mesmas liberdades de outrora e passam a ser mão de obra a partir dos seus saberes e habilidades de lidar com a paisagem e suas espécies. Surge então o conceito de trabalho no campo, já que, nos períodos pré-colonial e colonial, a interação com a natureza não tinha a conotação de mão de obra. Ainda, como aponto no Capítulo 4, outras mudanças significativas são da área da ciência e da tecnologia, principalmente as transformações que surgiram a partir do mapeamento genético e o trabalho com o DNA das espécies bovinas.

⁸⁸ A partir da delimitação e da posse da terra, configura-se claramente uma hierarquização entre os donos do capital, isto é, terra e animais, e os trabalhadores que se empregaram nas funções da criação pecuária. Essa hierarquização estratifica os campeiros em classes, mas entendo que a relação é diferente àquela expressada na teoria marxista entre proletários e capitalistas no contexto dos conglomerados urbanos. Portanto, não creio apropriado nomear os trabalhadores campeiros como parte de um tipo de proletariado rural, por mais que se caracterize uma forma de produção, as relações entre classes se manifesta de outras formas. Na campanha, muitas vezes há uma convivência contínua entre estancieros e peões de maneira cordial e cooperacional. Essa relação é mostrada em várias passagens dos meus relatos etnográficos e mereceria outro espaço diferenciado de discussão, já que não é meu objetivo tratar o tema nesta tese.

Das conversas com diversos interlocutores, entendi que existe uma paixão pela produção pecuária, pela questão do aprimoramento genético e por algumas das raças criadas. Nas diferentes propriedades que visitei, os donos demonstraram que havia uma relação com a ideia de criar de gado, ou de ter um rebanho, mesmo que pequeno. Como é o caso do Sr. Ives, na sua pequena propriedade do Capão Alto. Esse interlocutor manifestou que criava algum gado, não porque precisava economicamente disso, mas era pelo gosto dessa atividade. Diferente foi o caso da fazenda Rinção do Butiá, onde seus donos já viam a manutenção do rebanho além do prazer de criar o gado, também como um recurso de capitalização. Já na fazenda do “Seu” Paulo e Vinícius, eles tinham a preocupação do melhoramento genético, além de um cuidado especial na alimentação, ao cuidar das pastagens e fornecer ração aos animais para estarem em melhores condições de criação, de engorda e de abate. Em condições similares, apresentou-se a propriedade familiar do meu interlocutor Fabrício, no sentido do cuidado genético dos animais, mas com a condição de criar reprodutores e não animais para abate. Essa relação com o rebanho mostrou-se a partir da manutenção de um ótimo lote de animais com a ideia de pureza da raça *Angus*.

Na propriedade do meu interlocutor Beto, uma fazenda de porte médio na Coxilha Rica, no município de Lages, com muitos mais animais que as citadas, as relações se diferenciaram com alguns exemplares destacados dentro do grupo, ou seja, com alguns machos e fêmeas considerados de valor por causa do potencial reprodutivo. Beto sempre se manifestou sobre o cuidado e o bem-estar de todos os animais da sua fazenda, tendo uma preocupação grande em sentido da alimentação e de todo o ciclo de vida dos vacuns, já que ele trabalha na modalidade de pecuária extensiva.

No sentido das relações humano/animal, Ingold (1994) sublinha o conceito que seria o de interagenciamento entre espécies, baseado nas suas observações de algumas formas de vida em sociedades não ocidentais, o que aponta para uma interação e equivalência ontológica entre humanos e outras espécies. O interagenciamento entre espécies considera o ser humano não no seu desenvolvimento criativo singular, mas como o desdobramento contínuo de um campo de interações entre diversos agentes, nem todos eles humanos (INGOLD, 1994). O conceito de interagenciamento de Ingold poderia ajustar-se ao ambiente do Pampa, onde gradativamente houve transformações recíprocas, isto é, o animal transformou os sujeitos modificando sua forma de subsistência, depois os sujeitos transformaram os animais e, a partir da domesticação e da criação de rebanhos, tornou-o um recurso comercial.

Já o autor Gísli Pálsson (2009) propõe um olhar sobre as relações biossociais e de produção como a junção de seres e ambientes concentrados no termo “Vida”. O autor diz que se trata de um conceito teórico como reunião de processos e de seres vivos, processos como o da economia ou da política e a natureza. Essa ideia poderia trazer uma nova visão para questionar o paradigma dos divisores natureza e cultura/sociedade. Considerando um contexto múltiplo onde se reúnem sujeitos, animais, objetos, embrenhados na paisagem, onde a transformação dessas relações se dá por meio de agenciamentos (trabalho, ciência e tecnologia), os divisores supracitados em boa parte da vida campeira se misturam e, por vezes, se diluem de maneira concreta. Pálsson (2009) argumenta que a realidade da “biossocialidade”, isto é, a fusão do biológico e do social com a biotecnologia moderna dissolve o conceito antigo de biossocial, pensado como esferas complementares entre a biologia e a sociedade. O que se cogita, nesse caso, é uma mudança de paradigmas trazendo uma integração entre o biológico e o social, ou seja, um conjunto de saberes que funde biologia e sociedade em uma visão só. O autor comenta que é importante ter uma noção ampliada de relações sociais de produção, sendo útil para captar novas hierarquias e articulações na reprodução da própria vida, o que é chamado de relações biossociais de produção.

Richard Tapper (1994) faz uma diferenciação bastante específica a respeito das relações existentes na produção de pecuária em grande escala citando os pastores e os agricultores. Como mostrado no capítulo anterior sobre as experiências de campo, a produção de grandes rebanhos difere substancialmente de pequenas e médias produções, no sentido da relação humana direta com o recurso. O autor faz uma análise sobre a produção moderna de pecuária e o confinamento na modalidade de *feedlots*⁸⁹, e aponta que:

In ranching, the modern form of pastoralism, human-animal relations are again different. Animals are herded in large numbers, extensively, and with no dose personal relations with the owners of the ranch. They are considerably more autonomous than in pastoralism: in earlier, more-open ranching the animals were in effect

⁸⁹ O *feedlot* é uma modalidade de criação e alimentação de gado que visa acelerar o processo de crescimento do animal por meio do confinamento em currais móveis, da alimentação ostensiva com ração balanceada para conseguir peso e condições para abate e consumo de forma mais rápida.

undomesticated, and ranged, grazed and bred with no control other than the annual round-up for branding, castrating and the 'extraction of surplus'. In later, closed systems there is more control, exercised not under the contractual system inherent in pastoralism, but by use of superior force (even violence) and technology (Ingold 1980, pp. 235f., Strickon 1965). These seem to me typical - paradoxically for a modern offshoot of capitalism - of Asiatic Oriental relations of production. Indeed, the cattle 'barons' of the Texas rangers should perhaps be termed 'sultans' - or 'moguls', like their oil-rich successors.

Urban-industrial society, finally, is dependent for animal products on battery or factory-farming. The animals that feed us are reduced to machines, kept in artificial conditions in which the concern of the owners is profit through cost effective organization of the animals' productive labor and reproduction. These are clearly exploitative relations on classic capitalist lines. In all this the relations discussed have been those of the (usually) male owners and the animal labor. Among the various simplifications and omissions necessitated in a chapter of this length, I have left out of account the intermediary human workers, the hired herdsmen, cowboys, butchers and other members of the owner's family. (TAPPER, 1994, p. 53).⁹⁰

⁹⁰ "Na pecuária, a forma moderna de pastoralismo, as relações homem-animal são novamente diferentes. Os animais são reunidos em grande número, extensivamente, e sem nenhuma relação pessoal com os proprietários do rancho. Eles são consideravelmente mais autônomos do que no pastoralismo: anteriormente, em uma criação de gado mais aberta, os animais estavam de fato não domesticados, e moviam, pastavam e procriavam sem controle além da rodada anual para marcação, castração e 'extração de excedentes'. Nos sistemas fechados posteriores, há mais controle, exercido não sob o sistema contratual inerente ao pastoralismo, mas pelo uso de força superior (mesmo violência) e tecnologia (Ingold 1980, pp. 235f., Strickon, 1965). Parecem-me típicos - paradoxalmente por um ramo moderno do capitalismo - das relações de produção asiáticas orientais. De fato, os 'barões' do gado dos criadores do Texas talvez deveriam ser sechamados de 'sultões' - ou 'mogais', como seus sucessores ricos do petróleo.

A sociedade urbano-industrial, por fim, é dependente de produtos de origem animal em grande escala ou em agricultura de fabricação. Os animais que nos

Atualmente, a produção de carne bovina não se remete somente às características mencionadas por Tapper (1994). As tendências de criação, na atualidade, são manejadas de formas diversas, e, pelo que presenciei em campo, há de maneira bastante enfática uma preocupação por questões ecológicas entre produtores. Existe o confinamento ou produção em *feedlots* para um determinado tipo de propósito mercadológico, porém está sendo difundida novamente a modalidade de criação em pastagens livres, dentro dos limites das estâncias. A produção em confinamento exige menos mão de obra dos produtores e dos trabalhadores campeiros, além do que o alimento se restringe quase exclusivamente à ração balanceada, o que proporciona um crescimento mais rápido e, conseqüentemente, uma aceleração para entrar na fase de abate e de consumo. Essas características diminuem custos de produção, portanto o produto se torna mais barato e não tem a mesma qualidade de carne do que a produção em pastagens livres. A modalidade de criação em pastagens torna-se mais cara, pois precisa do manejo e da mão de obra dos homens de campo, ter cavalos e cachorros domesticados para lidar com os rebanhos, e os ciclos de cria e engorde são mais longos. Apesar disso, há pequenos, médios e grandes produtores dedicados a essa forma de criação, que permite controlar todo o processo e, por consequência, a qualidade da produção de carne.

Na maioria das situações que observei, ao acompanhar os produtores, peões ou trabalhadores campeiros, zootécnicos e veterinários, vi uma notada preocupação com os animais e suas condições de vida. Entendo, portanto, que existem, nos entrecruzamentos de meios de produção, modos de relações com o rebanho e conceitos científicos e tecnológicos, algumas adaptações, sendo as melhores aquelas que propiciam uma forma de criação apropriada segundo o local, e as que melhorem as relações entre espécies.

Caracterizadas essas distinções, poderia se pensar as relações entre humano e animal como um jogo de cooperação mútua, por isso a

alimentam são reduzidos a máquinas, mantidos em condições artificiais cuja preocupação dos proprietários é lucro por meio da organização econômica do trabalho produtivo e da reprodução dos animais. Essas são relações claramente exploradoras nas linhas clássicas do capitalismo. Em tudo isso, as relações discutidas têm sido as dos proprietários (geralmente) masculinos e o trabalho animal. Entre as várias simplificações e omissões exigidas em um capítulo deste comprimento, deixei de considerar os trabalhadores humanos intermediários, os pastores contratados, os vaqueiros, os açougueiros e outros membros da família do proprietário.” (TAPPER, 1994, p. 53).

domesticação seria talvez a interação fundamental entre distintas espécies. Como comentei no Capítulo 4, a domesticação com os vacuns se realiza ao concentrar os rebanhos fornecendo sal e, como em alguns casos, fornecendo a ração que completa seu ciclo de crescimento. As minhas observações concentraram-se na produção de reprodutores com alta qualidade genética, como também no gado de corte, ou seja, para consumo de carne. Nesse caso, o tipo de domesticação que é proposto nesses locais é a de manter os animais juntos nos terrenos de pastagens, cuidar do próprio terreno e da qualidade das pastagens, aplicar vacinas, ou se dar outros cuidados para tratar da saúde dos exemplares.

5.2 A DOMESTICAÇÃO, A EMPATIA E A CONVIVÊNCIA

Jennie Coy (1994)⁹¹ faz uma análise sobre como os animais respondem com algumas atitudes ao ser humano e na interação com diversos estímulos no sentido de caracterizar a domesticação de espécies. A autora ressalta três fases para aprofundar essa questão: na primeira, ela define o que seria um animal; na segunda, aponta a função que cumpre o ser humano nessas interações; e na terceira, a autora trata da reciprocidade entre diversas espécies. Em uma primeira instância, Coy admite as diferenças entre humanos e animais a partir de que:

Above all, people are different from other animals, first because of the scope of their conscious thinking, which allows enormous flexibility in their behavior, and, secondly, in having evolved a complex language in which they speculate a great deal. This capacity to devise and implement new patterns of behavior has meant that change itself can become a goal of human behavior: something which may have disastrous consequences for the survival not only of the species, but also of the world. (COY, 1994, p. 77).⁹²

⁹¹ A autora analisa essas respostas dos animais com os seres humanos no Capítulo 6, *Animals' Attitude to people*, por meio do livro de Ingold, *What is an animal?*, cuja primeira edição deu-se em 1988.

⁹² “Acima de tudo, as pessoas são diferentes de outros animais, primeiro devido ao alcance do seu pensamento consciente, o qual permite uma enorme flexibilidade em seu comportamento e, em segundo lugar, ao ter desenvolvido

A segunda questão proposta por Coy concentra-se na interação do ser humano com outras espécies. Como premissa básica, estariam a consciência e a percepção que o humano tem sobre o “outro”, seja da mesma espécie ou de outra. Com isso, é possível entender que o desenvolvimento dessas aptidões o capacita a prever certas ações e comportamentos dos “outros”. Essa formulação colocaria o humano em franca posição de dominador ou predador, tanto da própria espécie como das outras. Assim sendo, como afirma Coy (1994), admite-se uma das possibilidades da dominação por meio da ação chamada de “domesticação”. A autora ainda aporta um dado importante, a condição de que essa interação não pode ser unidirecional, esperando-se uma adaptação mutualmente evolutiva.

However, whether the close interspecific association with which we are concerned is that of predation or domestication, it is clear that the adaptation involved could never be one-way. Rather, we might expect a co-evolutionary adaptation of both humans and other species. The co-evolution that has taken place, and must still be taking place, has been little studied: there is still scope for research into the communication and interaction involved in current hunting, herding and farming. (COY, 1994, p. 79).⁹³

Na terceira instância analisada por Coy, é apontada a reciprocidade das espécies com o humano. Em geral, as relações sempre se estabelecem a partir da condição dos animais, isto é, que tipo de espécies são, se tiveram algum contato com o humano, e de que forma são tratadas ou manejadas. Essas condições de contato com o ser humano

uma linguagem complexa na qual eles especulam muito. Essa capacidade de planejar e implementar novos padrões de comportamento significou que a própria mudança pode se tornar um objetivo do comportamento humano: algo que pode ter consequências desastrosas para a sobrevivência não só das espécies, mas também do mundo.” (COY, 1994, p. 77).

⁹³ “No entanto, se a estreita associação interespecífica com a qual estamos preocupados é a de predação ou domesticação, é claro que a adaptação envolvida nunca pode ser unidirecional. Em vez disso, podemos esperar uma adaptação co-evolutiva de humanos e de outras espécies. A co-evolução que aconteceu, e ainda deve ocorrer, tem sido pouco estudada: ainda há margem para pesquisas sobre a comunicação e a interação envolvidas na atual caça, pastoreio e agricultura.” (COY, 1994, p. 79).

mudam completamente as instâncias de aproximação e de domesticação. Aquelas espécies cuja nascença e criação depende ou se conecta diretamente à ação humana têm necessariamente outros termos sobre a reciprocidade, que se manifestam na interação. Coy (1994) aponta que alguns animais esboçam um tipo de consciência sobre as “outras” espécies, desenvolvendo confiança e desejo de aproximação, como um tipo de comunicação e afeto. Como aponta Coy (1994), interagem com o humano em um sentido de percepção animal bastante especial:

To be able to co-operate as described above for humans, an animal has to be sufficiently aware of itself: first, to place itself in relation to the environment; secondly, to perceive itself as having an effect on that environment; and, thirdly, to be aware of the other individual as separate from itself. An animal which had evolved this facility might be expected to attempt to relate its behavior to that of other individuals; in fact, this exercise itself would probably have played an important part in the evolution of self-awareness. (COY, 1994, p. 80).⁹⁴

As espécies que convivem com o humano desenvolvem frequentemente um conjunto de ações e expressões não verbais, por exemplo, no rosto, nas orelhas especificamente, ou com outras partes do corpo, como as patas ou a cauda, e que tendem a transmitir certas mensagens. A partir disso, o ser humano tenta interpretar essas mensagens e entender se esse animal está comunicando algo. Esse fato é bastante usual no contexto da campanha, onde essa comunicação permite o entendimento não somente nos atos de domesticação, como também em outras situações, como pedido de auxílio, demonstração de perigo, de dor, de desconfiança, dentre outras coisas.

⁹⁴ “Para poder cooperar como descrito acima com os seres humanos, um animal deve estar suficientemente ciente de si mesmo: em primeiro lugar, colocar-se em relação ao meio ambiente; em segundo, perceber-se como tendo um efeito nesse ambiente; e, em terceiro, estar ciente do outro indivíduo como separado de si mesmo. Um animal que desenvolveu essa facilidade pode esperar para tentar relacionar seu comportamento com o de outros indivíduos; de fato, esse exercício em si provavelmente teria desempenhado um papel importante na evolução da autoconsciência.” (COY, 1994, p. 80).

Um dos aprendizados na minha estada na localidade de Pelotas, na propriedade de Fabiano, foi quando ele me mostrou cada atitude dos equinos com os quais estávamos ao movimentarem a cabeça, o corpo, em especial expressões e movimento das orelhas. A domesticação dos equinos tem várias técnicas e vertentes, todas elas procuram deixar o animal em um estado de submissão, mas também na condição de criar uma parceria com o humano. Há diferentes momentos, como comenta Lawrence (1990)⁹⁵, na domesticação e na relação com o equino segundo o grau de contato do animal com o humano e a experiência das interações. Os cavalos em estado selvagem seriam um primeiro estágio, apesar de que hoje é bastante difícil achar os animais nessa condição, ou seja, sem nenhum contato com humanos. Os que hoje se consideram selvagens seriam aqueles sem nenhum tipo de instrução, mas que nascem em locais controlados⁹⁶. Esse primeiro estágio é organizado por humanos nas formas de tropilhas, chamado ao conjunto de equinos da mesma pelagem controlado por uma égua madrinha. A condição do equino de arrebanharse naturalmente por questões instintivas de supervivência foi aproveitada para conseguir as primeiras aproximações. A partir dessa forma de manejo em tropilha, é muito comum na América Latina selecionarem-se alguns exemplares para a domesticação, ou doma como é chamada no Pampa. A doma atualmente é fundamentada em duas vertentes: uma que se remete a montar o potro e submetê-lo de forma rude ao comando do ginete a partir de galopes, corridas e saltos, com a resistência do animal em quase todo momento; a outra vertente trabalha progressivamente as aproximações entre o domador e o equino de forma pausada, sem violência, tentando que o animal entenda que o humano não irá lhe causar nenhum constrangimento. O primeiro processo é chamado de doma tradicional, o outro é o de doma racional ou índia⁹⁷.

⁹⁵ Elizabeth Lawrence tem um trabalho de pesquisa muito profundo sobre o rodeio americano, os cavalos que nele participam e seu entorno (LAWRENCE, 1981). Além desse trabalho, a autora escreveu vários artigos sobre as questões da domesticação, um deles como colaboradora do livro *Signifying Animals* (WILLIS, 1990). Nesses trabalhos, são categorizados os estágios em que os animais se encontram a partir do contato com o humano. Para ela, os cavalos selvagens sem nenhum contato são chamados de *mustangs*, aqueles usados em rodeios são os *broncs*, e as outras categorias domesticadas são os *calf-ropes* (cavalos mansos laçados).

⁹⁶ É chamado de potro o cavalo mais novo que não foi ainda domesticado. É um termo campeiro usado nos três países que pesquisei.

⁹⁷ A referência à doma tradicional é feita pelo processo que era usado na época colonial e pós-colonial pelos gaúchos/gauchos, tanto nos territórios livres como

Ao conversar com meus interlocutores que interagem e trabalham com equinos, todos coincidiram em que o tipo de instrução de um cavalo para trabalho é diferenciado também, já que deve se topar e interagir no manejo do vacum, com animais muito fortes que às vezes dobram o peso e a força do equino, por isso a razão de um treinamento especial. Há, também, uma questão importante que vi em campo: seria a relação do tempo de preparação de um cavalo domesticado para algum fim, especialmente para o trabalho. A rapidez da preparação muitas vezes determina o tipo de procedimento usado para a doma, se será da maneira racional, sem rudeza, ou se é feito pelo procedimento tradicional. O primeiro procedimento pode levar até dois anos de condicionamento; às vezes, o processo é mais rápido, dependendo do caráter do equino no decorrer do treinamento e da adaptação à submissão. Já, na doma tradicional, explora-se de maneira rápida a condição do animal, se ele será obediente aos comandos nas primeiras montarias, e se é capaz de entender que o ser humano o domina, mesmo por meio da rudeza. Nesse tipo de doma, prima-se a rapidez na domesticação, geralmente para os cavalos de trabalho, onde é preciso ter vários exemplares domesticados manejando-os alternadamente para não criar cansaço e estresse no dia a dia.

A partir do conhecimento do animal na domesticação, é que também se classificam os equinos. No Pampa, os estágios passam do estado selvagem nomeados como potros, para um de semisselvagem ou em processo de doma, o redomão, e quando se completa a domesticação, isto é, o cavalo manso ou adestrado. Recorrentemente, ouvia que há exemplares que não se submetem ao condicionamento em nenhum tipo de processo, nem tradicional nem racional. Aqueles animais que não se submetem à doma nem à convivência frequente com o ser humano são utilizados nos eventos de rodeio, ou *jineteada*, como descrevi no Capítulo 2. Há algumas semelhanças entre o rodeio norte-americano e a *jineteada* pampiana, principalmente tratando-se da interação com equinos. Lawrence (1990) expõe algumas questões desses eventos que são importantes não somente para entender o ritual como também o simbolismo que dele se desprende. Os equinos, segundo a autora, representam a parceria e os meios extra-humanos na conquista das

depois nas fazendas ou nas estâncias. A doma chamada de racional ou índia teria duas conotações, a do racional porque inibe a violência, é por meio da conscientização do animal, mas também se chama de índia, pois supõe-se que os indígenas utilizariam a mesma técnica de aproximação e manejo, já que não contavam com os artefatos de montaria que usava o colonizador, não usavam cela nem o mesmo tipo de cabresto, nem freios de boca para controlar o equino.

Américas. Em seguida, o cavalo selvagem pós-colonial aparece como um verdadeiro desafio para o ser humano na dominação do meio e da espécie, e, na medida em que o consegue, fundiria a ideia da passagem da natureza para a cultura, estabelecendo categorias de domesticação na espécie:

The equine animal is remarkably well suited to re-enact and represent symbolically the wild-tame transition, for within a single species it encompasses the extreme polarities of wild and tame and embodies the varying degrees between them. In their differing categories within the structure of the sport, horses exhibit characteristics ranging between the oppositions of wild and tame. The balance between the amount of control over the horse that the rider demonstrates and the amount of wildness and rebellion or tameness and obedience that the horse displays varies with each event, and both control and wildness are determinants of the contestant's success or failure. The dramatic countering of forces makes the process of exerting human dominance over animals particularly evident. (LAWRENCE, 1990, p. 212).⁹⁸

5.3 A DOMESTICAÇÃO NOS CÃES

Sobre a domesticação dos cães, animais indispensáveis nos trabalhos de sistemas pastoris, existem variadas concepções. No Pampa, a relação com essa espécie passa por instâncias diferentes, como a da companhia na imensidão da paisagem, a da segurança da propriedade, ou

⁹⁸ “O animal equino é notavelmente bem adaptado para reeditar e representar simbolicamente a transição selvagem-manso, pois dentro de uma única espécie abrange as extremas polaridades de selvagem e manso e incorpora os diferentes graus entre eles. Em suas diferentes categorias dentro da estrutura do esporte, os cavalos exibem características que variam entre as oposições de selvagem e manso. O equilíbrio entre a quantidade de controle sobre o cavalo que o cavaleiro demonstra e a quantidade de selvageria e rebeldia ou mansidão e obediência que o cavalo exibe varia de acordo com cada evento, e tanto o controle quanto a selvageria são determinantes do sucesso ou falha do competidor. A dramática medição de forças torna particularmente evidente o processo de exercer o domínio humano sobre os animais.” (LAWRENCE, 1990, p. 212).

também a relação de trabalho e manejo do gado. Em todas as propriedades rurais, há vários cães, todos eles completam esses propósitos, alguns especificamente para companhia, como as mascotes de estimação igual no ambiente urbano, outros para as tarefas e a segurança. Em todos os casos observados e conversas com os interlocutores, vi que os cães se tornam indispensáveis no campo para o manejo da pecuária. As relações dos sujeitos campeiros são variáveis com essa espécie, alguns têm seus cães de estimação e são parceiros na lida, outros somente os têm para o trabalho, tratando-os de forma indiferente, só mantendo a comida e a água para a subsistência. Contudo, a grande maioria tem empatia com os cães e as questões de convivência são importantes entre eles.

A domesticação desses animais para o trabalho na campanha não tem em evidência algum caráter técnico específico, para ensiná-los cabe a percepção dos sujeitos sobre o instinto de cada um dos exemplares que levam para as lidas campeiras. Nas cavalgadas que realizei, os cachorros acompanhavam-nos sempre, tanto nas observações dos rebanhos quanto na movimentação destes de um terreno para outro para aproveitar o pastoreio. A percepção do cachorro no campo é uma questão para ressaltar, já que ele não se mostra nada mais do que para o trabalho com o gado, senão que oferece segurança para os cavalos e os ginetes, apontando o perigo de cobras ou da existência de algum predador, ou algum animal estranho ao grupo. A principal tarefa de domesticação e de treinamento que os interlocutores comentam é ir levando ao campo os cães mais novos junto aos mais experientes para que estes se adequem aos comportamentos que mostram os mais velhos. Essa forma é a de um aprendizado quase instintivo, que tem base na escolha de algumas raças de cães aparentemente mais aptos para o trabalho com o gado.

As raças escolhidas quase sempre são as de tipo de animais pastores como os *border collie*, o *pastor alemão*, podem ter alguns *labradores* e, atualmente, se observam os *blue hillier* ou os *red hillier*, de origem australiana. Também há misturas de raças que às vezes originam outras variedades, como o pesquisador Eric Silveira Batista Barreto (2015) mostra na sua etnografia, como é o caso do *ovelheiro gaúcho*. O autor aponta para as características desse tipo de cão e as relações tramadas nas tarefas em estâncias do Rio Grande do Sul, similares àquelas observadas nesta pesquisa em outros locais de Santa Catarina, Uruguai e Argentina. O cão no trabalho rural tem uma função muito semelhante à do ser humano no cuidado dos rebanhos, algo que Barreto aponta como um tipo de humanização, algo como tornar-se sujeito pelo protagonismo nas ações na lida campeira (BARRETO, 2015). Sobre a escolha da espécie, Barreto comenta sobre o ovelheiro gaúcho como um tipo de cão

pastor misturado, proveniente do *border collie*, com alguma diferença de pelagem, algo mais curta, menos densa do que os *borders*. Todos os aspectos relacionais com os cães parecem revestidos de certa informalidade no âmbito pampiano, mas, na realidade, passam por uma série de códigos mantidos entre os sujeitos e os animais, na questão da criação e das tarefas conjuntas, nas questões éticas e comportamentais implícitas nas relações, tanto afetivas como laborais.

Embora esses aspectos de interação e de domesticação em alguns locais se apresentem com certa informalidade, apontaria sobre a existência de alguns centros de treinamento para cães ovelheiros, ou de trabalho com pecuária⁹⁹. Nesse caso, são acionadas algumas técnicas no adestramento dos exemplares. Também o tema é tratado por meio de algumas bibliografias de autores acadêmicos, que mostram a existência de técnicas e formas de domesticar algumas raças caninas para o trabalho no campo. Essas técnicas que, na atualidade, se aplicam em alguns locais do Sul do Brasil, e em outros contextos, como Europa e Estados Unidos, apresentam-se por meio de etnografias e artigos que tratam basicamente das relações entre os humanos e os cães pastores, na maioria dos casos no manejo de ovinos. A diferença com o contexto pampiano é que os cães são usados para todos os recursos de pecuária, inclusive com vacuns como principal atividade. No caso europeu ou norte-americano, a pesquisadora Justyna Włodarczyk (2015) refere-se a um fenômeno cultural que é o do sistema pastoril, um tipo de criação remanescente do século XIX. No entanto, por meio das relações entre o recurso ovino, os cães e os criadores constituíram-se como um tipo de cultura no treinamento dos cães pastores. O que a autora salienta seria da importância das técnicas usadas para ensinar aos cachorros como se comportar para o trabalho, como agir em grupo com o gado, e de que forma responder aos comandos humanos. Włodarczyk expõe a questão relacional que, por intermédio da técnica, foi se transformando, levando o animal para uma posição de servilismo com respeito ao humano a partir do esporte e da competição.

Herding is different in that it reenacts a traditional human-animal activity, one which has not been developed with the goal of satisfying the dog's needs, but which is based on the concept of the dog's usefulness to the human. This article

⁹⁹ Atualmente, há uma associação de criadores da raça Ovelheiro Gaúcho (ACOG) que congrega vários canis dedicados à criação e ao treinamento de cães pastores.

explores this specificity of herding as, in fact, opposing some of the contemporary changes in the human-animal bond. (WŁODARCZYK, 2015, p. 64).¹⁰⁰

Sobre a discussão das técnicas, Włodarczyk (2015) nota que basicamente são empregadas de forma sequencial e ordenadas algumas características genéticas do animal. Algumas delas respondem à percepção da liderança da matilha ou grupo, na qual o cão identifica um indivíduo (humano) como líder e o segue, acatando os comandos. Outras técnicas são baseadas no comportamento individual do exemplar, conseqüentemente aproveitam-se as qualidades próprias de cada cão. No caso da domesticação dos ovelheiros, apresentam-se, segundo a autora, algumas contradições, a mais forte seria talvez a que se refere à técnica de adestramento como algo antinatural, algo que em certa forma excede a relação humano-animal. Dessa maneira, a necessidade de possuir um verdadeiro cão trabalhador é uma necessidade simbólica, uma maneira de manifestar a posição ideológica ou referida à tradição e à história, o que cria a sensação da existência de uma cultura dos cães ovelheiros.

Há detalhes históricos e técnicos de importância, não somente da domesticação, mas também da relação do humano com os cães a partir da efetividade do treinamento. O uso de cachorros para pastoreio data do século XIII e aparece na Islândia, espalhando-se depois na Inglaterra, e, posteriormente, passando para América. Alguns pesquisadores, como Savalois, Lescourex e Brunois (2013), apontam para dois modos de treinamento, um de forma contextual, usando a relação humana-gado-cão, e outro que é especificamente o ensinamento de comandos ao cachorro. Em todas as modalidades, os instrutores declaram reconhecer as diferentes personalidades individuais dos exemplares assim como o estabelecimento de relações com eles. Outro dado importante é a raça do cão, é a *border collie* a que melhor se comporta para esse trabalho com o gado, por causa da sua aptidão para a subordinação, pelo seu instinto caçador, aproveitado e modificado no treinamento para guardar os rebanhos. A partir dessas condições, é que se manejam as percepções do

¹⁰⁰ “Pastorear é diferente na medida em que reencontra uma atividade humana-animal tradicional, uma que não foi desenvolvida com o objetivo de satisfazer as necessidades do cão, mas que se baseia no conceito de utilidade do cão para o ser humano. Este artigo explora essa especificidade de pastoreio, de fato, opondo-se a algumas das mudanças contemporâneas no vínculo humano-animal.” (WŁODARCZYK, 2015, p. 64).

humano sobre o cão para moldar seu comportamento e adequá-lo para essa função de trabalho com os rebanhos.

Os contrapontos referidos neste capítulo são basicamente os encontrados a partir da peculiaridade da paisagem pampiana e do Sul brasileiro. O encontro de sujeitos e espécies nesse local específico apresenta variações sobre o que alguns autores apontam, e essas diferenças se apresentaram em diversas ocasiões nas propriedades que visitei. Outro detalhe importante seria que meus interlocutores dedicados à produção, mesmo no ambiente diferenciado do Pampa, não deixam de adaptar algumas soluções presentes em outros locais de produção pecuária do mundo. O contato deles, como Fabrício, Vinícius ou Gabriel, de Artigas, Uruguai, com outros produtores e cientistas da Argentina, dos Estados Unidos ou da Nova Zelândia, criam uma constante readequação de modelos e de estratégias de produção para as propriedades. Seria nessa junção de vivências e de aspectos da modernidade tecnológica e de renovação científica que esses sujeitos vão modificando suas perspectivas, renovando conceitos e misturando-os com outros já existentes. Tendo apresentado as experiências etnográficas, no sentido da paisagem, suas espécies e as interações com os seres campeiros, no próximo capítulo tratarei de questões sobre a complexidade que envolve a constituição dos sujeitos pampianos contemporâneos, apontando para a situação atual da campanha.

CAPÍTULO 6

SUJEITOS CAMPEIROS

Neste capítulo, apresentarei as categorias principais dos sujeitos campeiros contemporâneos como objetivo final do trabalho, ressaltando as questões etnográficas. Farei uma descrição de como se constituem os sujeitos a partir da interação de grupos sociais, da identificação e da agência no ambiente e com seus animais, da intersecção do caráter rural e urbano, e, finalmente, da multiplicidade como relação com o universo que os rodeia. Discutirei a construção e a formação de conceitos desses sujeitos no universo campeiro da atualidade com o auxílio da minha experiência de campo e das concepções nativas.

6.1 O SUJEITO E AS CATEGORIAS CAMPEIRAS NA EXPERIÊNCIA

A vida do sujeito transcorrida inteiramente na campanha, ou o trânsito entre o mundo rural e urbano, produz diferenças a partir de níveis distintos de ser mais ou menos campeiro. Minha proposta é descrever sujeitos que são produzidos em um mundo múltiplo e complexo, mas que apresentam, apesar das variações, alguns conceitos comuns na forma de ver a vida. Esses sujeitos observados ao longo desses anos de pesquisa podem ser referenciados em diferentes categorias, como a dos artistas, a dos tradicionalistas, a dos produtores de gado, a dos trabalhadores rurais e a de outras profissões associadas a esse universo da campanha. Essas categorias nas quais esses sujeitos se enquadram são em parte produto de processos históricos, como também do processo de transformação geopolítico e econômico que descrevi na primeira parte deste trabalho. Os diferentes sujeitos nesse ambiente, portanto, são caracterizados em termos de saberes, de funções laborais e de questões econômicas.

Os atuais trabalhadores do campo, chamados de peões, ou paisanos, são, de alguma forma, reminiscentes da categoria nomeada pela História como *gaúcho/gaúcho*. Nesses sujeitos, condensam-se os saberes básicos do homem campeiro, adquiridos majoritariamente pela experiência e pelo contato com outros sujeitos da mesma ordem, com a paisagem e suas espécies. Esses sujeitos e seus conhecimentos passaram a ser imprescindíveis para o andamento das propriedades rurais que criam rebanhos de gado. A aquisição desses saberes tem, na relação direta com

as espécies animais, um dos principais componentes da subjetividade do homem campeiro do Pampa. O conhecimento do ambiente, o contato e o manejo específico de algumas espécies animais criam sentido para as suas vidas. A partir de diferentes interações, modificou-se a relação do sujeito campeiro com o gado, tanto bovino como ovino, modificando o caráter das espécies na domesticação e na configuração de rebanhos, transformando-os em recurso comercial. A partir da configuração do recurso da pecuária, surge uma categoria que seria a do fazendeiro, estancieiro ou criador de gado, que depende da propriedade privada como delimitação do ambiente e dos animais que se confinam nesse terreno. Passamos, dessa forma, a ter uma estratificação social, estabelecida entre o criador ou pecuarista que se relaciona com o trabalhador rural como mão de obra para o trabalho com o recurso na propriedade privada.

Considero que tanto o trabalhador de campo como os fazendeiros são categorias de sujeitos diretamente relacionados ao ambiente da campanha, portanto são sujeitos campeiros. Ambos convivem no mesmo ambiente, partilham alguns conceitos sobre a vida, embora estejam em posições sociais distintas pautadas por relações econômicas. É necessário apontar para certa diferenciação entre sujeitos campeiros, pois o “ser campeiro” é demonstrado no discurso nativo pelo conhecimento e na proximidade com os animais. A partir dos saberes são delimitadas posições entre os sujeitos, o que na maioria das situações se mostra na prática e na agência no ambiente com os outros seres. Manifesta-se também a preocupação e certa necessidade de continuidade entre diferentes gerações de campeiros, no sentido da transmissão de conhecimentos, da importância da experiência, de fomentar certos conceitos que fazem parte desse mundo e pela importante mediação que eles exercem na paisagem. Retomarei, dessa forma, as situações da minha pesquisa de campo agora referidas ao discurso nativo sobre os sujeitos, sua vida e a referência que eles têm sobre o mundo que os rodeia.

Na cidade de San Antonio de Areco, a construção de conceitos nativos e das categorias usadas atualmente parte da ideia da transformação da categoria *gaucho*. Afinal, essa cidade é rotulada na Argentina como berço da tradição *gaucha*; talvez por isso se faça uso coletivo de tudo o que envolve esse universo, por exemplo, do termo *gaucho* aos conceitos da tradição. Na minha primeira manhã em Areco, saí para caminhar em direção ao museu *Las Lilas*. Esse local tem um acervo das obras do conhecido artista gauchesco Florencio Molina Campos. Quando cheguei ao local, observei que estava sendo reformado, havia várias pessoas trabalhando. Uma das pessoas que estavam

trabalhando no local me informou que só abririam na metade de fevereiro, por isso só consegui algumas fotos do lado de fora.

Continuei minha caminhada para o centro da cidade para observar de que maneira se encontrava o “centro histórico” de Areco. Esse termo é o conjunto arquitetônico que conforma a cidade e as suas edificações antigas. Estava bastante conservado e, pelo que conversei com meus familiares na cidade, os moradores têm feito alguns esforços para manter as antigas construções da forma original, tentando restaurá-las de forma contínua. Tirei várias fotos desses locais durante a caminhada e continuei em direção ao centro, que tem como local de destaque uma praça muito arborizada. Em volta da praça, situam-se a igreja e a sede da prefeitura, como também alguns bares e restaurantes famosos da cidade, todos muito bem acondicionados e decorados com motivos gauchescos.

Depois, encaminhei-me para o rio Areco. Esse rio passa na parte periférica da cidade e tem como monumento significativo uma antiga ponte, hoje conservada e ampliada por causa de algumas inundações. Fiquei algum tempo no rio observando as águas e as pessoas que transitavam. O movimento na ponte era escasso. As pessoas caminhando como o fazem em qualquer cidade, e não havia sinal de “*gauchos*” nas redondezas. Voltei então para o centro da cidade. Entrei em algumas lojas de artesanato *gaucho*, todos locais bem preparados para o turismo. A maioria delas tem artesões que trabalham em prata as cuias de mate, bombas e facas, além de indumentárias próprias do *gaucho*, como ponchos, bombachas de campo, botas, alpargatas, lenços etc. Em uma loja de roupas de campo, de uma marca renomada, mantive uma conversa interessante com a vendedora. Ela me disse que há em Areco *gauchos* tradicionais ou verdadeiros, e outros que usam as roupas, mas que “estão mais para um mundo moderno que os outros *gaúchos*”, cujo mundo é somente o campo e o trabalho, o jogo de baralho e a bebida alcoólica. Também me comentou sobre os clientes que frequentam a loja, observando que poucos são esses *gauchos* legítimos, e que, no caso deles, quem compra as roupas, geralmente bombachas de campo, são as esposas ou companheiras, eles pouco se mostram.

À tarde fui para o *Museo Güiraldes*. Cheguei depois das 17 horas para evitar o calor. Entrei em um prédio ao lado do museu para perguntar sobre as atividades do *Parque Criollo*. Uma senhora atendeu-me dizendo que o museu estava fechado nesse horário e que abria às dez da manhã. Percebi que havia outras pessoas no local, pareciam ser homens de campo ou paisanos, não sei por que motivo eles estariam lá, se era a trabalho ou

por outra coisa, fiquei bastante curioso. Mais tarde, consegui falar com essas pessoas, que se tornaram também interlocutores nesta pesquisa.

Como não havia mais nada para fazer naquele momento, voltei à cidade e passei em uma loja que vende cuias para mate e pratarias artesanais. O dono do local, Gaston, é amigo da minha prima. Depois de nos apresentarmos, conversamos de maneira informal sobre minha pesquisa, e ele me deu várias dicas. Nossos primeiros diálogos se pautaram sobre questões pessoais, particularmente se ele tinha experiências campeiras, para o qual me disse que foram poucas, somente quando era mais novo, porque não era sua predileção estar em contato direto com os animais, nem se dedicar à vida de campanha. Como manifestei interesse pelas vicissitudes campeiras, sobre saberes e experiências, ele me indicou dois sujeitos que, em sua opinião, entendiam de tradição e de vida de campo, e me disse, na conversa, que essas pessoas tinham experiências e conhecimentos sobre o tema. Isso mostra de alguma maneira que Gaston os observa de maneira especial, a partir da imagem que esses sujeitos mostram aos “outros”. A situação de referir-se ou citar o “outro” sujeito como alguém experiente, ou como uma referência em termos de conhecimentos, se apresentou nesse primeiro momento, tornando-se constante ao longo de todas as conversas.

Depois da indicação de Gastón, tentei conversar com as duas pessoas indicadas. Encontrei uma delas em sua própria oficina. Nesse momento, ele estava trabalhando, também era artesão em prata, portanto combinei de nos encontrarmos no dia seguinte para não atrapalhar. No outro dia, atendeu-me de forma bastante displicente, sem vontade de diálogo e sem me dar muita informação. No entanto, entre as poucas coisas que disse, ele se referiu ao Pedro, como um dos sujeitos mais completos em termos de experiência nas tarefas e na vida campeira na região. Coincidentemente Gastón havia falado de Pedro e, também, de outra pessoa, chamada de Juan Miguel, como sujeitos de muita experiência. Quando voltei à casa dos meus primos e falei do encontro não muito feliz com esse artesão, eles me disseram que não achavam estranha a conduta dele, pois já o conheciam. Contudo, o dado de ter mencionado a figura de Pedro foi fundamental, pois minha prima é amiga de uma pessoa da família dele. Dessa forma, ela conversou e fez o contato com Moira, prima de Pedro, que seria depois uma grande interlocutora. Combinamos para conversar com ela nos próximos dias. Moira fez vários outros contatos para meu trabalho. Sobre Pedro, ela e outros interlocutores me confirmaram as suas aptidões.

Em uma quinta-feira, na parte da tarde, fui conversar com Moira Etchevest (Imagem 54). Nosso diálogo foi no seu local de trabalho, uma

loja de artigos gauchescos que fica na praça central de Areco. Foi um bom tempo falando sobre vários temas, como as tarefas da campanha, a situação atual do campo em San Antonio de Areco e arredores, a nova e velha geração de “paisanos”. Um dos assuntos por ela citados foi sobre a nova geração que se mostra cada vez mais avessa às tarefas de campo - há poucos sujeitos que dão continuidade e mantêm os saberes tradicionais dos campeiros. Também na conversa, ela citou muitos paisanos respeitáveis da região, conhecedores da vida na campanha, gente de campo que sabia fazer as coisas como a tradição manda. Contou também sobre a família à que ela pertence, todos de vida campeira, a maioria deles muito conhecedores dos equinos, em atividades como a doma, a “*jineteada*”, o arreo de tropilhas, dentre outras. Foi uma conversa com bastantes detalhes, e percebi que o conhecimento não só das atividades como das relações e contatos que ela tem com as pessoas de campo proporcionaria várias situações para conhecer esses paisanos. Quando falamos sobre o Pedro, seu primo, ela me disse que realmente é um sujeito que tem grande conhecimento das tarefas campeiras, e que passa quase todo o tempo na estância em que trabalha. Tentamos ligar para ele para marcar algum encontro, mas não foi possível estabelecer contato. No esforço de me apresentar sujeitos relacionados ao contexto campeiro, Moira fez contato com o irmão dela, Tomás. Foi assim que marcamos para conversar com ele no dia seguinte de manhã. Depois do diálogo com Moira, combinei de encontrar-me com os irmãos Pereyra na casa deles, contato feito pelo meu primo, que os conhece há tempo.

Imagem 54 - Moira, importante interlocutora de San Antonio de Areco, Argentina



Fonte: Fotografia concedida por Moira Etchevest.

Meu encontro com os irmãos Pereyra (Imagem 55), foi quase na sequência do encontro com Moira. Pelo que me meu primo contou, os Pereyra são de uma família emblemática de campeiros na região. Os irmãos Martin e Carlos são filhos de um campeiro muito renomado: o “mosco” Pereyra. *Arriero* famoso e trabalhador de estâncias, o “mosco” é um dos nomes mais tradicionais entre as pessoas dos campos de Areco e redondezas. Conversei com os irmãos Pereyra na casa deles, a umas cinco quadras de onde estava hospedado. Depois de nos apresentarmos, várias histórias foram relatadas por Carlos, depois chegou Martin, irmão mais velho. Um dos assuntos era a forma de chamar as pessoas do campo, destacando o termo “*criollo*” como aquelas pessoas que foram produto da descendência europeia, ancestral, mas o sentido que eles explicaram é de um sujeito do campo que sabe tudo da lida, que possui todo o conhecimento do ambiente, principalmente com animais. A categoria de “*criollo*”, nesse local e em toda a Argentina, é no sentido de adjetivar os homens de campo com muito conhecimento. Já o paisano é aquele trabalhador que até poderia ser só descendente de europeus, mas que trabalha de forma mais focada em alguns temas, como agricultura ou na cria de certos animais. Esse modo de apresentar as categorias repetiu-se com quase todos os sujeitos que conversei. No diálogo com os Pereyra,

surgiu também o nome de outro irmão, Oscar, que é o herdeiro dos atributos do pai, o “mosco” (Imagem 56), tanto que leva hoje esse apelido. Oscar é um sujeito emblemático em San Antonio de Areco, pois ainda trabalha no campo, em uma estância – poder-se-ia falar dele como um verdadeiro símbolo, pois é referenciado por todos. Não foi nessa oportunidade que encontrei Don Oscar, conversei com ele em maio de 2016. Esses interlocutores mostraram-me que, na sua maioria, pensavam quase da mesma forma, no sentido de como observavam esse “outro” campeiro e o categorizavam de forma positiva a partir do conjunto de experiências e saberes necessários para a vida de campanha.

Imagem 55 - Casa dos irmãos
Pereyra, Carlos e Martin



Imagem 56 - Quadro com fotos do
“Mosco”, reconhecido arriero de San
Antonio de Areco



Fonte: Acervo do autor.

Na minha primeira viagem para San Antonio de Areco, também conversei com o irmão de Moira, Tomás, no sítio onde ele morava, fora da cidade. Quando cheguei ao local estava adestrando dois cavalos para um torneio de destreza equestre que se disputaria em outro município. Tomás trabalha especificamente com cavalos de polo, um esporte equestre praticado na Argentina e na Europa. Sua especialidade, o adestramento desses animais, fez com que ele trabalhasse em várias partes do mundo. Quando perguntei como ele tinha aprendido esses conhecimentos sobre os animais e sobre a campanha, Tomás disse que toda uma geração de jovens em San Antonio de Areco, hoje com até 40

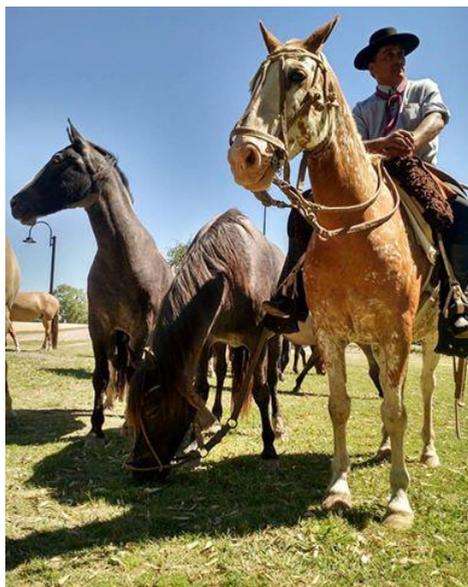
anos de idade, iam conviver nas atividades de campo com o caseiro do *Museo Güiraldes*, o senhor Julio Ford, um *criollo* muito respeitado pelo seu conhecimento de todas as atividades campeiras. Foi nessa conversa que surgiu a categoria *criollo* novamente, na pessoa de Julio Ford, referente do Tomás e de muitos outros jovens da região. Foi com ele que Tomás aprendeu a domar e a lidar com os animais. Nessa conversa, evidenciou-se novamente a ideia de um sujeito representativo de um conhecimento, de sabedoria, de como lidar com o ambiente campeiro, isso tudo encarnado na figura de Julio Ford. Tomás não seria a única pessoa que citaria Julio Ford nas minhas conversas em San Antonio de Areco, evidentemente uma referência no meio campeiro da região.

Em outra visita ao *Museo Güiraldes*, em janeiro de 2016, percebi que havia uma tropilha de cavalos e um rebanho de gado bovino. Pensei que haveria algumas pessoas que cuidariam desses animais, por isso tentei encontrar com esses sujeitos. Em uma daquelas tardes de muito calor, cheguei à porta do museu e procurei por um dos guias que trabalham com os turistas. Comentei sobre a tropilha de cavalos e do gado nos terrenos do museu, perguntei sobre quem cuidava desses animais e se poderia conversar com essas pessoas. Foi assim que me conduziram gentilmente ao local ao lado do museu, e disseram que não haveria problema de conversar sempre e quando estivessem no local. Para minha sorte, os “paisanos” estavam lá, livres de ocupação nesse momento, justamente aqueles que tive a curiosidade de conhecer uns dias antes. Cheguei, apresentei-me a todos, perguntei se podíamos falar uns momentos, e eles concordaram imediatamente. A conversa com os paisanos Sergio (Imagem 57) e Edgardo (Imagens 58 e 59) foi bem aberta e gerou posteriores encontros em outras visitas à cidade. Sergio ficou dialogando comigo, enquanto Edgardo foi fazer a tosa das crinas do seu cavalo.

Conversamos bastante sobre diversos temas, como, por exemplo, sobre o tempo que eles trabalhavam no local, ao que me responderam aproximadamente uns cinco anos. Esse trabalho do museu tem uma relação muito intensa com o turismo, e com a festa que relatei no Capítulo 2, mas ficou evidente que tanto Sergio quanto Edgardo estão nesse local devido ao conhecimento que eles têm sobre a campanha e seus animais. Eu confirmei isso nas apresentações que vi em novembro e nas tarefas que eles realizaram na festa da tradição. Da mesma forma que com outros interlocutores de Areco, Sergio comentou sobre as novas gerações do campo, que já não havia tantas pessoas assumindo essas tarefas nas estâncias. Mostrando sua preocupação, ele também falou sobre o estado atual das condições de trabalho, na pecuária ou na agricultura. Ele me disse sobre a proliferação das lavouras de soja na região, o que ocupa os

terrenos em que se trabalhava com pecuária, e que isso traria a transformação e a diminuição do trabalho com a criação de animais. Também conversamos de como se define o trabalhador de campo hoje, se *gaucho*, peão ou paisano, para o qual me disseram que esta última categoria seria a mais usada. Quem mais se expressou foi Sergio, que parecia com vontade de falar. Edgardo era muito mais calado, pacato, só utilizando poucas palavras, muito mais sério. Esses dois trabalhadores do *Museo Güiraldes* são sujeitos que aprenderam as tarefas com pessoas mais velhas, mais experientes, observando e realizando os trabalhos, na experiência. A respeito das referências que eles têm desse universo, notei que está claro como eles categorizam os sujeitos, como também da forma que eles se autorreferenciam. Notadamente, mostraram, nesse momento e em outros encontros que tive, em maio e novembro, como o modo de vida campeiro está incutido na sua formação de sujeitos.

Imagem 57 - O interlocutor Sergio Altamirano, San Antonio de Areco, Argentina



Fonte: Acervo do autor.

Imagem 58 - O interlocutor Edgardo Berta



Imagem 59 - O interlocutor Edgardo Berta



Fonte: Acervo do autor.

Quando voltei, em maio de 2016, a San Antonio de Areco, tinha o objetivo de conhecer as pessoas indicadas em janeiro pelos meus interlocutores, aqueles sujeitos emblemáticos nos conhecimentos do campo. Moira fez a conexão para conhecer Oscar Pereyra e Juan Miguel. Com o primeiro, consegui falar em um fim de tarde, na sua casa da cidade, já que passa a maior parte do tempo em uma estância onde ainda trabalha. Don Oscar, ou “*mosco*” como é também conhecido, tornou-se referência no contexto dessa região, a ponto de ser quem porta a bandeira nacional na festa da tradição em novembro. Na nossa conversa, foi possível conhecer um pouco do sujeito campeiro de 80 anos que viveu e vive ainda intensamente o ambiente pampiano.

Oscar Pereyra sempre trabalhou na campanha e me disse que aprendeu as tarefas com seus familiares mais velhos. Seu pai era um reconhecido tropeiro ou *arriero* da região de Areco e foi um dos seus inspiradores no trabalho rural. Oscar trabalhou trinta anos na estância *La Porteña* e depois passou para outra de nome *El Ombu*, onde ainda desempenha suas funções com os cavalos desse estabelecimento. Sua experiência no campo é muito vasta. Já fez tudo o que se pode imaginar no trabalho rural: criação de gado, formação de tropilhas de cavalos, fazer as sogas (laços) e recados usados nas montarias, fez cercas nos campos, trabalhou com a ordenha de leite nos estabelecimentos. O que ele me disse

é que aprendeu tudo o que sabe observando, sempre com pessoas que sabiam mais e lhe ensinavam. Sempre foi funcionário ou “*mensual*”, como é chamado na região, nunca teve terra própria. Comentou que é muito dedicado ao trabalho e que essa é a base de saber e desenvolver o que aprendeu. No diálogo, aparece uma categoria bastante usada no Pampa argentino, que é a de “*mensual*”, devido ao tipo de contrato que esses trabalhadores têm com os patrões para receber o pagamento ou salário mensalmente. Essa categoria é uma expressão nativa que equivale à de peão de estância, ou trabalhador rural. Na atualidade, Don Oscar é referenciado por quase todos os sujeitos de campo de San Antonio de Areco e localidades vizinhas, pelo seu conhecimento e pela sua trajetória de trabalho na campanha. Ele participa ativamente na festa da tradição, mas, quando lhe perguntei se fazia parte de alguma instituição tradicionalista, ele me disse que não e que não lhe interessava participar. Ele se mostra como um sujeito campeiro que conhece ambos os lados, o da vida real do trabalho rural e o da representação, mas, pelo visto, opta na maior parte do seu tempo pela condição que lhe oferece a experiência e o contato com o ambiente.

Com Juan Miguel encontramos-nos em sua casa, em uma pequena chácara nos terrenos fora da cidade. Juan Miguel é um conhecedor profundo de tudo o que a campanha é em termos de complexidade. Conversamos, em primeiro lugar, sobre seu aprendizado. Saiu a campo muito jovem, passando por estâncias muito grandes do interior do país, trabalhando sempre com gado e com tropilhas de cavalos, e, depois, com as mudanças da agricultura. Trabalha ainda com o cuidado de alguns cavalos de polo em uma propriedade próxima de sua casa. Falamos sobre todos os trabalhos que fazem na campanha, apontados por Juan como bastante complexos. Sobre a agricultura, em particular sobre o plantio de soja, mostrava certa preocupação pela grande ocupação do terreno em detrimento da produção pecuária. Sobre a modernização tecnológica acontecida no campo, comentou que lhe parecia inevitável e necessária. Preocupava-lhe a falta de uma geração nova que faça as tarefas como se faziam antigamente, isto é, baseadas nos conhecimentos e no convívio com os mais experientes. Um dos assuntos que comentamos foi sobre as misturas entre espanhóis colonizadores e índios, o que ele acha inegável. Ele me mostrou uma quantidade de livros sobre o tema, o que demonstra seu grande interesse sobre a questão. Quando conversamos sobre os tradicionalistas e suas teorias, ele me disse que não lhe parecia uma questão tão importante para o universo *gaucho*, e que tinha bastantes diferenças pessoais com uma das figuras mais emblemáticas, o Comodoro

Guiraldes, nascido em San Antonio de Areco, um dos que formularam a tradição na Argentina e criador da *Asociacion Tradicionalista Argentina*.

Juan Miguel sempre foi trabalhador de campo assalariado, nunca foi patrão ou dono de terras. Ele me disse que, naquele momento, mantinha um padrão de vida, “o mais campeiro possível”, afirmando que ser do campo, paisano, ou *gaucho*, é um tipo de filosofia de vida. Ele falou também sobre o que aconteceu com a figura do *gaucho*, com o caráter pejorativo do seu conceito, cunhado por alguns políticos, em meados do século XVIII e XIX, que o consideravam um atraso para o país. Para ele, isso foi um fato que trouxe a conseqüente discriminação do *gaucho* e dos mestiços que havia nesses tempos, e que teve repercussões mais tarde.

Outro local que visitei em maio que estava pendente na minha agenda de pesquisa era o *Museo Las Lilas*, que pertence à mesma empresa de genética bovina citada no Capítulo 4. No local, trabalham poucas pessoas, e, basicamente, quem se encarrega de forma ativa do acervo e das exposições é seu diretor. Ele também foi indicado por Gastón e por Moira como uma pessoa que conhece bastante de tradição *gaucha* e de vida campeira. Depois de ter feito contato telefônico com o senhor Armando, combinei a visita, na sede do museu, a poucas quadras do lugar que estava hospedado. Quando cheguei ao museu, fui recebido na recepção e anunciado para o diretor. Aguardei no pátio e logo fui atendido pelo senhor Armando. Apresentamo-nos um ao outro, e, depois, passamos a conversar no escritório dele. Armando é veterinário, mas atualmente trabalha somente na direção do museu. Tem tido experiência em trabalho no campo com gado e com cavalos dos anos de 1970 até os de 1990. Isso em estâncias de grandes extensões, e como ele mesmo disse, de estilo antigo, com postos e casas onde moravam os funcionários. Essa foi uma época em que tinha contato direto com animais e com o ambiente. Armando comentou que fez parte de associações tradicionalistas, mas hoje já não participa, e foi presidente de uma na cidade de Pergamino. Sobre o tradicionalismo, ele mencionou que esse setor é diferente do que se apresenta na realidade do campo, como se fossem dois mundos dissociados, e que, atualmente, essas entidades são manejadas por pessoas muito conservadoras. Reclamou da falta de flexibilidade por parte desses tradicionalistas, do excesso de regras, da questão de que eles não entendem essas adequações da vida de campo real.

Armando também é soguero, ou guasqueiro, a atividade artesanal que elabora os laços para uso na campanha e outros artigos de couro especificamente para montaria. Ele participa de sociedades internacionais e de exposições nessa atividade, e conhece muito bem os estilos de cada país nessa arte. Falamos das similitudes desses trabalhos em toda a

América, e também do assunto dos ginetes na América como um conjunto de semelhanças e particularidades. Outro dos temas que abordamos foi sobre a mistura étnica no Pampa. Naquela oportunidade, em San Antonio de Areco, conversamos especificamente sobre isso com alguns interlocutores. Sobre o assunto, Armando observou que, de fato, tornam-se inegáveis as misturas entre espanhóis e indígenas, mas que o tema é realmente complexo. Com respeito a isso, falamos da história dos povos originários, e ele mencionou dois autores que tratavam o problema, e que já haviam dado algumas conferências no museu. Na mesma direção, comentamos a difícil situação atual dos indígenas na Argentina, com a ocupação das terras em que eles se situavam, e o extermínio desses povos como principal problema.

As experiências de campo na Argentina, o encontro com esses interlocutores e o desencontro com outros deixou claro que a questão simbólica faz parte desse universo, mas de forma diferente, e a importância do real na campanha parece mais relevante pelo dito por cada uma das pessoas com que conversei. O que se tornou praticamente presente em todos os diálogos foi a ideia ou a expressão de “ser campeiro”, ou como no expressado na Argentina, de ser “*muy criollo*”. Essa forma de adjetivar os sujeitos é talvez o ponto comum entre os diferentes interlocutores. Por outro lado, é a maneira de como se identifica o “outro” dentro desse mundo, em termos do diverso, das diferenças de ser mais ou menos campeiro - nos saberes, na conduta, nas virtudes, na moral, nas categorias nativas e na forma de conceituar e pensar esse mundo.

Na região Sul do Brasil, minhas experiências de campo mostraram formas de vida e conceitos bastante similares ao do campeiro argentino, salvando alguns detalhes e particularidades regionais. A minha investigação começou em uma pequena propriedade, onde há somente um trabalhador. Assis mora com a sua esposa e, basicamente, desenvolve tarefas de manutenção da estrutura da fazenda, da casa, da mangueira e do galpão. A fazenda é pequena, ou seja, é pouca extensão de terra. Tinha poucas vacas no momento da visita, mas eventualmente o dono da propriedade, Sr. Ives, compra às vezes algum gado, engorda e vende depois. Ao conversar com Assis, ele mostrou pouca identificação com o universo do gauchismo, somente assumiu que é um trabalhador do “*sítio*”, como se denominam as pequenas fazendas no Sul do Brasil. Nascido na Coxilha Rica, região geográfica pertencente aos municípios de Lages e do Capão Alto, ele disse que sempre trabalhou em sítio e na região, especificamente. Reparei que sempre esses trabalhadores, ao se empregarem nas fazendas, trazem junto a família. No caso de Assis, ele

mora com a esposa que faz serviços de faxina na casa do dono da propriedade e ajuda em algumas tarefas de campo, como tirar leite ou arrumar o galpão. As tarefas que vi nos dias que fiquei no local são a de um “caseiro”, ou seja, de quem cuida da propriedade, faz manutenção e, no caso de ter gado, também cuida dos animais.

Observei nesse local poucas atividades, somente aquelas com os animais que estavam na propriedade, umas poucas vacas para tirar leite. Foi assim que Assis trouxe as vacas a pé, junto de sua esposa. Eram animais de aspecto manso, dóceis. Ele não usou o cavalo, mas o acompanhavam alguns cachorros pequenos correndo e acuando as vacas até a mangueira ao lado do curral. Participei junto ao casal da ordenha das vacas. Depois da ordenha, as vacas foram soltas e voltaram ao campo em que pastavam. No último dia, o trabalhador ajudou Sr. Ives a carregar lenha e fazer o fogo para o churrasco oferecido para alguns convidados. Em conversa com o Sr. Ives, dono da propriedade, ele me disse que comprou há uns 20 anos o sítio. Ele trabalhava como diretor de escola e disse que sempre gostou das atividades do campo. Nesse local, não havia uma sede ou casa para ficar confortavelmente. Pouco a pouco ele foi construindo a casa que hoje tem lugar para várias pessoas, uma sala espaçosa, uma área com churrasqueira interna e garagem. Agora o Sr. Ives é aposentado e dedica bastante tempo ao seu sítio.

A criação de gado não é permanente, ele compra no modo de investimento e devido ao gosto dessa atividade. No caso, usa seu terreno para pastagem e também alguma ração para alimentar na engorda. O investimento que ele realiza no sítio é no sentido de melhorar a estrutura das instalações para ter um melhor manejo do gado. O proprietário manifestou que não tinha grandes pretensões de comprar gado de raça ou de trabalhar com genética bovina, como verifiquei com outros interlocutores. Nesta pequena fazenda, também há um lago com peixes que, esporadicamente, são consumidos, e alguns patos e gansos. Também há galinhas que fornecem ovos para consumo. Esse conjunto de animais domésticos configura o ambiente na maioria dos locais em que passei, completando com algumas espécies selvagens que, às vezes, visitam as redondezas das propriedades.

Praticamente na sequência fiquei uns dias na fazenda Rincão do Butiá, em São José do Cerrito. Viajei de noite para Lages e me encontrei com Vinícius, filho do dono da fazenda, que também executa alguns projetos de genética bovina na propriedade. Fomos jantar e depois pernoitei na casa dele. De manhã, o pai dele, Sr. Paulo levou-me até a fazenda e deixou-me nela para ver os trabalhos de dois funcionários que lá moram. Encontrei com o Sr. Paulo na manhã seguinte e fomos para a

localidade de São Jose do Cerrito. No caminho, carregamos óleo diesel para as máquinas de lavoura. Após percorrer uns 30 quilômetros de estrada, chegamos à propriedade. A fazenda fica às margens da BR 282 e, depois de passar por uma porteira de metal, entramos na área do “Rincão do Butiá”. O Sr. Paulo me mostrou a casa, em excelente estado e muito confortável. Depois de me ensinar como funcionava tudo, e de deixar minhas malas em um quarto, fomos levar o óleo diesel para as máquinas, em outra área. Conheci nesse momento um dos funcionários, o Cristiano. Ele ajudou a descarregar os tambores de combustível, conversamos um pouco e o Sr. Paulo comentou da minha estada na fazenda e sobre a pesquisa. Depois disso, ele foi embora e fiquei com a casa a minha disposição.

O clima naqueles dias era de muito calor, mesmo assim dediquei o tempo para observar como Cristiano trabalhava preparando uma lavoura de pasto com um trator. Um trabalho bastante árduo passando com a máquina várias vezes no campo para semear um pasto adequado para o gado que eles criavam. Na volta para a casa, sempre me acompanhavam os cachorros. Eram quatro animais que servem também para as tarefas de campo, todos bem dóceis, porém, como ainda não me conheciam, os cães vinham latindo curiosos para ver se era alguém amigável. Depois de uns dias, eles já me viam como mais um da casa.

Meu intuito era conversar também com o outro funcionário, o Antônio, que estava na cidade e viria no dia seguinte. No outro dia, acordei cedo, fiz o café, comi algo e saí para ver o que seriam as atividades do dia. Encontrei com os dois funcionários, Cristiano e Antônio. Apresentei-me a este último e começamos a conversa. Cristiano e Antônio são de duas gerações diferentes de trabalhadores da campanha. Embora trabalhassem juntos e se complementassem bem nas tarefas, ambos têm diferentes jeitos de encarar o trabalho. Antônio nasceu na Coxilha Rica, mas não sabia bem em que local, e disse que sempre viveu no campo. Aprendeu as tarefas desde pequeno e quando moço se mudou para essa fazenda que visitei. Antônio está há 35 anos nesse local, formou a sua família na mesma casa onde ele mora hoje. Atualmente ele está sozinho, sua esposa foi para a cidade de Lages, pois não quis ficar mais no campo. Como Antônio não quis sair da fazenda, ambos concordaram em morar separados. Ele me deu a entender que não conseguiria viver na cidade, e que essa vida que ele leva na campanha é o que deseja e sabe fazer.

O outro funcionário, Cristiano, mora há dois anos no local. Ele nasceu em São Joaquim e quase sempre viveu em fazendas. Aprendeu as tarefas de pequeno com o pai e seus familiares. Depois de casar aos 20

anos, foi morar em Lages onde se empregou em uma empresa de manufatura de alimentos e trabalhou por dois anos. Ele manifestou que mais tarde abandonou esse emprego, pois não conseguia aguentar a pressão empresarial, o encerro do lugar onde desempenhava suas funções e a vontade de voltar para a campanha. Tomada a decisão de sair da cidade, ele se empregou em uma fazenda de extensão considerável. Aí desempenhava a função de capataz, ou seja, a de administrar todas as tarefas. Passado um tempo, e por uma questão bastante importante para ele, a de manter seu cavalo nessa propriedade, e os donos não concordarem com isso, ele saiu desse local e foi para a fazenda Rincão do Butiá. Cristiano faz tarefas com as máquinas rurais, assim como as tarefas com o gado, seja a cavalo, seja com o trator. Ele tem na propriedade uma casa onde mora com a família e, também, construiu outra em um sítio onde mora a mãe dele, a que ele diz que é a “sua casa”, seu lugar.

Na fazenda Rincão do Butiá, participei basicamente com Antônio e Cristiano de atividades de manejo do gado. Algumas como a de levar ração para os animais, feita com a ajuda de um trator. Para isso, eles fizeram primeiro a preparação da carreta, engatando-a no trator, e, depois, levando-a até um galpão onde estava o alimento para os bois. Fizeram depois um cálculo de quanto será oferecido aos animais, de acordo com quantos exemplares estão naquela área. Carregados vários sacos de ração, saímos ao campo. O trajeto foi sempre irregular, abrindo as porteiças até chegar ao local onde se localiza o comedouro ou cocho. Foi interessante ver os animais que estavam do outro lado de um açude e do cocho começarem a se deslocar em nossa direção, entendendo de que a chegada do trator significava a vinda desse alimento. Em poucos instantes, estávamos rodeados pelo gado. Antônio e Cristiano colocaram a ração enquanto alguns animais disputavam um lugar no comedouro. Esvaziados os sacos e arrumada a distribuição da ração, partimos de volta para a sede da fazenda. Como relatei no Capítulo 4, nessa propriedade fizemos também algumas revistas de gado usando os cavalos. As atividades que se apresentavam nessa fazenda requeriam algumas variantes nos conhecimentos, como a do manejo de máquinas, trator, roçadeiras e, logicamente, dos equinos para percorrer o terreno. Pelas conversas com Cristiano e Antônio, tudo o que eles realizavam se pautava nas experiências e no aprendizado por observação.

Nos dias seguintes, também conversei com os donos da fazenda, mas foi para entender como eles usavam a genética bovina para a criação do gado na propriedade. Os procedimentos para produzir animais de raça (Angus, Brangus e Devon) eram por meio da importação de embriões e posterior implantação em vacas receptoras que eles possuem. Essas vacas

não precisam ser da mesma raça do embrião, só servem como receptoras (barrigas de aluguel). No domingo observei uma atividade de aplicação de hormônios nas vacas que seriam as receptoras dos embriões importados de uma cabana argentina. A tarefa começou trazendo as vacas do campo, feita por Antônio, a cavalo. Prepararam os medicamentos antes, e, na hora que chegaram, as vacas foram colocadas na mangueira. Os animais estavam bastante agitados e foram colocados em um corredor que as conduzia a uma espécie de máquina acionada manualmente chamada de brete, que fica no final do corredor e que serve para imobilizar completamente o vacum. Foi bastante trabalhoso e perigoso colocá-las no corredor, mas Antônio conseguiu com paciência e habilidade. Os cachorros também estavam muito agitados latindo e querendo ajudar para levar as vacas para frente. Os animais eram conduzidos para que entrassem um a um no brete. Uma vez que entravam, fechava-se manualmente uma pequena porteira para a vaca não recuar. Seguidamente o animal era travado pelo pescoço, ficando a cabeça para fora da máquina. Depois é pressionada a barriga do animal para imobilizá-lo totalmente com outra grade acionada pelas alavancas, impossibilitando-o de dar coices. Dessa forma a vaca não conseguia se mexer na hora de aplicar as injeções. Os medicamentos são aplicados na parte traseira do animal, no final do lombo. Esses medicamentos servem de preparação para uma estimulação hormonal que simula um estado de gravidez natural. Em mais alguns dias, seriam implantados por um veterinário os embriões, que iriam crescer nessa vaca receptora. Os prazos para esse procedimento são contados com bastante exatidão para que o organismo do animal no ápice da estimulação aceite esse embrião e o desenvolva como se fosse uma fecundação natural. Terminado o procedimento, as vacas passaram de novo para a mangueira e foram soltas novamente ao campo até o momento de colocação dos embriões. Nessa situação, foi muito interessante a interação do Antônio e do Sr. Paulo, trabalhando juntos na atividade para conseguir o objetivo. Antônio mostrava conhecer os medicamentos que foram aplicados e ajudou também na preparação. Dois sujeitos campeiros diferentes, reunidos em uma atividade e colaborando com diferentes saberes: manejo dos animais e manipulação genética com um mesmo objetivo.

Estive em outra fazenda de produção pecuária da Coxilha Rica em julho, onde conheci outro trabalhador de nome Antônio. Naqueles dias, o vi trabalhando com animais e nas estruturas da fazenda. O trabalho com pedras do próprio terreno chamou-me atenção, pois ele arrumava o calçamento de um passador de gado e de parte da mangueira dessa fazenda. Esse trabalho era muito similar ao observado nos corredores de

tropas nessa região, construções de muros de pedra chamados de “*taipas*”¹⁰¹, comuns no século XVIII. Além disso, Antônio mostrava habilidade com os cavalos da fazenda, ensinando aos animais como agir na lida com o gado. Também o vi trabalhar na mangueira com umas ovelhas e suas crias, tosando a lã da barriga para que os filhotes pudessem mamar, trabalhando com o laço para poder pegar as ovelhas adultas, mostrando habilidade no manejo desses animais. Ele também nasceu no local e nunca trabalhou na cidade, sempre desempenhou tarefas na campanha. Nesse local estive quase sempre acompanhado por Beto, o dono da fazenda, e como descrevi no Capítulo 4, minha experiência mais importante nesse local foi com os cavalos, com o terreno. Compartilhava com os dois, com Beto e com o Sr. Antônio, somente as refeições, feitas pela esposa do Sr. Antônio, no forno a lenha. Também era o caso de dois sujeitos diferentes, o trabalhador e dono, mas dois conhecedores profundos do terreno e das atividades da pecuária.

No Uruguai e no Sul do Brasil, estive com vários interlocutores que se dedicavam à criação de gado. Em todos os casos, eram pessoas que sempre viveram no campo, mas alguns passavam a vida entre as fazendas e a cidade. Outros estavam nas suas propriedades exercendo a função de administrar e cuidar dos rebanhos, dos ciclos de reprodução e do melhoramento genético dos animais. O estancieiro ou fazendeiro é um sujeito campeiro, mas com outras características diferentes das do trabalhador rural. Seus interesses no campo são econômicos, mas há demonstrações de envolvimento ao ponto de terem gosto no que fazem. Isso é demonstrado na escolha das raças que criam, no esmero das estruturas de trabalho da estância, no trato dos trabalhadores que lidam com os rebanhos, na maioria das vezes declarando respeito pelos saberes desses homens de campo. Os sujeitos dessa categoria expressam de forma sutil a noção de quanto é importante sua tarefa na produção de alimentos para a sociedade. Sempre reforçam esse conceito deixando claro que o eixo central da vida humana passa pelo que o campo produz. Além disso, essa categoria, hoje, também manifesta ideias de produção a partir da qualidade baseada no manejo consciente da terra e promulgando o bem-estar animal.

Entre as categorias mencionadas, existe uma relação intersubjetiva expressada de uma maneira específica. No sentido de

¹⁰¹ Taípas são muros de pedra feitos artesanalmente usados para dividir terrenos no século XVIII ou para formar corredores para o transporte de gado a pé feito pelos tropeiros naquela época. É comum ver essas construções em toda a região da Coxilha Rica, município de Lages, SC.

saberes, alguns sujeitos diferenciam-se, sendo “mais campeiros” que outros. Na questão da experiência, os trabalhadores rurais¹⁰² são os que agem diretamente no ambiente, uma mediação pautada no conhecimento das espécies animais. Já a categoria de estancieiro, como dono da propriedade e do rebanho, é diferenciada pela ordem econômica, mas, em geral, é também um sujeito com conhecimento dos procedimentos do manejo dos animais. Essas duas categorias, estancieiros e trabalhadores rurais¹⁰³, são mais importantes atualmente pelo contato direto com o ambiente, mas há também pessoas que desempenham funções destacadas na campanha, como veremos a seguir.

6.2 AS PROFISSÕES RELACIONADAS AO CAMPO

Outros sujeitos cumprem tarefas relacionadas ao campo, com os animais, ou com a manufatura de objetos, ampliando a diversidade de atividades, criando outras categorias e gerando novos conceitos. São de singular importância, nessa rede de relações da campanha, os profissionais que trabalham diretamente com questões científicas. São pesquisadores biólogos, zootécnicos e veterinários que trazem a esse mundo da campanha outros conceitos elencados no estudo das modificações genéticas e o manejo das variações no elemento animal e vegetal. Esses profissionais geralmente mostram um alto grau de envolvimento nas tarefas que fazem com esses seres. Eles estão em um contato direto com o ambiente, como os estancieiros e os trabalhadores rurais, mas com um tipo de relação baseada em questões científicas. Uma boa percentagem desses profissionais escolhe especializações nas áreas

¹⁰² Destacamos novamente, ao falar de trabalhadores rurais do Pampa e do Sul brasileiro da contemporaneidade, a sinonímia existente com as categorias de paisano, peão, *mensual*, *criollos*.

¹⁰³ Consideramos, dentro do grupo de trabalhadores, uma série de funções específicas que diferem de acordo com o tipo de produção dos estabelecimentos rurais. Há estâncias que têm funcionários para cada uma delas dependendo do tamanho do empreendimento. Assim, há trabalhadores especializados em máquinas rurais, outros que lidam somente com o gado. Dentro desses grupos, encontramos sujeitos que cuidam da manutenção dos equipamentos e das instalações, outros dos objetos usados na lida, como laços, selas, cordas. Nas habilidades específicas com animais, como a domesticação, às vezes são necessários os especialistas: os domadores. Pode acontecer de haver na fazenda alguns trabalhadores que se dediquem a essa tarefa de domesticar os equinos ou os cães para trabalho pastoril.

de biologia, veterinária, zootecnia, técnicas agropecuárias e outras de acordo com experiências que vivenciaram ou porque moram na campanha, e, por isso, optam por um aperfeiçoamento profissional nessas áreas. É o caso do Fabrício, zootécnico com o qual tenho uma amizade de outras pesquisas, e que tem aportado para este trabalho muitas informações valiosas (Imagem 60).

Imagem 60 - Com a prancheta (no centro), o zootécnico Fabrício Costa, um dos principais interlocutores desta pesquisa



Fonte: Fotografia cedida por Fabricio Costa.

Além das viagens que realizamos para as festas e festivais tradicionalistas, nas nossas conversas, ele sempre apontou que as questões científicas eram de extrema importância, como descrevo no Capítulo 4. Fabrício administra sua própria cabanha de melhoramento genético, é um sujeito nascido no local onde mora, ou seja, sua experiência de vida sempre foi no campo, mais tarde estudou em grandes cidades e fez o curso de zootecnia para trabalhar especificamente na propriedade familiar.

Além do diálogo pessoal com esses trabalhadores da ciência campeira, utilizei um questionário com perguntas diretas sobre a biotecnologia na área rural para alguns sujeitos que conhecia e sabia que trabalhavam na área. As respostas de todos sempre se expressaram em

torno de um aproveitamento melhor dos animais em sentido dos ciclos de cria, desmame e precocidade, estado para o abate, saúde e bem-estar desses exemplares¹⁰⁴. Caberia ressaltar a relação desses técnicos, cientistas, engenheiros ou geneticistas com o ambiente na questão mercadológica. Quase todos expressaram nos questionários que sua função é o melhoramento da genética animal, ou do setor agropecuário em prol do mercado e da competitividade comercial da produção de carne ou lavouras. No entanto, esses sujeitos expressam seu gosto pela função que exercem, podem ser considerados campeiros pela sua presença no ambiente e pela sua função com os animais, embora transitem entre laboratórios, cidades, congressos e estâncias, em um contexto bastante diverso. O trabalho na área de tecnologia, ciência e genética na campanha quase sempre é acompanhado pelos trabalhadores campeiros e estancieiros, fomentando um aprendizado coletivo básico no que se refere a alguns procedimentos, havendo uma participação coletiva com os veterinários ou zootécnicos. O contato entre a ciência e as categorias campeiras é um elemento fundamental na transformação da campanha, na modificação de uma forma de pensar e de elaborar novos conceitos, na inserção da ideia da modernidade e do conhecimento científico. É recorrente ver que tanto criadores como trabalhadores estão a par das inovações tecnológicas.

Há outras atividades que se relacionam com a campanha por meio da produção de objetos próprios para o meio rural, em particular para seu uso com os animais. O trabalho artesanal com couro é uma dessas atividades que estão em relação direta com a campanha, produzindo peças de indumentária como cintos ou guaiacas, ou aquelas que se usam na montaria, como selas, rédeas, chicotes, cabeçadas ou boçais para os equinos. Uma peça muito importante são os laços de couro trançado, muito usado para dominar os animais. As produções desses objetos são feitas pelos guasqueiros ou *sogueros*, artesões especialistas na manipulação do couro vacum ou equino. O trabalho desses sujeitos envolve um conhecimento profundo da campanha, dos seus habitantes e

¹⁰⁴ O bem-estar animal a que estou me referindo e que observei em campo condiz com as descrições do antropólogo Caetano Sordi (2016), em seu artigo publicado no Livro *Parentes, vítimas, sujeitos: perspectivas antropológicas sobre relações entre humanos e animais*, organizado por Ciméa Barbato Bevilaqua e Felipe Vander Velden da Editora UFPR.

da produção da matéria prima, o couro¹⁰⁵, para a manufatura dos objetos (Imagens 61 e 62).

Imagem 61 - Couro estaqueado



Imagem 62 - Detalhe da extração de tentos finos para acabamento das peças (bainhas, guaiacas etc.)



Fonte: Fotos cedidas pelo guasqueiro brasileiro Marcus Leobet.

Cada artigo produzido cobra sentido a partir do seu uso. Dessa forma, o guasqueiro deve saber para o que se faz ou a quem se destina o produto do seu trabalho. Conheci alguns desses artesões e, sem exceção, eram sujeitos com experiências campeiras, alguns moravam na cidade, outros na campanha. Em maio de 2016, conversei com um reconhecido guasqueiro em San Antonio de Areco. Fui ao atelier dele, no piso superior da própria casa, onde realiza todos seus trabalhos e o tratamento dos

¹⁰⁵ Nas minhas conversas com esses sujeitos artesões e no observado nos locais que mencionei, consegui entender a complexidade dessa atividade. A obtenção do couro para trabalhar as peças articula-se a partir do tipo de morte do animal; o estresse, por exemplo, pode fazer desse couro um produto diferente em termos de flexibilidade. Usa-se para diferentes funções couro bovino ou equino, porque as texturas são distintas, uns permitem dureza para objetos rudes como laços, cinchas de montaria; e, para trançados mais finos, é recomendado o couro de potro, mais flexível e fino. O tratamento químico e o sovado permitem no couro texturas mais flexíveis, a partir disso, aplicam-se as técnicas de trançado, das quais há uma grande variedade.

couros para a confecção das peças. Raul Draghi falou sobre suas experiências de campo e ele me disse que sempre teve e tem contato com a campanha (Imagem 63). Sua profissão implica uma relação direta com os animais, pois a matéria prima do seu trabalho é o couro. Raul sempre trabalhou diretamente na extração do couro dos animais, basicamente couros de vacas e potros. Raul comentava que a preparação do couro (limpar, descarnar, tirar o pelo, sovar, estaquear para secar) é bastante delicada e minuciosa e exige paciência e tempo para ficar pronto para manipular e fazer as peças. Ele também me mostrou como se fazem os procedimentos para obter as tiras finas cortando com facas pequenas e gabaritos, para trançar as sogas ou as peças, que depois servem em diversos objetos da indumentária gaúcha ou dos arreios dos cavalos. Ele também comentou porque se usa o couro de cada animal para fazer cada objeto, ou da vaca ou do potro ou potrilho, por causa da espessura das peles e do tratamento que se dá para usá-los. Além desses aspectos da sua profissão, ele mencionou a massificação dos produtos da tradição, como os objetos do artesanato *gaúcho* e, sobretudo, da indumentária que tem sido usada fora do contexto campeiro. Raul é um sujeito que participa com alguma frequência de cavalgadas, mostrando seu contato direto com o ambiente e os animais, mesmo morando na cidade.

Imagem 63 - Atelier do soguero Raul Draghi, San Antonio de Areco



Fonte: Fotografia cedida por Raul Draghi.

Retornei, em novembro de 2016, a San Antonio de Areco para observar a festa da tradição que é realizada nessa cidade há muitos anos. Nessa festa, especificamente fica claro que o cavalo e as tropilhas centralizam todas as atenções. Na semana da festa, foi aberta uma grande exposição no *Museo Las Lilas de Areco* sobre trabalhos em couro feitos por guasqueiros (*sogueros*) locais, nacionais e alguns de países limítrofes. Havia na exposição peças antigas de coleção como também alguns trabalhos novos. A maioria dos trabalhos dos guasqueiros estava direcionada às peças utilizadas em montaria, ou seja, aos ginetes e aos cavalos. Eram cabeçadas (Imagens 64 e 65), rédeas, barrigueiras, cinchas, maneias, chicotes, além de algumas facas com os cabos com acabamento de couro trançado (Imagem 66). É importante ver a ênfase nessa arte com os arreios do cavalo, como um culto a esse animal. O trabalho dos guasqueiros parece centrar-se nesse aspecto de enaltecimento ao equino. No entanto, existe uma questão comercial, já que esses arreios são encomendados pelos proprietários dos animais, e alguns trabalhos são de custo elevado.

Imagem 64 - Cabeçadas na exposição Guasqueros, Museo Las Lilas de Areco, Argentina



Imagem 65 - Detalhe de uma cabeçada na exposição Guasqueros, Museo Las Lilas de Areco, Argentina



Fonte: Acervo do autor.

Imagem 66 - Facas com acabamento de couro trançado na exposição Guasqueros, Museo Las Lilas de Areco, Argentina



Fonte: Acervo do autor.

Reconheci nesse evento a importância que se dá ao trabalho em couro para o contexto campeiro. Da mesma forma, na minha estadia em Tacuarembó, Uruguai, observei várias bancas na *Fiesta de La Patria Gaucha* com trabalhos similares ao da exposição argentina. O trabalho do guasqueiro é, sem dúvida, pensado com relação ao uso das peças, isso é o que eles manifestam, portanto existe uma integração com todo o relacionado à campanha a partir da manipulação do couro. A partir da sua atividade, vejo os guasqueiros como outra categoria e como sujeitos campeiros.

Os artesões em prata são mais numerosos na Argentina do que no Pampa uruguaio e rio-grandense. Um dos meus interlocutores mais importantes em San Antonio de Areco, Gaston Boulocq (Imagem 67), dedica-se há muitos anos nessa profissão. Essa profissão tem dedicação à produção específica de objetos gauchescos, embora também elaborem peças de bijuteria de prata ou ouro. Dentro dos trabalhos que apresentam frequentemente os artesões, distinguem-se os cabos das facas gaúchas, um enfeite para os grossos cintos da indumentária, chamado de *rastra* (Imagem 68), e adereços como os usados para enfeitar cabeçadas e rédeas dos equinos.

Imagem 67 - O interlocutor Gastón Boulocoq, artesão em prata - San Antonio de Areco, Argentina



Imagem 68 - Trabalho de Gastón Boulocoq: *rastra*



Fonte: Fotografias cedidas por Gastón Boulocoq.

Outras peças que vemos nessas produções são acabamentos de cuias de mate e bombas para tomar essa infusão característica do Pampa. Das muitas conversas que tivemos no atelier de Gaston, ele e o Santiago, seu colega de trabalho, me disseram que o aprendizado dessa profissão tem como fundamento a passagem de conhecimentos na observação das atividades, por meio de gerações de “*plateros*”, como são chamados no Pampa argentino. O trabalho da prata, em muitos casos, é um complemento do trabalho em couro, tanto na indumentária do campeiro como nos arreios usados nos equinos, tudo em sentido de embelezamento do humano e do animal, muito comum em desfiles comemorativos da tradição. Os sujeitos que trabalham com prata nem sempre são pessoas com farta experiência na campanha, como é o caso do Gastón, mas em geral há uma identificação com esse mundo, e se faz esse trabalho por uma inclinação artística e pela predileção desses objetos que são de ordem simbólica e também alegórica. Denota-se um conhecimento bastante específico justamente sobre os tipos de objetos e as predileções dos campeiros por determinadas formas ou desenhos. Os *plateros* tem um repertório variado de estilos e desenhos específicos que caracterizam emblematicamente a arte gauchesca, e, a partir disso, fazem seus trabalhos, em boa parte encomendados e combinados com seus clientes. Esses objetos são bastante caros e tem um mercado restrito de consumidores. Esses artesões são inegavelmente parte desse universo, pela sua identificação com esses objetos campeiros, pelos saberes específicos que envolvem o trabalho dessas formas e modelos, e, assim

como os guasqueiros, pelo conhecimento das predileções dos que compõem as categorias de sujeitos campeiros.

Um objeto importante no universo campeiro é a faca. Como já descrevemos, é a ferramenta para todo uso no campo. A faca é um objeto emblemático. Na atualidade, há infinitos tipos, mas a fabricação e o estilo se diversificaram a ponto de sair da esfera da campanha e cobrir outras possibilidades. Há fabricantes que se dedicam exclusivamente àqueles modelos específicos usados pelos sujeitos do Pampa, e há estilos próprios de cada local, isto é, da Argentina, do Uruguai e do Sul do Brasil¹⁰⁶, o que implica, por parte desses cuteleiros, conhecerem as predileções regionais. Não necessariamente os cuteleiros são sujeitos campeiros, mas há alguns que professam não somente a identificação, mas também fazem parte do universo da campanha.

Outros artesões de indumentária campeira dedicam seu trabalho às peças elaboradas em teares manuais, com diferentes tipos de fibras, como a de ovelha ou de outros animais. São os ponchos e as faixas de cintura usadas pelos campeiros com desenhos e padrões adotados dos indígenas, as boinas e os chapéus, e outras peças tradicionalmente usadas na campanha. Não necessariamente esses artesões fazem parte do universo da campanha, às vezes somente confeccionam as peças por escolha e habilidades próprias.

6.3 OS SUJEITOS DO TRADICIONALISMO GAÚCHO E OS ARTISTAS

Os sujeitos das instituições tradicionalistas e os que se manifestam por meio de expressões artísticas têm vários conceitos comuns sobre a vida, sobre a paisagem, e, especificamente, como se referem a esses assuntos e os representam. Talvez a diferença mais marcante entre essas instâncias com respeito às categorias anteriores seja a questão da representação e a criação de uma forma de vida, que se materializa, em parte, no real da campanha e nos sujeitos que nela habitam. Os sujeitos tradicionalistas transitam entre o urbano e o rural, mas boa parte dessa comunidade tem experiências campeiras com frequência. O tradicionalismo como movimento social tem uma linha

¹⁰⁶ Os estilos de facas a que me refiro são diferentes no sentido das formas e do comprimento das folhas, do tipo de cabos e também das bainhas para portá-las. Existe bibliografia própria que mostra e identifica as variações regionais de facas, como o trabalho de Augusto José de Sá Campello: *Facas Brasileiras*.

artística e uma linha campeira, em que os sujeitos se agrupam por preferências, manifestando-se por meio dos festivais de música, das competições de dança e dos rodeios que as associações organizam. O sujeito do tradicionalismo é diverso dentro do próprio contexto do movimento¹⁰⁷, mas, como já foi dito, se configura também a partir de regras e de convenções ditadas pelas instituições para todos seus setores. Obviamente que, para estabelecer regras, devem existir saberes e conhecimentos sobre o que elas convencionam. É a partir dessas convenções e concepções que eles expressam seus conceitos. Como no caso das danças tradicionais, suas coreografias e músicas específicas, ou nas provas campeiras em rodeios, há um embasamento em questões históricas, como também nas experiências reais das atividades da campanha. Por isso, os tradicionalistas devem conhecer esses saberes e os utilizam em formatos preestabelecidos para suas atividades.

A arte faz uma mediação entre os contextos rural e urbano, criando uma relação entre ambos os locais em festivais, shows ou exposições, por meio das poesias, dos sons e da paisagem retratada em quadros ou esculturas. A arte gauchesca tem várias áreas, a literatura, as artes plásticas e a música representam o mundo campeiro. Independentemente do que se manifesta no movimento tradicionalista, existem expressões desmembradas da normatividade impostas por esses organismos. O artista gauchesco e suas manifestações o colocam como outro sujeito específico e distinto nesse universo.

Em uma manhã de janeiro em San Antonio de Areco, caminhava em direção oposta ao rio Areco procurando ver construções antigas e registrar algumas fotos. Passei pelo centro da cidade e a várias quadras descobri um lugar bem interessante: o museu e atelier Gasparini, um local da família do mesmo nome cuja atividade é a de retratar em pinturas a vida dos *gauchos* pampianos (Imagens 69 e 70). Encontrei nesse local o pintor gauchesco Luis Gasparini, trabalhando no seu atelier. A conversa com ele foi muito animada. Mostrou para mim seu trabalho e esbravejava sobre a história de *gauchos* legítimos, aqueles que vivem no meio do campo, com pouco contato com a cidade, e a de outros que vivem o

¹⁰⁷ Tenho observado que, no tradicionalismo nos três países do Pampa, o sujeito escolhe o tipo de atividade que desenvolve por questões que lhe são convenientes ou por gosto, configurando, dentro do movimento, uma diversidade bem particular. Dentro do conjunto das agrupações tradicionalistas, podemos ver também grupos que se dedicam exclusivamente às atividades campeiras ou às artísticas, outros têm ambas vertentes, por isso me refiro à diversidade do sujeito dentro dos grupos e do movimento.

mundo da “*gaucholandia*”, uma fantasia que, segundo ele, teve origem no dinheiro vindo de empresários da cidade de Buenos Aires e outras capitais. Gasparini demonstrou com as suas palavras um neto caráter político e ideológico, comunicando as coisas em um tom de revolta contra a espetacularização do universo do gauchismo. Logo depois, ele me mostrou sua técnica de trabalho de aquarela em pasta - aproveitei e filmei enquanto ele pintava uma lâmina. Quando conversamos sobre o acervo que ele tinha no local, que eram algumas fotos e várias esculturas, Gasparini contou-me que pertence a uma família de artistas oriundos da cidade de San Antonio de Areco. São dois irmãos que se dedicam à pintura e à escultura, e outro à literatura. Resultou evidente no dito por ele, e no que me mostrou no pequeno museu, que a passagem de conhecimento sobre as técnicas de pintura e das imagens vinha do convívio com seu pai, que foi quem iniciou a pintura gauchesca na região. Entretanto, todo o material mostra, além das criações, um conhecimento do campo e dos seus sujeitos.

Imagem 69 - Atelier do artista Gasparini em San Antonio de Areco



Imagem 70 - Estátua de Güiraldes no atelier do Gasparini



Fonte: Acervo do autor.

Dessa forma, escultores, pintores e, especialmente, músicos observam a vida da campanha e a representam por meio das suas obras.

Essa representação é baseada na observação, em percepções e, também, em experiências. Sejam pinturas, esculturas, sejam poesias usadas nas músicas, essas expressões exigem um tipo de conhecimento decorrente do envolvimento do artista com o ambiente. Boa parte desses artistas transita o mundo rural frequentemente, por mais que se expressem ou levem sua produção para o mundo urbano.

A música sempre esteve presente no contexto do gauchismo, nas socializações dos galpões, nas festas e nas danças. Isso desde épocas remotas onde não havia recriações de figuras simbólicas, nem definições ou formulações sobre a tradição gaúcha. Uma visão sobre a constituição da música como caminho às transformações discursivas, estéticas e ideológicas do gauchismo poderia auxiliar-nos no entendimento de como os sujeitos que transitam nesse ambiente musical utilizam as experiências e a campanha como fonte de inspiração nas suas obras¹⁰⁸. Nesse discurso musical, os artistas criam, expressam e retratam cenas da vida, desejos e sentimentos em um conjunto de representações, por isso a música assume um lugar de importância, sendo uma das formas mais intensas de comunicação e expressão desse universo.

Segundo a musicóloga Clarissa Figueiró Ferreira (2014), houve um movimento nos anos de 1990 dentro do nativismo musical gaúcho que visava a recuperação dos temas referidos ao campo de maneira mais singela, contrapondo-se, de alguma forma, a uma corrente de vanguarda no nativismo que utilizava uma mistura de elementos musicais, alguns deles externos ao mundo do gauchismo. Essa corrente de retorno que a musicóloga cita é chamada de *campeirismo* musical. Ela destaca que, nos festivais, há linhas que enfatizam essa ideia de campeiro na música como um estilo que se remete ao telúrico, às letras que trazem a ideia da experiência campeira. Particularmente, resulta importante ressaltar que entre os músicos vanguardistas e os mais tradicionais, hoje, existe um diálogo fluido, na utilização bastante frequente de diferentes propostas artísticas misturadas (FERREIRA, 2014). Contudo, para os efeitos de analisar a música e os sujeitos músicos, interessa-nos a questão de pensar, a partir do trabalho de Ferreira, o conceito de campeiro ou de campeirismo, apontando a tendência de que vários compositores e cantores do gênero terem tido a vivência da campanha. Clarissa Ferreira manifesta, em uma parte do seu trabalho, que:

¹⁰⁸ Trato especificamente desse tema na minha dissertação de mestrado em Antropologia Social: **Transformações Culturais no gauchismo através da música**. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

A partir dos relatos e das experiências adquiridas em campo, nota-se que grande parte dos participantes dos festivais afirmam e atualizam a informação de Rosângela Araújo. Com o novo entendimento da música campeira em meados da década de 1990 e a compreendida necessidade da vivência com o campo para poder descrever em música, abriu-se um espaço maior para profissionais de diversas áreas, porém ligados ao campo, devido ao interesse que se criou em começar a escrever letras para festivais e também à consolidação destes eventos após algumas décadas de realização. (FERREIRA, 2014, p. 62).

O conhecimento dos artistas sobre a campanha e seu ambiente os torna sujeitos desse universo. Todos os diferentes sujeitos citados expressam uma perspectiva sobre a vida a partir de saberes e conhecimentos específicos do universo campeiro, como a convergência de animais e de humanos, saberes da terra, configurando e agindo, assim, no conjunto da paisagem da campanha pampiana e do Sul do Brasil. As categorias de trabalhadores rurais, ou paisanos, a dos criadores ou estancieiros, como também aqueles sujeitos que trabalham na ciência aplicada à campanha, estão relacionados por experiências e saberes, e, a partir disso, criam os conceitos e as perspectivas. Outros sujeitos, como os artesões em geral, os tradicionalistas e os diferentes artistas observam e criam esse universo a partir das representações exibidas nas obras, mas não podemos esquecer de que a base dessas representações é em grande parte os conhecimentos e as experiências que muitos deles têm sobre a campanha.

O que esses sujeitos me mostraram nos diálogos e na convivência nesses anos de pesquisa é que conhecem o que chamam de “forma de vida campeira”, próximo tema a ser desenvolvido.

6.4 A FORMA DE VIDA CAMPEIRA

As necessidades da cidade entrelaçam-se com a produção do campo, neste momento que a sociedade contemporânea flutua entre capitais econômicos, na procura de energia de todo tipo para viabilizar a vida e, ainda, produzir alimentos para uma boa parte dos seres vivos do planeta. O campo erige-se como um dos contextos principais desses modos de produção na sociedade contemporânea. Em diferentes níveis, a

matéria prima de todos esses elementos que regulam a vida do planeta e seus seres advém de locais com características rurais. É do manejo do solo, nas lavouras e nas criações pecuárias que se obtêm alimentos, além das matérias primas para objetos tecnológicos, e das fontes de energia. A forma de vida na campanha está pautada no contato com a natureza, mostrando relações com a terra e com os animais que nela habitam (paisagem). É notório que, dentro dos conceitos campeiros, a dominação do ambiente manifesta-se por meio de certas percepções e da parceria com as espécies que ali convivem com os sujeitos. O espaço, as extensões de terra, as moradias e as dependências onde os sujeitos desenvolvem a vida são diferenciados de outros contextos.

A partir das minhas experiências e das minhas observações nos locais de campanha, eu poderia traçar uma relação com os elementos que se enquadram nesse ambiente e configuram a vida dos sujeitos que conheci e ali vivem. Conjugam-se, então, a imensidade dos campos com alguns conglomerados de instalações e estruturas onde os sujeitos moram e realizam tarefas, basicamente com os animais ou, às vezes, com o produto da agricultura. As estruturas são casas para morar e, em espaços próximos, galpões para guardar os objetos de trabalho, fornecer abrigo para alguns animais como cavalos e cães, estocar alimentos para o gado, guardar a colheita e, em muitas situações, usado como locais de socialização. Outro lugar importante são os currais ou mangueiras, quase sempre contíguos aos galpões. As mangueiras são espaços construídos com cercados de pau a pique ou por taipas, feitos para trabalhar com os animais em tarefas específicas, como domesticação, castração e outros cuidados. Assim, essas estruturas sempre estão preparadas para as atividades principais dessa vida campeira, sempre em torno do trato das espécies, as tarefas nas lavouras, ou seja, no plantio e na colheita de cereais e outros tipos de cultivos.

Outro distintivo da vida de campanha é a alimentação¹⁰⁹. A História aponta que as refeições se baseavam quase exclusivamente na

¹⁰⁹ O tema da alimentação é, no meu entender, bastante delicado e difícil de elucidar. Não é meu intuito aprofundar esse assunto neste trabalho. Não obstante, diria que, no Pampa e no Sul brasileiro, a alimentação em cada época se desenvolveu como na maioria dos contextos humanos, a partir da disponibilidade de animais para consumo ou tipos de vegetais regionais e sazonais. A aparição do recurso da agricultura mudou substancialmente esse quadro, mas o uso dos animais para consumo de proteína ficou como algo emblemático e identitário na região, tendo o consumo de carne a relação com o gosto relacionado com essas práticas alimentares.

carne dos animais, por exemplo, dos bovinos. Na fase em que se procurava o couro do vacum selvagem como produto comercial, somente se aproveitava alguma parte do animal abatido para alimentação. Isso foi mudando na medida em que se instalaram os saladeiros de carne, depois os frigoríficos, e a agricultura, que entrou na América trazida pelos imigrantes europeus. Na atualidade, a alimentação dos sujeitos na campanha ficou mais diversa, mas quase sempre com base na proteína animal, bovina, ovina, suína ou avícola. Esse tipo de alimentação tem uma relação com o tipo de desgaste de energia que se dispensa nas tarefas de campo e com a disponibilidade de animais para consumo, mas muda de região para região, onde se observam o uso de alguns tipos de carboidratos junto à carne, como o arroz, o feijão, o macarrão e alguns legumes. Esses alimentos são preparados nas moradias, nas chamadas de cozinhas ou fogões a lenha, produzindo o calor ou as chamas por meio da combustão da madeira, podendo usar a opção de assar o alimento no forno da própria cozinha.

Por mais que haja certos regionalismos em condutas alimentares, o denominador comum aparece no consumo de carne assada, em todas as regiões de campanha pampiana e Sul do Brasil, de preferência, ao ar livre. Esse hábito manifesta-se como parte da cultura dos sujeitos campeiros, como se expressa no discurso nativo, o churrasco ou “*asado*”, que se tornou componente da tradição campeira. Essa forma de assar a carne tem variados estilos, mas, além do uso de certos elementos para assar, como espetos ou trempes, a característica principal é fazer fogo no chão, com carvão ou lenha, e ficar em volta dele assando as peças de carne. Esse momento torna-se quase um ritual dentro da vida campeira, onde alguém comanda a atividade, outros ajudam, e todos compartilham comendo o assado¹¹⁰. Um distintivo é também o consumo da infusão feita com uma erva chamada de *ilex paraguayensis*, conhecido como mate ou chimarrão. Essa infusão faz-se em uma cuia feita da cabaça de um tipo de abóbora, onde se misturam a erva seca e moída com água quente, sem ferver. Ela é tomada por meio de uma bomba de metal. A infusão tem origem indígena, e é consumida tanto no Sul do Brasil, como em todo Paraguai, Uruguai e Argentina, existindo diversos estilos regionais de cuias e das bombas usadas. O mate é um verdadeiro símbolo de socialização entre gaúchos/*gauchos*, já que se consome em grupos chamados de “rodas”, em todas as épocas do ano e durante diversos períodos do dia.

¹¹⁰ O antropólogo uruguaio Gustavo Laborde dedicou um livro para esse assunto: *El Asado, Orígenes, historia, ritual*. Foi publicado pela Ediciones Banda Oriental, em 15 de agosto de 2010.

Outra das questões importantes da vida campeira contemporânea seria a indumentária. Como descrevo no Capítulo 1, a historiografia apresenta como a vestimenta dos campeiros foi mudando, na medida em que os colonizadores e os primeiros gaudérios procuravam praticidade para a montaria, para tarefas e os conflitos bélicos. Com o tempo, e na atualidade, a calça masculina, chamada de bombacha tornou-se emblemática, um verdadeiro identificador do sujeito gaúcho ou campeiro. Entretanto, na atualidade, não são todos que usam esse tipo de calça para as funções no campo. Observei que alguns utilizam para trabalho calças *jeans*, ou de brim, especialmente confeccionadas para as tarefas rudes da campanha. Cabe dizer que tem boa parte dos sujeitos observados que usam bombachas em todo o momento, e, particularmente, há pessoas que utilizam a bombacha como forma característica de identificação, mesmo em contextos urbanos. Sobre o calçado, há bastante variação, mas o característico é a clássica bota de montaria de cano longo, feita em couro. Esse calçado é insubstituível quando se trabalha com os cavalos e com gado, principalmente pela segurança de colocar os pés nos estribos da sela, e porque, às vezes, se usam esporas¹¹¹ nos calcanhares para comandar o equino. As variantes de calçados dependem de outras tarefas a realizar. Por exemplo, quando se trabalha com máquinas, como o trator, para arar o campo ou semeá-lo, é comum usarem botinas de couro de cano baixo bastante reforçadas. Se as tarefas são nas mangueiras ou currais com os animais, é comum ver os sujeitos com botas de cano longo de borracha, por causa da lama que se produz no solo. E, depois das tarefas, para o descanso ou lazer, são usadas as alpargatas, sapatilhas muito simples de lona ou couro com diversos tipos de solado.

As peças superiores da indumentária variam de acordo com o clima e a temperatura. Atualmente, observamos o uso de camiseta, de camisas de diferentes panos, e, com temperaturas baixas, as malhas de lã e de outros tecidos sintéticos, além das jaquetas que podem ser de couro ou *nylon*. Para a chuva, podem ser usadas jaquetas e, muito comumente, as capas impermeáveis que cobrem torso e pernas, inclusive na hora de cavalgar. Um distintivo na indumentária campeira é o lenço no pescoço, usado em quase todas as oportunidades, com cores e estampas variadas.

¹¹¹ No calçado para a montaria, as botas de couro têm a particularidade de ter o solado liso para deslizar nos estribos na hora de subir ou descer do cavalo. O conjunto se completa com as esporas. Há vários formatos de esporas, todas têm pontas ou rodinhas, e se amarram no calcanhar por cima das botas. Servem para o ginete pressionar a barriga do animal para imprimir a saída ou algum tipo de comando específico na montaria.

Na cabeça, o sujeito usa o chapéu ou a boina. Os chapéus são de vários tipos, com diferentes dimensões de abas, e seu uso depende das condições climáticas. A boina de feltro, de linha ou lã, herdada das indumentárias dos imigrantes, consagrou-se pela sua praticidade nas tarefas, já que ela ajusta à cabeça, podendo desenvolver qualquer atividade sem perdê-la ou cair. A indumentária feminina no campo depende também do clima e de onde as mulheres desenvolvem tarefas, muitas vezes, a par dos homens. Se as tarefas são dentro da casa, como cozinhar, limpar ou outros afazeres, é comum o uso de saias, diversos tipos de blusas, calçados como as alpargatas ou sapatos fechados dependendo da temperatura. Já, para as atividades externas, é comum o uso de calças *jeans* e, às vezes, bombachas de modelos femininos, hoje disponíveis em alguns comércios de artigos regionais.

Para finalizar esta sessão, observei que existem alguns objetos que se tornaram essenciais no dia a dia da vida no campo. As ferramentas para a manutenção das instalações são quase as mesmas que as usadas em qualquer local urbano. Nesse caso, interessam-nos objetos particulares para a vida na campanha. Para a montaria, seria o conjunto que se utiliza nas partes do cavalo para comandá-lo e, depois, para poder andar com o animal. Na cabeça do equino, colocam-se um arnês, chamado de boçal ou cabeçada, os freios de metal para a boca e as rédeas. Para poder cavalgar e montar no animal, algumas mantas de pano para minimizar o atrito no lombo, e a sela que vem com os estribos para subir. Esse conjunto é segurado pelas cinchas, um tipo de tira de couro com argolas de metal para sujeição para que a sela não gire nem caia do lombo do equino.

Há objetos de ordem pessoal do campeiro que são fundamentais para as tarefas. São o laço, de corda ou couro trançado, e a faca, geralmente levada no cinto, na parte inferior das costas. A relação do campeiro com esses dois objetos complementa a função de ter um bom equino para a lida e uma boa sela para montar, pois o laço é a ferramenta para capturar e dominar outros animais, já a faca serve para diversas funções, do abate até o trato e cura desses animais. Além disso, a faca, que exerce uma função simbólica, é o que se usa para preparar comida e se alimentar em campo aberto, é uma ferramenta para a vida.

6.5 MULTIPLICIDADE CAMPEIRA

As diferentes categorias de sujeitos que apresentei nessas descrições compartilham em maior ou menor grau conceitos e perspectivas que caracterizam uma visão sobre a vida, sobre o ambiente,

sobre a contemporaneidade, sobre o conjunto de seres que convivem nas planícies do Sul da América (Pampa). Ao levar em conta os saberes expostos na descrição dos sujeitos, configura-se um contexto social múltiplo e complexo, com alguns detalhes e variantes regionais. Todos os sujeitos citados têm algum tipo de relação com o universo campeiro, pelo conhecimento sobre os animais, pela alimentação, pela indumentária, pelos objetos que se utilizam, pelas representações artísticas e campeiras do tradicionalismo, pelas pinturas e pelas esculturas, por meio das poesias e das músicas, todo um conjunto de elementos que fazem parte desse universo. É a partir das relações entre esses componentes que esses sujeitos elaboram conceitos e suas perspectivas de vida.

O universo campeiro contemporâneo está longe de ser pensado como algo único, como um contexto restrito. A vida está atravessada por múltiplos vetores plenos de diferentes coisas, de especificidades, de diversos modos de ser. As experiências nesse universo, as ações, os *agenciamentos*¹¹², os seres humanos e animais e a forma de pensamento desenvolvem-se e relacionam-se em uma multiplicidade:

[...] o conceito de multiplicidade fornece a lógica das peças que compõem as máquinas desejantes ou os agenciamentos: “objetos parciais” cuja extração não implica o despedaçamento ou a perda de um todo, [...] para juntar-se àquele onde se agenciam fragmentos de certa forma absolutos, sem horizonte de totalização, não fazemos senão atingir as condições da experiência “real”. Não tendo nem forma nem individualidade, esses fragmentos de realidade qualquer dão lugar, ao se agenciarem, a individuações intensivas (ou “hecceidades”): eles constituem, a título de “singularidades pré-individuais”, as dimensões intensivas de uma multiplicidadeas dimensões de uma multiplicidade são elas próprias multiplicidades, logo singularidade = multiplicidade etc. Essa sensação se dissipa quando lembramos que uma multiplicidade é composta de dimensões que se englobam umas às outras, cada uma recapturando todas as outras em um outro grau, segundo uma

¹¹² “Dir-se-á portanto, numa primeira aproximação, que se está em presença de um agenciamento todas as vezes em que pudermos identificar e descrever o acoplamento de um conjunto de relações materiais e de um regime de signos correspondente” (ZOURABICHVILI, 2004, p. 9).

lista aberta que pode ser acrescida de novas dimensões; ao passo que, de seu lado, uma singularidade nunca é isolável, sempre “se prolongando até a vizinhança de uma outra”, segundo o princípio do primado dos acoplamentos ou das relações. (ZOURABICHVILI, 2004, p. 38).

A história da colonização, as miscigenações, a paisagem, os animais, as categorias sociais, a forma de vida, a propriedade privada, a urbanização, a economia, a tecnologia são parte de um sistema que relaciona coisas e elementos heterogêneos, que se conectam e comunicam nesse sistema¹¹³ que seria o universo campeiro. A conexão entre os elementos desse universo, como seres, objetos e ambiente podem ser pensados como um encontro de heterogeneidades, de forma rizomática (rizoma):

O rizoma conecta um ponto qualquer com outro ponto qualquer, e cada um de seus traços não remete necessariamente a traços de mesma natureza, ele põe em jogo regimes de signos muito diferentes, inclusive estados de não-signos. O rizoma não se deixa reduzir nem ao Uno nem ao múltiplo[...]. Ele não é feito de unidades, mas de dimensões, ou antes, de direções moveáveis. Não tem começo nem fim, mas sempre um meio, pelo qual ele cresce e transborda. Ele constitui multiplicidades. (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 31).

O universo campeiro sempre foi permeado por transformações produto de encontro de heterogeneidades. É por isso que seria possível pensar em multiplicidades, e a raiz disso, em um sistema que não é simplesmente uma conexão ou conjunção de termos, senão que se manifesta por meio de uma síntese relacional que é chamada de *disjunção inclusiva*. A *síntese disjuntiva* ou *disjunção inclusiva* é o que Deleuze e Guattari (1995) chamam de “*devenir*”. Os autores remetem-se a uma ideia

¹¹³ A noção de sistema, segundo Deleuze (2009), está associada ao conceito de sistema. Em *Diferença e Repetição* (1968), o autor afirma que: “A multiplicidade não deve designar uma combinação de múltiplo e de um, mas, ao contrário, uma organização própria do múltiplo enquanto tal, que não tem necessidade alguma da unidade para formar um sistema.” (DELUZE, 2009, p. 236).

de transformação na qual os estados que se conjugam nela são realocados, mesclando-os e sendo *desterritorializados*. Zourabichvili (2004) explica o conceito do devir de uma forma um pouco mais extensa, citando Deleuze e pensando em como se realocam os termos e se fundem:

[...] à medida que alguém se transforma, aquilo em que ele se transforma muda tanto quanto ele próprio. Os devires não são fenômenos de imitação, nem de assimilação, mas de dupla captura, de evolução não paralela, de núpcias entre dois reinos. [...]. Devir é uma realidade: os devires, longe de se assemelharem ao sonho ou ao imaginário, são a própria consistência do real. Convém, para compreendê-lo bem, considerar sua lógica: todo devir forma um “bloco”, em outras palavras, o encontro ou a relação de dois termos heterogêneos que se “desterritorializam” mutuamente. Não se abandona o que se é para devir outra coisa (imitação, identificação), mas uma outra forma de viver e de sentir assombra ou se envolve na nossa e a “faz fugir”. (ZOURABICHVILI, 2004, p. 24).

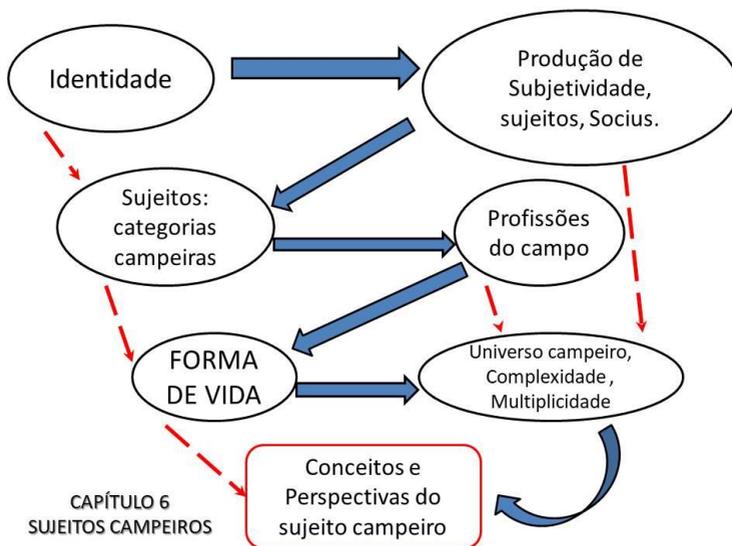
Um devir não é simplesmente uma mudança, uma troca de posição, uma transformação, é um tipo de passagem entre estados em que a disjunção é a “natureza mesma da relação” (VIVEIROS DE CASTRO, 2015, p. 120). As passagens dos sujeitos nas diferentes categorias campeiras (estados), como na interação e na domesticação de espécies, poderiam ser pensadas nesses moldes, por entendermos que um estado gesta outro, sem abandonar totalmente a primeira instância, assim passa-se a se sentir e viver de outra forma, para tornar-se “outro”. É o colonizador que se torna habitante, e seus descendentes são nativos; o nativo indígena que se torna europeizado; o *gaúcho* que se torna paisano; o sujeito campeiro que se torna urbano; o sujeito urbano que volta para o campo e se torna campeiro. Essas últimas menções têm relação com a situação contemporânea da campanha, onde também se conjugam questões de ciência e de tecnologia específicas para o campo, onde saberes tradicionais e pesquisas laboratoriais se entrelaçam produzindo novas formas biológicas, modificando o pensamento de boa parte dos sujeitos da campanha. Essas formas humanas e animais em transformação (devires) ao longo de tantos anos incorporaram aos antigos conceitos campeiros algumas ideias novas, constituindo assim o campo conceitual

do ambiente rural contemporâneo. Dessa forma, permanecem conceitos tradicionais e se incorporam outros formulados por sujeitos em função dos novos *agenciamentos* por eles produzidos.

6.6 SOBRE SUJEITOS E CONCEITOS CAMPEIROS

A questão seria como os sujeitos pensam a vida nessa multiplicidade a partir de conceitos próprios, cunhados na relação com a paisagem e com animais. Pensar a identidade como o fenômeno social que explique a vida nesse universo me parece algo limitado. Não é, portanto, negar o fenômeno da identidade, seria somente indicar que ela é uma parte da forma de pensar e agir desses sujeitos. Por isso, para entender o universo campeiro, sugiro um olhar sobre como esses sujeitos elaboram seus conceitos e, em decorrência, sobre a perspectiva de vida e a forma de pensamento a partir de como eles se manifestam (Figura 7).

Figura 7 - Fluxograma do Capítulo 6



Fonte: Elaborada pelo autor para fins de pesquisa.

O uso do conceito obviamente tem uma relação direta com o apresentado sobre o mundo campeiro, nos termos das *multiplicidades*, dos *agenciamentos*, dos *devires*, das heterogeneidades e das relações em termos *rizomáticos*. Da mesma forma, o conceito, como o expressa

Deleuze e Guattari (1992), em *O que é Filosofia*, obviamente é mais do que uma definição sobre algo, como os autores dizem:

[...] um conceito possui um devir que concerne, desta vez, a sua relação com conceitos situados no mesmo plano. Aqui, os conceitos se acomodam uns aos outros, superpõem-se uns aos outros, coordenam seus contornos, compõem seus respectivos problemas, pertencem a mesma filosofia, mesmo se tem histórias diferentes. Com efeito, todo conceito, tendo um número finito de componentes, bifurcará sobre outros conceitos, compostos de outra maneira, mas que constituem outras regiões do mesmo plano, que respondem a problemas conectáveis, participam de uma co-criação. Um conceito não exige somente um problema sob o qual remaneja ou substitui conceitos precedentes, mas uma encruzilhada de problemas em que se alia a outros conceitos coexistentes. (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 30).

O que estaria em pauta, nesse caso, é como se constituem os sujeitos a partir da noção de alteridade, da diferença com os “outros” que não são da campanha, partindo de ideias e de conceitos campeiros. Além de Viveiros de Castro, outros autores demonstram preocupação com a questão dos conceitos de diferentes grupos sociais¹¹⁴, inclusive com a ideia de diferentes formas de pensamento¹¹⁵. Essas questões surgem na maioria dos casos a partir de experiências etnográficas com diversos grupos e etnias. Da mesma forma, nesta investigação, refiro-me ao olhar sobre os conceitos campeiros por meio das minhas experiências etnográficas.

¹¹⁴ Viveiros de Castro usa a ideia da sua experiência etnográfica da mesma forma que o fazem Strathern na Melanésia, ou Wagner na Polinésia, ou Willerslev e Corsín Jimenez na Sibéria, para mostrar nas experiências de vida nativa e as relações que determinadas ações exprimem na construção de conceitos que servem para constituir a imagem do mundo e a perspectiva desses grupos.

¹¹⁵ Na questão das formas de pensamento, Lévi-Strauss, em *O pensamento selvagem*, e outras ideias diferentes como as de Mary Douglas, em *Thought Styles* (1996), ou as de Godfrey Lienhardt em *Modes of Thought* (1953), ou de Alfred Whitehead (1966), dentre outros.

A questão de “ser ou não ser” do “Campo”¹¹⁶, ou *gaucho*/gaúcho, é um diferencial de suma importância, já que expressa estar ou não estar nesse universo, em pertencer ou não a ele. Entretanto, de que maneira isso se verifica? Além das narrativas historiográficas e das etnografias relacionadas ao tema, que expressam de alguma forma questões de identidade, de pertencimento, e que descrevem esse mundo pampiano, está a ideia de conviver e dialogar com esses sujeitos. Esse foi meu procedimento nestes anos de pesquisa com esses campeiros. A ideia de “ser ou não ser” foi o que os interlocutores me mostraram nas experiências em todo esse tempo. Das conversas e de situações de convívio com os sujeitos desta pesquisa, reparei sempre que o “Campo” tem uma concepção própria manifestada por eles, como uma definição de mundo, ou de ambiente, ou de um de meta-lugar. Ampliando essa ideia, caberia aqui pensar em um tipo de ontologia para o “Campo” na maneira que Stephan Feuchtwang¹¹⁷ (2014) expressa:

The most basic starting point, which will also be my ending point, is the rhetorical — which is to say persuasive — role played by “ontology.” I understand it to be a superior substitute for both “culture” and “ideology.” Superior to culture because it goes beyond values, even the mightily expanded theorization of values in economic and moral anthropology, to include with values a kind, or mode, of knowledge of the world. Superior to ideology, for the same reason and because it includes not just institutions, such as state apparatuses and rituals of fertility, but also a way, or mode of experiencing the world that tests

¹¹⁶ Refiro-me ao campo com maiúscula e com aspas como o nome desse ambiente ou paisagem, como esse mundo, ou o conjunto de topografia, os objetos e as espécies que o completam, humanos e não-humanos.

¹¹⁷ Feuchtwang (2014) discute a questão da ontologia a partir dos quatro tipos diferentes esboçados por Descola (2006), no seu texto *Beyond nature and culture*. Feuchtwang dialoga com o pensamento de G.E.R Lloyd, apontando que as construções ideológicas, e porque não, ontológicas, podem ser mais amplas em outros contextos àquelas referidas por Descola, e, de certa forma, distintas para cada tipo de sociedade.

cognition of the world in practice.
(FEUCHTWANG, 2014, p. 383-387).¹¹⁸

No discurso dos diferentes sujeitos campeiros, há uma mescla dos conceitos de cultura e de tradição, mas o que me parece mais importante é que, nessa fala nativa, a ideia da experiência, da ação que se apoia nos saberes, no conhecimento, nas percepções desenvolvidas no ambiente pode ser traduzida, como diz Feuchtwang (2014), ou como definem outros autores, no termo ontologia¹¹⁹.

¹¹⁸ “O ponto de partida mais básico, que também será o meu ponto final, é o retórico - ou seja, persuasivo - o papel desempenhado pela ‘ontologia’. Eu entendo que é um substituto superior tanto para a ‘cultura’ quanto para a ‘ideologia’. Superior à cultura, porque ultrapassa os valores, mesmo a teoria amplamente expandida dos valores na antropologia econômica e moral, para incluir aos valores um tipo ou modo, de conhecimento do mundo. Superior à ideologia, pelo mesmo motivo e porque inclui não apenas instituições, como aparelhos estatais e rituais de fertilidade, mas também uma maneira, ou modo de experienciar o mundo que testa a cognição do mundo na prática. (FEUCHTWANG, 2014, p. 383-387).

¹¹⁹ Ontologia também pode ser definida como no texto *The Politics of Ontology: anthropological positions* (HOLBRAAD; PEDERSEN; VIVEIROS DE CASTRO, 2014). Os autores expressam que: “[...] the anthropological concept of ontology as the multiplicity of forms of existence enacted in concrete practices, where politics becomes the non-skeptical elicitation of this manifold of potentials for *how things could be* - what Elizabeth Povinelli (2012b), as we understand her, calls ‘the otherwise’” (HOLBRAAD; PEDERSEN; VIVEIROS DE CASTRO, 2014, n.p.). Ou, também: “Ontology, as far as anthropology in our understanding is concerned, is the comparative, ethnographically-grounded transcendental deduction of Being (the oxymoron is deliberate) as that which differs from itself (ditto)—being-as-other as immanent to being-as-such. The anthropology of ontology is anthropology *as* ontology; not the comparison of ontologies, but comparison as ontology”. (HOLBRAAD; PEDERSEN; VIVEIROS DE CASTRO, 2014, n.p.).

Tradução das citações: “[...] o conceito antropológico de ontologia como a multiplicidade das formas de existência promulgadas em práticas concretas, onde a política se torna a elicitação não cética desse múltiplo de potenciais sobre *como as coisas poderiam ser* - o que Elizabeth Povinelli (2012b), como a entendemos, chama ‘o diferente’” (HOLBRAAD; PEDERSEN; VIVEIROS DE CASTRO, 2014, n.p.). “A ontologia, no que diz respeito à antropologia em nossa compreensão, é a dedução transcendental comparativa, etnograficamente fundamentada do Ser (o oxímoro é deliberado) como aquele que difere de si mesmo (idem) – sendo-como-outro como imanente ao ser-como-tal. A antropologia *da* ontologia é antropologia *como* ontologia; não a comparação de

Uma questão que é preponderante no discurso dos nativos é que a maioria das pessoas relacionadas ao “Campo” parece expressar que fazem parte de um grupo diferente. Boa parte dos sujeitos nesse contexto tem uma postura de que pertencem a um meio único e sustentador da sociedade, na produção alimentar e de conhecimento da natureza. Muitos desses sujeitos que dizem pertencer ao “Campo” têm noção de que esse meta-lugar exerce certo poder sobre a sociedade. Já os peões, trabalhadores, ou paisanos, parecem não ter necessidade de ressaltar essa condição, na medida em que entendem e expressam diretamente que eles são parte desse universo campeiro. Contudo, a ideia de pertencer a esse ambiente permeia de maneira bastante forte, mostrando que “ser do campo”, ou “ser campeiro”¹²⁰, faz parte não somente de um discurso, mas também que alimenta uma forma de pensar e entender tanto a terra como os animais, como uma forma de ontologia, isto é, significa estar completamente integrado com essa paisagem.

A relação humano-animal é parte do pensamento nativo, tanto do estancieiro como do paisano, mesmo em níveis econômicos e hierárquicos diferentes. O sujeito torna-se mais ou menos campeiro na medida em que tem controle sobre esses animais, a partir de percepções que se desenvolvem na experiência como sujeitos práticos. Ser um bom ginete, conhecer o cavalo como espécie parceira, domesticá-lo dentro do rigor do ambiente é muito importante, algo além do simbólico. Logo depois, o treinamento dos cães como parceiros e o manejo do gado seriam os grandes complementos. Conhecer e entender a paisagem completa a ideia do sujeito no mundo. Dessa forma, a campanha como produtora de subjetividade constitui e transforma o sujeito que nasceu, que mora ou se integra de alguma forma a esse contexto.

Há um conceito notoriamente diferente de espacialidade para esses sujeitos. A partir da ideia da imensidão da paisagem, da perspectiva do horizonte, no sentido de distâncias, os espaços de socialização e de trabalho também diferem diametralmente com os da cidade. Quando os sujeitos se deparam com tarefas no terreno, em campo aberto, quase

ontologias, mas a comparação como ontologia. (HOLBRAAD; PEDERSEN; VIVEIROS DE CASTRO, 2014, n.p.).

¹²⁰ Ressalto uma diferença que apareceu nas pesquisas realizadas em todos os locais, e que: “ser do campo” refere-se ao discurso produzido pelos produtores agropecuários, como uma forma de identificação, como a caracterização de uma classe, por vezes com certa ideia de superioridade, e “ser campeiro” refere-se àquele que conhece, que detém saberes a partir das experiências e faz as atividades rurais com animais ou lavoura.

sempre contam com a ajuda do cavalo para andar as grandes extensões que devem percorrer para conferir o gado, as pastagens, as cercas e as estruturas das fazendas. Moradias, galpões e dependências rurais constituem limites mais reduzidos e estritos, mas não menos diferenciados de outros contextos. Nessas instalações, os sujeitos concentram parte das tarefas, como em galpões e mangueiras, e seu descanso e lazer, nas moradias. O conjunto dessas construções reúne condições de trabalho, mas de proteção às intempéries do clima e das exigências do ambiente, principalmente quando se volta de tarefas em campo aberto.

A noção de corpo nesse universo é relacionada diretamente às ações a desempenhar e aos contatos físicos com os diversos animais. Os sujeitos expressam que o uso e as habilidades do corpo são os aspectos mais importantes para o domínio do ambiente. O contato com animais de grande porte implica força física, mas também desenvolver percepções para conhecer expressões, movimentos e atitudes para controlá-los. O conjunto de tarefas exige que o corpo esteja preparado para grandes esforços. As atividades na campanha são diversas, e, na sua maioria, implicam carregar peso, trabalhar com as máquinas rurais, fazer as cercas dos terrenos, todas as tarefas sem distinção utilizam o corpo e a força.

Com o mesmo sentido, trata-se o corpo com um tipo de alimentação. A proteína animal é o que tem de mais disponível nesse contexto, para além do ritualístico do churrasco ou *asado*, ou da reprodução de condutas alimentares históricas do homem campeiro. A carne de vacum, de ovelha, de porco e de frango são as preferências desses sujeitos. Como comentei, a dieta dos campeiros contemporâneos é mais diversa, com legumes, saladas e outros pratos, mas é a carne desses animais, criados no ambiente, são o centro do cardápio. Na atualidade, a questão da tradição ou da “cultura” ressalta o consumo de carne que passa pelo uso do fogo e, notoriamente, pela questão do gosto que esses sujeitos expressam por essa forma alimentar. Há um conjunto de coisas que se conjugam nas questões alimentares e físicas dos sujeitos além do gosto: as atividades na vida campeira exigem do corpo e, conseqüentemente, para a visão dos nativos, uma alimentação que mantenha as características de força física é feita por meio do consumo de carne. Isso representa um conjunto de ideias e, portanto, um conceito específico sobre as necessidades corporais e biológicas a partir do alimento.

Na continuidade com a ideia da alimentação, a ideia de sacrifício animal e de morte faz parte do processo até chegar ao consumo. Nas minhas experiências, vi que o abate de animais, chamado na campanha de *carneação*, muitas vezes envolve uma questão de cooperação, de

compartilhamento desse momento, como uma forma sequencial que leva ao posterior consumo por todos os participantes. O ato do abate e da morte do animal para alimentação articula-se na forma de pensar nativa como algo necessário, pensado inclusive nos moldes da tradição, ou da cultura. Há uma grande diferença sobre a manipulação dessas ideias de morte e violência no trato animal entre os conceitos da campanha com aqueles que se expressam nos contextos urbanos, referidos na sua maioria aos animais domésticos. Como expressa Phillipe Descola:

A violência exercida contra os animais suscita uma reprovção crescente nas opiniões públicas ocidentais, uma reprovção que, frequentemente, se torna ainda mais vivaz à medida que diminui a familiaridade com as vítimas. Nascida da indignação com os maus-tratos infligidos aos animais domésticos e de estimação, em uma época na qual burros e cavalos de fiacre faziam parte do ambiente cotidiano, atualmente, a compaixão nutre-se da crueldade a que estariam expostos seres com os quais **os amigos dos animais, urbanos em sua maioria, não têm nenhuma proximidade física**: o gado de corte, pequenos e grandes animais de caça, os touros das touradas, as cobaias de laboratório e os animais fornecedores de pele, as baleias e as focas, as espécies selvagens ameaçadas pela caça predatória ou pela deterioração de seu habitat etc. (DESCOLA, 1998, p. 23, grifos nossos).

O autor ressalta, nesse excerto e no seu texto, questões cruciais para o entendimento das relações humano-animais e para a elaboração de conceitos sobre os contatos, a vida e a morte em diferentes contextos. Descola (1998) refere-se às relações amazônicas dos povos pré-modernos, mas, salvando as diferenças cosmológicas, na campanha, essas concepções constroem-se e articulam-se de maneira bastante similar. Há um descompasso nas críticas das relações entre seres da campanha na medida em que não se conhece esse ambiente, isto é, desconhecimento sobre as espécies, de como elas agem, de que maneira se constituem os sujeitos que nela habitam e sobre o resultado das interações (ver grifo no excerto anterior). Outra questão a salientar é como se configuram conceitos a partir dessas relações de simpatia, de tratos, de manejos,

inclusive nos termos da economia para cada cultura, para cada grupo social. Para isso, Descola aponta que:

As atitudes de simpatia para com os animais também variam, é claro, segundo as tradições culturais nacionais. O horror legítimo ao sofrimento desnecessário, e mesmo a consciência de uma responsabilidade moral da espécie humana em assegurar o bem-estar dos seres com os quais ela partilha o planeta, são as principais motivações da sensibilidade ecológica nos países latinos. Em contrapartida, nos países do norte da Europa e nos Estados Unidos parecem ganhar terreno as teses mais radicais da *deep ecology*, que considera todos os componentes do meio natural como sujeitos de direitos homólogos aos humanos. (DESCOLA, 1998, p. 23).

Surge aqui um contraponto entre a preocupação do bem-estar animal, como o das novas formas de manejo da pecuária e do ambiente em geral observadas nesta pesquisa, contra uma tendência acadêmica radical¹²¹, uma corrente ecológica que considera todas as componentes do ambiente natural como sujeitos de direito em igualdade com os humanos. Esse é, sem dúvidas, um choque de concepções, cujos conceitos e perspectivas das relações parecem ser diametralmente opostos. Como resume Descola:

Os mal-entendidos — aliás, por vezes, produtivos — entre minorias tribais e movimentos ecologistas devem-se ao fato de que, a despeito de similitudes superficiais e interesses táticos comuns, suas respectivas atitudes com relação à natureza são totalmente diferentes. Proteger os animais outorgando-lhes direitos — ou impondo aos humanos deveres para com eles — é apenas estender a uma nova classe de seres os princípios jurídicos que regem as pessoas, sem colocar em causa de maneira fundamental a separação moderna entre natureza e sociedade. A sociedade é

¹²¹ Aqui, referimo-nos novamente a Richard Iveson (2008) quando faz uma crítica, em seu texto *Deeply Ecological Deleuze and Guattari: Humanism's Becoming-Animal*, a respeito da relação humano-animal.

fonte do direito, os homens o administram, e é porque são condenadas as violências para com os humanos que as violências com relação aos animais se tornam condenáveis. Não é nada disso para numerosas sociedades pré-modernas, que, encarando os animais não como sujeitos de direito tutelado, mas como pessoas morais e sociais plenamente autônomas, se empenham tão pouco em estender-lhes sua proteção, quanto julgam desnecessário velar pelo bem-estar de vizinhos distantes. Decidir tratar a natureza com respeito e benevolência supõe que a natureza exista — e também, sem dúvida, que tenha sido primeiramente maltratada. Quando a natureza não existe sob a forma de uma esfera autônoma, a relação com os animais só pode ser diferente da nossa, e a questão sobre matar um animal só pode se colocar em termos muito distintos daqueles que nos são familiares. (DESCOLA, 1998, p. 25).

Na paisagem pampiana, caracteriza-se a vida e, também, a morte. Essas duas instâncias são produto do encontro de sujeitos, de animais, de corpos, de objetos, em espaços amplos, de formas alimentares; enfim, de coisas que respondem a relações entre heterogeneidades. As relações intersubjetivas e as que involucram não-humanos (animais) são continuamente atravessadas pelo conceito de vida e morte. Inevitavelmente, a passagem entre essas instâncias é mediada pela ação e, por vezes, na violência. Isso não implica dizer que é um mundo onde a violência é naturalizada, pelo contrário, observamos situações pontuais nos extremos entre a vida e a morte. Cabe aqui dizer que esse ambiente está inter-relacionado a partir de empatias ou desavenças, cujas relações são pautadas entre seres de modo geral, não somente em termos intersubjetivos (humanos). Assim, os conflitos e a falta de empatia podem não ser exclusivamente vistos nas relações entre humanos, são possíveis e recorrentes entre humanos e animais.

As ideias (e conceitos) sobre a vida, a morte, e a rudeza entre seres na campanha são pautadas de forma diferente das de outros contextos. Não há possibilidade de negar a tentativa contínua do domínio humano sobre as outras espécies, mas também há uma notória ponderação nos termos das relações a partir de novos conhecimentos e de entender que tudo se torna importante para a manutenção da vida. Os animais dificilmente são considerados sujeitos pelos campeiros, mas surgem

considerações especiais com respeito às espécies. O cavalo em primeiro lugar, como parceiro no terreno e no trabalho, mas também pela conduta temperamental e pelo desafio para adaptá-lo ao convívio e à presença humana. Os cães passam a ser valorizados pela sua lealdade, na sua aptidão para o trabalho, pelas suas percepções no terreno e pela sua conduta de guarda para qualquer ameaça de espécies perigosas e predadores. O gado é tido como recurso, como *comodity*, mas não tenho dúvidas da sua valorização a partir da condição genética, das qualidades reprodutivas, da adaptabilidade ao terreno e de uma questão de gostar de determinadas raças para sua criação.

Novos conhecimentos na campanha advêm das experiências humanas no campo da genética e da tecnologia. Há notoriamente uma transferência dos estudos de DNA para a esfera animal e vegetal. Atualmente, as mais importantes produções de pecuária do mercado internacional adotaram essas práticas do manejo de genética para ganhar competitividade. Sobre as minhas experiências de campo, diria, em primeiro lugar, que a questão mercadológica na produção pecuária é inegável, mas existem outras questões na subjetividade de criadores, trabalhadores e participantes dessa atividade. O uso da genética é, hoje, o que torna melhores as condições de cria, de controle e de saúde animal, e isso se transfere também subjetivamente para questões de gosto, de orgulho e do prazer de ter um rebanho em ótimas condições. Uma das minhas inquietudes nesta pesquisa era procurar a resposta sobre qual era o sentido de criar animais em alguns locais por serem tão complicados e ter um custo bastante alto. Surgiram então discursos unânimes de quase todos os interlocutores. Eles afirmaram que era o gosto por aquela atividade, como também era a forma de vida que eles adotaram, era o que sempre fizeram e viveram, na infância e na adolescência, logo como profissão.

A integração da ciência e da tecnologia na campanha atualmente é considerada necessária por quase todos os sujeitos desse ambiente, sendo pouquíssimos os produtores que resistem à aplicação dos novos conceitos. Essa inserção científica trouxe um novo espectro de relações intersubjetivas e entre humanos e animais. Há profissionais que atuam diretamente sobre essas áreas de conhecimento referidas à campanha, nas lavouras ou com os animais. Os engenheiros agrônomos, zootécnicos, veterinários e outros pesquisadores estão hoje integrados à vida de campo, muitos deles nascidos na campanha e donos de estabelecimentos de produção. Nessa integração, são promovidos e colocados em prática os novos conceitos que se somam inevitavelmente com os já constituídos por meio das experiências históricas. A tecnologia e a ciência adicionam aos

sujeitos campeiros novos conhecimentos, tornando-os uma espécie de *bricoleur*, no sentido próprio e amplo dado por Lévi-Strauss (2008), no capítulo *A Ciência do concreto* da obra *O Pensamento Selvagem*. Nas tarefas de produção e de aprimoramento genético, há uma conjugação de funções, um trabalho integrado entre cientistas e homens campeiros. Nesse contato entre diferentes sujeitos, que parecem distantes, é que se manejam e conjugam os conceitos tradicionais e os inovadores.

A partir da descrição dos sujeitos campeiros, dos seus conceitos, da sua relação com a paisagem pampiana, com as espécies animais, com os seus objetos de trabalho, e sua forma de vida, observei como esse universo é atravessado pela complexidade contemporânea. Portanto, os sujeitos que habitam essa paisagem são produto do entrecruzamento de informações (saberes), percepções e práticas, que se manifestam em uma forma de vida, e de conceitos que nos dizem a respeito do seu universo. Com base nisso, farei na próxima seção as considerações finais desta pesquisa.

7 AO FINAL DA CAMPEIRADA... (CONSIDERAÇÕES FINAIS)

7.1 DA HISTÓRIA AO TRADICIONALISMO: A PRETENSA FORMAÇÃO DO MITO

Para compreender as relações existentes na atualidade entre seres do Pampa, há importantes questões, como o efeito da colonização na América do Sul, que reverbera ainda hoje; dessa forma, os sujeitos pampianos são produto dessa ação colonizadora. Devemos considerar as transformações sociais e econômicas ocorridas na região para entender a constituição dos sujeitos e suas relações com outros seres na paisagem. Essas transformações levam a pensar em sujeitos que se configuram na multiplicidade atravessada por variadas relações. Os sujeitos aqui apresentados são produto das transformações sociais, mas fundamentalmente das experiências e da ação.

Como vimos, o termo *gaúcho/gaúcho* foi imposto por historiadores e literatos como uma grande categoria que aglutinasse todas as outras. De 1750 a 1850, o que marcou a vida desses sujeitos e o que serviu para nomeá-los foi em parte seu desmembramento dos conglomerados sociais, a livre circulação pela campanha e o modo de subsistência a partir da exploração do couro do vacum selvagem. Com as mudanças sociais e geopolíticas, o *gaúcho/gaúcho* transforma-se¹²² também; conforme as categorias mudam, ele passa a ser outro sujeito, experimentando adaptações, virando paisano, peão, trabalhador rural, *mensual*, habitante de uma campanha cercada, não mais livre como antes.

Alguns autores da historiografia mencionam que a principal categoria social nesse meio rural sul-americano, a do *gaúcho/gaúcho*, havia desaparecido pelos anos de 1850, mas é revivida em começos do século XX na Argentina e no Uruguai, e, no Sul do Brasil, na metade desse século por meio do tradicionalismo. Nas regiões que pesquisei na Argentina, o termo *gaúcho* é usado de forma bastante recorrente nos circuitos de turismo rural, como exotização de um grupo nativo de pessoas que mantêm ainda a vida nos moldes antigos, ou seja, como aqueles sujeitos do século XVIII, e é o que promove o atrativo turístico para os estrangeiros conhecerem tanto esse ambiente como as pessoas que

¹²² Como tratei no Capítulo 6, as transformações poderiam ser vistas como devires, em que os novos estágios sociais se mesclam com os anteriores, onde sempre há traços do que se está abandonando. O paisano, o peão rural, o *mensual*, sempre tem traços de *gaúcho/gaúcho*, mesmo virando outro sujeito.

o habitam. Agora, a nomeação de *gaucho* quase não é citada no discurso nativo, muito menos por aqueles sujeitos que estão fora dos circuitos turísticos. No Brasil, a categoria gaúcho nomeia o habitante do estado do Rio Grande do Sul (talvez erroneamente), como também os sujeitos campeiros desse estado e de outros como Santa Catarina, Paraná e parte de Mato Grosso. No Brasil, encontramos também essa referência ao grupo social e ao modo de vida campeiro como produto turístico, como forma de exotizar esses sujeitos, sua forma de vida e, especialmente, explorando o contato que eles têm com os equinos.

A constituição das associações tradicionalistas marca mais uma fase ou período histórico. Em princípio, surgiram no Uruguai e na Argentina, depois no Brasil. Com o mesmo intuito de manter as tradições campeiras e o tipo de vida rural do Pampa, as associações foram a maneira de criar e representar esse contexto em lugares de caráter urbano. Foi a partir do surgimento do tradicionalismo gaúcho/*gaucho* e das representações do mundo campeiro que se engajaram sujeitos que não tinham relações com esse universo e passaram, por identificação e empatia, a pertencer aos círculos da tradição. Outros já pertenciam ao universo campeiro e reforçaram ainda seus laços e a sua identidade.

Com a arte, consolidam-se as criações e as representações da campanha. Foi por meio da literatura, da pintura e da escultura, e, com a constituição de um tipo de música que se relaciona diretamente com o discurso campeiro por intermédio de gêneros folclóricos, e de letras que contam sobre a vida dos gaúcho/*gaucho*. A música consagrou-se com o tempo como uma das expressões mais fortes na representação da campanha, tornando-se inegavelmente um veículo discursivo para todas as situações. Os artistas musicais desse segmento campeiro são os agentes nessas transformações discursivas inovadoras e de uma retomada da questão do campeirismo.

A forma simbólica, ou o que alguns autores denominam de mito do gaúcho, tem uma relação estreita com a criação de uma personagem ideal nas planícies sul-americanas, através da História e da literatura. Como apresentei no Capítulo 3, do ponto de vista etnográfico, há pouquíssimas evidências da sua existência nas falas dos interlocutores. Contudo, foi a partir de algumas narrativas que foram apropriadas pela historiografia e pela literatura que se tentou constituir uma imagem ideal do gaúcho, e, a partir disso, convertê-la em mito. É por isso que, na questão teórica, o mito ou a simbologia do gaúcho se enquadraria mais exatamente na proposta teórica do semiólogo Roland Barthes, visto que uma ou várias narrativas sobre uma personagem, que são apropriadas, criam a ideia da figura simbólica. De alguma maneira, se a forma

simbólica ou o mito do gaúcho não se apresenta no discurso nativo explicitamente, podemos dizer que há a intenção de personificar em alguns sujeitos o conjunto de saberes e de experiências já citados, o que aproxima esses indivíduos das características de uma figura ideal, histórica e pessoal, reforçando, assim, o imaginário dessa comunidade.

Em função do inerente caráter histórico e controverso do mito do gaúcho, passo a citar Joanna Overing. A autora problematiza essa relação mito-história. Overing aponta, no seu artigo *O mito como história: um problema de tempo, realidades e outras questões*, de 1995, uma afirmação de caráter bastante importante, mostrando a ideia do imaginário e o real quanto à visão sobre a mitologia e a história em Lévi-Strauss, e os efeitos de ambos os campos na vida da sociedade:

Na verdade, ele sustenta não ter muita confiança na história *ocidental*, e assevera que ela inevitavelmente cria ficções (Levi-Strauss 1966:242-243). Mas se o conteúdo da história (ocidental) não é muito bem-visto dentro do esquema geral levi-straussiano, o que ele diz sobre os possíveis méritos da mitologia é ainda mais crítico. No capítulo final de *The Naked Man*, ele conclui que “temos de nos resignar ao fato de que os mitos nada nos dizem de instrutivo a respeito da ordem do mundo, a natureza da realidade e a origem e o destino da humanidade” (Levi-Strauss 1981:639). (OVERING, 1995, p. 111).

O apontado por Overing ressalta, através do diálogo com Lévi-Strauss, a questão do quanto se torna relativa a importância do mito para cada sociedade. Além disso, a autora observa de como o mito articula a forma do pensamento a partir da apropriação e da credibilidade que os nativos outorgam para a forma mítica. Especificamente, no que se refere ao universo do gauchismo da atualidade, são as representações tradicionalistas e artísticas dessa comunidade que valorizam o sujeito campeiro tentando aproximá-lo de uma forma simbólica ideal, como parte do imaginário coletivo, e o fazem a partir de criações estéticas e ideológicas, como descrevi na primeira parte deste trabalho.

7.2 SOBRE A PAISAGEM E OS SERES QUE O HABITAM: O CAMPEIRO CONTEMPORÂNEO

A relação do ser humano com as espécies animais do Pampa latino-americano é fundamental para o entendimento da constituição de subjetividade campeira. Para o gaúcho/*gaucho*, havia um modo de subsistência que se baseava em agir na paisagem e com as espécies que a constituíam. A interação mais importante sempre foi com o equino, pela herança dos colonizadores, chegando-se a colocar como parte de uma mesma figura, uma unidade entre humano e animal, ou melhor, quase uma união de espécies. Depois, o controle do gado vacum, como forma de subsistência, em uma época com os animais em estado selvagem, em outras, domesticados, configurando o que chamamos de recurso. Depois veio a interação com outras espécies como os cães, os ovinos, os porcinos e as aves domésticas.

Nota-se na contemporaneidade a existência de um tripé que sustenta a constituição do sujeito campeiro: cavalo, cachorro e gado, configurando uma forte relação entre espécies. Esses animais interagem entre si e com o humano de forma notória. O cavalo não somente cumpre a função de transportar o ginete, como também tem percepções diferentes às do ser humano, contribuindo nas tarefas, respondendo a todo comando emitido pelo corpo do cavaleiro, por meio das rédeas ou das pernas do ginete. Esse animal também tem a força, a velocidade e o porte suficiente quando se deve enfrentar os exemplares mais rebeldes nos rebanhos de gado. Os cavalos são treinados para isso depois de domesticados ou domados. Há uma complementação entre o cavalo e o cachorro na hora de interagir com o gado, que se dá também pelo fato de o equino estar com o ginete. Nessas atividades do campo, a presença dos cachorros é fundamental para tudo, em termos de percepção do terreno, ameaças de animais peçonhentos e outros que não sejam gado vacum. Esse tripé cavalo-cachorro-gado tem como eixo das relações o componente humano. Sem a presença humana, o comportamento dessas espécies torna-se completamente diferente entre elas.

Ao tentar entender as relações entre humanos e animais no Pampa, percebi alguns contrapontos a respeito da teoria esboçada sobre o tema. Embora haja questões coincidentes de ordem geral com os autores citados neste texto, no Pampa existem muitas particularidades. Há algo bastante importante na forma em que se transformou o Pampa. Remetendo-se à configuração do ambiente, no arribo da colonização, na inserção de animais já domesticados como equinos, cães e vacuns. A

fauna autóctone era composta por espécies em estado selvagem, mas, na medida em que se dispersam os animais domesticados, e no abandono temporal de alguns centros civilizatórios, tanto os equinos, os bovinos como os cães se integram ao ambiente retornando ao estado selvagem. A partir disso, podemos dizer que esses animais não seriam mais exóticos, já que esse processo os colocou nas mesmas condições de algumas espécies nativas. Mais tarde, o sujeito campeiro encarregou-se de reestabelecer essas importantes espécies ao estado doméstico durante aproximadamente cem anos, aqueles denominados pela História como o “século do *gaucho*”. Isto nos leva a entender que esse ambiente pampiano está em um processo contínuo de construção.

Os animais trazidos pelo colonizador que se tornaram selvagens e, mais tarde, arrebanhados e mantidos em um estado domesticado, configuraram um incipiente sistema pastoril (INGOLD, 2007). Tempos depois, as fronteiras nacionais e o estabelecimento das estâncias ou fazendas fomentaram o desenvolvimento de uma nova forma econômica, que foi a criação de gado nas propriedades privadas, ou seja, constituiu-se o formato da pecuária¹²³, como uma atividade comercial transformada a partir do sistema pastoril. Estabelecido o sistema pecuarista, o gado passou a ter outra conotação, a do capital móvel, como *comodity*, ou objeto comerciável. Esse novo recurso econômico implicou o estabelecimento de saladeiros, e depois dos frigoríficos no Pampa para processar a carne e exportar para a Europa. Até esse momento, os bovinos eram descendentes diretos das espécies existentes na Espanha, enquanto o padrão requerido no mercado internacional mudava e se impunha um modelo com outra qualidade, implicando uma nova reconfiguração dos rebanhos, realizada quando introduziram espécimes das raças inglesas. Essas novas espécies já estavam dentro de um sistema adequado para o mercado internacional do consumo de carne, com padrões e modelos estabelecidos, e são os que geraram a concepção pecuarista contemporânea baseada no aprimoramento genético.

A transformação, ou melhor, a reconfiguração do ambiente pampiano pela questão da agricultura¹²⁴ é outro fator muito importante.

¹²³ Ingold, no trabalho de 2007, cita Strickon (1965), em *The Euro-American ranching complex*, sobre o tema da pecuária no Pampa, na América do Norte e nos locais mais modernos da Europa.

¹²⁴ Sobre isso Ingold (2007, p. 90) aponta: “The two kinds of transformation are specific to plants and animals respectively: plants can no more be tamed than animals replanted. The first kind occurs at the point where the component social and ecological sub-systems of the mode of production ‘strain to the limits of

Ela se produziu pela chegada de imigrantes europeus, reconfigurando a economia regional e competindo diretamente com a pecuária na questão dos terrenos, usados para pastoreio ou para lavouras. O que resulta das diferentes formas de exploração do ambiente, como apontam Ingold (2007), Descola e Pálsson (1996), e Pálsson (2009), são as novas relações sociais de produção a partir da pecuária e da agricultura. Com referência às transformações vertiginosas na produção alimentar, na atualidade da campanha, as condições são significativamente diferentes às de algumas décadas anteriores. São marcadas essas diferenças por meio da agricultura da soja como mono cultivo e de uma pecuária que flutua entre um modelo de produção de massa, e outro que visa um sofisticado mercado de consumo de carne.

Sobre a análise desses sistemas ecológicos e de produção alimentar, destacaria duas linhas críticas convergentes: por um lado, a da biosociologia; e, por outro lado, a da ecologia profunda (*deep ecology*). Nota-se, na primeira, uma marcada tendência a resgatar o pensamento marxista em ordem de mostrar a exploração de animais, em considerar relações hierárquicas e a luta de classes nos modos de produção de forma científica e tecnológica. Na linha da ecologia profunda, surge a crítica sobre a alteração do ambiente e dos sistemas de produção, usando seres vivos, em que o argumento mais forte parece ser o de uma acentuada assimetria entre humanos e espécies animais¹²⁵. Essas questões podem ser evidentes para esses pontos de vista da ecologia, mas, de alguma forma,

functional compatibility' (Friedman 1974:499), setting up an inter-systemic contradiction which is resolved by the coming into being of a new set of relations (Godelier 1972:90). The environment, under such circumstances, plays an ultimately determining role in specifying the limits of the old and the conditions of the new". Tradução: "Os dois tipos de transformação são específicos para plantas e animais, respectivamente: plantas não podem mais ser domadas do que animais replantados. O primeiro tipo ocorre no ponto em que os componentes sub-sistemas sociais e ecológicos do modo de produção 'se estendem até os limites da compatibilidade funcional' (Friedman 1974:499), configurando uma contradição inter-sistêmica que é resolvida pela criação de um novo conjunto de relações(Godelier 1972:90). O ambiente, sob tais circunstâncias, desempenha um papel determinante na definição dos limites do antigo e das condições do novo" (INGOLD, 2007, p. 90).

¹²⁵ O autor Richard Iveson (2008) faz uma crítica, no seu texto *Deeply Ecological Deleuze and Guattari: Humanism's Becoming-Animal*, à classificação feita pelos filósofos Deleuze e Guattari sobre os animais na sociedade no Vol. 4 de *Mil Platôs*, à particularidade de que os devires são somente humanos e à condição antropocêntrica da teoria social que eles expõem.

parecem uma visão unilateral e, por vezes, deslocada do campo de ação ou da realidade do Pampa, já que não fornecem uma visão da totalidade dos sistemas de produção da atualidade. As diferenças do ambiente pampiano com outros locais, que começam pela caracterização regional, são de vital importância para o entendimento das relações entre seres. O clima, em termos sazonais, e o solo, em níveis de fertilidade, são muito particulares. A fauna tem espécies autóctones diferentes de outras latitudes, e a inserção de outras que se adaptaram e transformaram de uma forma muito satisfatória¹²⁶ configuram um ambiente regional único, portanto merece estudos específicos. A questão do ambiente completa-se com sujeitos produtos das misturas de europeus com indígenas nativos e escravos africanos ao longo de várias gerações, o que lhe conferem uma forma única de ser, de ver a vida e de criar conceitos a partir da sua experiência e interação com essa paisagem, o que também requer uma visão e uma análise particular.

7.3 POR FIM...

A partir do panorama descrito da campanha contemporânea do Pampa e do Sul do Brasil, restariam algumas considerações. Em princípio, a complexidade do universo campeiro, como uma relação entre seres e objetos, é manifestada de forma múltipla e heterogênea. É preciso notar que tanto os sujeitos que moram na campanha como os que transitam entre os contextos rural-urbano se manifestam ou dão a entender que a importância do campo é superior nas suas subjetividades. Nesses sujeitos, a agência e reciprocidade com o ambiente, em particular com as espécies animais referidas, torna-se crucial na questão de se autorreferenciar, do “ser ou não ser” campeiro. A partir da posse da terra, de algum gado, de cavalos e de cães (e de outros de animais domésticos, como galinhas ou porcos), os sujeitos campeiros configuram uma perspectiva de vida diferenciada dos moldes da urbanidade. Isso faz com que esses sujeitos se integrem a um ambiente (natureza) e, a partir do contato com esse local particular, pensem e criem conceitos como os citados no Capítulo 6. Refiro-me com o expressado até aqui que os

¹²⁶ No caso das espécies introduzidas como equinos, bovinos, ovinos, porcinos e caprinos, podemos dizer que estão no ambiente há mais de 450 anos, se bem que houve a transformação e o melhoramento dos rebanhos há 150 anos. Sua condição poderia ser considerada de espécies integradas totalmente ao ambiente, no sentido de serem autóctones, como aquelas encontradas na chegada dos colonizadores.

sujeitos campeiros articulam seus conceitos e perspectivas de vida de forma notoriamente distinta a outros contextos.

O universo campeiro aqui tratado é diferenciado de outros pela construção da paisagem, no terreno específico do Pampa, no conjunto biológico dos seres que se integram e nos objetos (tecnologia) que são usados para desenvolver atividades. Todo o mencionado faz parte do discurso nativo da chamada “Cultura”, o que, para alguns, é denominado como “Tradição”. Sobre isso, há uma questão importante: como se trata o binômio de Natureza e Cultura no pensamento nativo e, paralelamente, como se referencia à Tradição. Nessa mistura de seres, de coisas, e, finalmente, de conceitos, há momentos que se torna realmente difícil dissociar nas falas nativas o que é Natureza, ou o que se chama de Cultura, ou Tradição. Grande parte dos meus interlocutores expõem as questões dos procedimentos de manejo e agência com o ambiente como uma coisa só, junto ao conceito de Cultura e de Tradição. Dito de outra forma, quando perguntados sobre o trabalho com o gado, ou sobre a interação com os equinos, ou de como adestrar um cão para trabalhar, questões frequentes nesse universo, as respostas nativas entrecruzam-se na ordem de saberes tradicionais, ou ações que são parte da “cultura”. Portanto, nas falas nativas, experiências, saberes e conhecimentos são quase sempre expostos dentro de um quadro que mistura Tradição e Cultura, como conceitos da mesma esfera de pensamento.

A partir disso, faço uma análise sobre o que mostram esses sujeitos sobre esses divisores antropológicos. A Natureza é a base da paisagem do Pampa, sem a paisagem, e de acordo com o discurso nativo, não haveria nem Cultura nem Tradição campeira, ela é inerente a essas instâncias classificatórias. Os seres humanos (sujeitos campeiros) e as espécies animais, de forma evidente, pertencem à paisagem, portanto à Natureza pampiana, mas configuram também a Cultura e a Tradição gaúcha/*gaucha*. Assim, os sujeitos e os animais pertencem tanto à Natureza quanto à Cultura – ou à Tradição - campeira e as compõem. Por fim, para os sujeitos campeiros estruturados nessas instâncias, constituídos na prática, na experiência, em uma ontologia campeira, não haveria dissociação entre esses divisores tão usados na teoria antropológica.

A divisão entre Natureza e Cultura no Pampa poderia ser analisada a partir da retomada de algumas considerações feitas pelos antropólogos Tim Ingold e Gísli Pálsson (2013). Os autores apontam que os domínios de Natureza-Cultura precisam ser revistos por outra área de conhecimento que seja uma conjunção do biológico e do social, ou seja, que expresse uma relação entre esses campos. Essa forma de pensar seria

observar a mútua relação entre organismos e contextos, reconfigurar o conceito filosófico do que é “Vida”. A noção do conjunto das relações biológicas pode ajudar-nos a avançar, desafiando correntes e posições que dividem a antropologia biológica da social, e de perspectivas essencialistas sobre importantes assuntos, incluindo o parentesco e as interdependências de seres humanos e outros tipos de seres. Por isso, seria importante redefinir o estudo da antropologia como antropologia da “Vida” (INGOLD; PÁLSSON, 2013, p. 27), pensando na relação de várias espécies inclusive aquelas que excedem o humano, estudando outros tipos de seres que habitam múltiplas naturezas, em um processo transformativo chamado de devir. Pensar no devir animal seria não esquecer que o estudo dos humanos é inseparável do estudo de outros animais. O autor aponta para o fomento das *eco-bio-políticas* como ferramenta base para a integração e o conhecimento dos processos do meio social, das relações de poder e dos modos de subjetivação.

Pálsson sugere repensar a antropologia após o desenvolvimento da genética, e as relações com o meio social seriam repensar a constituição dos organismos e sua relação com o ambiente. Uma nova noção expandida de biologia incluiria tudo o que é incorporado durante o nosso desenvolvimento, acumulando as experiências no decorrer de nossas vidas. Assim, os dois termos - Natureza e Cultura - seriam radicalmente fundidos, além da simples sobreposição e interação entre eles. Afinal, a biologia e a sociedade não são categorias separadas do ser, ou como Canguilhem sugere (*apud* INGOLD; PÁLSSON, 2013), o conhecimento biológico é, acima de tudo, uma das maneiras pelas quais a humanidade procura assumir o controle do seu destino (INGOLD; PÁLSSON, 2013).

A particularidade do Pampa como o *socius*¹²⁷ deleuziano, como produtor de subjetividade, e a constituição do sujeito a partir da sua *produção social*¹²⁸, cumprem um papel vital na questão da alteridade, de configurar o campeiro por meio da diferença com o “outro”. Dessa forma, as ideias campeiras como conceitos determinam um plano de imanência diferente. Esses conceitos, portanto, são em parte diferentes daqueles conceitos dos sujeitos urbanos; assim, o mundo descrito por esses

¹²⁷ Deleuze e Guattari (2005) chamam de *socius* a um conjunto de relações sociais de produção a partir da leitura do Nietzsche da Genealogia da Moral.

¹²⁸ A produção *social do sujeito* dá-se, em Deleuze e Guattari (*apud* ZOURABICHVILI, 2004, p.35), ao observar que não há diferença de Natureza, mas uma *diferença de regime*, de lógicas entre as máquinas sociais (instituições) e o desejo do sujeito (ZOURABICHVILI, 2004, p. 35).

conceitos campeiros é diferente e diverso dos outros. Com essa perspectiva, poderíamos pensar um ambiente pampiano em que a dissolução dos divisores Natureza e Cultura partiriam da premissa de que não existiria, como propõem Deleuze e Guattari (2005), de um lado o homem *desejante* e do outro uma natureza isolada, como outra esfera, mas, sim, existe uma produção universal primária que inclui o homem - nesse caso, sua cultura gaúcha/*gaucha*, como uma das suas diversas produções.

REFERÊNCIAS

ARCHETTI, Eduardo P. O “Gaicho”, o tango, primitivismo e poder na formação da identidade nacional Argentina. **Revista Mana**, v. 9, n. 1, p. 9-29, 2003.

ASSUNÇÃO, Fernando. **El Gaucho**. Montevideo, Uruguai: Imprensa Nacional, 1963.

ASTRADA, Carlos. **El mito gaicho, Martín Fierro y el hombre argentino**. Buenos Aires: Ediciones Cruz del Sur, 1948.

AZARA, Felix de. **Apuntamientos para la historia natural de los cuadrúpedos del Paraguay y Rio de la Plata**. Tomo I y II. Madrid: Imprensa de la Viuda de Ibarra, 1820. (Archivo general de la Nación).

BARRETO, Eric Silveira Batista. **Por dez vacas com cria eu não troco meu cachorro**: as relações entre humanos e cães nas atividades pastoris do Pampa brasileiro. 2015. 130 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2015.

BARTHES, Roland. **Mitologias**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2001.

BENCKE, Glayson Ariel; CHOMENKO, Luiza; SANT’ANNA, Danilo Menezes. O que é o Pampa?. In: CHOMENKO, Luiza; BENCKE, Glayson Ariel. **Nosso Pampa desconhecido**. Porto Alegre: Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul, 2016. p. 17-27.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

_____. **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.

BUENO JIMÉNEZ, Alfredo. Los perros em la conquista de América: Historia e Iconografía. **Chronica Nova**, n. 37, p. 177-204, 2011.

CASSIRER, Ernst. **Filosofia das formas simbólicas**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. **Linguagem e mito**. São Paulo: Perspectiva, 1992.

CONFEDERACIÓN GAUCHA ARGENTINA. **Quiénes Somos** - La Confederación Gaucha. 2004. Disponível em: <https://www.confederaciongaucha.com.ar/quienes_somos.php>. Acesso em: 20 nov. 2017.

CONI, Emilio. **Historia de las Vaquerías de Rio de La Plata**. Madrid: Tipografía de Archivos Olózaga, 1930.

CÔRTEZ, João Carlos D'Ávila Paixão. **Aspectos da música e fonografia gaúchas**. Porto Alegre: Represom, 1985.

COY, Jennie. Animal's attitude to people. In: INGOLD, Tim. (Ed.). **What is an animal?** New York: Routledge, 1994. p. 77-83.

CUNHA, Manuela Carneiro da. **Cultura com aspas**. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. São Paulo: Graal, 2009.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol 1. Rio de Janeiro: 34, 1995.

_____; _____. **Derrames entre el capitalismo y la esquizofrenia**. Buenos Aires: Cactus, 2005.

_____; _____. **O que é Filosofia**. São Paulo: 34, 1992.

DESCOLA, Philippe. A antropologia da natureza: entrevista. **Topoi**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 27, p. 1-23, jul./dez. 2013. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/2237-101X014027013>

_____. 'Beyond Nature and Culture. **Proceedings of the British Academy**, v. 139, p. 137-155, 2006.

_____. Estrutura ou sentimento: a relação com o animal na Amazônia. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 23-45, 1998.

DESCOLA, Philippe; PÁLSSON, Gísli. **Nature and Society: Anthropological perspectives**. London: Routledge, 1996.

DIAS, Caetano Kayuna Sordi Barbará. **Presenças Ferais: Invasão biológica, javalis asselvajados (Sus scrofa) e seus contextos no Brasil Meridional em perspectiva antropológica**. 2017. 322 f. Tese (Doutorado

em Antropologia Social) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

DUMONT, Louis. **O individualismo**. Uma perspectiva antropológica da ideologia. Durham: Duke University Press, 2000.

FERRARO, Eduardo Hector. **Transformações culturais no gauchismo através da música**. 2013. 205 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

FERREIRA, Clarissa Figueiró. **Campeirismo musical e os festivais de música nativista no Sul do Brasil**: a (pós)modernidade re(construindo) o “gaúcho de verdade”. 2014. 155 f. Dissertação (Mestrado em Música) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

FEUCHTWANG, Stephan. Too ontological, too rigid, too ahistorical but magnificent. **Hau: Journal of Ethnographic Theory**, v. 4, n. 3, p. 383-387, 2014.

GODDY, Jacks. Towards a room with a view: A personal account of contributions to local knowledge, theory, and research in fieldwork and comparative studies. **Annu. Rev. Anthropol.**, v. 201, n. 1, p. 1-23, 1991.

GOLDMAN, Marcio. “Quinhentos anos de contato”: por uma teoria etnográfica da (contra)mestiçagem. **MANA: Estudo de Antropologia Social**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 3, p. 641-659, 2015 DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0104-93132015v21n3p641>

GOLIN, Tau. **A ideologia do gauchismo**. Porto Alegre: Tchê, 1983.

GOMES, Carla Renata Antunes de Sousa. **De rio-grandense a gaúcho**: o triunfo do avesso, um processo de representação regional na literatura do século XIX. 2006. 356 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre 2006.

GÜIRALDES, Ricardo. **Don Segundo Sombra**. Buenos Aires: Ediciones Rivolin, 1982.

HACKING, Ian. Kinds of people: moving targets. In: BRITISH ACADEMY LECTURE, 10., 2006, London. **Proceedings...** London:

British Academy, 2006. Disponível em:
<<https://www.britac.ac.uk/sites/default/files/hacking-draft.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2018.

HERNÁNDEZ, José. **Martín Fierro**. Buenos Aires: Gador, 2009.

HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence. (Orgs.). **A invenção das tradições**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

HOLBRAAD, Martin; PEDERSEN, Morten Axel; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. The Politics of Ontology: anthropological positions. **Cultural Anthropology**, 13 jan. 2014. Disponível em: <<https://culanth.org/fieldsights/462-the-politics-of-ontology-anthropological-positions>>. Acesso em: 4 jan. 2018.

INGOLD, Tim. **Companion Encyclopedia of Anthropology**. New York: Routledge, 1994.

_____. **Hunters, pastoralists and ranchers**. Reindeer economies and their transformations. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

_____. **The perception of the environment**. Essays on livelihood, dwelling and skill. London: Routledge, 2000.

INGOLD, Tim; PÁLSSON, Gísli. **Biosocial becomings**: integrating social and biologic Anthropology. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.

IVESON, Richard. Deeply ecological Deleuze and Guattari: Humanism's becoming-animal. **Humanimalia**, v. 4, n. 2, p. 34-53, 2008.

JACKS, Nilda. **Mídia nativa**: indústria cultural e cultura regional. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

KENT, Michael; SANTOS, Ricardo Ventura. “Os charruas vivem” nos gaúchos: a vida social de uma pesquisa de “resgate” genético de uma etnia indígena extinta no sul do Brasil. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 18, n. 37, p. 341-372, jan./jun. 2012.

LARA, Elizabeth Rizzato. **O gaúcho a pé**: um processo de desmitificação. Porto Alegre: Movimento, 1985.

LATOUR, Bruno. **A esperança de Pandora: ensaios sobre a realidade dos estudos científicos**. Bauru. EDUSC, 2001.

_____. **Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica**. São Paulo: 34, 2009.

_____. **Políticas da natureza: como fazer ciência na democracia**. Bauru: EDUSC, 2004.

LAWRENCE, Elizabeth Atwood. **Rodeo, an anthropologist looks at the wild and the tame**. Chicago: University Chicago Press, 1981.

_____. Rodeo horses: the wild and the tame. WILLIS, Roy. (Ed.). **Signifying animals: human meaning in the natural world**. London: Routledge, 1990. p. 211-223.

LEAL, Natacha Simei. **Nome aos bois: Zebus e zebuzeiros em uma pecuária brasileira de elite**. 2014. 320 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

_____. O debut do touro Ranchi, uma celebração da pecuária de gado de elite. In: BEVILÁQUA, Ciméa Barbato; VELDEN, Felipe Vander. (Orgs.). **Parentes, vítimas, sujeitos: perspectivas antropológicas sobre relações entre humanos e animais**. Curitiba: UFPR, 2016. p. 77-102.

LÉVI-STRAUSS, Claude. The structural study of myth. **Journal of American Folklore**, v. 68, p. 428-444, 1955.

_____. **O Pensamento Selvagem**. 8. ed. São Paulo: Papyrus, 2008.

LOWY, Michael. **Ideologia e ciência social**. São Paulo: Cortez, 1985.

MANDRINI, Raúl J.; PAZ, Carlos D. (Eds.). **Las fronteras hispanocriollas del mundo indígena latinoamericano en los siglos XVIII-XIX: Un estudio comparativo**. Buenos Aires: Universidad Nacional del Comahue, Centro de Estudios de Historia Regional, 2003.

MARTÍNEZ ESTRADA, Ezequiel. **Radiografía de la Pampa**. Buenos Aires: Editorial Losada S.A., 1953.

MARTÍNEZ SARASOLA, Carlos. **Nuestros paisanos los índios**. Buenos Aires: Editorial Del Nuevo extremo, 2013.

MARTINS, Cyro. **Sem rumo**. 4. ed. Porto Alegre: Movimento, 1979.

NUNES VIEIRA, Geraldo Velloso. **Criação de ovinos**. 3. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1967.

NUNES, Zeno Cardoso; NUNES, Rui Cardoso. **Dicionário de regionalismos** do Rio Grande do Sul. 9. ed. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2000.

OLIVEN, Rubem George. **A parte e o todo, a diversidade cultural no Brasil- nação**. Petrópolis: Vozes, 2006.

ORTALE, Marcelo. Don Segundo Sombra, el último mito. **El Día**, La Plata, 20 set. 2015. Disponível em: <<http://www.eldia.com/nota/2015-9-20-don-segundo-sombra-el-ultimo-mito>>. Acesso em: 3 jan. 2018.

ORTEGA, Sergio Grodinsky. **Los perros en el descubrimiento y la conquista de America**. 2011. Disponível em: <http://www.soloperros.com.mx/index.php?option=com_content&view=article&id=20&8f6600b3ba6a7958986f74b1ba899316=b0a2bfc41e71a32c925a690e54fa48e7>. Acesso em: 12 abr. 2018.

ORTELLI, Sara. La “araucanización” de las pampas: ¿Realidad histórica o construcción de los etnólogos?. **Anuario del IEHS**, Tandil, n. 11, p. 203-225, 1996.

OVERING, Joanna. O mito como história: um problema de tempo, realidades e outras questões. **MANA: Estudo de Antropologia Social**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 107-140, 1995.

PALERMO, Miguel Angel. A través de la frontera. Economía y sociedad indígenas desde el tiempo colonial hasta el siglo XIX. In: TARRAGÓ, Myriam Noemí. **Nueva Historia Argentina Los pueblos originarios y la conquista**. Tomo 1. Buenos Aires: Sudamericana, 2000. p. 343-382.

PÁLSSON, Gísli. Biosocial relations of production, comparative studies. **Society and History**, v. 51, n. 2, p. 288-313, 2009.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Gaúcho: Mito e História. **Letras de Hoje: estudos e debates em linguística, literatura e língua portuguesa**, Porto Alegre, v. 24, n. 3, p. 55-63, 1989.

_____. **História da indústria sul-rio-grandense**. Guaíba: Riocell, 1985.

_____. **História de Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

_____. **Pecuária e indústria, formas de realização do capitalismo na sociedade gaúcha no século XIX**. Porto Alegre: Movimento, 1986.

PI HUGARTE, Renzo. **El Uruguay Indígena**. Montevideo: Nuestra Tierra, 1969.

PIQUERAS, Ricardo. Los perros de la guerra o el “canibalismo canino” en la conquista. **Boletín Americanista**, Barcelona, n. 56, p. 186-202, 2006.

PISARELLO, María Cecilia. Rastreado historias de hoy. In: JORNADAS DE SOCIOLOGÍA DE LA UNIVERSIDAD NACIONAL DE LA PLATA, Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación, 5., 2008. La Plata. **Anais eletrônicos...**La Plata: UNLP - Departamento de Sociología, 2008. Disponível em: <<https://www.aacademica.org/000-096/213.pdf>>. Acesso em: 25 out. 2017.

PREVITALLI, Giovanni; YNSFRAIN, Pablo Max. El verdadero Don Segundo en Don Segundo Sombra de Ricardo Güiraldes. **Revista Iberoamericana**, v. XXIX, n. 56, p. 317-320, jul./dez. 1963. DOI: <https://doi.org/10.5195/reviberoamer.1963.2077>

RABINOW, Paul. Artificiality and enlightenment: From sociobiology to biosociality. In: INDA, Jonathan Xavier. **Anthropologies of modernity: Foucault, governmentality, and life politics**. Oxford: Blackwell Publishing Ltd., 2005. p. 181-193.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RODRÍGUEZ ALCALÁ, Hugo. Críticos españoles y Don Segundo Sombra. **Cahiers du monde hispanique et luso-brésilien** [online], n. 33, p. 77-89, 1979.

RODRÍGUEZ MOLAS, Ricardo E. **Historia social del gaucho**. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina S.A., 1982.

SAHLINS, Marsall. O “pessimismo sentimental” e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um “objeto” em via de extinção (parte I e II). 1997. **MANA: Estudo de Antropologia Social**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 41-73, out. 1999. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-93131997000100002>

SANTI, Álvaro. **Do Partenon à Califórnia, o Nativismo e suas origens**. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

SAVALOIS, Nathalie; LESCOUREX, Nicolas; BRUNOIS, Florence. Teaching the dog and learning from the dog: interactivity in herding dog training and use. **Anthrozoös**, v. 26, p. 77-91, 2013. DOI: <https://doi.org/10.2752/175303713X13534238631515>

SECRETARIADO URUGUAYO DE LA LANA. **Inicios de la producción ovina en Uruguay**. 2016. Disponível em: <http://www.sul.org.uy/sitio/Inicios-de-la-produccion%20de-la-produccion-ovina-en-Uruguay>. Acesso em: 20 nov. 2017.

SORDI, Caetano. Pelo boi e sua carcaça, breves apontamentos sobre a disseminação do manejo racional e do bem-estar animal na pecuária bovina do Brasil. In: BEVILAQUA Cimeá B., Velden, Felipe V. (Orgs). **Parentes, vítimas, sujeitos: perspectivas antropológicas sobre relações entre humanos e animais**. Curitiba: UFPR, 2016. p. 121-142.

TAPPER, Richard L. Animality, humanity, morality, society. In: INGOLD, Tim. (Ed.). **What is an animal?** New York: Routledge, 1994. p. 47-62.

TINKER, Edward Larocque. **Los jinetes de las Américas**. Buenos Aires: Guillermo Kraft LTDA., 1952.

UNNE. Universidade Nacional do Nordeste. Producción de Pequeños Rumiantes y Cerdos. **Producción ovina**. 2011. Disponível em: <https://ppryc.files.wordpress.com/2011/04/ut1-ovinos-u1.pdf>. Acesso em: 4 jan. 2018.

VIANO, Lucas. ¿Había perros en América cuando llegaron los españoles?. **Scientific American**, 22 out. 2015. Disponível em: <https://www.scientificamerican.com/espanol/noticias/habia-perros-en-america-cuando-llegaron-los-espanoles/>. Acesso em: 4 jan. 2018.

VIDART, Daniel. Enciclopedia Uruguaya. **La tierra sin fin**. Montevideo: Reunidos; Arca, 1968.

VIDART, Daniel; PI HUGARTE, Renzo. **El legado de los inmigrantes II**. Montevideo: Editorial “Nuestra Tierra”, 1969.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **Metafísicas Canibais**: elementos para uma antropologia pós-estrutural. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

WALLACE, Anthony F. C. Revitalization Movements. *American Anthropologist*, New Series, v. 58, n. 2, p. 264-281, abr. 1956.

WEBER, Max. **Ensaio de Sociologia**. Rio de Janeiro: LTC, 1982.

WEINER, James. Myth and Metaphor: In: INGOLD, Tim. (Ed.). **Companion Encyclopedia of Anthropology**. New York: Routledge, 2002. p. 591-611.

WILLIS, Roy. (Ed.). **Signifying animals**: human meaning in the natural world. London: Routledge, 1990.

WLODARCZYK, Justyna. Of dogs and shepherds: sheepdog culture and the American pastoral. **American Studies in Scandinavia**, v. 47, n. 1 p. 61-84, 2015.

YOLIS, Máximo. Del gaucho literario al gaucho “real”: un aporte a su construcción en Argentina (1845-1913). **História da historiografia**, Ouro Preto, n. 16, p. 15-36, dez. 2014. DOI: 10.15848/hh.v0i16.845

ZALLA, Jocelito; MENEGAT, Carla. História e memória da Revolução Farroupilha: breve genealogia do mito. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 31, n. 62, p. 49-70, 2011. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-01882011000200005>

ŽIŽEK, Slavoj. (Org.). **Um mapa da ideologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

ZOURABICHVILI, François. **O vocabulário de Deleuze**. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004.

GLOSSÁRIO

Alpargata	Tipo de sapatilha vinda da Europa no final do século XIX com alguns espanhóis e basco-franceses.
Bandas Cisplatinas	Nome dado ao território do Uruguai no século XVI e XVIII.
Baqueano	Sujeito que conhece o terreno e localizava os rebanhos de vacuns.
Boçais	Tipo de arnês que se ajusta na cabeça do equino para poder manejá-lo. Também chamado de cabeçada.
Boleadeira	Artefato de origem indígena para caçar o dominar animais. Constava de 3 cordas feitas de couro unidas em um nó, com pedras revestidas em couro nas pontas de cada corda. As boleadeiras eram arremessadas nas patas dos animais, que, ao se enrolarem, caíam imediatamente.
Barrigueira	Peça integrante dos arreios. Faz parte da cincha e é constituída de uma trama de barbantes ou com tiras de couro com uma argola em cada extremidade. Serve para segurar entre o lombo e a barriga do animal os lombilhos ou pelegos para conforto dos ginetes.
<i>Cabanha</i>	É a denominação dada atualmente aos estabelecimentos que se dedicam à genética animal, em termos de desenvolvimento e melhoramento das raças de equinos, bovinos ou ovinos.
Cabeçada	Ver definição de Boçais.
Carneação	Abate dos animais.
Canha de doma	Espaço onde se praticam atividades de domesticação dos equinos. Nas provas equestres, como o rodeio crioulo ou a <i>jineteada</i> , também

seria o espaço cercado onde se realizam essas competições.

Caudilho	Lider militar e político regional. Definição muito usada para o século XVII ao XIX.
Changador	Sujeito que trabalhava com as primeiras charqueadas ou sladeiros e fazia o transporte dos couros.
Charqueado(a)	Saladeiro, estabelecimento onde o gado era abatido para a fabricação do charque (carne salgada e secada à intempérie).
Chiripa	Tipo de poncho que rodeia a cintura e passa entre as pernas, sendo amarrado na frente.
Cinchas	Tipo de tira de couro com argolas de metal para sujeição, para que a sela não gire nem caia do lombo do equino.
<i>Corraleras</i>	Jaquetas mais leves apropriadas para clima caloroso.
Coureador	Sujeito que tirava o couro dos vacuns no século XVII e XVIII.
Criollos	Sujeitos descendentes da mistura entre colonizadores espanhóis e índios. É uma categoria nativa muito usada na Argentina e no Uruguai para assinalar gente de campo com saberes completos.
Doma	Trabalho de adestramento para a lida campeira.
Desgaritado	Sujeito que estaria fora dos padrões e da forma urbana. Termo espanhol de nomear aqueles sujeitos que circulavam pelo Pampa sem moradia fixa.

Desjarretadera	Tipo de lança com uma meia lua de ferro na ponta, muito afiada para cortar o tendão dos vacuns e derrubá-los para fazer o abate.
Égua madrinha	Égua que controla um conjunto de equinos da mesma pelagem.
Embuçalar	Ato em que o campeiro coloca o buçal no equino.
<i>Faenero</i>	Sujeito que tirava o couro do vacum, mais tarde quem trabalhava nas charquedas no ato de abater e esquarterar as reses para salgar a carne.
<i>Gaudério</i>	Caracterizava um sujeito que “vagabundeava” sem amo, nem patrão, que trabalhava para várias pessoas, se alimentava e se servia dos bens alheios.
<i>Guaiaca</i>	<i>Cinto de</i> couro de capivara ou de vaca, também com bolsos para guardar munições.
Guasqueiros	Artesões dedicados ao trabalho de artefatos em couro para a campanha, para uso com os animais e algumas peças para os campeiros.
Jarrete	Nervo ou tendão da perna dos bois e cavalos; curvejão, curvilhão.
<i>Jineteada</i>	Prova equestre comum no Pampa platino como forma de representação do processo de domesticação, onde o jinete monta um equino em estado semi-selvagem e tenta se manter em cima do animal por 30 segundos. É um tipo de competição de destreza de montaria. Também chamado de rodeio crioulo.
Lagunistas	Assim chamados historicamente os sujeitos assentados na região de Laguna – SC, no século XVII.

Maneia	Artefato de couro composto por duas pulseiras com travas para colocar nas patas dianteiras do equino e imobilizá-lo. Muito usado no manejo das éguas madrinha nas tropilhas ou quando se trabalha no campo com equinos.
Manga	Corredor anexo à mangueira ou ao corral por onde entram os vacuns ou os equinos.
Mensual	Nome dado aos sujeitos empregados nas estâncias pelo fato de receberem mensalmente o valor do seu trabalho. Na Argentina, tornou-se uma categoria nativa.
Montoneras	Estratégia de combate usada nas guerras da independência, tanto na Argentina, pelo General Güemes, como no Uruguai, pelo General Artigas. Consistia em surgir repentinamente com a tropa atacando o inimigo de surpresa. A origem da palavra vem de “montão”.
<i>Mozos sueltos</i>	Termo usado em espanhol para aqueles sujeitos que circulavam pelo Pampa sem ter moradia nem trabalho fixo.
<i>Orillero</i>	Sujeito que se desenvolve à margem da sociedade.
Paisano	Categoria nativa derivada de gaúcho. Refere-se, na atualidade do Pampa, às pessoas que vivem na campanha e desempenham uma variedade de tarefas rurais como a pecuária e a agricultura. A etimologia da palavra deriva do francês <i>paysan</i> , significa campesino, ou gente da mesma terra, do mesmo local.
Paleta	Quarto dianteiro dos animais (quinos, bovinos, ovinos etc.), parte superior das patas.
Pasiandero	Na linguagem do século XVII (espanhol), o mesmo que <i>desgaritados</i> ou <i>mozos sueltos</i> .

Pilcha	Vestimenta tradicional gaúcha, como bombachas, botas ou alpargatas, camisas, lenços no pescoço, chapéus e boinas, cinto ou guaiaca.
Piquete	Na linguagem nativa, é um pequeno potreiro ao lado da casa onde pastoreiam animais mais utilizados diariamente (equinos, ou vacas de leite). No sentido simbólico, é uma agrupação tradicionalista que desenvolve somente atividades campeiras (não tem segmento artístico como os CTGs).
Prenda	Denominação dada, na linguagem, nativa às moças gaúchas.
Pulperia	Local de venda de artigos de campo no Pampa platino, como também local de reunião dos <i>gaúchos</i> para beber, contar histórias, tocar violão e socializar.
Reses	Denominação dada ao vacum, mais usada para a carcaça depois de abatido, para comercialização.
Sogas	Denominação para os trabalhos feitos em couro dos guasqueiros ou sogueros. Em geral, são as cordas trançadas usadas em laços ou outras peças para montaria como as cabeçadas, rédeas etc.
Sota-capatazes	Na linguagem nativa é o sujeito que exerce a autoridade imediatamente depois do capataz da estância. No CTG, seria o secretário desse tipo de associação tradicionalista.
Tento	Pedaço de couro fino usado para vários fins no artesanato dos guasqueiros. Partes de couro usado para fazer as sogas, laços, cabeçadas etc.
Tolderias	Moradias dos índios no Pampa platino feitas com couros de animais e galhos de árvores. O termo deriva da palavra toldo.

Trempes	Tipo de grela com pés muito usada no Sul do Brasil e no Pampa para assar. Sua utilização é frequente em locais abertos e usa-se diretamente apoiada no chão.
Tropeiro	Sujeito campeiro do século XVI que transitava entre o Sudeste do Brasil e o Sul levando produtos para comercializar e gado vacum. Essas tropas de humanos e animais circulavam por várias rotas promovendo um tipo de intercâmbio comercial de produtos basicamente alimentares entre estas regiões.
Tropilha	Grupo de equinos da mesma pelagem arrebanhados por sujeitos campeiros pela característica dessa espécie de se aglutinar por instinto de proteção. São manejados pelo tropilheiro e sua égua madrinha domesticada.
Vacum	Nome dado genericamente à espécie bovina.
Vaqueiros	Sujeitos que fazem o trabalho de abate com o vacum.
Vaquerias	Rebanhos formados na região do Uruguai no século XVII e XVIII, produto do abandono dos animais, da sua procriação livre nas pastagens do Pampa (<i>Vacaria del Mar</i>).